

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM HISTÓRIA, PODER E
PRÁTICAS SOCIAIS.
NÍVEL: MESTRADO

CARLOS EDUARDO BOARETTO PEREIRA

**A DIFUSÃO DA IDEOLOGIA IMPERIALISTA ESTADUNIDENSE NAS
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DOS AVENGERS (1963 a 1967)**

Marechal Cândido Rondon

2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM HISTÓRIA, PODER E
PRÁTICAS SOCIAIS.
NÍVEL: MESTRADO

CARLOS EDUARDO BOARETTO PEREIRA

**A DIFUSÃO DA IDEOLOGIA IMPERIALISTA ESTADUNIDENSE NAS
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DOS AVENGERS (1963 a 1967)**

Dissertação de Mestrado apresentada como exigência parcial à obtenção do título de Mestre em História, na Linha de pesquisa Estado e Poder, do Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História, Poder e Práticas Sociais, da Universidade do Oeste do Paraná – *Campus* de Marechal Cândido Rondon. Sob a orientação da Professora Dra. Carla Luciana Silva.

Marechal Cândido Rondon

2013

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR., Brasil)

P436d Pereira, Carlos Eduardo Boaretto
A difusão da ideologia imperialista estadunidense nas histórias em quadrinhos Dos Avengers (1963 a 1967) / Carlos Eduardo Boaretto Pereira. - Marechal Cândido Rondon, 2012.
208 p.

Orientadora: Prof. Dr. Carla Luciana Silva

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2012.

1. The Avengers - História em quadrinhos - Estados Unidos. 2. Guerra fria. I. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. II. Título.

CDD 22.ed. 327.11
741.5

CIP-NBR 12899

Ficha catalográfica elaborada por Marcia Elisa Sbaraini-Leitzke CRB-9/539

Dedico esse trabalho aos super-heróis da vida real, Paulo Pereira e Suely Aparecida Boaretto Pereira, por suas batalhas e sacrifícios diários para sustentar e educar seus três filhos. Ao avô materno Osvaldo, operário, sempre presente na vida de seus netos. E a todas às vidas ceifadas pelo imperialismo estadunidense nas diversas regiões do globo.

AGRADECIMENTOS

Ao iniciarmos o processo de confecção de uma dissertação, não nos damos conta do imenso trabalho e das dificuldades que encontraremos durante esse processo, logo, um trabalho como este não se realiza de forma solitária, sem à ajuda de pessoas que nos cercam. Portanto dedico esse espaço para agradecer a todos àqueles e àquelas que de alguma forma me ajudaram nessa caminhada. Não será possível, por falta de espaço e pela possibilidade de cometer alguma injustiça, citar todas essas pessoas, mas algumas delas, eu sinto a necessidade de nomear.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a minha orientadora, a Professora Dra. Carla Luciana Silva pelas orientações, indicações de livros, pelas diversas conversas informais, e que mesmo estando de licença para o pós-doutorado, não mediu esforços para me orientar e auxiliar no que fosse necessário. Sem a sua contribuição, o trabalho certamente não seria o mesmo.

Aos Professores, Dr. Gilberto Grassi Calil e Dr. Sidnei José Munhoz por aceitarem o convite para participarem da banca de qualificação e defesa. Além disso, pela leitura rigorosa que eles fizeram do trabalho e pelas inúmeras indicações feitas por eles na banca de qualificação que fizeram com que esse trabalho fosse melhorado.

Agradeço também ao amigo de graduação e mestrado, Prof. Me. Lucas André Berno Kölln pela leitura do trabalho já pronto, pelas inúmeras conversas, troca de bibliografia, cafés, bate-papos, enfim, pela amizade construída nesses seis anos de convivência acadêmica.

Ao amigo, Prof. Mtd. Ederson Santos pelas inúmeras discussões acerca da formação do Estado dos EUA e que mesmo eu discordando de seus argumentos, foram de fundamental ajuda para refletir e amadurecer o meu pensamento a respeito do assunto. Além disso, agradeço pela amizade e pelas conversas descontraídas quando tomávamos Coca-cola nos intervalos das aulas.

Aos camaradas da Unioeste, do Mestrado em História e da linha de pesquisa Estado e Poder, em especial aos amigos, Prof. Dr. Marcio Antonio Both da Silva, Prof^ª. Mtd. Patrícia Bonilha Leão, Prof^ª Mtd. Juliana Valentini, Prof. Me. Lucas Patschiki, Prof. Mtd. Ana Cláudia Branchi Durães, Prof. Mtd Alexandre Arienti Ramos, Prof. Boris Becker e Iraci Urnau pessoas essas, que além de me presentear com suas amizades, em conversas informais, contribuíram muito para esse trabalho.

A todos os amigos de bar, pelas diversas distrações durante esse período, pelas cervejas, gins, whiskes, runs, tequilas, enfim, pois como diria Chico Buarque, “e a gente vai tomando que também sem a cachaça... ninguém segura esse rojão”.

Ao órgão de apoio ao desenvolvimento científico e tecnológico do Paraná, Fundação Araucária, por ter financiado a minha pesquisa.

Um agradecimento especial aos meus familiares, em particular as minhas duas irmãs Paula Boaretto Pereira e Talita Boaretto Pereira pelo suporte que elas me deram durante essa jornada.

E por fim, gostaria de agradecer uma pessoa que tem sido muito importante para mim e que vem demonstrando ser uma grande companheira, obrigado Débora Rey, por tudo.

*“O R.O.T.C. (Corpo de Treinamento dos Oficiais da Reserva) [The Reserve Officers' Training Corps] era para os desajustados. Como eu disse, era isso ou a ginástica. Eu deveria ter escolhido a ginástica, mas não queria que as pessoas vissem as espinhas nas minhas costas. Havia algo de errado com todos os sujeitos alistados no R.O.T.C. Era quase que inteiramente constituído de caras que não gostavam de esportes ou de caras cujos pais, tomados de patriotismo, os tinham obrigado a se alistar. Os pais das crianças ricas tendiam a ser mais patrióticos porque teriam mais a perder caso o país afundasse. Os pais das famílias pobres estavam bem menos contaminados por esse espírito, e comumente professavam seu patriotismo apenas porque se esperava que assim procedesse ou porque tinham sido criados dessa maneira. Subconscientemente, eles sabiam que não seria melhor ou pior para eles se o país fosse dirigido por russos ou alemães ou chineses ou japoneses, especialmente se tivesse pele escura. As coisas poderiam inclusive melhorar. De qualquer modo, uma vez que muitos dos pais dos garotos da Chelsey eram ricos, tínhamos um dos maiores R.O.T.C. da cidade.” (BUKOWSKI, Charles. **Misto-Quente**. (Trad.) Pedro Gonzaga. Porto Alegre: L&PM, 2010. P.186/187)*

RESUMO

Esta dissertação é resultado da pesquisa que teve como objeto de suas análises as revistas de história em quadrinhos publicadas pela editora estadunidense *Marvel Comics*, *The Avengers* (Vingadores). O recorte temporal que compreendeu as análises desse trabalho foi de setembro de 1963 até dezembro de 1967. Esse período consiste na formação desse grupo de super-heróis e na segunda tentativa de lançar uma revista com o super-herói da Segunda Guerra Mundial, Capitão América, que foi integrado ao grupo pelos editores da *Marvel Comics* em março de 1964, até a última aparição do Capitão América nessa revista, na edição de dezembro de 1967. A proposta desta publicação consistiu-se em agrupar vários super-heróis diferentes em um único grupo. Todos esses super-heróis já haviam aparecido anteriormente em outras histórias em quadrinhos da editora. *Ant-Man* e *Wasp* em “*Tales to Astonish*” número 27 de Janeiro de 1962; *Hulk* em sua própria revista, “*The Incredible Hulk*”, de Maio de 1962; *Iron Man* em “*Tales of Suspense*” número 39 de Março de 1963; e *Thor* em “*Journey Into Mystery*” número 83 de Agosto de 1962 e o Capitão América em “*Captain America*” número 1 de Março de 1941. Esse trabalho têm duas hipóteses: a primeira é que as histórias em quadrinhos dos super-heróis Capitão América e *Avengers* auxiliaram no projeto de uma parcela da sociedade civil estadunidense composta pelos grandes capitalistas e por consequência, uma parcela da sociedade política estadunidense que visava à intervenção política e/ou militar, se necessária, em outros países, para assegurar matérias primas e mercados consumidores após a Segunda Grande Guerra Mundial. E a segunda é que as revistas em quadrinhos dos *Avengers* também serviram para minimizar e até desqualificar os movimentos radicais por direitos civis, que nos anos de 1960 nos EUA, iniciaram uma onda de questionamento do *status quo* do país, chegando a cogitar a transformação do sistema capitalista estadunidense.

Palavras Chaves: Histórias em Quadrinhos, Guerra Fria; *The Avengers*; EUA.

The Spreading of United States's Imperialist Ideology in Avengers's Comics (1963 to 1967)

ABSTRACT

This dissertation is the result of research that aimed at the analysis of comic magazines of U.S. publisher Marvel Comics, The Avengers. The time frame that comprises the analysis of the magazines is from September 1963 to December 1967. This period consist into the formation of this group of superheroes (The Avengers), and the second attempt to launch a magazine with the superhero of the Second World War, Captain America, which was integrated into the group by publishers in March 1964, until the last appearance of Captain America in 'The Avengers' magazine in the December 1967 edition. The proposal of the magazine consisted in grouping several superheroes in a single group. All the superheroes had appeared previously in other comics from this publisher. Ant-Man and Wasp in "Tales to Astonish" number 27 in January 1962. Hulk in his own magazine, "The Incredible Hulk", in May 1962; Iron Man in "Tales of Suspense" number 39, in March 1963; Thor in "Journey Into Mystery" number 83, in August 1962 and Captain America in "Captain America" number 01 in March 1941. This work has two hypotheses: The first is: the comics of superheroes "Captain America and Avengers" helped the project from a portion of American civil society composed by the great capitalists, and therefore, a portion of the American political society that aimed political and/or military intervention, if necessary, in other countries, to ensure raw material and consumer markets after the Second World War. And the second is: The Avengers comic books also served to minimize and even disqualify radical movements for civil rights, which in the 1960s in the U.S., began a wave of questioning the status quo of the country, coming to cogitate the transformation of the American capitalist system.

Keywords: Comic Books; Cold War; The Avengers; U.S.A.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPITULO 1 - DA FORMAÇÃO DO ESTADO DOS EUA A GUERRA	
TOTAL.....	22
1.1 Uma breve história das histórias em quadrinhos.....	22
1.1.1 Primeira fase: surgem os <i>Comics</i>	22
1.1.2 Segunda fase: o herói e a aventura.....	24
1.1.3 Terceira fase: os super-heróis.....	27
1.1.4 O herói, o super-herói e o capitalismo estadunidense.....	29
1.2. A formação dos EUA: o individualismo, a liberdade, a democracia e o germe do	
Capitalismo estadunidense.....	30
1.3 O imperialismo estadunidense.....	43
1.4 Os Estados Unidos e as duas grandes guerras mundiais.....	48
1.5 A indústria cultural na Segunda Guerra Mundial.....	51
1.5.1. Cinema.....	51
1.5.2. As histórias em quadrinhos e a guerra.....	57
CAPÍTULO 2 - FEAR OF THE RED: UMA BREVE HISTORICIZAÇÃO DAS	
PRODUÇÕES CULTURAIS NO ÍNICIO DA GUERRA FRIA.....	74
2.1. O efeito das duas grandes Guerras Mundiais.....	75
2.2 O medo vermelho.....	79
2.3 Uma breve referência aos filmes anticomunistas.....	85
2.4 Capitão América: contos estranhos.....	88
2.5 Capitão América e Bucky esmagadores de comunistas.....	91
2.6. Para onde foi o Capitão América?.....	99
CAPÍTULO 3 - AVENGERS, ASSEMBLE.....	105
3.1 O código de regulamentação das histórias em quadrinhos.....	109
3.2. As histórias em quadrinhos do Capitão América e dos Avengers VS. As revistas de	
Horror.....	114
3.3 Uma novo passado para o Capitão América.....	123
3.4 Os inimigos da democracia nas revistas dos Avengers.....	142
3.4.1 Lord Zemo – The Nazi!.....	145
3.4.2. América Latina para os EUA.....	158
3.4.3 Os comunistas asiáticos.....	162
3.4.4 O inimigo externo para explicar as contradições internas.....	175
CONCLUSÃO.....	187
BIBLIOGRAFIA.....	195
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS.....	199

INTRODUÇÃO

A dissertação em questão é fruto de várias experiências pessoais e acadêmicas que com o passar do tempo foram convergindo. As experiências pessoais se concentram em parte, no fato de que as revistas em quadrinhos da editora Marvel e os seus produtos franqueados, jogos eletrônicos, bonecos dos personagens e desenhos animados feitos para a televisão, terem feito parte de toda a minha infância e adolescência.

Meu primeiro contato com os super-heróis da Marvel não foi através das histórias em quadrinhos, mas sim, de uma serie animada dos *X-men*¹ produzida originalmente nos EUA em 1992. Esse desenho fez com que eu me interessasse por esses personagens.

Após conversar com colegas de escola descobri que se tratava de personagens de história em quadrinhos e então fui até a banca procurar por essas revistas. A primeira revista de histórias em quadrinhos que eu comprei, foi a revista *Massacre X-men*². Essa revista foi a primeira publicação de uma saga que durou três meses e envolveu todo o Universo *Marvel*. Dessa maneira, tive a oportunidade de conhecer vários outros personagens do Universo da *Marvel*. Com o passar do tempo, alguns amigos também me apresentaram diversas outras revistas de outros personagens, não só do Universo da *Marvel Comics*, como também do Universo da *DC Comics*³.

Depois de mais velho e com o advento da internet, tive a oportunidade de conhecer e comprar várias outras revistas de histórias em quadrinhos anteriores ao período no qual eu havia conhecido os *X-men*

Já no segundo ano do curso de História na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), houve a possibilidade de realizar um trabalho de iniciação científica voluntária (PICV) ligado às histórias em quadrinhos do Tio Patinhas. Posteriormente à realização dessa pesquisa, optei por mudar de objeto, na realidade houve apenas uma mudança do foco da pesquisa e do personagem analisado.

¹Grupo de super-heróis mutantes criado por Jack Kirby e Stan Lee nos anos 1960. Sua primeira revista é de 1º de Setembro de 1963.

²*Massacre X-men* lançada em Agosto de 1996 nos EUA foi à revista que deu início a uma saga que envolveria todo o Universo Marvel, que teve fim na revista *Massacre Marvel* de outubro de 1996.

³O termo Universo é utilizado para denominar cada editora, por causa da quantidade de publicações, personagens, países e planetas que existem em cada uma delas. As publicações são tantas que literalmente essas editoras possuem um Universo. O significado da sigla DC foi baseado na sua primeira publicação no final da década de 1930, *Detective Comics*.

No início do terceiro ano do curso, na matéria de MTP (Métodos e Técnicas de Pesquisa em História), matéria na qual temos que apresentar durante o ano o projeto do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), iniciei em conjunto com a Professora Dr^a. Carla Luciana Silva, o projeto de estudar as Histórias em Quadrinhos do Capitão América no período da Segunda Guerra Mundial.

Essa pesquisa resultou no meu TCC, “*O nascimento do Sentinela da Liberdade: As histórias em quadrinhos do Capitão América como propaganda estadunidense na Segunda Guerra Mundial*”. Nesse trabalho analisei as duas primeiras revistas do Capitão América de Março e Abril de 1941.

A conclusão dessa pesquisa incitou vários questionamentos acerca da criação e da massificação da produção das histórias em quadrinhos durante a Segunda Guerra Mundial, no Pós-Guerra e na Guerra Fria, o que me levou a atual pesquisa, “*A transmissão da ideológica capitalista estadunidense através das histórias em quadrinhos dos Avengers 1963 a 1967*”.

Ao final de uma experiência de pesquisa, além do crescimento intelectual que ela proporciona, pelo fato de entrar em contato com inúmeras bibliografias, aprender a organizar e trabalhar com as fontes e principalmente, o contato com professores mais experientes que lhe ajudam com indicações de leituras, correções, enfim, são inúmeros ganhos acadêmicos, esse tipo de experiência também lhe ensina como se portar em pesquisas futuras.

Um desses aprendizados foi com a utilização de fontes primárias na pesquisa, que no caso do TCC, eu utilizei uma edição de comemoração dos 50 anos do lançamento da primeira história em quadrinho do Capitão América. A revista “Capitão América: As Primeiras Histórias”, uma edição lançada em 1992 (no Brasil), que publica na íntegra os conteúdos das revistas *Captain America Comics* nº 1 e nº 2, lançados em 1941. Ao propor tal pesquisa não tomei os devidos cuidados de investigar em sua fonte original e em inglês, apesar de tal escolha não ter comprometido as conclusões do trabalho. Essa autocrítica ao final do trabalho foi fundamental para chegar à conclusão que para uma melhor investigação se faz necessário o material original dessas revistas.

Por que são necessárias essas revistas originais? No caso do gênero das superaventuras nas quais se enquadram as revistas do “*Captain America*” e dos “*Avengers*”, quando importadas para o exterior, são editadas para que elas se encaixem na cultura do país ao qual ela vai ser vendida, isso pode acarretar um comprometimento nas análises do pesquisador.

Ao conseguir as versões originais em inglês produzidas nos EUA, talvez a minha empolgação de ter tido acesso a elas, foi maior do que entender o que isso acarretou com as traduções, a linguagem coloquial estadunidense e o meu pouco conhecimento da língua, dificultaram as análises. O pouco conhecimento da língua acarretou vários erros na tradução.

A indicação da banca de qualificação para que eu realizasse uma revisão rigorosa das traduções foi muito importante para a sequência do trabalho. Após isso, procurei o Prof. Me. Lucas André Berno Kölln para me ajudar nas correções ortográficas e nas traduções das histórias em quadrinhos. Além dele, o Prof. Boris Becker me auxiliou nas traduções do “*The Comics Code Authority*”⁴. Mesmo que tivéssemos tomado as medidas necessárias para que as traduções dessas histórias em quadrinhos ficassem as mais fiéis possíveis.

A minha experiência com a primeira pesquisa e também o meu conhecimento adquirido na infância das leituras das revistas em quadrinhos, fizeram com que eu continuasse pesquisando com as revistas em inglês, pois apesar das dificuldades o contato com a fonte original permite uma melhor visualização do que os autores queriam passar com essas revistas.

Isso porque, se fossemos utilizar as revistas de histórias em quadrinhos traduzidas pelas editoras nacionais, a pesquisa necessitaria ter outro foco, como por exemplo, a interferência editorial da Elba (primeira editora a publicar as revistas em quadrinhos estadunidense no Brasil) e da Abril poderiam influenciar no resultado final dessa pesquisa, além disso haveria a dificuldade de encontrar as edições brasileiras dessas revistas, além do que muitas delas não foram lançadas no Brasil.

O objeto dessa pesquisa são as revistas de histórias em quadrinhos da editora *Marvel Comics, The Avengers*⁵. Uma das publicações lançadas por essa editora durante os anos de 1960. As publicações da revista dos *Avengers* tiveram início em Setembro de 1963.

A escolha por essa publicação da *Marvel Comics* se deu devido à proposta da revista que consistiu em agrupar vários super-heróis diferentes em um único grupo. Os heróis que iniciaram as publicações da revista foram: *Hulk, Wasp, Ant-man, Thor* e *Iron Man*. E também, porque é nessa publicação que os editores da Marvel trazem o super-

⁴ O código de Regulamentação das Histórias em Quadrinhos.

⁵*The Avengers*. No Brasil esse grupo de super-heróis foi publicado com seu respectivo nome em português, Os Vingadores.

herói da Segunda Guerra Mundial, Capitão América de “volta à vida”. O Capitão América é integrado ao grupo a partir da 4ª edição desta revista em Março de 1964.

Todos esses super-heróis já haviam aparecido anteriormente em outras histórias em quadrinhos da editora. *Ant-Man* e *Wasp* em “*Tales to Astonish*”⁶ número 27 de Janeiro de 1962; *Hulk* em sua própria revista, “*The Incredible Hulk*”⁷, de Maio de 1962; *Iron Man* em “*Tales of Suspense*”⁸ número 39 de Março de 1963; e *Thor* em “*Journey Into Mystery*” número 83 de Agosto de 1962 e o Capitão América em “*Captain America*”⁹ número 1 de Março de 1941.

O período pesquisado compreende de Setembro de 1963 até Dezembro de 1967. Esse período consiste na formação desse grupo de super-heróis e na segunda tentativa de lançar uma revista com o super-herói Capitão América, que foi integrado ao grupo pelos editores em Março de 1964, até última edição dos *Avengers* na qual ele aparece que é em Dezembro de 1967.

Após a saída do Capitão América dos *Avengers*, os editores da Marvel Comics continuam lançando as revistas dos *Avengers* com outros personagens. Além disso, a partir de Abril de 1968 a Marvel Comics reinicia a publicação das revistas do Capitão América.

Outro motivo para a escolha das revistas dos *Avengers* como objeto de pesquisa, é que os responsáveis pela criação destas revistas foram Jack Kirby e Stan Lee, sendo que ambos haviam trabalhado como editores das revistas do Capitão América durante a Segunda Grande Guerra Mundial¹⁰. A dupla seguiu editando essas revistas até a edição 16 de Maio de 1965, após essa data, Jack Kirby foi substituído por Don Heck nos desenhos.

A partir desse recorte as histórias se dividem em três fases: a primeira, de setembro de 1963 até Março de 1964, período de reconhecimento em que são lançadas apenas três revistas que têm como personagens os super-heróis, Thor, *Iron Man*, *Ant-Man*, *Wasp* e Hulk. O segundo período compreende de Março de 1964 até Junho de 1965, período esse que a revista se tornou mensal, consiste da inclusão do Capitão América no grupo e também das modificações no “*cast*” dos personagens dos

⁶Contos para surpreender.

⁷O Incrível Hulk.

⁸Contos de suspense.

⁹Capitão América.

¹⁰Jack Kirby foi criador do Capitão América em 1941 ao lado de Joe Simon, os dois foram responsáveis pelas 7 primeiras edições da revista, após isso foram substituídos por Stan Lee.

Avengers, pois Thor, *Iron Man*, *Ant-Man*¹¹, *Wasp* e Hulk deixam o grupo na revista número 16 de maio de 1965, para a entrada de *Scarlet Witch*, *Quicksilver* e *Hawkeye*. Assim apenas o Capitão América permaneceu no grupo. E o último período que abrange de Junho de 1965 até Dezembro de 1967, período que corresponde à volta de *Giant-Man* e da *Wasp* ao grupo e a saída do Capitão América dos *Avengers*.

Ao estudar um produto da indústria cultural estadunidense deve-se levar em consideração que enquanto indústria, seus donos têm o interesse de lucrar com seus produtos, pois o princípio básico de uma indústria é fabricar um ou mais produtos e lucrar com as vendas desses produtos e atingir o maior número de pessoas no mercado consumidor. Todavia acreditamos que ao tratar das produções culturais, ainda que tenha o posto de comércio, elas também possuem a função educacional, ou ideológica. Portanto em nosso trabalho não trataremos essas revistas apenas como revistas comerciais, mas também como transmissores de um conjunto de ideias.

Penso que mesmo se tratando de uma indústria, as produções culturais são elaboradas por meio de uma identificação política, econômica, social e/ou ideológica de seus autores. E ainda que passem por determinados cortes editoriais em suas versões finais, pequenas censuras, seus autores expressam em suas obras, perspectivas, sonhos e ideais. Nenhuma obra é pura de intenções, as histórias em quadrinhos, assim como filmes, novelas, séries de TV, desenhos animados, dentre outros, e mesmo sendo produções fictícias trazem elementos da vida cotidiana, política, econômica do momento em que estão sendo produzida.

Esse trabalho tem duas hipóteses. A primeira é que, as histórias em quadrinhos dos super-heróis Capitão América e *Avengers* auxiliaram no projeto de uma parcela da sociedade civil estadunidense composta pelos grandes capitalistas e por consequência, uma parcela da sociedade política estadunidense que visavam à intervenção política e/ou militar, se necessária, em outros países, para assegurar matéria prima e mercados consumidores após a Segunda Grande Guerra Mundial.

E a segunda é que, as revistas em quadrinhos dos *Avengers* também serviram para minimizar e até desqualificar os movimentos radicais por direitos civis, que nos anos de 1960 nos EUA, iniciaram uma onda de questionamento do *status quo* do país, chegando a cogitar a transformação do sistema capitalista estadunidense.

¹¹O personagem fictício Dr. Henry Pym, inicia as histórias em quadrinhos com o codinome de *Ant-man*, depois passa para *Giant-Man* e após seu retorno as histórias em quadrinhos dos *Avengers*, assume o nome de *Goliath*.

Desta forma, utilizaremos em nossa pesquisa como principal referencial teórico, o autor italiano Antônio Gramsci, pois considero que a principal contribuição de Gramsci são suas reflexões sobre o conceito de hegemonia.

Os conceitos de Gramsci são muito complexos, tendo em vista que trata de um pensamento inacabado e deve-se tomar cuidado para o risco de não simplificar esses termos. Contudo, para mim o principal conceito do pensamento de Gramsci é o de hegemonia, é esse conceito que me parece a chave para pensar a “velha *civilita*”, ou seja, em torno da construção de hegemonia que aplicam todos os outros conceitos de Gramsci quando se analisa a sociedade capitalista.

Edmundo Dias descreve que a hegemonia não é apenas “obtenção de um domínio ideológico”¹², mas a junção da “capacidade de construção de uma visão de mundo (Weltanschauung) e a realização da Hegemonia”¹³, ou seja, para ele a obtenção da hegemonia não está apenas no campo ideológico, mas na articulação de uma classe “fundamental” em “elaborar sua visão de mundo própria, autônoma”¹⁴ e que as outras classes tomem essa visão de mundo também como sua. A garantia de se obter a hegemonia é uma excessiva articulação de “políticas” de convencimento a ser efetuada pela classe fundamental.

A capacidade que uma classe fundamental (subalterna ou dominante) tenha de construir sua hegemonia decorre de sua possibilidade de elaborar sua visão de mundo própria, autônoma. Esse processo de “construção de hegemonia”, que decorre no cotidiano antagônico das classes, decorre da capacidade de elaborar sua visão de mundo autônoma e da centralidade das classes. Essa centralidade, tomada como “síntese de múltiplas determinações”, e não como um *a priori* lógico, como um “efeito da estrutura”, é determinante no exercício da hegemonia. Diferenciar-se, comportarem-se como visão de mundo às demais classes, afirmar-se como projeto para si e para a sociedade ser direção das classes subalternas e dominadas na construção de uma nova forma civilizatória. Para tal é fundamental, ter a capacidade de estruturar o campo de lutas a partir do qual poderá determinar suas frentes de intervenção e articular suas alianças.¹⁵

Pode-se entender que para a constituição da hegemonia é necessário convencer essas outras frações de classe de seu projeto, e esse convencimento se dá de diversas

¹² DIAS, Edmundo Fernandes. Hegemonia: **Racionalidade que se faz história**. Versão modificada do artigo “Hegemonia: nova civilita ou domínio ideológico”, publicado pela revista História & Perspectivas, nº 5, julho-dezembro de 1991, Universidade Federal de Uberlândia. p. 10

¹³ *Idem.*

¹⁴ *Idem.*

¹⁵ *Idem.*

maneiras. Por isso, em nosso trabalho optamos por tratar como um dos temas principais a formação da classe dominante nos EUA, precisamos entendê-la porque nossa análise pretende identificar como ela se constitui, suas formas de dominação, como ela se articulou em diferentes momentos da história estadunidense.

Devemos perceber que “o processo de hegemonia se realiza tanto no plano do movimento quanto no plano das instituições”¹⁶ o que nos leva a entender que essa construção se constitui em uma “racionalidade”. Ao trazer esses elementos em seu texto, Dias fala de uma “nova racionalidade”, essa racionalidade é a das classes subalternas, identifica como essas classes devem se constituir para colocar em xeque as classes dominantes e instituir uma “nova *civiltà*”. Ao mesmo tempo ele demonstra como a classe dominante vai se constituindo como hegemônica é essa parte que vamos explorar.

Um dos elementos que Gramsci aponta como fundamental para se constituir a hegemonia é o papel do Partido. A noção de partido para Gramsci não se restringe ao partido eleitoral. A função do partido é fundamental para o arranjo das estruturas que sustentam a Hegemonia, pois seu papel é organizativo, são os partidos junto com os intelectuais orgânicos que elaboram essa visão de mundo, e que podem representar a classe subalterna ou classe hegemônica, o que não impede de outras frações de classe também possuírem seus partidos. Eles que realizam a “tarefa de desconstrução/construção, deve mobilizar as vontades. Organizá-las, dar-lhes homogeneidade e sentido”¹⁷.

Se para constituir hegemonia a classe fundamental necessita de convencer as demais classes a adotarem sua visão de mundo, desse modo elas se utilizam de “Partidos” e “Intelectuais Orgânicos” para disseminar essa visão.

Na nota número 1 dos Cadernos do Cárcere de Antônio Gramsci (Caderno 12. Volume 2 Edição Brasileira) Gramsci faz uma discussão sobre Intelectuais classificando-os em diversas categorias, como eles são constituídos entre as diversas frações de classe e partidos. Parece-me que essa interação entre intelectuais orgânicos e partidos é fundamental para compreender a intensa relação que é a constituição de um programa hegemônico, ou seja, a articulação de intelectuais, partidos cria uma visão de mundo e a reproduz sistematicamente.

¹⁶*Idem.*

¹⁷*Ibidem*, pág. 11

1) Todo grupo social, nascendo no terreno da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político¹⁸.

Os níveis desses intelectuais são variados “o empresário capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito”¹⁹. Esses elementos podem nos mostrar uma articulação de vários níveis, levando a prática de uma “política” que beneficia certo grupo da sociedade, mas suas ações de propaganda tentam convencer que essa visão de mundo deve ser adotada por todos.

O Partido para Gramsci é a fusão de vários elementos em um único grupo, um desses elementos são os “intelectuais orgânicos”, que auxiliam na organização do pensamento e da estrutura da sua classe, outro elemento dessa estrutura são os “organismos designados vulgarmente como privados”, que servem para proliferar as ideias dessa classe.

Esses organismos estão ligados a princípio na Sociedade Civil que em um primeiro momento para o autor é um nível da estrutura separado do Estado (sociedade política).

Seria possível mediar a “organicidade” dos diversos estratos intelectuais, sua conexão mais ou menos estreita com um grupo social fundamental, ficando uma gradação das funções e das superestruturas de baixo para cima (da base estrutural para o alto). Por enquanto, podem-se fixar dois grandes “planos” superestruturais: O que pode chamar de “Sociedade civil” (isto é. conjunto de organismos designados vulgarmente como “privados”) e o da “sociedade política ou Estado”, planos que correspondem, respectivamente, a função da “hegemonia” que o grupo dominante exerce em toda a sociedade e àquela de “domínio direto” ou de comando, que se expressa no Estado e no governo “jurídico”.²⁰

As duas estão entrelaçadas, ligadas, são dois lados diferentes, as leituras dos cadernos nos possibilitam visualizar ligação entre a Sociedade Civil e Sociedade Política uma atua na outra de forma dialética, ou seja, Sociedade Civil e Sociedade Política não se separam. É o que entendemos como Estado Ampliado. A Sociedade Civil através dos partidos e dos seus transmissores ideológicos exercem uma influência nas

¹⁸GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001. p.15 Vol. 2

¹⁹*Idem*

²⁰*Ibidem* p.20

políticas adotadas pelo Estado, o Estado por sua vez, centraliza seus aparelhos coercitivos para a manutenção da hegemonia.

Estas funções são precisamente organizativas e conectivas. Os intelectuais são os “prepostos” do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político, isto é: 1) do consenso “espontâneo” dado pelas grandes massas da população à orientação impressa pelo grupo fundamental dominante da vida social, consenso que nasce “historicamente” do prestígio (e, portanto, da confiança) obtido pelo grupo dominante por causa da sua posição e de sua função no mundo da produção; 2) do aparelho de coerção estatal que assegura “legalmente” a disciplina dos grupos que não “consentem”, nem ativa, nem passivamente, mas que é constituído para toda a sociedade na previsão dos momentos de crise no comando e na direção, nos quais desaparece o consenso espontâneo.²¹

Entendem-se como aparelhos de coerção estatal, polícia e exército, entretanto pode se pensar também como coerção, as implementações de leis que auxiliam na manutenção da ordem estabelecida, coibindo determinadas condutas, como a lei seca da década de 1920 nos EUA, que servia para que os trabalhadores não se embriagassem e faltassem ao trabalho.

Contudo é imprescindível verificar que as formas de dominação do sistema capitalista se modificam, mesmo porque, ao mesmo tempo, as classes subalternas não aceitam as condições impostas pelas classes dominantes de maneira passiva, sem resistências e sem possibilidades de constituir uma alternativa ao sistema capitalista, uma “*nova civiltà*”. Com isso partilhamos da síntese de Edmundo Dias que define hegemonia:

Hegemonia: projeto que permite expressar o programa, horizonte ideológico, no qual as demais classes se movem. Horizonte que, ao proceder à padronização, ao “conformismo”, desorganiza, inviabiliza, ou tenta, os projetos das demais classes. Desorganiza ativa ou passivamente; ativamente ao sobrepor com o seu projeto aos outros projetos e assim descaracterizá-los; passivamente pela repressão pura e simples aos demais projetos. Horizonte que é estruturação do campo das lutas, alianças, do permitido e do interdito. Racionalidade de classe que faz história e que obriga as demais classes a pensa-se nessa história que não são delas.²²

Assim, nossa investigação tem por finalidade verificar se as revistas de histórias em quadrinhos dos *Avengres* podem ser consideradas um desses pilares que auxiliam na

²¹ *Ibidem* p.21

²² DIAS, Edmundo Fernandes. **Hegemonia: Racionalidade que se faz história**. Versão modificada do artigo “Hegemonia: nova civiltà ou domínio ideológico”. p. 34. op. cit..

obtenção do consenso interno nos EUA. Desta forma, a separação dos capítulos constituiu-se da seguinte maneira:

No primeiro capítulo proponho uma discussão inicial acerca da história das histórias em quadrinhos, apontando e discutindo alguns dos marcos iniciais desse gênero narrativo e os diversos subgêneros que surgiram após a publicação da primeira charge no século XIX. Posteriormente a essa discussão, me debruço com mais atenção sobre um debate acerca do surgimento dos gêneros dos heróis e dos super-heróis com o capitalismo nos EUA.

Ainda nesse capítulo, realizo também uma análise crítica acerca dos termos Liberdade e Democracia na formação do Estado dos EUA, tendo em vista que esses dois termos estão constantemente presentes nos diálogos das histórias em quadrinhos do Capitão América e dos *Avengers*, muitas vezes utilizados como sinônimos de bondade. Além disso, os antagonistas desses termos servem para caracterizar os seus principais inimigos, assim também usados como sinônimos de maldade.

O amadurecimento das discussões dos termos Liberdade e Democracia me permitiu ir além das discussões desses dois termos em relação à criação do Estado nacional estadunidense, pois entendemos que esses dois termos, em conjunto com o puritanismo religioso, foram fatores que ajudaram no desenvolvimento do capitalismo nos EUA e em suas futuras ações imperialistas. Essa discussão dá origem ao último tópico do primeiro capítulo, no qual faço uma discussão acerca da atuação política, econômica e cultural do governo e das empresas dos EUA nas duas guerras mundiais, enfatizando a atuação política e ideológica das histórias em quadrinhos e do Cinema durante a Segunda Guerra Mundial.

No segundo capítulo, “*Fear of the red*”²³ propus historicizar e discutir o contexto das produções culturais no pós Segunda Guerra Mundial. Em primeiro lugar faço uma contextualização histórica sobre os eventos e a situação política e econômica dos EUA e da URSS.

O nome do capítulo é alusivo à música da banda inglesa *Iron Maiden*, *Fear of the dark*, [Medo do escuro], pois exemplifica o sentido da paranoia estadunidense em relação ao medo comunista. Esse medo justificou perseguições políticas, prisões e até a execução de pessoas inocentes, que não teriam ligações nenhuma com a espionagem soviética dentro dos EUA.

²³ Medo do vermelho.

Esse capítulo tem o objetivo de contextualizar e analisar a indústria cultural no imediato pós-guerra e a primeira década da Guerra Fria, enfatizando as histórias em quadrinhos e o cinema, pois acreditamos que esses dois gêneros tiveram uma maior inserção social nesse período.

Uma das razões de darmos mais atenção para a caça às bruxas no cinema neste capítulo foi porque desses dois gêneros que anunciamos, o cinema teve uma maior recepção nos EUA nesse período do que as histórias em quadrinhos. Além disso, a indústria cinematográfica também estava em disputa por dois setores divergentes. Um desses setores era mais avançado, era o setor dos liberais com tendências de esquerda, como o diretor e ator Charles Chaplin. O Segundo setor, os dos conservadores, destinados a livrar a 7ª arte da influência dos “comunistas”, que para eles eram qualquer uma que questionasse o *status quo* dos EUA. O ator John Wayne foi um ferrenho delator de seus compatriotas. Essa disputa teve seu auge durante o comitê de atividades antiamericanas que deu origem à lista negra do Cinema.

Nesse capítulo propomos também uma análise das histórias em quadrinhos do Capitão América publicadas pela editora *Timely Comics* durante o período de 1946 até 1954. Para isso as dividimos em duas partes. A primeira parte das análises consiste em investigar as publicações do super-herói de 1946 até 1950. Para nós, a editora, nesse período manteve certa distancia dos conflitos políticos entre os EUA e a URSS, optando por uma abordagem diferente dos temas patrióticos que suas revistas protagonizaram durante a Segunda Guerra Mundial. Acreditamos que a opção da editora *Timely Comics* por mudar os roteiros das revistas em quadrinhos do Capitão América no pós-guerra aconteceu por conta do contexto histórico estadunidense. Gradativamente as revistas do Capitão América foram perdendo público até terem sido canceladas em 1950. Nossa proposta é de verificar quais foram os motivos para a derrocada dessas revistas em quadrinhos.

A segunda parte das análises consiste em investigar os fatores que fizeram a Editora *Atlas Comics* relançar essas histórias em quadrinhos do Capitão América em 1954. A editora *Atlas Comics* foi fundada pelo mesmo editor chefe da *Timely Comics* Martin Goodman, assim os direitos dos títulos do Capitão América, *Human Torch* e *Submariner* foram passados diretamente para as mãos dessa editora, que no início dos anos de 1960, se tornaria a *Marvel Comics*.

Nesse momento as revistas do Capitão América voltam a se alinhar com o discurso dos filmes hollywoodianos de caracterizar os inimigos como espões que

tentam conquistar os EUA, mas dessa vez os inimigos são os comunistas. Todavia essas publicações também foram canceladas após a publicação de três edições. Nosso intuito é investigar também o porquê desse cancelamento. Por fim, nesse capítulo faremos uma breve discussão sobre o contexto histórico do período no qual foi implantado o *Code of the Comics Magazine Association of America*, código esse que interferiu diretamente nas publicações desse gênero.

O terceiro capítulo *Avengers Assemble*²⁴ compreende as análises das revistas em quadrinhos dos *Avengers*. No primeiro tópico, analisaremos e discutiremos a implementação do *Code of the Comics Magazine Association of America*, nossa premissa é de que esse código seja uma espécie de censura das histórias em quadrinhos, ao passo que ela estabelece várias normas e especificações que as revistas em quadrinhos devem possuir para que recebam o selo de aprovação do código e possam ser comercializadas. É importante mencionar que esse código foi proposto pelas próprias editoras de histórias em quadrinhos após os ataques do psicólogo Fredric Wertham através do seu livro *Seduction of the Innocent*²⁵ lançado em 1954.

Como mencionamos acima, o Capitão América ressurgiu nos anos de 1960 nas revistas dos super-heróis *Avengers*, entretanto algumas modificações ocorreram na história do personagem para esse relançamento. Os editores da revista do Capitão América elaboram uma história em que eles mudam completamente o seu passado, renegando assim, as histórias lançadas no período de 1946 até 1954. Nossa intenção nessa parte do trabalho é entender o porquê dessa nova configuração do passado do Capitão América.

Por fim, propomos uma discussão a respeito dos inimigos da democracia estadunidense nas revistas dos *Avengers*, essa parte do trabalho é fundamental, pois é aqui que todas as discussões realizadas anteriormente nos outros capítulos vão confluir para verificar se as revistas dos *Avengers* auxiliam na transmissão ideológica do capitalismo estadunidense.

Ao abrimos as cortinas, mostraremos quem o Capitão América e o seu grupo de amigos, *Avengers* consideram pessoas amistosas e quem eles consideram pessoas hostis.

²⁴[Reúnam-se Vingadores] Grito de batalha dos Vingadores.

²⁵A Sedução dos Inocentes.

CAPÍTULO 1 - DA FORMAÇÃO DO ESTADO DOS EUA À GUERRA TOTAL

“O tenente Herman Beechcroft era melhor. Seu pai era dono de uma padaria e de um serviço de fornecimento para um hotel, seja lá o que isso significasse. De qualquer maneira, ele era melhor. Sempre fazia o mesmo discurso antes de uma manobra.

- Lembrem-se, vocês devem odiar o inimigo! Eles querem estuprar as suas mães e suas irmãs! Vocês querem que esses monstros estuprem suas mães e suas irmãs?

O Tenente Beechcroft quase não tinha queixo. Seu rosto acabava repentinamente, e onde deveria haver ossos do maxilar havia apenas um botãozinho. Mas seus olhos eram magníficos em sua fúria, grandes símbolos azuis e replandecentes da guerra e da vitória.

-Whitlinger!

-Sim, senhor!

-Você quer que esses caras estuprem a sua mãe?

-Minha mãe já é morta, senhor.

-Oh, sinto muito... Drake!

-Sim, Senhor!

-Você quer que esses caras estuprem sua mãe?

-Não, senhor!

*-Bom. Lembrem-se, isto é uma guerra! Aceitamos misericórdia, mas não oferecemos misericórdia. Vocês devem odiar o inimigo. Matem o inimigo! Um homem morto não pode derrotá-los. A derrota é uma doença! A vitória escreve a história! AGORA, VAMOS LÁ PEGAR AQUELES VEADOS!”(BUKOWSKI, Charles. **Misto-Quente**. (Trad.) Pedro Gonzaga. Porto Alegre: L&PM, 2010. p.187/188).*

Esse capítulo tem a pretensão de historicizar e discutir o conceito de Liberdade e Democracia na formação dos EUA, pois nas histórias em quadrinhos do Capitão América e a dos *Avengers*, esses conceitos aparecem constantemente para definir o lugar social dos super-heróis, mas também para caracterizar os seus inimigos. Por isso faz-se necessário discutir esses conceitos na formação dos Estados Unidos como um Estado Nacional.

Ainda neste capítulo, realizamos uma breve discussão acerca da criação das histórias em quadrinhos, seus gêneros e subgêneros e uma breve relação entre as produções culturais lançadas durante os conflitos da Segunda Guerra Mundial.

1.1 Uma breve história das histórias em quadrinhos

1.1.1 Primeira fase: surgem os *Comics*

Para situar o leitor a respeito da nossa pesquisa, se faz necessário uma breve historicização desse gênero narrativo.

A expressão *Comics* deriva da palavra *Comic*, em português cômico. Mesmo que essas revistas tivessem várias temáticas, inclusive opostas a comédia, essa expressão caracterizou todo o gênero lançado nos EUA. Todavia, em outros países as revistas receberam diversos nomes: no Brasil Gibi ou Histórias em quadrinhos²⁶, em Portugal as revistas receberam o nome de *banda desenha* e na França *bandes dessinées*.

As histórias em quadrinhos, assim como o Cinema, são uma arte sequencial. “[...] A história em quadrinhos é uma sequência de acontecimentos ilustrados. É uma narrativa visual que pode ou não usar textos, em balões ou em legendas”.²⁷

Em meio às inúmeras publicações de estudos a respeito das histórias em quadrinhos, há muitos limites temporais que determinam a influência no nascimento desse gênero narrativo.

Por se tratar de uma arte sequencial, alguns pesquisadores ligam o surgimento das histórias em quadrinhos com as pinturas rupestres da pré-história ou os hieróglifos da antiguidade. Todavia, há uma espécie de consenso entre os pesquisadores desse gênero de que o primeiro personagem de história em quadrinhos foi o *Yellow kid*, publicado pela primeira vez em 5 de Maio de 1895.

O artista plástico Mario Feijó em seu livro *Quadrinhos em ação: um século de história*, aponta que antes da publicação de *Yellow kid*, outros artistas já haviam publicado algumas histórias sequenciais.

O professor suíço Rudolph Topffer produziu na primeira metade do século XIX o que ele próprio batizou de “literatura de estampa”. [...] O alemão Wilhelm Busch criou, em 1865, Juca e Chico (Max e Moritz no original) dois garotos que viviam fazendo travessuras. [...] Ângelo Algostini nasceu na Itália, mas preferiu ser brasileiro. Chegou aqui em 1859 e veio para ficar. Em São Paulo e no Rio de Janeiro foi ilustrador de diversas revistas e um dos pioneiros das histórias em quadrinhos. As aventuras de Nhô Quim, de 1869, é um marco. O francês Christopher (pseudônimo de Georges Colomb) criou em 1889, A família Fenouillard.²⁸

²⁶ Nesse trabalho, optamos por denominá-las ora *Comics*, ora por histórias em quadrinhos. Compreendemos que essas histórias em quadrinhos, apesar de serem denominadas de história e não estórias, têm conteúdo de fábula.

²⁷ FEIJÓ, Mario. **Quadrinhos em ação: um século de história**. São Paulo: Moderna, 1997. p. 14

²⁸ *Idem, ibidem*, p. 15

Feijó argumenta que a causa para que *Yellow kid* tenha sido considerada a primeira história em quadrinhos foi “por ter sido produzida de forma continua com personagem fixo e já como um produto de comunicação de massa”²⁹, além de “ter introduzido o balão de diálogo na arte sequencial”³⁰, inaugurando assim o que seria a primeira fase das histórias em quadrinhos.

Essa primeira fase das histórias em quadrinhos ficou caracterizada pelas publicações em jornais, “em páginas coloridas dominicais e depois em tiras diárias”³¹. Os temas dessas histórias eram cômicos e os traços de seus personagens caricaturais.

São exemplo dessa fase alguns personagens, tais como: *Os sobrinhos do Capitão*, de Rudolph Dirks; *Sonhos de um comilão* e *Little Nemo*, de Winsor McCay; *Mutt & Jeff*, de Bud Fisher; *Krazy Kat*, de George Herrimen; *Pafúcio & Maracas*, de Geo MacManus; *Gato Felix*, de Pat Sullivan; *Ana, a órfã*, de Harold Gray”³².

Já nessa primeira fase dos *Comics*, entre os anos 1910 e 1920, houve a profissionalização dos produtores das histórias em quadrinhos, assim como aconteceu no cinema e no jornal impresso, os “Syndicates” fomentaram uma organização da produção, distribuição e mercantilização da indústria dos *Comics*.

A palavra “Syndicate”, nos moldes norte-americanos, não encontra similar em nosso contexto. Não se trata de um sindicato e ultrapassa as atribuições de uma associação. Podemos tratá-lo como agência especializada em fornecer matérias variadas, particularmente de entretenimento. [...] Os “Syndicates”, além de possuir direitos sobre os trabalhos dos desenhistas (direitos sobre a venda e a distribuição), funcionam como agência de veiculação das histórias, preparando e emitindo milhares de matrizes a serem vendidas não só nos EUA como também em outros países.³³

É importante ressaltar que os “Syndicates” eram/são organizações que concorrem entre si. A criação desses “Syndicates” auxiliou na exposição e popularização dos *Comics*. Além de ter contribuído com a organização do comércio do entretenimento.

1.1.2 Segunda fase: o herói e a aventura

²⁹ *Idem*, p. 17

³⁰ *Idem*.

³¹ *Idem*, p. 19

³² *Idem*.

³³ FURLAN, Cleide. *HQ e os “Syndicates” Norte-Americanos*. In: LUYTEN, Sônia M. Bibe (org.). **Histórias em quadrinhos (Leitura crítica)**. São Paulo. Edições Paulinas, 1989. p. 28.

A segunda fase das histórias em quadrinhos tem início em 1929, com a publicação de uma tira baseada no romance de Edgar Rice Burroughs, *Tarzan*. Essa tira da origem a um novo gênero de histórias em quadrinhos, o da Aventura. Esse gênero tem como principal personagem o herói.

A HQ surge com a tira de jornal e isto lhe provoca uma limitação, pois o espaço para o desenrolar dos quadrinhos é muito limitado. As histórias deveriam ser curtas. O surgimento do gênero aventura ocorreu dentro dos mesmos limites, mas já anunciando a autonomização dos quadrinhos em relação aos jornais e revistas, abrindo caminho para os futuros álbuns e revistas em quadrinhos. A solução encontrada foi a serialização das histórias, isto é, a cada dia aparecia, no jornal, um trecho da história. Isto ocorreu devido ao fato de que a aventura é uma narrativa sequencial longa na qual o herói deve cumprir uma missão.³⁴

O formato no qual foram distribuídas as histórias em quadrinhos nos jornais impressos era parecido com os romances de folhetins, assumindo assim uma característica similar as das novelas, com tramas e desenhos mais elaborados e auxiliando nas vendas dos veículos de comunicação.

As revistas de histórias em quadrinhos nos Estados Unidos oficialmente surgiram “nos anos de 1929, mas se popularizam somente ao longo da década de 1930.”³⁵ Algumas revistas eram distribuídas por empresas, como a “*Funnies on Parade*, de 1933, por exemplo” que “(...) foi distribuída por um fabricante de refrigerante em busca de promoção”.³⁶

Assim “a primeira revista em quadrinhos editada no Ocidente para ser vendida e gerar lucros foi a *Famous Funnies*, em 1934 reunindo tiras já publicadas em jornais” e a primeira revista editada com material inédito foi a *New Fun* de 1935.³⁷

O novo estilo de *Comics* assume também as características inerentes aos personagens heroicos de outros gêneros de ficção, uma dessas características é o maniqueísmo:

Esta característica está presente em todas as aventuras, sendo o seu motor. Esta raiz mitológica da aventura dos quadrinhos tem sua razão de ser pelos limites da sociedade burguesa, que nunca pode revelar

³⁴ VIANA, Nildo. **Heróis e super-heróis no mundo dos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Achimé, 2005. p. 21.

³⁵ FEIJÓ, Mário. **Quadrinhos em ação: um século de história**. op. cit. p. 36.

³⁶ *Idem, ibidem*.

³⁷ *Idem*.

tudo, apenas apresenta o conflito, mas não as suas determinações sociais e a forma de se evitar isto é apelando para o maniqueísmo, a posição entre o bem e o mal, e não a posição entre os grupos sociais e seus interesses.³⁸

O maniqueísmo encontra-se lado a lado com outras duas características do herói: a ordem e a justiça. Segundo Nildo Viana, “O maniqueísmo cumpre um papel de ofuscar a relações sociais que geram as ações humanas e as autonomizam, tornando-as produtos da maldade ou bondade inata”. A partir dessa característica é moldada a personalidade do herói e dos seus inimigos.

A relação indissociável entre ordem e justiça complementa o maniqueísmo, pois parte do pressuposto de uma determinada harmonia e estabilidade (uma “ordem”) que de repente, se vê ameaçada e isto significa um rompimento com a justiça. A sua origem é a maldade (uma ambição “natural”, por exemplo). [...] E qual é o estatuto dessa maldade? É a busca de estabelecimento de uma ordem sem justiça, entendo por esta última a concepção burguesa de justiça, isto é os direitos burgueses de propriedade, liberdade de ir e vir etc.³⁹

Não foram os roteiristas de histórias em quadrinhos que criaram o gênero Herói, mas sim adaptaram várias características de personagens já existentes na literatura e na mitologia, veiculando-os nas histórias em quadrinhos.

Os temas principais dos *Comics* que tinham como protagonistas os heróis, variavam entre aventuras Coloniais, de Ficção Científica e Policiais, temas esses já veiculados em outros gêneros literários. *Tarzan*, de 1929, é “(...) um nobre inglês, é rei das selvas africanas, dos 'macacos' e nativos, que se depara com civilizações antigas, exóticas, e promove a justiça e a ordem”⁴⁰. *Flash Gordon*, de 1934, “(...) combate o Imperador Ming (de traços asiáticos), do Planeta Mongo, que quer conquistar o Planeta Terra”⁴¹, sendo que sua aparência asiática [Ming] “(...) aponta para uma divisão étnica que marca uma posição clara entre “mocinho e bandidos”⁴². *Jungle Jim* (Em português saiu como Jim das Selvas), de 1934, “vive suas aventuras na Malásia e Mongólia, embora também fizesse expedições pela América do Sul e Birmânia”⁴³. *O Fantasma*,

³⁸ VIANA, Nildo. **Heróis e super-heróis no mundo dos quadrinhos**. op. cit. p. 23

³⁹ *Idem, ibidem*, p. 25.

⁴⁰ *Idem*, p. 8.

⁴¹ *Idem*.

⁴² *Idem*, p. 9.

⁴³ *Idem*.

de 1936, “(...) é um nobre inglês que reina nas selvas africanas, desta vez em Bengala, e luta contra o crime e pela justiça.”⁴⁴

Esses heróis que mencionamos são orientados pelo pensamento capitalista, suas aventuras coloniais podem ser relacionadas com o momento crítico internacional que os EUA viviam na Ásia, por exemplo. Contudo, se faz necessário uma análise mais apurada de cada revista para afirmar qual é a intenção dos seus roteiristas.

1.1.3 Terceira fase: os super-heróis

Os princípios de benevolência, justiça, afeição ao próximo que norteiam as histórias dos heróis, foram os mesmo que orientaram as histórias dos super-heróis, uma vez que a única diferença entre os dois diz respeito às suas habilidades humanas e sobre-humanas, respectivamente.

Essa diferença entre os heróis e os super-heróis, permite que o conceito de herói possa ser aplicado na vida real, como, por exemplo, o trabalho de um bombeiro ou policial, ou qualquer sujeito que arrisque sua vida para resgatar um semelhante que esteja correndo um risco de morte. Ou seja, o herói é aquele que coloca a sua vida em risco para salvar a vida do outro.

Em sentido amplo o herói é um indivíduo que possui qualidades consideradas especiais, tais como habilidades físicas, mentais ou morais. A coragem é atributo mais característico do herói. A qualificação de herói, no entanto, não é reservada apenas ao mundo da fantasia, pois ele é aplicável a indivíduos concretos que se destacam em nossa sociedade. O herói, portanto possui uma existência real. Ele pode ser transportado para a literatura, as histórias em quadrinhos, cinema, e televisão etc.⁴⁵

O super-herói é o ser com poderes superiores aos dos humanos. Eles possuem capacidades de força, velocidade, agilidade etc. superiores às de um ser humano comum. “O que distingue um super-herói de um herói? A primeira resposta, e a mais simples, é a de que os heróis possuem habilidades excepcionais mais humanamente possíveis enquanto que o super-herói possuem habilidades sobre-humanas”⁴⁶

⁴⁴ *Idem.*

⁴⁵ VIANA, Nildo. **Heróis e super-heróis no mundo dos quadrinhos**. op. cit. p. 37.

⁴⁶ *Idem, ibidem*, p. 38.

Na maioria das histórias de super-heróis eles tiveram seus DNA modificados por acidentes⁴⁷, por mutações⁴⁸, por seres divinos ou espaciais⁴⁹ ou são, ainda, humanos que utilizam de seu poder aquisitivo ou habilidades intelectuais para desenvolverem armas que os tornam super.⁵⁰

As histórias em quadrinhos de heróis e super-heróis surgem no contexto histórico conturbado do entre guerras e da Depressão dos anos 1930. Não se diferenciam em sua concepção, em ambos os gêneros seus personagens são benevolentes, procuram sempre agir com justiça, em nome da democracia e liberdade.

No gênero dos super-heróis há uma divisão comumente aceita, não só pelos leitores, mas também pela maioria dos pesquisadores de histórias em quadrinhos, que divide as épocas das histórias de superaventuras em: Era de Ouro (1930 a 1955), Era de Prata (1956 a 1970), Era de Bronze (1970 a 1985) e Moderna (1985 em diante). Todavia, essa divisão serve apenas para determinarmos as diferentes épocas e o surgimento de diferentes super-heróis, sendo utilizada em nosso trabalho, apenas para situar o leitor na história do desenvolvimento desse subgênero.

O primeiro Super-herói conhecido foi o *Superman*⁵¹, desenhado pela primeira vez em 1933 por Joe Shuster e Jerry Siegel. Ambos eram fãs e foram influenciados por histórias de agentes secretos e de ficção científica.

Jerry tinha um amigo de escola, excelente desenhista chamado Joseph (Joe) Shuster (1914-1992), que igualmente adorava os "pulp" - desenvolviam juntos um fanzine mimeografado chamado Science Fiction - Jerry escrevia, Joe ilustrava e era um tremendo sucesso entre a garotada. Na edição de janeiro de 1933, eles publicaram uma história intitulada "O Reino de Super-Homem" - o personagem principal possuía fabulosos poderes mentais, porém utilizava-os para fazer o mal. De todos os poderes imaginados para seu personagem, Jerry apenas manteve no futuro "Super-Homem", a super-visão.⁵²

⁴⁷ Esses são os meta humanos, os acidentes que os "geram" podem ser tanto por exposição Ra radiação nuclear (Hulk) como a radiação espacial (Quarteto Fantástico), ou ainda alguma modificação genética causada por alguma experiência após o nascimento (Capitão América).

⁴⁸ Tratam-se dos mutantes. Suas mutações são causadas no DNA antes do nascimento. O mutante, ao contrário do meta humano, já nasce com superpoderes, esses personagens são criados após os anos 60, como, por exemplo, os X-men.

⁴⁹ São os personagens alienígenas, mitológicos ou mágicos, que se inserem no universo dos super-heróis, como, por exemplo, o Superman e a Wonderful Woman, respectivamente.

⁵⁰ Esses são geralmente personagens ricos, a exemplo do Batman, Iron Man e Arqueiro Verde.

⁵¹ Optei por utilizar o nome do super-herói Superman na forma original em inglês, mesmo que algumas bibliografias que utilizamos traduza seu nome.

⁵² Superman. Disponível em <http://www.bricabrac.com.br/main_hqs_superman_02.htm> Acesso em 1 Nov. 2012.

O personagem *Superman* foi comprado pela *DC Comics* em 1938 e lançado na revista *Action Comics* #nº1. Durante os anos de 1938 e 1941 houve crescente publicação de histórias em quadrinhos com super-heróis.

Os personagens publicados pela *DC Comics* incluía, em 1939, Batman de Bob Kane, em 1940 Green Lantern de Bill Finger, *Flash* e Hawkman de Gardner Fox, em 1941 *Wonderful Woman* de William Moulton Marston.

Já pela *Timely Comics*, antecessora da *Marvel Comics*, o cast de super-heróis era formado, por Tocha Humana de Cal Burgos e Submariner (Namor)⁵³ de Bill Everest, lançados em 1939 e Capitão América de 1941. Pela Fawcett Comics em 1940 foi lançado Capitão Marvel.

Nossa intenção com essa breve demarcação temporal das histórias em quadrinhos não é a de esgotar a discussão, mas sim situar minimamente o leitor acerca desse gênero narrativo.

1.1.4 O herói, o super-herói e o capitalismo estadunidense

Os pesquisadores Nildo Viana, no livro *Heróis e super-heróis no mundo dos quadrinhos*, e Waldomiro Vergueiro, em seu texto, *Super-heróis e cultura americana*, apontam, por vieses diferentes, que o nascimento dos heróis e dos super-heróis, respectivamente, possui relação direta com o individualismo característico da cultura estadunidense.

Nildo Viana escreve que uma das características fundamentais do gênero da Aventura é a supervalorização do indivíduo na sociedade capitalista.

A sociedade capitalista promove uma valorização cada vez maior do indivíduo. Desde a economia política clássica de Adam Smith e David Ricard, passando pela filosofia de Stiner, até chegar ao mundo fictício de Robinson Crusoé e ao mundo do romance, o individualismo é uma das ideias-força da ideologia dominante e das construções fictícias da classe dominante. Lucien Goldmann afirma que o romance se caracteriza pela transposição da vida cotidiana fundada numa sociedade individualista e mercantil para o mundo fictício. A aventura também realiza esta transposição do individualismo para o mundo da ficção e esta é uma das suas características fundamentais.⁵⁴

⁵³ No Brasil ele é conhecido apenas como Namor, mas nas suas revistas nos EUA também é comum ele ser chamado de Submariner (Submarino, em tradução livre).

⁵⁴ VIANA, Nilo. **Heróis e super-heróis no mundo dos quadrinhos**. op. cit. p. 22.

Por sua vez, Vergueiro argumenta que nos Estados Unidos “(...) existia um ambiente adequado para a expansão dos super-heróis, o que se dava também pelas características de sua cultura.”⁵⁵. Para o autor, a colonização estadunidense baseada na religiosidade dos peregrinos e puritanos “ajudara a conformar a nova sociedade, inspirando os sentimentos cívicos que estão na base do espírito norte-americano”⁵⁶.

O “modo de vida americano”, no caso, caracteriza-se pela ênfase no papel do indivíduo e no esforço pessoal como caminho para o sucesso. Nele está embutida a ideia de que o equilíbrio das necessidades individuais é condição necessária para o convívio social e para o benefício comum. [...] O aparecimento e a difusão do super-herói são certamente facilitados por essas características culturais.⁵⁷

Contudo o “individualismo” que o autor se refere é só uma das características do capitalista estadunidense que aparece de forma nítida nas produções desses dois gêneros. Os *Comics* apresentam também outras características da sociedade capitalista estadunidense; o conceito de democracia, liberdade e de civilização que se constituíram na formação dos EUA.

Mais do que pensar as histórias em quadrinhos como um gênero narrativo propício a nascer nos EUA, há que se pensar seu desenvolvimento, assim como o do cinema, no qual com o passar dos anos ocuparam um papel fundamental na transmissão de ideologia capitalista nos EUA.

1.2. A formação dos EUA: o individualismo, a liberdade, a democracia e o germe do Capitalismo estadunidense.

Os EUA nascem da união das treze colônias continentais inglesas na América⁵⁸, que apesar de muito diferentes entre si, se unificaram na busca de um bem comum, a independência econômica e política.

A imigração de ingleses para as colônias da América ocorreu por inúmeros motivos. Algumas dessas colônias foram fundadas por imigrantes protestantes (puritano, batista, presbiteriano, anglicano) que procuravam fugir das perseguições

⁵⁵ VERGUEIRO, Waldomiro. *Super-heróis e a cultura americana*. In: VIANA, Nildo; REBLIN, Iuri Andréas (orgs.). **Super-heróis, cultura e sociedade**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2011. p. 146.

⁵⁶ *Idem, ibidem*, p. 147

⁵⁷ *Idem*.

⁵⁸ A Inglaterra possuía 26 colônias na América do Norte e no Caribe.

religiosas e chegavam ao “Novo Mundo”, “a fim de criar um sistema social religioso que correspondesse a suas aspirações”⁵⁹.

É importante salientar essa característica da colonização estadunidense, pois um dos alicerces do Mito da Liberdade nos EUA baseia-se em grande medida, na liberdade religiosa.

Nas colônias que formaram os EUA não existia uma estrutura administrativa centralizada sob uma bandeira religiosa como na maioria dos países da Europa e nas colônias da Espanha e de Portugal, deste modo, os peregrinos organizavam as colônias e o trabalho nos princípios religiosos aos quais seguiam.

No livro *A civilização americana* o autor Jean-Pierre Fichou faz um resumo analítico acerca das teorias explicativas da origem dos Estados Unidos. Ele ressalta a religião como um aspecto fundamental para o desenvolvimento do capitalismo nesse país. O autor aponta que “a doutrina de Calvino sofreu modificações consideráveis na América”⁶⁰ por conta dessas características sócio-administrativas. De tal modo fomentou uma burguesia livre e que se opunha a aristocracia europeia.

Jean-Pierre Fichou destaca que a teoria da predestinação é que sofreria mais modificações no Novo Mundo. “Para Calvino, os que dentre nós serão salvos o serão por sua fé e não por seus atos, que, realizados por seres marcados pelo pecado original, não seriam suficientes. Nós somos predestinados, e nossos atos contarão se Deus quiser nos salvar.”⁶¹. Em seguida Fichou expõe o que para ele constituiria essa modificação:

Certamente é sempre a fé que nos salva, e só a morte de Cristo pode nos resgatar. Mas nossos atos são também indispensáveis a nossa salvação, pois somente eles testemunham nosso desejo de fazer o bem, nossos esforços, nossos sucessos e nossos fracassos, nosso lento progresso nos caminhos que conduzem a Deus. Efetivamente, e este é um ponto novo, nós somos suscetíveis de melhorar se quisermos. É essa ideia que os americanos serão conduzidos a realçar com uma crescente firmeza, ao reconhecer as virtudes da fé salvadora e a doutrina da predestinação. A iluminação, a fé visceral e súbita só valem se combinam com a ação, assim como nós só vivemos neste mundo para merecer o outro. Fé e ação coabitam de modo para reger as atitudes religiosas e sociais.”⁶²

⁵⁹ FICHOU, Jean-Pierre. **A civilização americana**. Tradução de Maria Carolina F. de Castilho Pires. Campinas: Papyrus, 1990. p. 81.

⁶⁰ *Idem, ibidem*, p. 83.

⁶¹ *Idem*.

⁶² *Idem*.

O puritanismo “estadunidense” é otimista, “é uma reação contra a ociosidade dos aristocratas britânicos”⁶³, é forjada na mitologia do trabalho individual e na acumulação dos sujeitos, renega a ócio das castas aristocráticas europeias. É desse puritanismo renovado o germe estadunidense de Liberdade e Democracia. Pois além de romper com a aristocracia hereditária britânica, rompe com as perseguições e as divisões religiosas que existiam na Europa.

Ainda que haja essa aparente liberdade religiosa, é importante considerar dois aspectos, o primeiro: apesar do rompimento com as perseguições religiosas nas colônias, nem todas as igrejas permitiram que os negros as frequentassem, o que mostra que não havia uma igualdade plena entre os habitantes do Novo Mundo.

As igrejas Americanas, assim como a sociedade na qual – e em certa medida para qual – elas funcionam, têm uma relação totalmente serena com o dinheiro. As igrejas dão conta da pirâmide social uma vez que podem ser classificadas segundo seu grau de respeitabilidade reconhecida, sua americanidade. Há “boas” igrejas como as episcopais ou as presbiterianas; “menos boas”, como as metodistas ou as católicas, com grande quantidades de negros e de latinos. A discriminação racial não se ausenta da religião, já que há, por exemplo, duas Igrejas batistas (uma negra, outra branca) e há mórmons, que nunca se persuadiram de que negros sejam filhos de Deus.⁶⁴

O segundo aspecto é que a doutrina puritana não esteve presente em todas as colônias que deram origem aos EUA, “As colônias do Sul e mais tarde o “Deep South” estarão bem mais próximos do sistema britânico e sua mentalidade se oporá firmemente à mentalidade *yankee*.”⁶⁵.

Embora o capitalismo não seja uma consequência da Reforma Protestante, é fato que a Reforma tenha auxiliado o seu desenvolvimento em alguns lugares do mundo, a exemplo dos EUA.

O Puritanismo corresponde bem à concepção americana da democracia direta, do individualismo e do conformismo. Não há intermediários entre o homem e Deus, não há clero profissional, não há outra hierarquia que não se baseia no mérito, não há interprete privilegiado da vontade divina. O homem está só diante de seu criador

⁶³ *Idem*, p. 84.

⁶⁴ *Idem*, p. 92.

⁶⁵ *Idem*, p. 85.

como está só diante dos outros, do mundo em que vive, da sociedade que ele aceita com a condição de ter direito de tomar decisões.⁶⁶

Contudo, essas “mudanças só se darão muito progressivamente, mas ela resultará no século XVIII em uma forma nova de puritanismo, que permanecerá apesar de tudo impregnado de calvinismo”⁶⁷

É preciso ressaltar também que o capitalista estadunidense em vários momentos necessitou do auxílio do Estado para se desenvolver, e que a livre iniciativa tão defendida pela maioria dos negociantes, empresários e proprietários estadunidenses não passou de um discurso. Como veremos mais adiante, os capitalistas estadunidenses sempre precisaram do suporte do Estado.

Mesmo com a ideia de que “não há intermediários entre o homem e Deus”, foi apenas com as decisões “tiranas” do parlamento inglês aos colonos e com a limitação de seus lucros, que acendeu a chama da insurreição nas Treze Colônias.

No livro *4 de Julho de 1776 - Independência dos Estados Unidos da América*, a autora Mary Junqueira aponta vários fatores que culminaram na emancipação das treze colônias inglesas continentais que formavam os EUA. A autora aponta que “a crise entre as treze colônias e a Inglaterra começou com o fim da Guerra Franco-Índia (1754-1763),⁶⁸ conflito decorrente dos desentendimentos entre ingleses e franceses, que se estendeu da Europa às Américas.”⁶⁹ A primeira consequência desse conflito foi limitar o território da colônia, as quais “iam das praias, no Atlântico, até as montanhas Apalaches.”⁷⁰ Isso deixou vários grandes proprietários de terras e de escravos da Virginia, incluindo George Washington⁷¹, descontentes. A metrópole ainda determinou que para garantir as fronteiras estabelecidas pós-conflitos, era necessário ter um exército regular e que os colonos deveriam contribuir na manutenção financeira desse exército.⁷²

⁶⁶ *Idem.*

⁶⁷ *Idem*, p. 83.

⁶⁸ Guerra na qual os franceses se aliaram com os nativos (indígenas) para lutar contra a Inglaterra e os colonos ingleses na América por terras no Novo Mundo.

⁶⁹ JUNQUEIRA, Mary A. **4 de julho de 1776 - Independência dos Estados Unidos da América**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Lazuli, 2007. p. 8.

⁷⁰ *Idem*, p. 13.

⁷¹ Citamos aqui George Washington, não por consideramos a participação dele deveras importante, mas por ele ter sido eleito o primeiro presidente dos EUA, mostrando como que os interesses privados de uma camada dos colonos constituíram uma força política e econômica para alcançar a independência.

⁷² JUNQUEIRA, Mary A. **4 de julho de 1776. Independência dos Estados Unidos da América**. op. cit. p. 8.

Ao mesmo tempo estabeleceram várias leis de arrecadação de impostos propostas pelo parlamento inglês e que entraram em vigor sem a consulta aos colonos. Esse posicionamento foi resultado do endividamento da Inglaterra após o término da guerra com a França.

A primeira dessas leis foi a Lei do Açúcar de 1765, “que fez a indignação colonial crescer, uma vez que não era simplesmente uma medida regulatória, mas sim a primeira que aumentava realmente os impostos”⁷³. Essa lei atingia diretamente o contrabando de melado que era trazido das colônias do Caribe para a fabricação de rum, altamente lucrativa. “Os comerciantes, indignados, proclamavam que não poderiam ser tributados, uma vez que não contavam com representantes no parlamento”⁷⁴.

Em seguida, a lei do selo foi instituída: “essa medida previa que fossem colados selos em determinados documentos, indicações de que papéis, como documentos legais, além de jornais, almanaques, cartas de baralho, licenças para comércio de aguardente etc., haviam sido tributados”⁷⁵. Era mais uma tarifa para evitar o contrabando e a sonegação de impostos.

Posteriormente implantaram a lei da receita, “[...] que estabelecia que produtos importados para os colonos, como o vidro, a tinta, o papel e o chá, antes não taxados, passassem a ser tarifados.”⁷⁶ Essa lei “revogava a lei do selo”, entretanto, “instituiu um controle maior nas colônias para o recolhimento de impostos”⁷⁷.

A Lei do Chá, de 1772, “que permitia a Companhia das Índias Orientais a vender diretamente o chá aos colonos, com redução das tarifas alfandegárias”⁷⁸ criou revoltas, pois “os colonos acreditavam que o chá barato era uma tentativa de obter receita a custas deles e dessa maneira reduzir 'liberdades'”⁷⁹.

Por consequência ocorreram os eventos que ficaram conhecidos como *Boston Tea Party*, “em dezembro de 1773, homens vestidos como índios Möhawk tomaram navios britânicos no porto e lançaram ao mar 45 toneladas de chá vindas das Antilhas.”⁸⁰ Por consequência dessa revolta entraram em vigor as leis “coercitivas e

⁷³ *Idem, ibidem*, p.14.

⁷⁴ *Idem*, p. 15.

⁷⁵ *Idem*, p. 16.

⁷⁶ *Idem*, p. 19.

⁷⁷ *Idem*, p. 20.

⁷⁸ *Idem*, p. 22.

⁷⁹ *Idem*.

⁸⁰ *Idem*.

intoleráveis”, essas leis consistia em manter a cidade de Boston sitiada e todos os seus cidadãos sob vigilância do exército imperial inglês.

Outra lei que causou descontentamento entre os colonos, principalmente do sul, foi a Lei de Quebec, que “determinava que a região das cabeceiras do rio Ohio, anteriormente disputada pelos virginianos [...] voltasse para o controle britânico, mas sob o controle da colônia católica de Quebec.”⁸¹

Inicialmente os colonos não queriam uma separação da metrópole. Na Assembleia Geral das Colônias inglesas na América, ocorrida em setembro de 1774 na Filadélfia, os colonos esclareceram que só lutariam se o parlamento não atendesse suas reivindicações, mesmo assim, os delegados da colônia juraram lealdade ao rei inglês.

Na reunião a iniciativa de resistência de Massachusetts obteve apoio de todos os delegados e também o compromisso de que se a Inglaterra aplicasse as Leis Intoleráveis, as 11 colônias ali representadas apoiariam Massachusetts. No entanto, recomendavam que se evitassem revoltas incendiárias naquela colônia do nordeste com o objetivo de restabelecer a paz com a Metrópole. Ao fim do encontro, em outubro, os delegados declaram lealdade ao rei, desde que as colônias não sofressem com os impostos e com as leis de coerção.⁸²

É importante mencionar que os representantes das doze colônias⁸³ nesse congresso eram integrantes da camada mais rica da colônia, ou seja, esse comitê era composto por grandes proprietários e comerciantes que se sentiram injustiçados com as leis impostas pela metrópole.

Entretanto, a classe dirigente das colônias não queria uma ruptura com a metrópole, pois uma possível radicalização desse conflito colocaria o próprio *status quo* da colônia em xeque, já que as camadas mais pobres da colônia não só estavam insatisfeitas com a exploração da metrópole, como também com a grande concentração de renda na mão de poucas pessoas.

A decisão radical foi tomada após anos de conflitos entre Inglaterra e colonos, e de acalorados debates entre os próprios colonos. Em 2 de Julho, depois de uma longa discussão, o congresso votou pela

⁸¹ *Idem*, p. 23.

⁸² *Idem*, p. 24.

⁸³ Apenas o estado da Geórgia não mandou representante, mas concordou apoiar as decisões tomadas pelo congresso. *Idem*.

emancipação política. Em 04 de Julho de 1776. Foi apresentada publicamente a Declaração de independência da Inglaterra⁸⁴.

A guerra pela independência durou até 1781, quando a Inglaterra reconheceu formalmente a Independência das treze colônias. Contudo, a “liberdade” que tanto era clamada pelos dirigentes da classe mais alta das treze colônias não se estendia para o resto da população.

Após a emancipação política, vários foram os debates para decidir quem poderia ter o direito de escolher os administradores do poder político do recém-constituído país.

Nos discursos e debates proferidos pelos colonos, eles insistiam que lutavam por liberdade. A palavra *freedom* (liberdade) foi exaustivamente utilizada na época, uma vez que para os colonos, a monarquia inglesa e o parlamento queriam escravizá-los. Por isso, viam-se lutando pela nobre causa da liberdade. No entanto, havia em todas as 13 colônias um número considerável de escravos, submetidos a um sistema de trabalho que negava completamente a ideia de liberdade pela qual tanto lutavam os colonos⁸⁵.

Embora houvesse uma agitação geral de todas as camadas das treze colônias pela independência, quem esteve à frente das decisões sobre a insurreição foram as camadas mais ricas, tanto que no Congresso das treze colônias ficou decidido que não se deveriam fazer protestos violentos como os ocorridos em Boston.

Isso significou que a ruptura com a metrópole só se deu devido a não aceitação das exigências comerciais e políticas dessa camada da sociedade, de modo que a independência se fez necessária para se conservar a situação da colônia na época. Muitos dos que lutaram pela independência dos EUA, portanto, se viram frustrados após a “vitória”.

Ainda que cada estado decidisse os critérios de votação para eleger os seus representantes no parlamento, essa decisão ficou apenas para quem tinha determinada quantidade de posses, o que deixou muitas pessoas de fora do sufrágio. A questão de libertar os escravos, aliás, não foi discutida. Após a independência dos Estados Unidos a economia do país continuava dividida da mesma forma como era antes da independência, uma parte do país continuava agrícola e outra de comerciantes e pequenos artesões.

⁸⁴ JUNQUEIRA, Mary A. **4 de julho de 1776. Independência dos Estados Unidos da América.** op. cit. p. 28.

⁸⁵ *Idem, ibidem*, p. 32.

A industrialização dos EUA constituiu-se em sua maioria na fuga de imigrantes de vários países para o norte estadunidense, bem como de projetos de manufaturas da Inglaterra. Isso se deu apesar da intensa fiscalização das fronteiras e leis implantadas pelo governo inglês.⁸⁶ Em 1789 foi “para os Estados Unidos, secretamente, Samuel Slater, que havia sido operário nas fábricas inglesas. Levava consigo planos de máquinas novas – na cabeça”⁸⁷ Contudo “em 1800, 11 anos após a primeira fiação de Slater, havia apenas 8 fábricas de algodão em todo o país.”⁸⁸ Isso ocorreu, pois a comercialização de navios produzidos nos EUA e a venda de produtos agrícolas para os países europeus era mais lucrativa do que o investimento em manufaturas, além disso, os produtos manufaturados europeus eram de melhor qualidade e mais baratos. Com o início da guerra entre Inglaterra e França, em 1793, “logo praticamente todos os países a oeste da Europa estavam tomando parte na luta. Era uma grande oportunidade para os fazendeiros e comerciantes americanos”⁸⁹ expandirem seus negócios.

Sem escolher ao lado de quem lutar, os comerciantes estadunidenses forneciam para ambos os lados, assim acumulavam capitais. Isso durou até 1808, quando a Inglaterra “dera ordens para que nenhum navio neutro pudesse comercializar com a França e seus aliados, e a França deu ordens para que nenhum navio neutro pudesse comercializar com a Inglaterra e seus aliados”⁹⁰.

Com esse bloqueio a produção estadunidense e os lucros dos comerciantes estadunidenses foram diminuindo. A saída foi tentar pressionar as duas potências.

Thomas Jefferson então presidente dos Estados Unidos aconselhou o Congresso a passar um Embargo que era tanto para a Inglaterra como a França desistirem do bloqueio. Nenhum navio dos Estados Unidos partiria para qualquer parte do estrangeiro. A ideia era que, sem suprimentos, as nações que guerreavam padeceriam.⁹¹

Essa decisão em suma significou que “a Europa foi privada dos gêneros americanos, mas ao mesmo tempo, os Estados Unidos ficaram privados dos gêneros

⁸⁶ “De 1765 a 1789 foram aprovadas pelo Parlamento várias leis severas. As novas máquinas, e os planos ou modelos delas, não poderiam ser exportadas para país nenhum... os artesãos experimentados que trabalhavam com essas máquinas não podiam sair da Inglaterra... sob pena de pagar pesada multa e sofrer prisão. Somente a Inglaterra poderia se beneficiar com a nova maquinaria.” HUBERMAN, Leo. **História da riqueza dos EUA (Nós o Povo)**. São Paulo. Brasiliense, 1987. Pág.127

⁸⁷ *Ibidem*, p. 128.

⁸⁸ *Idem*.

⁸⁹ *Idem*.

⁹⁰ *Idem*.

⁹¹ *Ibidem*, p. 129.

européus”⁹². A inviabilização do comércio acarretou barcos lotados de produtos nos portos estadunidenses. Desse modo, alguns comerciantes investiram seus excedentes em manufaturas.

Por volta de 1860 o noroeste dos Estados Unidos tinha se transformado no centro industrial do país. O transporte de navios e a agricultura continuavam a existir, mas a manufatura crescia aos saltos. O crescimento da manufatura nos estados do Norte contribuiu com o aumento da divisão política, econômica e cultural entre o Sul e o Norte.

É importante esclarecer que a luta entre norte e sul (norte industrial e sul agrícola) não pode ser entendida como uma luta entre norte civilizado e avançado e sul atrasado, muito menos como uma luta maniqueísta entre norte libertador e sul escravista. Não é possível, principalmente, generalizar as posições políticas ideológicas dos habitantes dessas duas regiões.

Essa divisão geopolítica entre mercadores, pequenos fabricantes e agricultores se constitui mesmo antes da independência das colônias continentais. Mesmo sem muito em comum, a independência econômica e política da metrópole era necessária para a sobrevivência da oligarquia latifundiária e da recente camada de comerciantes que haviam se desenvolvido nas colônias.

A Guerra de Secessão se deu pelo fato de que essas duas frações das camadas mais ricas disputavam não só o governo dos EUA após a independência, mas também qual seria o projeto a ser adotado.

Um desses motivos foi a forte concorrência dos produtos ingleses, a qual fez com que a camada dos políticos representantes do norte propusesse uma tarifação aos produtos industrializados importados, criando, assim, uma barreira alfandegária para proteger os produtos produzidos nos EUA. Essa proposta de tarifação irritou os parlamentares do sul, já que para eles, isso atingiria a sua liberdade de escolha.

Aqui se pode perceber, mais uma vez, que uma determinada parcela da classe política estadunidense se utilizou do discurso a respeito da liberdade para fomentar seus interesses políticos e econômicos.

Da mesma forma que os colonos do sul (grandes proprietários de terra e de escravos) e os comerciantes do norte diziam que o parlamento inglês interferiu em sua liberdade ao taxarem produtos e ao formularem leis das quais os colonos não eram

⁹² *Idem.*

consultados. Quando os nortistas tentaram fixar as tarifas alfandegárias para produtos manufaturados que vinham da Europa, os sulistas se opuseram adotando o mesmo discurso de que essas tarifas intervinham em sua livre escolha. Pois eles eram livres para comprar os produtos manufaturados dos ingleses.

Durante muitos anos no congresso, os representantes dos industriais do norte discutiam com os representantes dos plantadores sulistas sobre essa questão de tarifa de proteção. A discussão ficou tão azeda que em 1832 a Carolina do Sul ameaçou de se separar dos Estados Unidos porque a tarifa era muito alta. O congresso evitou a separação aprovando uma lei nova que diminuía as tarifas cada ano, durante 10 anos. A tarifa, entretanto, era tema de debate sempre, e continuava a provocar discórdia entre o norte industrial e o sul agrícola.⁹³

Outro motivo que originou calorosos debates foram as reivindicações dos habitantes do Oeste por melhorias estruturais, como melhores estradas e canais fluviais. É óbvio que os comerciantes do norte eram a favor dessas melhorias, pois isso ajudaria na venda de mercadorias ao Oeste, mas os plantadores do sul não tinham nada a ganhar com essas melhorias, eram contra o uso de dinheiro público para esses fins⁹⁴.

O fato de pequenos grupos de ativistas abolicionistas atacarem a escravidão, também gerou grandes conflitos entre os produtores agrícolas do sul e os abolicionistas. Mesmo que houvesse um conflito ideológico entre os abolicionistas e os escravistas, essas desavenças não tiveram proporções maiores até o início da guerra civil. Apesar de esse pequeno grupo ter força econômica para lançar panfletos e artigos nos jornais a favor da abolição, o sul possuía uma força política e muitas pessoas dentro do governo não estavam dispostas a acabar com a escravidão.⁹⁵

A capacidade de articulação dos plantadores do Sul conseguiu com que eles se mantivessem no comando político da recém-criada república, mesmo a concentração de renda deles sendo menor do que da indústria do norte.

Fazendo um jogo político muito hábil, os líderes sulistas tinham tido sucesso durante todo o período que ia da época de Washington em 1789, até 1860. Se era possível eleger um sulista para Presidente, estes elegiam. Se não era, apoiavam um nortista que tivesse relações amigáveis com o sul. Desde Washington, até 1860, a maioria dos Presidentes ou era sulista ou estava do lado do sul; assim, também a

⁹³ *Idem.*

⁹⁴ *Ibidem*, p. 157.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 162.

maioria dos juízes da Corte Suprema; e, ou a Câmara dos Representantes, ou Senado, e às vezes os dois estavam sempre sob seu controle.⁹⁶

O norte concentrava a maior parte da força econômica do país, através dos bancos, indústrias e de uma parcela da produção agrícola.

Existe uma falsa ideia de que a agricultura se concentrava na região sul. Evidentemente a grande produção de monocultura agrícola era sulista, mas o norte continha uma produção considerável de produtos agrícolas e sua receita no total era maior do que a dos sulistas. Essa força política do sul diminuiu após 1860, justamente pela perda de força econômica do Sul através da produção agrícola. Por sua vez, com o advento das manufaturas no Norte e o aumento das desigualdades políticas, econômicas e sociais entre as duas regiões dos EUA, o conflito entre os dois projetos foi inevitável.

Quando os opositoristas, ou o Partido Republicano, venceram a eleição em 1860, e Abraham Lincoln tornou-se Presidente, os plantadores viram sua sentença em letras de fogo. Agora que tinham perdido também a força política, sentiram que não havia mais nada a fazer a não ser retirar-se da União. Sabiam o que significaria a vitória dos comerciantes e industriais nortistas e temiam as consequências. Em Dezembro de 1860, a Carolina do Norte, e depois mais 10 outros estados da escravidão, declararam que não faziam mais parte dos Estados Unidos. Os representantes dos estados que se separavam reuniram-se e formaram os “Estados Confederados da América”. A União se rompeu.⁹⁷

A briga política e econômica que ocorreu no parlamento se entendeu ao campo de batalha, a Guerra de Secessão que durou quatro anos foi um conflito entre duas camadas ricas que disputavam entre si qual projeto que seria dirigente para os EUA, mas quem morreu nos campos de batalha nessa guerra foram as camadas mais pobres.

Em 12 de abril de 1861 estourou a guerra. Durante 4 longos anos a luta continuou, com enormes perdas de vidas de ambos os lados. Primeiro ambos os lados recrutaram voluntários; depois os homens eram convocados para o exercito. Isso causou profundo ressentimento, tanto no norte como no sul. Tanto num quanto noutro lado, era permitido pagar subtítulos para prestar o serviço militar. No sul havia muitas brechas nas leis de convocação, através das quais escapavam os proprietários de grandes plantações, ou os que possuíam mais de 15 escravos. (isso quando a guerra tinha sido provocada por eles mesmos.) No norte um individuo convocado podia ser isento da

⁹⁶ *Idem.*

⁹⁷ *Idem*, p. 163.

convocação se pagasse ao governo 300 dólares. Não admira que muitas pessoas pobres se referissem a guerra como “a guerra dos ricos na qual lutam os pobres”⁹⁸.

Apesar de Abraham Lincoln ter assinado a lei de emancipação libertando todos os escravos que lutaram contra a União, isso não fez com que essa liberdade fosse uma liberdade de direitos políticos, econômicos e sociais. Essa liberdade conquistada, ainda que restrita, se constituía em todos os estados estadunidenses do Norte e do Sul.

É importante mencionar que a liberdade dos negros nos EUA não foi concedida, e que as leis que limitavam os poderes políticos e sociais dos negros se deram justamente pelo medo de uma revolta negreira e modificação do *status quo* do país, o que, como mencionamos acima, se deu também restringindo o direito de voto e controle das camadas mais pobres do país.

Embora seja uma produção fictícia, na série de televisão estadunidense *Hell on Wheels*⁹⁹ é possível perceber essa segregação racial logo após a Guerra de Secessão. Os negros faziam trabalhos mais pesados, o pagamento por esses serviços eram menores, eles não podiam ter porte de armas, também não podiam frequentar os bordéis e nem os bares de brancos itinerantes que acompanhava o acampamento.

Os habitantes do Norte jamais simpatizaram com os negros, muito pelo contrário. A abolição da escravidão naquela região acarretou a adoção de leis cada vez mais estritas sobre as ações dos negros libertos, e os estados de Ohio, Indiana e Illinois votaram em proibir que negros libertos entrassem neles. Muitos estados nortistas privaram os negros libertos do direito de voto; além disso, sua liberdade de movimento foi cercada por várias medidas, como por exemplo, a que lhes proibia a utilizar os bondes de tração animal, em Filadélfia.¹⁰⁰

Ainda que a 13ª emenda¹⁰¹ da Constituição estadunidense assegurasse a abolição da escravidão, a autonomia política e jurídica dos estados adquiridas após a reunificação

⁹⁸ *Idem*, p. 164.

⁹⁹ “*Hell on Wheels* é uma série de drama da televisão [estadunidense] americana (na fonte citada) criada e produzida por Joe e Tony Gayton. Situado em 1865, o tema central da série é sobre o acordo que acompanhou a construção da primeira ferrovia transcontinental pela Union Pacific, referido como “Hell on Wheels” pelos homens da empresa, topógrafos, assistentes de apoio, trabalhadores, prostitutas, mercenários e outros que fizeram do acampamento móvel, suas casas.” Disponível em <<http://www.imdb.com/title/tt1699748/>> Acesso em 9 jul. 2012.

¹⁰⁰ PACHECO, Josephine F. **O problema do racismo nos Estados Unidos**. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1983. p. 3.

¹⁰¹ Secção 2 da Constituição foi alterada pela 13ª Emenda. Secção 1. Não haverá, nos Estados Unidos ou em qualquer lugar sujeito à sua jurisdição, nem escravidão, nem trabalhos forçados, salvo como punição por um crime pelo qual o réu tenha sido devidamente condenado.

das confederações implicou em leis de segregação racial, principalmente nos estados do sul. Essas leis além de estabelecerem lugares diferenciados para brancos e negros, como escolas, bebedouros, banheiros etc. impediam que os negros se mobilizassem e conseguissem via aparatos legais do estado, alguma mudança.

Pelos fins do século XIX, os sulistas brancos já tinham podido, sem nenhuma objeção de outras partes do país, realizar uma completa separação entre brancos e pretos, como por exemplo: escolas para brancos e escolas para negros; chafarizes para branco e chafarizes para negros, bíblias para o juramento dos brancos e bíblia para juramento dos negros. Os negros tinham que sentar-se na parte traseira dos ônibus e dos bondes e utilizar vagões especiais em viagens de trem. Tinham que morar em bairros próprios, em geral com ruas sem calçamento e iluminação. Quando viajavam, [os negros] não podiam hospedar-se em hotéis, contavam com poucos restaurantes e, por mais dinheiro que tivessem, proibia-lhes a entrada nos restaurantes reservados para os brancos¹⁰²

Portanto percebemos que a Liberdade e a Democracia estadunidenses são conceitos ambíguos e maleáveis utilizados pelas classes dominantes para conservar suas posições sociais e econômicas ou para forjar uma determinada política.

De modo que, efetivamente, as mulheres, os negros, e os homens das classes mais pobres dos EUA nunca desfrutaram de longos períodos de liberdades cívicas institucionalizadas nos moldes da “democracia estadunidense” tão defendida por sua classe dirigente. No texto *A construção do Império estadunidense*, Sidnei Munhoz escreve que:

[...] a primeira experiência relacionada ao voto das mulheres ocorreu logo após a criação da república, mas teve curta duração. As forças da reação e mesmo setores vinculados ao pensamento liberal se organizaram e impuseram um assombroso retrocesso democrático que culminou com a cassação do direito ao voto feminino em todos os estados em que ele havia sido conquistado.¹⁰³

A abolição da escravidão só entrou em pauta nas discussões das elites estadunidenses após uma mudança no projeto de uma parte dessa elite. Essa mudança ocorreu com o desenvolvimento das indústrias no Norte e de uma nova classe social que

¹⁰² PACHECO, Josephine F. **O problema do racismo nos Estados Unidos**. op. cit. p. 51.

¹⁰³ MUNHOZ, Sidnei J. *A construção do império estadunidense*. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da Silva; CABRAL, Ricardo Pereira; MUNHOZ, Sidnei J (orgs.). **Impérios na história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. p. 253.

entendeu que era mais lucrativo manter trabalhadores livres do que manter trabalhadores escravos. Entretanto, essa nova classe social cercou negros e os brancos das classes mais baixas de leis que cada vez mais minimizaram suas intervenções na sociedade estadunidense.

Após a Guerra Civil, com a aprovação da 15ª emenda, em 1870, os homens negros conquistaram o direito constitucional de votar e ser votados. De 1860 a 1901, foram eleitos nos EUA dois senadores e 20 deputados negros, todos eles pelo antigos estados confederados. No entanto as elites brancas do sul reagiram e passaram a impedir o voto dos afros descendentes. Organizações como *White Brotherhood*, *The Pale Face* e *Ku Klux Klan* agiam com violência e constrangiam os negros a não votar. A partir de 1875, a Suprema Corte adotou uma postura reacionária, passando a aprovar normas que restringiam o voto dos Negros. Em 1896, mesma corte sancionou a legalidade da segregação racial nos Estados Unidos. Seguiram-se anos de assombroso retrocesso em que quase todos os estados do sul cassaram o direito dos Afro-americanos. Entre 1900 e 1945, somente dois negros foram eleitos nos Estados Unidos, um em Chicago, em 1928, e outro em Nova York, em 1945. Apesar das pequenas vitórias no pós-Segunda Guerra, apenas com a aprovação do *Civil Rights Act*, em 1964, que declarou a segregação racial um crime, e do *Voting Rights Act*, de 1965, os negros conquistaram, do ponto de vista da lei, a sua cidadania plena, e novamente puderam votar e ser votados em todo o território dos Estados Unidos.¹⁰⁴

Nos Estados Unidos, os conceitos de Liberdade e Democracia muitas vezes estiveram relacionados aos interesses dos grandes proprietários de terras e escravos, bem como dos comerciantes e industriais estadunidenses.

Nesse sentido, o discurso ambíguo falsifica a realidade, mesmo porque a grande parte da população gozou de raros momentos dessa liberdade. Não só pelas diversas vezes que a população pobre e negra teve seus direitos civis extintos, mas durante o século XX, o governo dos EUA perseguiu, prendeu, extraditou inúmeros cidadãos estadunidenses por se organizarem em sindicatos e reivindicarem melhores salários. Não obstante, em nome da “liberdade” e da “democracia”, os Estados Unidos invadiu países e subjugou populações.

1.3 O imperialismo estadunidense

¹⁰⁴ *Idem.*

No final do século XIX os EUA iniciaram seu desenvolvimento econômico e a sua expansão industrial em um mundo já dividido. Todavia, a ideia de que os estadunidenses seriam predestinados a conquistar as terras próximas de suas fronteiras, que se originou das modificações do conceito de predestinação do calvinismo, serviu aos dirigentes estadunidenses para investirem na conquista de novos territórios.

Por mais contraditório que soe, os líderes de uma república nova combatendo um império ultramarino expansionista sentiam que estavam destinados a estabelecer seu próprio império. Em março de 1783, George Washington referiu-se aos Estados Unidos como um “império em ascensão”. Thomas Jefferson escreveu em 1786 que “nossa confederação tem de ser vista como o ninho a partir do qual toda a América, Norte e Sul, deve ser povoada.” Ele rezava para que os espanhóis mantivessem suas colônias tempo bastante “até que nossa população possa ser grande o suficiente para ganhá-las, pedaço a pedaço.” Enquanto isso, “temos de ter” alguns de seus territórios ao redor do Mississipi” – “isso é tudo o que, no momento, estamos preparados para receber”. Os americanos acreditavam que, para promover a “grande lei da autopreservação”, a natureza lhes havia conferido um direito especial à expansão.¹⁰⁵

Na medida em que os Estados Unidos foram se estabilizando economicamente, iniciou-se uma política de anexação de vários territórios da América espanhola, francesa e terras indígenas. “Entre 1791 e 1803, as áreas dos atuais estados de Vermont, Kentucky e Ohio foram incorporadas às antigas colônias”¹⁰⁶ já em “1803, a Louisiana foi comprada aos franceses”¹⁰⁷. Após a Guerra de 1812 “a Florida foi parcialmente ocupada em 1817 e após negociações que se alongaram pelos anos seguintes, foi comprada dos espanhóis, em 1819, por US\$5 Milhões”¹⁰⁸. Além disso, houveram várias investidas estadunidenses contra as terras indígenas sobre a bandeira da civilização durante o século XIX:

Destarte, os povos indígenas já a partir da década de 1820 foram forçados a migrar do sul em direção ao Oeste. Pouco depois, em 1830, o Presidente *Andrew Jackson* sancionou o *Indian removal Act*, que definiu as bases legais para expulsão dos indígenas que viviam ao leste do Mississipi. Nesse período, choctaws, creeks, seminoles, cherokees e outras importantes nações indígenas foram obrigadas a ceder espaços aos colonos brancos. O processo foi marcado por

¹⁰⁵ LENS, Sidney. **Da revolução ao Vietnã: uma história do imperialismo dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 22.

¹⁰⁶ *Idem, ibidem*, p. 246.

¹⁰⁷ *Idem*.

¹⁰⁸ *Idem*.

resistências, lutas e guerras, em que grande parte da população indígena foi dizimada.¹⁰⁹

Ao mesmo tempo, o governo dos Estados Unidos iniciou uma investida para anexar as terras da Califórnia. Após vários anos de pressões e ações militares, “em 2 de fevereiro de 1848, foi selado o tratado de Guadalupe Hidalgo, que transferiu vastas áreas do norte do México aos Estados Unidos, que, posteriormente, deu origem aos estados da Califórnia, Novo México, Nevada, Arizona e Utah”¹¹⁰. Essa anexação de parte do território mexicano ocorreu para salvaguardar interesses de produtores estadunidenses que viviam nessas terras.

As condições ideais para o expansionismo estadunidense ocorreram após o término da Guerra de Secessão, quando os EUA adquiriram grande capacidade de produção em suas manufaturas, consequência não só da arrecadação gerada pelo abastecimento dos exércitos da França e da Inglaterra na guerra entre essas duas potências, mas também da imigração inglesa, que, por sua vez, fez com que muitas plantas de máquinas de manufaturas entrassem nos EUA. Desta forma os Estados Unidos adquiriram o Alasca da Rússia em 1867, anexou o Havaí em 1898 e ocuparam o lado leste das ilhas Samoa em 1899¹¹¹. Contudo, “havia divergências em relações às praticas expansionistas”¹¹² do governo dos Estados Unidos. “Regra geral, elas se situavam em dois campos”¹¹³. O primeiro deles “acreditava na degeneração e no fracasso da república, caso o país continuasse a apoderar-se de territórios vizinhos através da fraude e do emprego de força.”¹¹⁴. No segundo “havia críticas à expansão em áreas que pudessem incorporar novas populações negras. Esse foi o caso de Santo Domingo”¹¹⁵. Santo Domingo não foi anexado, mas se constituiu como uma área de influência dos EUA no Caribe.

Não há dúvidas que o expansionismo territorial realizado pelo governo dos Estados Unidos foi influenciado pelos interesses de grupos e empresas privadas estadunidenses. Assim, a expansão capitalista estadunidense só foi possível com o auxílio do Estado.

¹⁰⁹ *Idem.*

¹¹⁰ *Idem.*, p. 247.

¹¹¹ *Idem.*

¹¹² *Idem.*, p. 248.

¹¹³ *Idem.*

¹¹⁴ *Idem.*

¹¹⁵ *Idem.*

Essa expansão territorial do século XIX não se deu muito além do continente Americano, exceto em arquipélagos que o governo dos Estados Unidos julgava necessário para manter sua autopreservação.

Essa característica do expansionismo estadunidense é influenciada pela Doutrina do Destino Manifesto, essa teoria estabelecia que o destino dos Estados Unidos era povoar toda a América.

Ela [*a teoria do Destino Manifesto*] havia sido experimentalmente formulada por John Quincy Adams em 1811: “Todo o continente da América do Norte parece estar destinado pela Divina Providência a ser povoado por uma nação, falando um idioma, professando um sistema geral único de princípio religioso e políticos e acostumado a um mesmo padrão de usos e costumes sociais.” Em 1845, essa tese foi repetida numa versão mais potente por um editor chamado John L. O’Sullivan, que escreveu sobre o “cumprimento de nosso Destino Manifesto de nos espalharmos sobre o continente designando pela Providência ao livre desenvolvimento de nossos milhões que anualmente se multiplicam”¹¹⁶.

A formulação e as reformulações da teoria do “Destino Manifesto” alimentaram e serviram como base teórica para o projeto que a camada dirigente estadunidense pretendia e imaginava não só para eles, mas para o resto da América.

Mantendo-se alheio dos embates econômicos da Europa, os Estados Unidos “desde 1823, manifestaram a sua determinação de potência regional ao promulgarem a Doutrina Monroe, que explicitava a predominância dos Estados Unidos e a não-aceitação de intervenção de qualquer potência externa no continente americano.”¹¹⁷

Durante esse período de anexações territoriais do século XIX, esse país, “experimentou um pujante desenvolvimento, agrícola, comercial e industrial”¹¹⁸, contudo sofreu “uma prolongada crise econômica que assolou o país entre 1873 e 1896, essa crise adquiriu contornos de depressão econômica”¹¹⁹. Como efeito dessa crise, os Estados Unidos necessitavam mudar mais uma vez sua postura internacional.

[...] os Estados Unidos se viram na necessidade de se abrirem para o mundo e de conquistar novos mercados. Ocorre que os mercados

¹¹⁶ *Idem*, p. 23.

¹¹⁷ MUNHOZ, Sidnei J. BERTONHA, João Fábio. *Impérios da Guerra Fria*. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da Silva; CABRAL, Ricardo Pereira; MUNHOZ, Sidnei J (orgs.). **Impérios na história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. p. 320.

¹¹⁸ *Idem*.

¹¹⁹ *Idem*.

mundiais, grosso modo, estavam fechados em função das políticas colonialistas mantidas, principalmente, mas não só, por Grã-Bretanha e França. Assim, os Estados Unidos foram à guerra com a Espanha, uma potência colonial em decadência, e se assenhorearam de forma direta e indireta de fatias do mercado colonial espanhol. Ao atuarem assim, os Estados Unidos assumiram uma nova postura no cenário internacional e demarcaram que, doravante, o país passaria a agir inclusive com o emprego de forças militares para defender os interesses do seu nascente e pujante capitalismo industrial.¹²⁰

No início do século XX uma das políticas de abertura comercial dos EUA era a chamada “política de portas abertas” iniciada com a China em 1899.¹²¹

Proclamado originalmente pelo secretário de Estado John Hay em 1899, com relação à China, as portas abertas tinham uma agradável conotação anticolonialista e anti-intervencionista. Mas não era nada disso, os Estados Unidos não objetavam aos direitos extraterritoriais estabelecidos pela Inglaterra, França, Alemanha, Rússia e Japão; demandavam apenas que homens de negócio americanos tivessem “igualdade de oportunidade”, diante dessas potências, para explorar a China. Como Woodrow Wilson admitiu francamente, não eram “portas abertas para os direitos da China, mas portas abertas para os produtos da América”. Thomas W. Lamont, um dos sócios mais importantes da Casa Morgan, explicou que as portas abertas visavam tão somente a remediar uma situação em que a China, em termos comerciais, “estava dividida em compartimentos praticamente estanques, enquanto outros países, como os Estados Unidos, que não eram compartimentalizados, não podiam fazer muito comercio”. É instrutivo que a proclamação unilateral de Hay tenha inspirado, em grande medida, tanto na Associação Asiático-Americana, um grupo de empresas têxteis com interesses no mercado oriental de produtos de algodão, que acusava a Europa de um impulso “consciente ou instintivo” contra os Estados Unidos na busca “dos mercados do mundo”, quanto na Companhia Sino-Americana de Desenvolvimento, que tinha a concessão de uma pequena parte na concessão da ferrovia Pequim-Cantão, e queria mais. Anticolonialismo nada tinha a ver com portas abertas¹²²

O que houve na China não foi diferente do que aconteceu nos países da América. O governo dos Estados Unidos atuou na defesa dos interesses comerciais das empresas estadunidenses.

O governo estadunidense, portanto, não era anticolonialista, mas sim estava preocupado em como suas empresas penetrariam em novos mercados, que a principio,

¹²⁰ *Idem.*

¹²¹ LENS, Sidney. **Da revolução ao Vietnã: uma história do imperialismo dos Estados Unidos.** op. cit. p. 415.

¹²² *Idem.*

eram dominados por empresas de outras potências. “Quando Hay falava de manter a ‘integridade territorial’ do Império Celestial, não era porque se opunha ao colonialismo em si, mas porque temia a divisão da China deixando de fora Tio Sam”¹²³. Entretanto “[...] isso não impediu que os Estados Unidos se juntassem com as outras quatro potências¹²⁴ para massacrar a revolta do Boxers de 1900, que teria assegurado a independência nacional da China.”¹²⁵

Ressalta-se realmente que o “imperialismo estadunidense” é realmente singular em alguns aspectos. De fato, enquanto, no século XIX, as grandes potências europeias procuraram criar impérios no sentido direto da palavra (com o assenhoreamento de territórios, a presença de tropas de ocupação e o domínio total dessas novas áreas), os Estados Unidos, já uma superpotência econômica, preferiram exercer o seu poder de forma mais discreta, através do exercício da hegemonia (América Latina) ou da influência direta (Oriente). Washington, assim, nunca procurou exercer domínio imperial nas suas áreas de interesse, mas domínio hegemônico com intervenções diretas apenas onde e quando era necessário (na América Central, por exemplo).¹²⁶

Deste modo, agindo em conjunto, governo e as empresas dos Estados Unidos, se diferenciam da prática imperialista das antigas potências Inglaterra e França, alimentando sua imagem externa e interna de protetores da liberdade e da democracia.

1.4 Os Estados Unidos e as duas grandes guerras mundiais

As interferências do governo estadunidense na América Latina e no Oriente, articulado com suas empresas nacionais, foram consequências da transformação econômica que ocorreu nos Estados Unidos. Assim como nos Estados Unidos, a Alemanha e outros países também tiveram uma transformação em suas indústrias nesse período e necessitavam de novos mercados para consumir suas mercadorias. Como a maioria dos mercados estava sob controle das potências França e Inglaterra, houve um crescente embate entre potências imperialistas na Europa, o que contribuiu para o início da Primeira Guerra Mundial em 1914.

¹²³ *Idem.*

¹²⁴ Rússia, Alemanha, França e Inglaterra.

¹²⁵ LENS, Sidney. *Da revolução ao Vietnã: uma história do imperialismo dos Estados Unidos*. op. cit. 416

¹²⁶ MUNHOZ, Sidnei J.; BERTONHA, João Fábio. *Impérios da Guerra Fria*. op. cit. p. 321.

Até 1917 o governo dos EUA manteve-se isolado e permaneceu fora dos conflitos na Europa, deste modo cultivando relações econômicas com as duas frentes inimigas. Essa relação, porém, não durou muito tempo: “Em 20 de agosto de 1914, o gabinete inglês britânico decidiu que não respeitaria a declaração de Londres de 1909, que formulava regras para o comércio neutro com nações beligerantes nos períodos de guerra”. Assim os Estados Unidos tiveram que enfrentar um novo bloqueio. O governo inglês, contudo, manteve comércio com os Estados Unidos, mesmo os estadunidenses não entrando no conflito.

Esse comércio gerou um aumento na lucratividade das empresas estadunidenses. “De 1914 até 1917, o produto das exportações de aço quadruplicou, passando de 250 milhões de dólares para 1,1bilhão; os compostos químicos, corantes e drogas subiram de 22 milhões para 181 milhões de dólares”¹²⁷. A exportação de munição cresceu de “meros 6 milhões de dólares por ano, em 1914, para 1,7 bilhão entre janeiro de 1916 e março de 1917.”¹²⁸

Os interesses da entrada dos Estados Unidos na guerra foram comerciais. Nos meses de janeiro e fevereiro a Marinha alemã “afundou 600 mil toneladas por mês de produtos americanos e Aliados”¹²⁹. No dia 2 de abril de 1917 o presidente Wilson declara guerra aos países Centrais.

Ao final do conflito, embora vitoriosas, Inglaterra e França encontravam-se econômica e socialmente combalidas. Além disso, elas haviam se tornado devedoras dos Estados Unidos, que já eram a maior economia do planeta. A Alemanha derrotada e submetida às clausuras ditadas no Tratado de Versalhes, estava arruinada, embora possuísse um vultoso parque industrial. Assim, os Estados Unidos emergiam como a maior potência industrial e como maior credor internacional. Os Estados Unidos apresentaram os 14 pontos do presidente Wilson e indicaram ao mundo as balizas para uma nova arquitetura de poder mundial. Contudo, resistência de parte da Inglaterra e da França levaram os Estados Unidos a um novo período de isolamento.¹³⁰

Apesar do crescimento econômico que os Estados Unidos tiveram durante a década de 1920, a crise de 1929 foi consequência da saturação de um sistema frágil e criou um efeito cascata.

¹²⁷ LENS, Sidney. **Da revolução ao Vietnã: uma história do imperialismo dos Estados Unidos**. op. cit. p. 362.

¹²⁸ *Idem, ibidem*.

¹²⁹ *Idem*, p. 385.

¹³⁰ Munhoz, Sidnei. *A construção do império estadunidense*. op. cit. p. 253.

Os investidores puseram-se a vender as ações para resgatar rapidamente os capitais investidos. A excessiva oferta de ações fez com que os preços desabassem, o que levou mais e mais capitalistas a se desfazerem dos seus investimentos acionários e a efetuarem demissões. Sem salários, sem poupança, e muitas vezes endividados, os trabalhadores deixaram de consumir. A redução drástica do consumo provocava o acúmulo dos estoques em níveis inaceitáveis. Essa situação levava as empresas afetadas a demitirem em massa.¹³¹

Uma das consequências da crise foi o aumento do protecionismo das nações. Outra consequência foi a retomada da expansão territorial dos países que não estavam satisfeitos com a distribuição pós-Primeira Guerra. Com o agravamento da crise e a ascensão de governos autoritários na Itália, Alemanha e Japão, esses países iniciaram sucessivas ações para expandir seus territórios.

As indústrias japonesas, apesar de não terem se desenvolvido no mesmo período em que se desenvolveram as outras grandes potências, viam que para assegurar seu espaço em uma nova configuração geopolítica internacional, deveriam conquistar áreas de influência para garantir matéria-prima e comércio.

As indústrias japonesas, aliadas ao governo do Japão, ao tentarem expandir sua área de influência pela Ásia encontraram pelo caminho as empresas dos EUA que agiam nessa região desde o final do século XIX. Essas mantinham ali uma das principais fontes de matéria-prima, além de um comércio bastante lucrativo cuja concentração se dava nessa região. Assim, só restava ao governo do Japão enfrentar os estadunidenses:

Seu primeiro passo para a expansão colonial foi a conversão da província chinesa da Manchúria (800 mil quilômetros quadrados, um sexto do tamanho da América do Norte Continental) num Estado títere. Em 18 de Setembro de 1931, usando um pretexto de que alguns atos de vandalismo haviam danificado ligeiramente sua linha ferroviária perto de Mukden, os japoneses invadiram toda a província. Alguns meses depois, um regime vassalo declarou sua independência da China e Pu Yi, último descendente de uma antiga linhagem de imperadores manchus, foi instalado como líder nominal de um novo “país”, Manchukuo, totalmente sob o controle nipônico.¹³²

É evidente que com essa configuração as exportações do Japão para essa região aumentaram, enquanto as dos EUA diminuíram. O governo do Japão continuou sua

¹³¹ *Idem, ibidem*, p. 254.

¹³² LENS, Sidney. **Da revolução ao Vietnã: uma história do imperialismo dos Estados Unidos**. op. cit. p. 428.

expansão territorial pela Ásia, eles “[...] atacaram Xangai em janeiro de 1932; tomou o Jehol, região montanhosa situada nos confins ocidentais da Manchúria, em 1933; apossaram-se da Mongólia interior da China do Norte em 1935-6”¹³³.

Com o desenvolvimento do impasse diplomático e dos confrontos na Europa, encaminhando-se para uma guerra, os japoneses apostaram num ataque aos estadunidenses: “Pearl Harbor foi bombardeada por uma força tarefa nipônica em 7 de dezembro de 1941”¹³⁴.

A intenção dessa parte do capítulo não era historicizar todos os antecedentes da Segunda Guerra Mundial, mas sim explicar as relações políticas e econômicas estadunidenses que desencadearam esses conflitos.

1.5 A indústria cultural na Segunda Guerra Mundial

1.5.1. Cinema

Embora o objeto desta pesquisa seja as histórias em quadrinhos dos *Avengers* na década de 1960, o cinema também nos permite verificar a dimensão da utilização da cultura de massas como auxiliar na propaganda de um determinado projeto econômico e político.

Podemos observar essa relação entre propaganda e cinema através da influência da UFA (*Universum Film Aktien Gesellschaft*) na ascensão de Hitler e também nas produções de Hollywood, que foram utilizadas para promover um inimigo externo, o nazista, além de servirem para ajudar no alistamento militar e na arrecadação de impostos para a Segunda Grande Guerra Mundial.

O historiador Nilo André Piana de Castro, em seu texto *Segunda Guerra Mundial e cinema* (um dos capítulos do livro *Segunda Guerra Mundial, da crise dos anos 30 ao Armagedón*) faz uma análise da conjuntura desse período no cinema alemão e estadunidense.

¹³³ *Idem, ibidem*, p. 429.

¹³⁴ RODRIGUES, Gabriela. *O Conflito na Ásia*. In: PADRÓS, Henrique Sierra; RIBEIRO Luis Dário T.; GERTZ, René (orgs.). In_: **Segunda Guerra Mundial. Da Crise dos anos 30 ao Armagedón**. Org. Enrique Serra Padrós, Luiz Dario Teixeira Ribeiro, René E. Gertz. Porto Alegre: Folha da História/CD-AIB/PRP/Livraria Palmarinca Editora. 2000. p.182.

Antes de 1923 o partido do qual Hitler fazia parte não tinha muita expressão nacional. Um dos elementos que ajudaram na divulgação das ideias nazistas, após o *Putsch* da cervejaria foi a produção de documentários sobre o incidente.

O nazismo e o cinema têm ligações remotas que datam de antes da ascensão de Hitler ao poder. Entre 1923 e 1925, muitos alemães puderam ver, pela primeira vez, a figura de Adolf Hitler em documentários que cobriram o *Putsch* da cervejaria e o julgamento que se seguiu. Então o movimento nazista era um fenômeno regional, limitado à Baviera. A Universum Film Aktion, mais conhecida mundialmente como UFA, a principal produtora de filmes alemães, se encarregaria de manter, sempre que possível alguma nota sobre o movimento “revolucionário” (como era chamado na época) de extrema direita nessa fase mais embrionária do nazismo¹³⁵.

O *Putsch* da cervejaria fracassou, pois o Partido Nacional não tinha apoio popular. Foi apenas quando uma grande empresa de cinema se interessou pelas propostas e pelo carisma de Hitler que ele ganhou projeção nacional através da UFA. Os empresários que financiavam a UFA também contribuía com o partido nazista, a UFA utilizou de seu poder econômico para manter Hitler em voga.

A UFA era uma empresa fundada em 1917, no final do primeiro conflito europeu. Tinha larga dependência do grande capital, principalmente da empresa de Krupp e de sua indústria bélica. Essa mesma Krupp, junto com Thissen e suas indústrias poderosas, aparecem entre as principais contribuintes para o partido nacional socialistas dos trabalhadores alemães (nazista). Era natural que o nazismo ganhasse espaço no cinema, visto que tanto um como outro eram financiados pelo mesmo investidor¹³⁶.

Fica claro que os investimentos do capital nacional alemão foram definitivos para criar a imagem de Hitler. Hitler, contudo, só chegaria ao poder após várias articulações políticas no Parlamento e através de decretos, meses depois de ser nomeado Chanceler em 1933.

A indústria cinematográfica dos EUA manteve certa dubiedade acerca de temas políticos durante os anos 1930, entretanto após 1940 ela se engajou na propaganda antinazista e pró-guerra.

¹³⁵ CASTRO, Nilo André Pianna de. In_: **Segunda Guerra Mundial. Da Crise dos anos 30 ao Armagedón**. Org. Enrique Serra Padrós, Luiz Dario Teixeira Ribeiro, René E. Gertz. Porto Alegre: Folha da História/CD-AIB/PRP/Livraria Palmarinca Editora. 2000.p. 279.

¹³⁶ *Idem, ibidem*.

Em Hollywood, ao iniciar-se a guerra, imperava ainda o famoso isolacionismo. Os anos que a Europa se tencionou política e militarmente não haviam repercutido no cinema americano de forma eficiente, filmes politizados não eram a tônica hollywoodiana. Os EUA começavam a emergir do caos da quebra da bolsa de 1929 e o cinema cumpriu um papel importante na propagação do New Deal durante toda a década de trinta. Filmes sobre crise internacionais como a Guerra Civil Espanhola não eram bem vistos, embora alguns tenham sido rodados, como *Bloqueio* (EUA, 1938, Direção Willian Dieterle) o mais célebre deles¹³⁷.

Os políticos dos EUA viam a URSS e a Alemanha como inimiga que poderiam atrapalhar as políticas econômicas e as esferas de influência dos EUA. O anteriormente citado Sidney Lens traz uma pequena fala de Henry S. Truman vice-presidente dos EUA, pouco depois que a Alemanha invadiu a URSS: “Se virmos a Alemanha vencendo a guerra teremos de ajudar a Rússia, e, se a Rússia estiver vencendo, teremos de ajudar a Alemanha, assim, que se matem tantos quanto possam”¹³⁸. Essa dubiedade é, na verdade, uma política para conservar a presença estadunidense como principal país imperialista, pois visto que qualquer um sagrado vencedor desse conflito colocaria em risco a posição dos EUA, era preciso auxiliar o país que seria menos ofensivo em suas políticas internacionais.

Apesar dos atritos do governo e das empresas estadunidenses com o Japão no Pacífico, até o Pacto de Tripartite em 1940, entre Japão, Alemanha e Itália, a situação dos EUA perante a guerra não muda.

Isso fica claro quando observamos a atuação da *United Artists* com relação às filmagens de *O grande ditador*, de Charles Chaplin: antes de 1940, havia resistência à sua filmagem, após 1940, as pressões foram para que ele não filmasse o filme, como mostra o texto de Rodrigo de Azevedo Weimer, *O grande ditador*, situado no livro *Cinema e Segunda Guerra*.

Ao divulgar a intenção de realizá-lo, em 1934, o autor sofreu diversas represálias, e não só de simpatizantes do nazismo. Entre 1934 e 1939, foram imensas as pressões para que abandonasse o projeto. Lembre-se que, na década de 30 “para muitos direitistas, ser antinazista equivalia a ser bolchevique”; e já nos anos 50, Chaplin foi vítima do macartismo. Um aspecto a destacar foi as pressões diplomáticas

¹³⁷ *Idem*, p. 275.

¹³⁸ LENS, Sidney. **Da revolução ao Vietnã: uma história do imperialismo dos Estados Unidos**. op. cit. p. 492.

realizadas pelos países do Eixo, proibindo a exibição de seus filmes em 1937 e ameaçando proibir todos os filmes norte americanos caso Chaplin levasse adiante seu projeto. Assim, aconteceram imensas pressões da indústria cinematográfica para que o Grande Ditador não fosse rodado. Além do interesse da indústria cinematográfica norte-americana no mercado alemão, aponta-se a conveniência das potências capitalistas liberais diante da ascensão do fascismo¹³⁹.

A drástica mudança na indústria cinematográfica está relacionada não só à política do Estado estadunidense, também se deve levar em consideração as demais relações que estão em torno de uma produção de cinema. A produção de um filme hollywoodiano possui em seu entorno uma grande estrutura comercial de propaganda que envolve diversas indústrias, como as de carro, alimentos, cigarros, roupas, cosméticos, bebida etc¹⁴⁰. Muitas vezes os filmes se tornam um comercial e quando chegam às salas de cinema, já estão pagos.

Se a indústria nacional perdesse território para a de outros países, os patrocínios para a produção de filmes iriam diminuir e assim a indústria cinematográfica perderia com isso. Tendo em vista que os seus maiores investimentos são os relativos às propagandas, isso acarretou também que vários atores e diretores encabeçassem essa batalha:

A necessidade de informar a população sobre as dimensões do conflito, sobre o “caráter” dos inimigos e os objetivos americanos de defender a liberdade, passou a ser cuidadosamente planejada nos estúdios. Por sua vez os documentários também ganharam uma larga importância. Consagrados diretores americanos como Frank Capra, John Huston, John Ford, Geoger Kukor e muitos outros ingressaram nesse campo. Literalmente fardados, eles rodaram e, principalmente, realizaram montagens de imagens assinando filmes informativos e de propaganda. A principal série de filmes documentais conscientizadores de guerra chamou-se *Why we fight (Por que combatemos)* e foi produzido por uma equipe de diretores comandada por Frank Capra¹⁴¹.

¹³⁹ WEIMER, Rodrigo de Azevedo. *O grande Ditador In: Cinema e Segunda Guerra Mundial*. Org. Nilo André Piana de Castro Porto Alegre: URGs, 1999. p. 37.

¹⁴⁰ *Thank You for Smoking* [Obrigado por fumar] de 2005. Filme que mostra os bastidores da história um lobista que representa as indústrias de cigarro.

¹⁴¹ CASTRO, Nilo André Pianna de. *Segunda Guerra Mundial e cinema*. op. cit. p. 277.

O texto de Castro é interessante, pois mais uma vez observamos o uso da palavra "liberdade" para justificar uma ação militar, invocando o seu modelo político econômico, o qual deve ser seguido.

Como observamos acima, ao entrar na Segunda Guerra Mundial, o interesse do governo estadunidense não era de salvaguardar a liberdade dos países invadidos pela Alemanha Nazista, mas sim de assegurar os mercados que representavam esses países, portanto essa guerra envolveu interesses econômicos e políticos, era uma guerra imperialista. Todavia era necessário justificar internamente essa intervenção. Para isso a indústria cinematográfica utilizou-se do maniqueísmo entre o bem e o mal para forjar um inimigo a ser combatido. Esses filmes não foram produções de longa metragem, mas sim curtas metragens que eram exibidos antes das apresentações dos filmes.

Antes da difusão da televisão no final dos anos 1960, as notícias eram exibidas em jornais impressos ou em informativos que eram exibidos nos cinemas antes dos filmes. Esse formato fora usado por Hollywood para informar das ações dos exércitos, contra quem estavam lutando e o porquê.

Antes da exibição de qualquer filme de ficção se exibiam curtas de atualidades da guerra, rodados de forma industrial e subvencionados pelo governo. Esses curtas retratavam desde as mudanças no cotidiano americano, passando pelas fábricas de armamentos, pelas frentes de combate e pela ampla cobertura do alistamento voluntário das grandes estrelas de Hollywood; Clark Gable e James Stewart na aviação, Tyrone Power nos fuzileiros e, assim por diante, quase todos os artistas importantes ou secundários como Ronald Reagan, estavam fardados e muitos realmente entraram em combate, o que era amplamente divulgado na mídia americana¹⁴².

O estúdio da Walt Disney World produziu inúmeros curtas-metragens de animação tendo os alemães e os japoneses como inimigos dos Estados Unidos da América, contrariando o mito que existia a respeito de Walt Disney, dizendo que ele possuía uma simpatia com a política nazista.

A dissertação de mestrado da historiadora Bárbara Marcela Reis Marques de Valasco, *Das Disney's Face Representações do Pato Donald na Segunda Guerra Mundial (1942-4)*, analisa dez curtas metragens feitos pela Disney. As análises realizadas nesse trabalho são muito interessantes para percebermos que diversos temas foram abordados nessas produções.

¹⁴² *Idem.*

A historiadora separou essas curtas metragens em diversos temas e analisou em blocos cada uma das películas. No primeiro bloco de, foram analisadas as películas com o tema sobre o pagamento de imposto; *The new spirit*; O segundo de análises foi o bloco a respeito da vida no quartel e alistamento militar; *Donald gets drafted, The vanishing private, Sky trooper*; o terceiro bloco de filmes analisados teve como tema o ataque nazista; *Der Fuehrer's face*, apesar de *The spirit of 43*, ser classificado como ataque direto aos nazista, essa película também tem como tema o pagamento de impostos. E o ultimo bloco com o tema de ataque ao Japão; *Fal out-fall in, The old army game, Home defense e Commando Duck*.¹⁴³

Outra informação muito interessante é que a autora nos traz em sua pesquisa é que a produção *A Face do Fuhrer* ganhou um *Academy Awards* em 1943 com melhor documentário¹⁴⁴.

Outras duas obras cinematográficas que temos conhecimento da Disney desse período são os longas-metragens *Alô Amigos!* e *The three caballeros*. *Alô Amigos!* (*Saludos Amigos*), desenho em que além do Pato Donald contracenar com nativos, esse filme ficou marcado pela primeira aparição de Zé Carioca. O filme também conta com a participação do personagem Pateta visitando os pampas gaúchos. *The three caballeros* contém os personagens Zé Carioca, Pachito e Pato Donald em uma aventura pela America Latina.

Segundo Nilo de Castro, esses longas metragens “enaltecem as relações pan-americanas e homenageiam não só o Brasil, mas Argentina, Bolívia, Chile, Peru, México e Uruguai numa clara utilização do cinema para os interesses do Estado”.

Apesar de todas essas produções, em minha opinião, a película que mais caracteriza o antinazismo das produções da Disney é *Education for death*¹⁴⁵ de janeiro de 1943. Ao iniciar o desenho aparece a seguinte descrição: "The story one of children's Hitler has adapted from"¹⁴⁶, após isso, surge o livro *Education for death, the making of the nazi*¹⁴⁷ de Gregor Ziemer. Nos parece que a intenção do autor do desenho é a de

¹⁴³ Essa relação foi retirada do quadro da página 5 da dissertação de mestrado de Barbara Marcela Reis Marques de Valasco, intitulada *Das Disney's Face Representações do Pato Donald na Segunda Guerra Mundial (1942-4)*.

¹⁴⁴ VALESCO, Bárbara Marcela Reis Marques de. *Das Disney's Face Representações do Pato Donald na Segunda Guerra Mundial (1942-4)*. Dissertação apresentada para a Universidade Nacional de Brasília para obtenção do título de Mestre em História, 2009.

¹⁴⁵ “Educação para a morte”. Tradução livre.

¹⁴⁶ “Uma história das criança de Hittler, foi adaptada de...”

¹⁴⁷ “Educação para a morte, a construção de um nazista”.

passar para o telespectador que a história do desenho foi fundamentada no livro. A animação narra à história de Hans, um menino que nasce na Alemanha nazista.

A narrativa do desenho constrói a imagem de que o governo nazista transforma as crianças inocentes em soldados do exército por meio da educação que eles recebem na escola, onde aprendem que a Alemanha é uma grande nação que deve dominar o resto do mundo.

Esse filme nos mostra a intenção dos produtores da Disney de criarem uma dicotomia entre EUA e Alemanha: Alemanha má e o EUA bom. Aqui percebemos que mais uma vez o discurso da liberdade estadunidense está implícito em um roteiro de ficção, apesar de não fazerem nenhuma menção aos EUA, os roteiristas dizem que na Alemanha não há liberdade e as pessoas não pode nem escolher o nome do próprio filho¹⁴⁸.

A *Disney* pretendia com essa produção criar a “face” maléfica do “*führer*”, ou seja, simplificar a estrutura política da Alemanha e seus avanços bélicos imperialistas pela Europa na figura caricatura de Hitler e resumindo sua pessoa em um louco, ignorando as relações sociais e o contexto histórico do país, incluindo o apoio de setores da população civil, como já mencionamos a respeito das produções cinematográficas feitas na Alemanha nazista.

Além dessas produções da Disney, houve uma gama de produções culturais realizadas pelos estúdios de cinema apoiando o esforço de guerra¹⁴⁹ A Warner Bros produziu os curtas com os personagens do Patolino *Daffy- The Commando*¹⁵⁰ e com o Pernalonga, *Herr meets hare*¹⁵¹ e a Famous studios produziu um desenho em que o marinheiro Popeye enfreta os japoneses, *You're a sap. Mr. Jap*¹⁵². É interessante também ver a excelente produção dessas animações que impressionam até hoje pela tecnologia utilizada.

1.5.2. As histórias em quadrinhos e a guerra

¹⁴⁸ Uma das primeiras cenas desse desenho mostra os pais de Hans em um departamento do governo alemão para registrar o seu nascimento. Ao lado desse soldado alemão, há uma lista de nomes que o governo permite que se dêem as crianças nazistas.

¹⁴⁹ Essas informações são retiradas dos próprios desenhos encontrados no site *Youtube*, no qual estão disponíveis diversas outras animações produzidas durante a Segunda Guerra Mundial.

¹⁵⁰ Daffy, O Comando, Daffy traduz-se literalmente como insano, personagem que no Brasil ficou conhecido como Patolino. (tradução livre)

¹⁵¹ Sr. Atenda a lebre (coelho). (tradução livre)

¹⁵² You are a sap, Mr Jap: sap é Sad And Pathetic: Triste e patético, ou seja, Você é um triste e patético Sr. Japa. (tradução livre)

Assim como os estúdios de cinema, as editoras de histórias em quadrinhos nos anos de 1940 também produziram uma gama de historietas que relacionavam seus personagens ao tema de guerra.

O mais interessante dessas revistas é que não foi apenas uma determinada editora que se mostrou disposta a se engajar no conflito, mas muitas delas - assim como as produtoras cinematográficas - revelando com isso que a indústria cultural se engajou nesse conflito.

Não daremos conta de analisar todas essas revistas, mesmo porque nossa intenção não é essa, mas sim mostrar como a indústria cultural estadunidense se organizou em torno de uma pauta e suas publicações, por mais diferentes que fossem, buscaram criar um inimigo comum, o Eixo.

Nesse capítulo separamos algumas capas de revistas das duas que seriam após os anos 1960 as maiores editoras de histórias em quadrinhos dos EUA, a DC Comics e a Timely Comics que a partir dos anos 1960 se tornaria a Marvel Comics.

Escolhemos os personagens dessas editoras que se tornaram grandes ícones desse segmento. Da DC Comics, *Superman*, *Batman* e da Timely/Marvel *Capitão América*, *Namor*¹⁵³ e *Human Torch*.

Nossa análise constitui-se da seguinte forma: começaremos com algumas capas originais da revista *DC Comics*, *Superman* e *Batman* publicadas no período da Segunda Guerra Mundial, apenas para ilustrar que a DC também publicou inúmeras revistas com o tema de guerra.

Após isso nos concentraremos nas capas de algumas revistas da Timely Comics também publicadas durante a Segunda Grande Guerra, em que os personagens *Namor*, *Human Torch* e *Capitão América* apareceram. Daremos mais atenção ao *Capitão América*, pois ele é o foco principal de nossa pesquisa em conjunto com os outros super-heróis que integraram a equipe dos *Avengers*, que surgem nos anos 1960.

¹⁵³ Optamos por deixar os nomes dos super-heróis em inglês, pois aqui no Brasil, as editoras em sua maioria, não traduziram ou adaptaram os nomes desses super-heróis. Apenas traduzimos o nome do *Capitão América*.

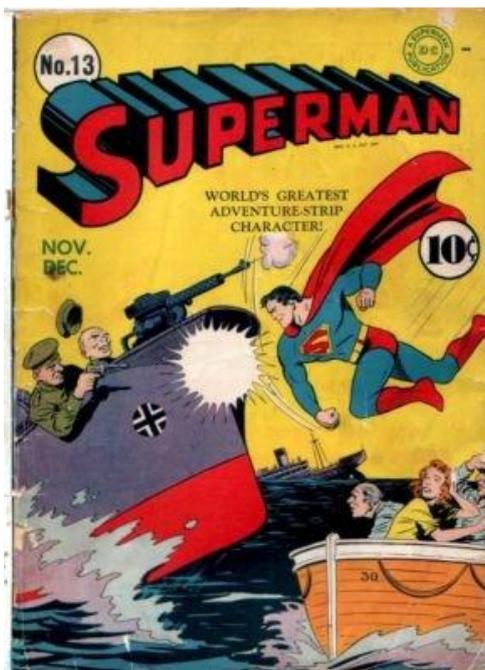


Figura 1

Superman nº 13 de novembro\dezembro de 1941. “Aventura do maior personagem do mundo”. A insígnia característica do exército alemão, uma cruz negra com entorno branco aparece no navio, isso indica que se trata de um barco nazista. No fundo um navio afundando. E em um bote salva vidas dois senhores e uma mulher.

O que pode se perceber nessa capa é que o Superman está lutando para defender os EUA de ataques alemães. Pela data compreendemos que os EUA ainda não entraram na guerra e assim como as produções cinematográficas, essas histórias em quadrinhos já retratam um “inimigo alemão”.

Essa construção ressalta o discurso de entrar na guerra para se defender, pois os dois soldados do barco estão armando e atirando contra o Superman. Podemos observar isso pela fumaça que sai das armas. O Super rebate uma das balas com a mão identificando que ele está protegendo os cidadãos do barco. A figura desses cidadãos aumenta a dramaticidade da cena.

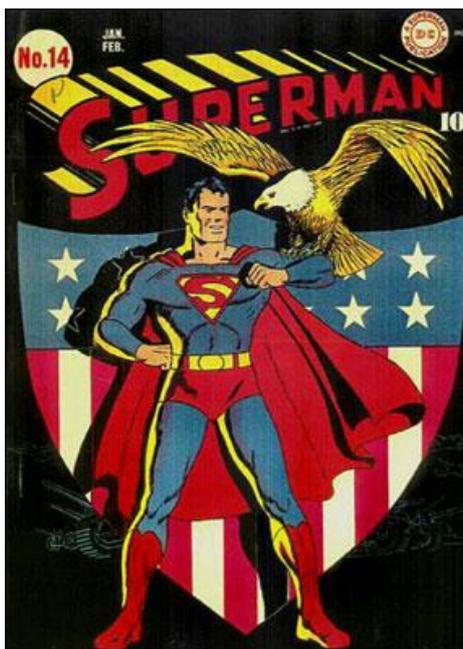


Figura 2

Superman nº 14 janeiro\fevereiro de 1942. Superman encontra-se a frente do escudo do exército dos EUA, com uma águia natural desse país, símbolo da nação. Atrás deles canhões, aviões, navios, ilustrando que o Superman está lutando com o exército contra os inimigos da nação. Aqui oficialmente os EUA já haviam entrado na guerra.

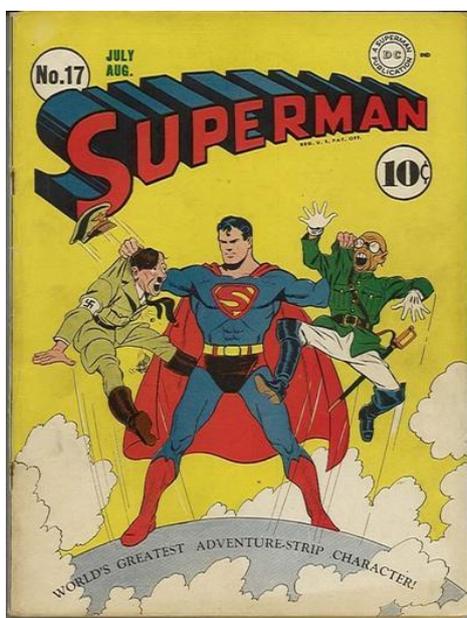


Figura 3

Superman nº 17 de julho\agosto de 1942. “Aventura do maior personagem do mundo”. Nessa capa o autor apresenta Superman segurando Adolf Hitler e o Imperador

Hirohito no topo do mundo. A imagem do herói sobrepõe a dos dois outros simbolizando a força dos EUA na figura do Superman, pois ele venceu os inimigos da nação.

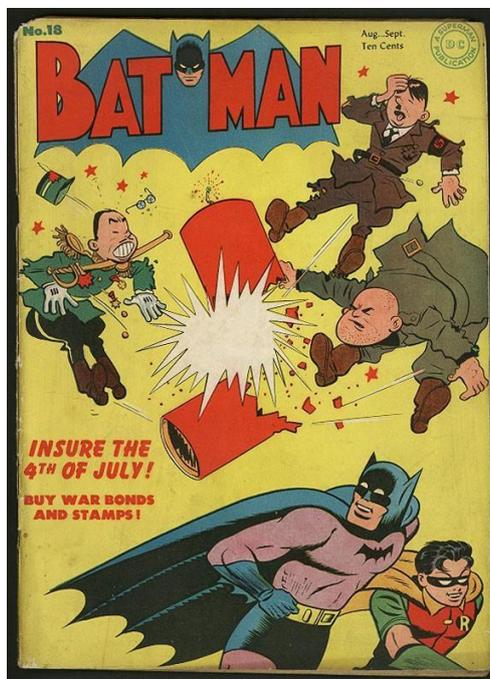


Figura 4

Batman nº 18 de agosto\setembro de 1943. A capa traz três figuras caricatas de Mussolini, Hitler e Hirohito e um traque estourando. O “Insure the 4th July” significa assegurar a independência e não a data “4 de julho” como tradução literal. Abaixo essa descrição aparece outro texto, “Buy war bonds and stamps” a capa indica a compra de títulos de guerra¹⁵⁴ e de selos, ou seja, “Para assegurar a liberdade, compre títulos de guerra e selos”. Essa capa mostra que as histórias em quadrinhos auxiliaram também na arrecadação de fundos para a guerra.

A editora Timely/Marvel também foi responsável por dezenas de publicações nesse período. A primeira revista publicada por essa editora foi a revista *Marvel Comics* #1 em 10 de novembro de 1939. Essa revista de estreia contava com dois personagens Human Torch e Namor¹⁵⁵.

¹⁵⁴ Títulos de Guerra, ou Bônus de Guerra são papéis impressos pelo governo dos EUA. Segundo a lei americana, o dinheiro aplicado em bônus de guerra é posto em um fundo que pode ser usado para qualquer tipo de despesa não só para pagar operações militares. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u33738.shtml>> Acesso em 2 nov. 2012.

¹⁵⁵ Seu nome varia nas revistas, às vezes ele é chamado de Namor ou Sub-mariner. No Brasil ele é conhecido somente por Namor.

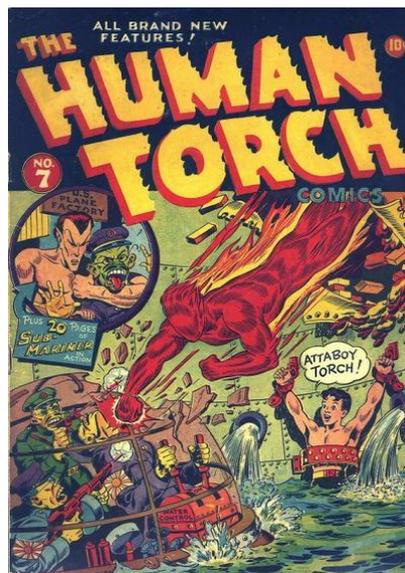


Figura 5

A primeira capa que vamos mostrar é a revista *Human Torch* número 7, de abril de 1942. Essa capa traz o *Human Torch* entrando no que aparenta ser um submarino e três sujeitos vestidos com uniforme militar. No uniforme de dois deles é possível observar a bandeira japonesa no braço direito, eles estão atirando contra o *Human Torch*. Há também um garoto, Toro, ajudante do *Human Torch* preso na parede desse submarino. A cena também mostra os soldados japoneses com um controlador de água que está inundando o submarino. Outro personagem que aparece na capa é *Sub-mariner* (Namor) está enforcando um sujeito com aparência asiática e verde, com os dizeres no alto “Fábrica de aviões dos EUA” e a baixo “Mais 20 páginas de Sub-mariner em ação”. Aqui oficialmente os EUA já estão em guerra e o alvo principal são os japoneses.



Figura 6

A revista *All Winners Comics* teve sua primeira edição publicada em 1º de junho de 1941, e seu elenco de personagens é formado por: Angel, Bucky Barnes, Namor, *Black Marvel*, *Captain America*, *Human Torch* e Toro.

A próxima capa é da revista do *Captain America*. Talvez o personagem mais significativo desse período. Isso porque a princípio, ele pode ser caracterizado como um herói e não um super-herói.

O editorial da revista *Capitão América: “As primeiras histórias”* de 1992 nos apresenta a seguinte informação: o editor Martin Goodman deixa claro aos roteiristas dessa revista (Jack Kirby e Joe Simon) que precisavam de um personagem “de um tipo não muito agressivo, que usasse a violência como último recurso, mas que fosse capaz de abrir caminho até o líder nazista com os próprios punhos”¹⁵⁶.

O que faz o Capitão América diferente é que ele não é um alienígena com superpoderes (Super-Homem), nem um ser mitológico (Diana princesa amazona, Mulher Maravilha), um deus marinho (Narmor, que é o senhor de Atlântida) ou um animal (Pato Donald), e apesar de Bruce Wayne (Batman) ser um humano sem poderes sobrenaturais, ele é um “playboy” de Gotham City¹⁵⁷ que após o assassinato de seus pais, herda uma imensa fortuna, com esse dinheiro ele constrói seus equipamentos. Portanto esses outros personagens possuem pouca identificação com a maioria da população estadunidense da época e muito menos com os soldados que lutavam durante a guerra, ou seja,

¹⁵⁶ Revista *Capitão América: As primeiras histórias*. São Paulo: Abril, 1992. p. 5

¹⁵⁷ Gotham City é a cidade fictícia em que reside o herói Batman.

contrário dessas outros personagens Steve Rogers é um cidadão comum.¹⁵⁸

Nesse sentido, “A diferença de Steve Rogers, o alterego¹⁵⁹ do Capitão América, das outras personagens é, portanto sua história antes de ser tornar um super-herói”¹⁶⁰. “Hoje, esse rapaz alistou-se no exército e foi recusado por suas condições físicas sua oportunidade de servir ao país parecia perdida”¹⁶¹. O que parecia perfeito para um panfleto de alistamento no exército, pois de fato o governo dos EUA comprou essas revistas e enviou para os soldados.

[...] o Capitão América era um panfleto e havia público para ele. Um público que foi com o Capitão América para as trincheiras, quando sua tiragem foi toda comprada pelo governo estadunidense e distribuída entre seus “soldados franzinos”. Jovens que se alistaram no exército estadunidense e que viam na personagem, a inspiração para que pudessem manter o seu ideal enquanto combatentes da guerra¹⁶².

As páginas dessas revistas possuíam conteúdo maniqueísta. Os EUA apareciam como uma nação livre e democrática, seus líderes, nesse período, nunca atacavam os inimigos. Os inimigos do Capitão América são, em sua maioria, alemães, mas há também italianos e japoneses. Eles eram mostrados como perversos antidemocráticos e comandados por um líder mal e disposto a invadir os EUA sempre que pudesse.

Com essa representação, os editores das revistas não acentuavam as contradições históricas que aconteceram para a chegada de Hitler no poder e nem o sistema político e econômico da Alemanha. Suas contradições sociais, o trabalho, o extermínio de judeus, ciganos, comunistas e homossexuais etc., nada disso foi tratado nas histórias, apenas houve a ênfase de um discurso ideológico sobre liberdade e democracia voltada à defesa dos EUA contra a invasão nazista.

¹⁵⁸ PEREIRA, Carlos Eduardo B. *O nascimento do Sentinela da Liberdade: As histórias em quadrinhos do Capitão América como propaganda estadunidense na Segunda Guerra Mundial*. Unioeste, Marechal Cândido Rondon, 2010. p. 3

¹⁵⁹ Alter ego ou alterego (do latim *alter* = *outroego* = *eu*) pode ser entendido literalmente como *outro eu*, outra personalidade de uma mesma pessoa. O termo é comumente utilizado em análises literárias para indicar uma identidade secreta de algum personagem ou para identificar um personagem como sendo a expressão da personalidade do próprio autor de forma geralmente não declarada. Disponível em <http://www.significados.com.br/alter-ego/>. Acessado em 02.11.09.

¹⁶⁰ PEREIRA, Carlos Eduardo B. *O nascimento do Sentinela da Liberdade: As histórias em quadrinhos do Capitão América como propaganda estadunidense na Segunda Guerra Mundial*. op. cit. p. 33.

¹⁶¹ Revista Capitão América: As primeiras histórias. São Paulo: Abril, 1992. p. 12.

¹⁶² CHAGAS, Luciana Z. *Capitão América: interpretações sócio-antropológicas de um super-herói de histórias em quadrinhos*. In: *SINAIS - Revista Eletrônica. Ciências Sociais*. Vitória: CCHN, UFES, v.1, n3. p. 140.

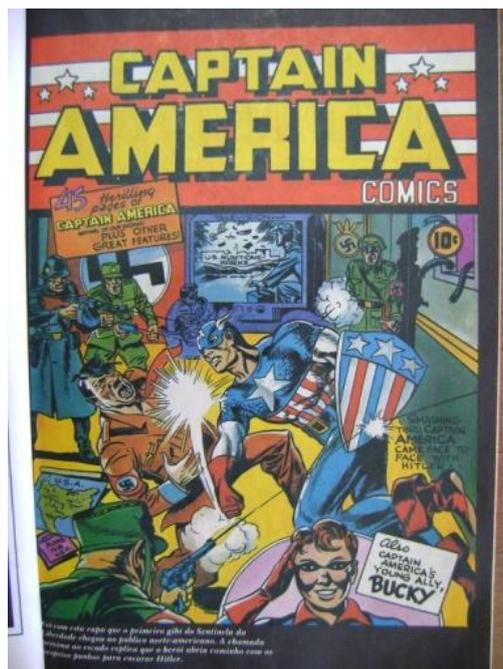


Figura 7

A imagem da capa da primeira revista do Capitão América é muito significativa para entender como a questão da liberdade e o estereótipo da ameaça nazista à democracia estadunidense estavam presentes nessa revista.

Primeiro podemos ler nas chamadas da capa várias mensagens como: “45 páginas do disposto Capitão América, sentinela de nossa costa. Além de outros grandes atributos.” ou “O formidável Capitão América frente a frente com Hitler” e também “Capitão América e seu jovem aliado Bucky.” Além disso, percebermos que a capa é inteiramente feita para parecer que o exército nazista estava pronto para atacar os EUA.

Ao mesmo tempo, podemos observar uma televisão com a imagem de uma fábrica de munições estadunidenses, um mapa dos EUA e um pequeno livro roxo com os dizeres “Planos de sabotagem para os EUA”. Soldados de várias patentes e claro a famosa cena do Capitão América dando um soco no Hitler.

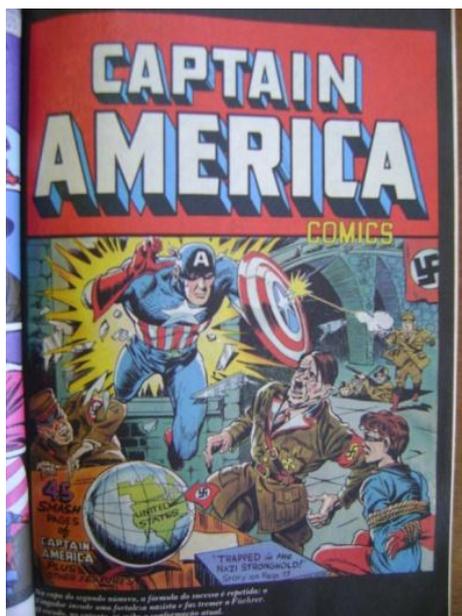


Figura 8

Na segunda revista, de abril de 1941, há mais “45 páginas do disposto Capitão América, sentinela de nossas fronteiras. Além de outros grandes atributos”. Logo na capa é anunciado que a partir da página 17 da revista, o Capitão América estará preso em uma fortaleza nazista.

O cenário da capa aparenta ser o esconderijo de Hitler, o qual o Capitão América está invadindo para salvar Bucky. Como podemos observar, há soldados alemães de diversas patentes que atiram no Capitão. Mais uma vez há referências à invasão nazista aos EUA. Há um globo em cima da mesa com uma bandeira com a suástica fincada no mapa dos EUA.

As duas revistas trazem em seu conteúdo quatro histórias que imaginam uma invasão nazista aos EUA. Três dessas quatro histórias se passam em cidades dos EUA, com personagens fictícios e suas missões, que é a de sabotar espaços vitais para o funcionamento dos EUA, como fábricas de munição, pontes, estradas etc., ou matar determinadas figuras políticas¹⁶³.

Em Agosto de 1941 a Timely lança uma revista chamada *USA Comics*, que também contou com a participação do Capitão América a partir de dezembro de 1942. Essa publicação foi editada paralelamente com as revistas do Capitão América.

¹⁶³ Ver as análises feitas no trabalho de conclusão de curso PEREIRA, Carlos Eduardo Boaretto. O Nascimento do Sentinela da Liberdade: As histórias do Capitão América como propaganda antinazista Abril e Março de 1941. Unioeste, Marechal Cândido Rondon, 2010.



Figura 9

Na capa da edição de dezembro de 1942, podemos perceber o Capitão América invadindo uma sala novamente para salvar Bucky. A sala está repleta de soldados nazistas que podem ser identificados pela suástica em seus braços. Os soldados estão torturando Bucky.

Em junho de 1941 a Timely lançou *Young Allies*¹⁶⁴ estrelado por Bucky, parceiro adolescente do Capitão América, e por Toro, parceiro adolescente do Human Torch.

¹⁶⁴ Jovens Aliados. Tradução livre

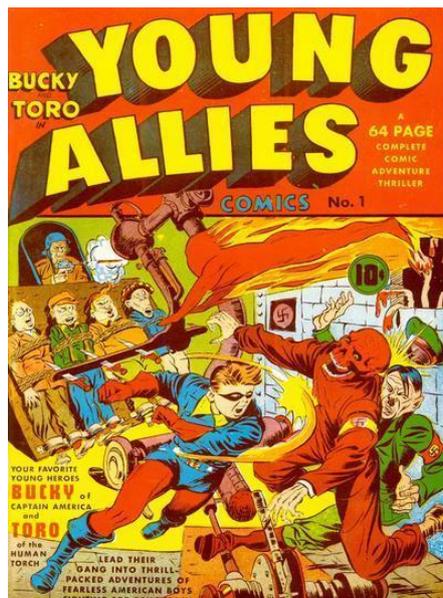


Figura 10

No alto da capa, o título anuncia: “Bucky e Toro em Jovens Aliados. 64 páginas completas de história em quadrinhos, aventura e suspense”.

Na imagem podemos observar um soldado que atira contra Toro. Toro está indo em direção a quatro prisioneiros que estão amarrados em uma máquina que contém facas, essa imagem deixa claro que a revista foi construída para salientar o perfil sádico dos inimigos dos EUA.

Bucky aparece dando um soco no Caveira Vermelha e por consequência derrubando Hitler. Ainda com os dizeres “Seus jovens heróis favoritos, Bucky do Capitão América e Toro do Human Torch” e abaixo de Bucky: “Os meninos americanos que lutam pela democracia conduzem sua gangue sem medo em aventuras emocionantes”

Em 1º de fevereiro de 1943 é lançado à revista *Kid Komics*, com vários personagens, entre eles Captain Wonder¹⁶⁵ e, a partir de junho de 1943, também com Toro e Bucky.

¹⁶⁵ Capitão Maravilha. Tradução livre

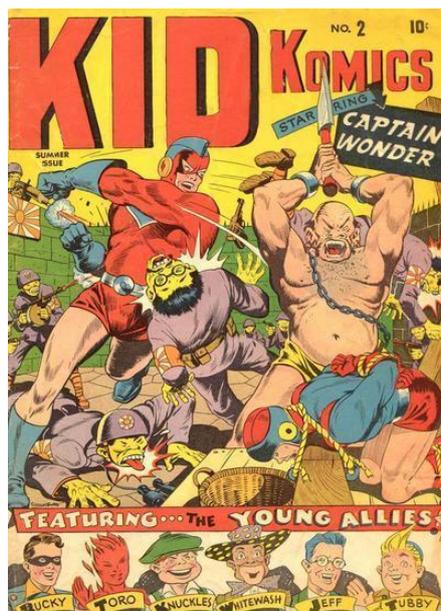


Figura 11

O logo da revista *Kid Komiks*, além do trocadilho com *Comics*, há também uma indicação com vistas a determinado público, para crianças (Kid). Devemos considerar que nos anos 1940 as histórias em quadrinhos não tinham como público alvo apenas as crianças. Mesmo porque as histórias em quadrinho são um gênero que possui vários segmentos e vários tipos de publicações, específicos para crianças e direcionados apenas para adultos como os de romances policiais, e até eróticos.

Pelo fato de se tratar de uma publicação para crianças, a violência na capa chama a atenção. O Captain Wonder invade o que parece ser território japonês, pois em uma das paredes há uma bandeira japonesa. Há oito soldados japoneses na capa e ainda outro, maior, que aparenta ser um carrasco prestes a cortar a cabeça do ajudante do Captain Wonder. Quatro deles portam armas e dois desses atiram contra o Captain Wonder, um deles encontra-se em cima do muro da fortaleza e o outro no chão. Outros dois apenas apontam a arma. Percebemos isso por conta da fumaça que sai da arma dos dois soldados.

O Captain Wonder está da um soco em um dos soldados como se desse a entender que estaria indo em direção ao último homem para salvar seu parceiro.

Embaixo da capa há um letreiro, “Apresentando... Os Jovens Aliados”. Na parte inferior da capa há seis personagens com aparência infantil: Bucky, Toro, Knuckles, Whitewash, Cal, Jeff, Tubby, que são os jovens aliados que apareceram na outra revista, mas que também participam de histórias nessa revista.

A confecção dessas duas revistas *Young Allies* e *Kid Komics* mostra como essa editora dedicou tempo em suas publicações para diferentes públicos, contendo o mesmo enredo, atacando os mesmos inimigos em torno dos nazistas e os japoneses.

Em setembro de 1943 é lançada a revista *All Select*, com o Capitão América, Human Torch e Namor.

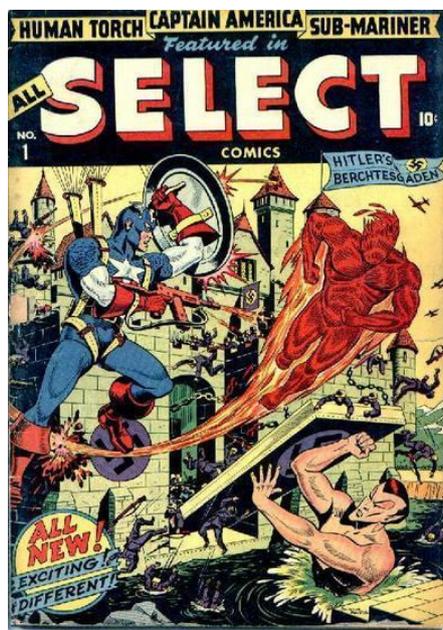


Figura 12

Na capa aparecem os três personagens “Human Torch, Capitão América e Sub-Mariner: apresentado All Select”. Essa imagem traz os três super-heróis atacando o castelo de Hitler em Berchtesgaden,¹⁶⁶. Human Torch, voando, passa por duas das torres e acerta os soldados armados nela. O Capitão América, com um lança-chamas, ataca os soldados nazistas e defende, com seu escudo, as balas que lhe serão direcionadas. Sub-mariner vem pela água e também ataca o castelo, levantando a ponte que atravessa o rio. No canto da capa “Tudo novo diferente e excitante”.

Os heróis que mostramos nessa parte do capítulo não possuem armas, mas eles possuem superpoderes. O Capitão América, contudo, se diferencia de todos eles na forma como foi concebido. A sua criação se deu num momento muito próximo da guerra, ao contrário de outros heróis, como Superman e Batman, que sofreram alterações em seus enredos para os conflitos. O Capitão América já nasceu combatendo Hitler. Essa “natureza” do Capitão América foi explorada pela editora.

Elaboramos algumas tabelas com os anos e meses das edições das revistas lançadas com a participação do Capitão América e de Bucky, seu escudeiro, para

¹⁶⁶ Uma cidade nos Alpes onde foi construído o ninho da águia em homenagem aos 50 anos de Adolf Hitler.

compreendermos qual foi o fluxo dessas publicações durante esse período e como após o término da guerra essas publicações foram diminuindo.

Tabela 1 Revistas do Capitão América

Ano	Números de publicações	Meses de publicação
1941	9	Março, Abril, Maio, Junho, Agosto, Setembro, Outubro, Novembro, Dezembro.
1942	12	Janeiro a Dezembro
1943	12	Janeiro a Dezembro
1944	10	Janeiro, Fevereiro, Março, Abril, Maio, Junho, Julho, Agosto, Outubro, Dezembro
1945	8	Janeiro, Março, Abril, Junho, Julho, Agosto, Outubro, Dezembro
1946	8 (Duas em abril)	Janeiro, Fevereiro, Abril, Maio, Junho, Setembro, Novembro.
1947	5	Janeiro, Março, Maio, Julho, Outubro.
1948	5	Janeiro, Abril, Julho, Setembro, Novembro.
1949	5	Janeiro, Março, Maio, Julho, Outubro.
1950	1	Fevereiro

Fonte: Tabela montada a partir dos dados retirados do site <http://www.comicvine.com/>

A revista do Capitão América seguiu sendo publicada periodicamente até 1945, mas, após o período de guerra, suas publicações vão diminuindo até chegar a uma única publicação em fevereiro de 1950, ano em que a revista parou de ser publicada.

Nas outras revistas, apesar de informarmos os meses de suas publicações, podemos perceber que, em sua maioria, as revistas ganhavam quatro publicações anuais, uma em cada estação. Observar as tabelas 2 *The Winners*, 3 *Young Allies*, 4 *Kid Komics*, 5 *USA Comics* e 6 *All Select Comics*.

Tabela 2 - All Winners Comics

Ano	Números de publicações	Meses publicados
1941	2	Junho e Dezembro
1942	4	Março, Junho, Setembro, Dezembro.
1943	4	Março, Junho, Setembro, Dezembro.
1944	3	Março, Setembro, Dezembro
1945	3	Março, Junho, Setembro.
1946	1	Março

Fonte: Tabela montada a partir dos dados retirados do site <http://www.comicvine.com/>

Tabela 3 - Young Allies

Ano	Números de publicações	Meses publicados
1941	2	Junho e Dezembro
1942	3	Março, Junho, Setembro
1943	5	Janeiro, Abril, Julho, Setembro, Dezembro.
1944	4 (Duas em Março)	Março, Junho, Dezembro.

1945	4	Março, Junho, Setembro, Dezembro.
1946	2	Março e Outubro

Fonte: Tabela montada a partir dos dados retirados do site <http://www.comicvine.com/>

Tabela 4 - Kid Komics

Ano'	Números de publicações	Meses publicado
1943	3	Fevereiro, Junho, Setembro.
1944	3	Março, Junho, Setembro.
1945	3	Março, Junho, Setembro.
1946	1	Março

Fonte: Tabela montada a partir dos dados retirados do site <http://www.comicvine.com/>

Tabela 5 - USA Comics

Ano	Números de publicações	Meses publicados
1941	2	Agosto e Novembro
1942	4	Janeiro, Maio, Junho, Setembro.
1943	4	Março, Maio, Julho, Setembro.
1944	4	Janeiro, Março, Junho, Setembro.
1945	3	Março, Junho, Setembro.

Fonte: Tabela montada a partir dos dados retirados do site <http://www.comicvine.com/>

Tabela 6 - All Select Comics

Ano	Números publicados	Meses publicados
1943	2	Setembro e Dezembro.
1944	3	Março, Junho, Dezembro.
1945	3 (Duas em Março)	Março, Setembro.
1946	2	Junho, Setembro

Fonte: Tabela montada a partir dos dados retirados do site <http://www.comicvine.com/>

A finalidade de trazer essas tabelas ao leitor é mostrar a intenção, por parte da Timely Comics, de formular inúmeras publicações além da revista do Capitão América para auxiliar na propaganda pró-guerra dentro dos Estados Unidos. Deste modo percebemos que os discursos de liberdade e de democracia contidos nessas produções culturais estão relacionados à ameaça econômica que a vitória do Eixo representaria para uma parcela empresarial dos EUA.

As críticas que percebemos nessas histórias e nas produções cinematográficas do período não estão relacionadas ao modelo econômico alemão e japonês, mas sim à figura de seus respectivos líderes, Hitler e Hiroshi.

Essas produções culturais não atacam o sistema capitalista desenvolvido nesses países, mas sim sua organização política e sua expansão territorial. Isso confirma nossa hipótese de que os políticos estadunidenses entraram na guerra por interesses comerciais, pois o modelo de democracia que os EUA pregam em suas produções não

era seguido por eles mesmos, como foi possível perceber anteriormente, a partir das discussões sobre Democracia e Liberdade.

É preciso salientar que os cidadãos japoneses que residiam nos Estados Unidos foram levados para prisões por representarem uma ameaça para a segurança nacional. “Na primavera de 1942, o governo arrebanhou os 110.000 japoneses norte-americanos que viviam na costa do Oeste (70.000 deles eram cidadãos dos Estados Unidos) e internou-os em “campos de concentração”¹⁶⁷. A autora Josephine Pacheco salienta que o uso do termo “campo de concentração” é problemático, e que ela só o utiliza por não haver um termo mais apropriado. Todavia é preciso levar em consideração esse tratamento dado aos cidadãos japoneses nos EUA, ao mesmo tempo que os cidadãos de descendência italiana e alemã, não tiveram o mesmo tratamento¹⁶⁸.

Para nós, o fato das críticas das histórias em quadrinhos da *Timely Comics* terem como objetivo central tecer suas críticas nas figuras centrais de Hitler e Hiroshi e não no sistema de trabalho da Alemanha e Japão, é o fato de que, a grosso modo, o esforço de guerra dos dois lados, levou ao aumento das jornadas de trabalho e a utilização de mulheres e crianças nas fabricas para substituir os homens que haviam ido ao fronte.

Dessa forma os cidadãos estadunidenses não podiam se reconhecer enquanto trabalhadores iguais aos trabalhadores das fabricas dos nazistas. Essa classe trabalhadora não pode ser reconhecida e, portanto, o modelo de produção nazista não pode ser mencionado.

Entendemos também que essas publicações dependem da relação que elas têm com seus leitores e que sua publicação depende de suas vendas, apesar das primeiras edições do Capitão América terem sido compradas pelo exército norte americano e doada aos militares que iriam combater na guerra.

Essas revistas durante a guerra faziam sentido, pois o próprio Capitão nascerá para combater nela. Em um mundo onde não existia mais a ameaça de um confronto eminente, essa figura perde o sentido e, portanto, as revistas que contam suas histórias deixaram de ser publicadas. No ano de 1954, porém, uma nova ameaça fez com que o Capitão América deixasse a reserva e voltasse à ativa.

¹⁶⁷ PACHECO, Josephine F. **O problema do racismo nos Estados Unidos**. op. cit. p. 97.

¹⁶⁸ *Idem, ibidem.*

CAPÍTULO 2 - FEAR OF THE RED¹⁶⁹: UMA BREVE HISTORICIZAÇÃO DAS PRODUÇÕES CULTURAIS NO ÍNICIO DA GUERRA FRIA

“Sentamos. Lary começou a falar lá de sua mesa. Explicou que, sendo esta a primeira reunião, ele iria presidir Depois de duas ou três reuniões, depois que conhecêssemos uns aos outros, um presidente poderia ser eleito caso desejássemos. Mas enquanto isso...

- Enfrentamos aqui na América, duas ameaças à nossa liberdade. Enfrentamos a praga comunista e a ambição de poder dos negros. Na maior parte das vezes, essas duas forças trabalham de mãos dadas. Nós, verdadeiros americanos, nos reunimos aqui para tentar conter essa praga, essa ameaça. A coisa chegou a um ponto em que nenhuma garota branca e decente pode cominhar nas ruas sem ser molestada por um homem negro!

Igor saltou da cadeira

- Vamos matá-los!

*- Os comunistas querem dividir a riqueza pela qual trabalhamos tanto, pela qual nossos pais trabalharam tanto, e os pais dos nossos pais antes deles. Os comunistas querem dar nosso dinheiro para cada negro, homossexual, vagabundo, assassino e molestatador de criancinhas que andam em nossas ruas!” (BUKOWSKI, Charles. **Misto-Quente**. (Trad.) Pedro Gonzaga. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 265/266).*

Como vimos no primeiro capítulo, durante a Segunda Grande Guerra, a indústria cultural estadunidense lançou uma quantidade significativa de produções a respeito dos conflitos bélicos entre os EUA e o Eixo auxiliando na construção ideológica do inimigo nazista.

Do mesmo modo a indústria cultural criou inúmeras produções sobre o choque político, econômico, militar e cultural que ficou denominado como Guerra Fria. Definição essa aceita oficialmente após o discurso de Winston Churchill em 5 de março de 1946¹⁷⁰.

Neste capítulo buscamos fazer uma concisa historicização do período pós-Segunda Guerra Mundial. Centramos nossas discussões na jornada de perseguições políticas internas que uma parte da sociedade política e industrial dos EUA desenvolveu

¹⁶⁹ Trocadilho com a música *Fear of The Dark* [Medo do Escuro] da banda inglesa *Iron Maiden*.

¹⁷⁰ “O documento geralmente aceito como uma espécie de nascimento da Guerra Fria é o discurso pronunciado a 5 de Março de 1946, na cidade norte-americana de Fulton, Missouri, pelo ex-premier Winston Churchill. [...] Conhecido como “discurso da cortina de ferro”, por ter aplicado pela primeira vez essa expressão à situação surgida no pós-guerra, o texto exclamava os Estados Unidos a “uma associação federal dos povos de língua inglesa” para enfrentar o que Churchill considerava uma crescente ameaça comunista.” FERREIRA, Argemiro. **Caça às bruxas: Macarthismo: Uma tragédia Americana**. Porto Alegre: L&PM, 1989. p. 37.

contra políticos, atores, autores, jornalistas, músicos, poetas e pessoas comuns, com o pretexto da ameaça comunista.

Na última parte do capítulo realizamos uma breve análise de algumas histórias em quadrinhos do Capitão América que foram publicadas no pós-Segunda Guerra pela editora Timely/Atlas Comics, antecessoras da Marvel Comics¹⁷¹ entre 1946 até 1954.

2.1. O efeito das duas grandes Guerras Mundiais

Uma das principais consequências político-econômicas das duas grandes Guerras Mundiais foi o embate entre dois sistemas econômicos diferentes, o da URSS e o dos EUA, socialismo e capitalismo, respectivamente. Como já mencionamos acima, esse conflito político, econômico, cultural ficou denominado como Guerra Fria.

Boa parte da classe política e industrial dirigente dos EUA via na URSS um inimigo em potencial desde a Revolução Russa em 1917¹⁷². Durante os conflitos da Segunda Grande Guerra, ainda que essa parte da classe dirigente dos EUA achasse que deveria combater o comunismo, ela se aliou à URSS, pois, conforme mencionado no primeiro capítulo, a Alemanha Nazista representava um perigo maior aos interesses internacionais dos EUA.

Após a derrocada da Alemanha Nazista, os líderes da URSS, Inglaterra e EUA se reuniram na conferência de Yalta. Esse tratado “estabelecia áreas de influência na Europa e o comprometimento militar soviético na guerra no Extremo-Oriente.”¹⁷³

Pode-se considerar um dos fatores de crescimento das tensões entre a URSS e os EUA o sucesso do teste da bomba nuclear, já que os líderes dos EUA e da Inglaterra estavam convencidos do grande poder bélico e humano da URSS:

Antes de ser a bomba testada, as autoridades responsáveis pela formulação da política exterior dos Estados Unidos, apesar do seu desejo de se opor à política soviética, tinham sérias dúvidas de que norte-americanos e britânicos pudessem desafiar a predominância soviética na Europa Oriental. Nem Roosevelt e nem Truman acreditavam que a população dos Estados Unidos fosse permitir a

¹⁷¹ A editora Atlas Comics foi fundada pelo mesmo editor chefe da Timely Comics, Martin Goodman. Assim, os títulos do Capitão América, Human Torch e Submariner foram lançados posteriormente pela Atlas Comics.

¹⁷² Mais precisamente, essa classe dirigente dos EUA via a Revolução Socialista como uma ameaça ao sistema capitalista e a possibilidade real dos trabalhadores tomarem o poder.

¹⁷³ RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira. A Guerra na Europa. In: Segunda Guerra Mundial. Da Crise dos anos 30 ao Armagedón. Org. Enrique Serra Padrós, Luiz Dario Teixeira Ribeiro, René E. Gertz. Porto Alegre: Folha da História/CD-AIB/PRP/Livraria Palmarinca Editora. 2000. p. 160.

retenção de uma grande parcela de forças convencionais norte-americanas na Europa após a guerra.¹⁷⁴

Avalia-se que a mudança de postura do governo dos EUA com relação à URSS não se deu apenas com a morte de Roosevelt e a ascensão ao cargo de presidente dos EUA pelo seu vice, Truman, mas também pela obtenção da nova arma de guerra que equiparou o poderio bélico entre as duas potências no Oriente.

Esse “equilíbrio” garantiria que a Ásia não fosse dividida em áreas de influência como havia sido a Europa. No tratado de Yalta ficou estabelecido “(...) que o ataque soviético ao Japão estava marcado para o dia 8 de Agosto, dia no qual, de fato, a URSS declarou guerra ao país invadindo a Manchúria e a Coréia.”¹⁷⁵ Todavia, para evitar a divisão do Japão em áreas de influência com a URSS, assim como havia acontecido com a Alemanha, o governo dos EUA lançou a bomba em Hiroshima no dia 6 de Agosto. No dia 9 do mesmo mês outra bomba foi lançada sobre a cidade de Nagasaki. Assim o Japão se rendeu única e exclusivamente às forças armadas dos EUA colocando um fim à guerra.

Após o término da Segunda Grande Guerra em 1945, a situação econômica e política nos EUA parecia estabilizada. O presidente Truman recebia uma gorda herança de Roosevelt, no plano econômico, uma acumulação que se deu devido à balança comercial da guerra:

Entre 1940 e 1945 a renda nacional dos Estados Unidos mais que dobrou, de 81,6 bilhões de dólares para 181, 2 (e chegou a 241, 9 bilhões em 1950). Os depósitos bancários, sem contar as vastas somas aplicadas em obrigações de guerra do governo, saltaram de 41 milhões em 1938, ano imediatamente anterior à guerra, para 83 bilhões de dólares em 1944. A associação de Planejamento Nacional [*National Planning Association*] estimou que a indústria de bem de capital se expandiria a ponto de ser “quase duas vezes maior que necessária para atender à demanda doméstica sob as mais afortunadas condições de pleno emprego e quase capaz de poder suprimir as necessidades mundiais”. Em média, as exportações americanas durante a guerra foram de cerca de 10 bilhões por ano (mais de três vezes as cifras do pré-guerra) e as importações foram de 3,5 bilhões, deixando o resto do mundo com um desalentador déficit de dólares que montava a muitos bilhões. Ao final da guerra, o balanço comercial era tão favorável ao

¹⁷⁴ FERREIRA, Argemiro. **Caça às bruxas: Macarthismo: Uma tragédia Americana.** op. cit. p. 40.

¹⁷⁵ RODRIGUES, Gabriela. *O conflito na Ásia.* In: Segunda Guerra Mundial. Da Crise dos anos 30 ao Armagedón. Org. Enrique Serra Padrós, Luiz Dario Teixeira Ribeiro, René E. Gertz. Porto Alegre: Folha da História/CD-AIB/PRP/Livraria Palmarinca Editora. 2000.

Tio Sam que a América havia acumulado um lastro de ouro de 29 bilhões de dólares – 77 por cento das reservas mundiais.¹⁷⁶

Um dos motivos do aumento de capitais das empresas estadunidenses durante a Segunda Grande Guerra foi o fato de que os conflitos ocorreram longe dos seus parques industriais.

A maioria dos conflitos ocorreu na Europa e se estendeu além das “trincheiras”. Os ataques atingiram a população civil, que muitas vezes trabalhava nas fábricas de armas, de alimentos, roupas, etc., além de atingirem também a produção agrícola. A saída para os países Aliados era recorrer às indústrias estadunidenses:

Os índices globais do fim da guerra mostram as enormes dificuldades dos países europeus para ressurgir da destruição material. Os níveis de produção caíram em quase todos eles. Comparada aos anos 30, a produção de cereais diminuiu em 70%, a de carne 66% e outros produtos agrícolas 75%. Embora algumas tecnologias vinculadas à indústria de guerra se tivessem desenvolvido, o produto industrial despencou. Claro, alguns beneficiaram-se com o colapso europeu. Os EUA, durante a guerra, triplicaram a produção industrial (em 1946 produziram metade da produção mundial) já a sua renda per capita aumentou mais de 100% (de 550 para 1.260 dólares).¹⁷⁷

Ainda que os EUA tenham entrado de forma efetiva na guerra, por ter o feito posteriormente o início dos conflitos, o saldo de vidas perdidas de sua população foi muito inferior ao das outras principais nações envolvidas. Estimativas calculam que as perdas de vidas das populações chegaram aos “55 milhões de mortos (civis e militares) (...) havendo países em que o total de civis mortos supera largamente o de militares.”¹⁷⁸ Os números totais de vítimas em alguns países: “(...) URSS (21.300.000), China (13.500.000), Alemanha (7.060.000), Polônia (5.420.000), Grã-Bretanha (612.000), França (610.000), (...) EUA (295.000)”¹⁷⁹.

Foram essas as condições sociais que permitiram, durante a guerra, não só um aquecimento do mercado interno, como o aumento da exportação de bens de consumo.

¹⁷⁶ LENS, Sidney. **Da revolução ao Vietnã: uma história do imperialismo dos Estados Unidos**. op. cit. p. 495.

¹⁷⁷ PADRÓS, Enrique Serra. *Capitalismo, prosperidade e Estado de bem-estar social*. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (orgs.). **O século XX Vol. 2 - O tempo das crises: revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 230.

¹⁷⁸ PADRÓS, Enrique Serra. *O pós-Segunda Guerra: reconstrução e reordenamento no mundo capitalista*. In: **Segunda Guerra Mundial. Da Crise dos anos 30 ao Armagedón**. Org. Enrique Serra Padrós, Luiz Dario Teixeira Ribeiro, René E. Gertz. Porto Alegre: Folha da História/CD-AIB/PRP/Livraria Palmarinca Editora. 2000. p. 248.

¹⁷⁹ *Idem, ibidem*.

Com isso o governo, os bancos e os empresários estadunidenses obtiveram grande receita interna e, após o término da guerra, puderam negociar os acordos de créditos como bem entendessem.

O plano Marshall foi apresentado como uma ajuda para a recuperação da Europa. Representava também uma saída para que não ocorresse outra crise de superprodução nos EUA como a de 1929. *A priori*, o plano central era para as empresas dos EUA terem acesso aos mercados dos países aliados, todavia, ele servia também para isolar a URSS do resto da Europa:

A experiência da pós-primeira guerra e a crise de 1929 serviram de referência para evitar situações posteriormente semelhantes. O dilema para a economia americana era o de como evitar uma crise de superprodução no fim da guerra. Ou seja, como orientar um reordenamento internacional e a necessária reconversão de uma economia de guerra para uma outra em tempos de paz, sem correr o risco de um quebra-quebra generalizado? Como fazer para adequar os altos índices de produtividade atingidos entre 1939 e 1945 com a realidade do pós-guerra? Por um lado, era fundamental evitar a falências das economias europeias, pois a recuperação econômica da Europa era estratégica para a manutenção da supremacia dos EUA. Por outro, a superpotência destinou cotas de alimentos a fundo perdido como ajuda humanitária para que os europeus enfrentassem os dolorosos primeiros meses de fome e frio. Na prática o governo dos EUA comprava enormes estoques de seus agricultores, mantinha os lucros para o setor agrícola, impedindo a sua quebra, e melhorava muito a sua imagem externa. Entretanto, a ajuda não tão desinteressada assim. Havia uma contrapartida. As economias europeias deviam seguir as recomendações americanas de flexibilizar seus mercados e suas políticas econômicas às novas tendências estruturadas a partir da lógica do sistema de acumulação dos EUA.¹⁸⁰

Antes mesmo dos recursos de ajuda para a Europa através do plano Marshall, outros tipos de empréstimos, como os empréstimos-arrendamentos durante o período da guerra, impunham muitas regras. Uma dessas regras era evitar o comércio com a URSS:

Desde os empréstimos-arrendamentos até o plano Marshall, passando pela Aliança para o Progresso e indo além, quem recebia dólares americanos tinha de aceitar condições políticas e econômicas ditadas por Washington antes que o dinheiro chegasse. Essas condições envolviam às vezes princípios gerais amplos e objetivos – por exemplo, com a Lei de cooperação econômica [*Economic Cooperation Act, ECA*], todos os países que recebesse ajudas pelo

¹⁸⁰ PADRÓS, Enrique Serra. **O século XX Vol. 2 - O tempo das crises: revoluções, fascismos e guerras.** op. cit. p.

plano Marshall eram obrigados a provar, todos os meses, que não haviam exportado, para a União Soviética ou outros países comunistas, armas, materiais estratégicos ou quaisquer outros produtos embargados pelos Estados Unidos. Às vezes, os termos eram específicos – Uma das condições para um empréstimo do ECA à Inglaterra em 1948, de acordo com o senador Arthur Vandenberg, era que “os Estados Unidos tivessem uma participação maior na exploração de urânio no Congo”. Baseado nesse entendimento, um grupo de empresas americanas associadas aos Rockfeller foi autorizada a comprar 600 mil ações da *Tanganyika Concessions*, a maior empresa financeira da África Subsaariana. A “*Tanks*”, como era chamada a companhia, tinha participação majoritária na *Union Minerère Du Haut Katanga*, que fornecia aos Estados Unidos noventa por cento de seu urânio. Outro empréstimo ECA, de 24 milhões de dólares para reformar a ferrovia na Rodésia do Norte e do Sul, foi concedida mediante o pagamento em matérias-primas estratégicas como cobre, cobalto, tungstênio e cromo.¹⁸¹

No período pós-guerra, os Estados Unidos despontaram como uma potência mundial. E agiam como tal: ao mesmo tempo em que ampliavam sua área de influência, tentavam minar a expansão da influência soviética na Europa e Ásia.

Além disso, a paranoia estadunidense de uma revolução comunista mundial fez com que membros do governo dos EUA desenvolvessem uma política de guerra ideológica dentro e fora do país.

2.2 O medo vermelho

Desde a fundação dos Estados Unidos da América, seus dirigentes buscaram sustentar uma imagem de que a sociedade estadunidense era um exemplo de democracia. Contudo, muitos foram os casos de cidadãos estadunidenses e de imigrantes que sofreram perseguições políticas, perderam seus empregos, foram presos e deportados, pelo simples fato de pensarem de modo diferente, de criticarem o sistema capitalista ou de se organizarem em sindicatos para reivindicarem melhores condições de trabalho.

A política de perseguição conhecida como Macarthismo ou Caça às Bruxas comunistas, não ocorreu apenas na indústria cinematográfica no período da Guerra Fria, o medo de uma ameaça externa ao sistema capitalista dos EUA era anterior à Revolução Russa.

¹⁸¹ LENS, Sidney. **Da revolução ao Vietnã: uma história do imperialismo dos Estados Unidos**. op. cit. p. 499.

No livro *Caça às bruxas. Macarthismo: uma tragédia americana*, o autor Argemiro Ferreira assinala que as listas negras contendo os nomes de cineastas, escritores, intelectuais e trabalhadores “subversivos” não eram novidade nas indústrias estadunidenses. Essas listas, segundo o autor, datam do início do século XIX.

Argemiro Ferreira diz que “o século começou ainda em meio aos temores desencadeados pela Revolução Francesa - o espectro de um assalto em massa contra a propriedade e o privilégio, ou seja, contra os fundamentos sociais da estrutura e do poder estabelecido.”¹⁸² Nesse sentido, os capitalistas se organizaram e com o fantasma da Revolução Francesa assombrando o *status quo* dos EUA, disseminaram a ideia da existência de uma infiltração externa na organização das mobilizações dos trabalhadores para justificar a ação de espionar os trabalhadores e a criação da “*Sedition Act of 1918*”¹⁸³.

Esse ato constituiu-se de quatro artigos que revogavam leis em relação à permanência de estrangeiros nos EUA. O ato aumentou o período mínimo de estadia de estrangeiros no país para se tornarem cidadãos estadunidenses.

A princípio, justificava-se a infiltração entre os trabalhadores e a espionagem em sua atividade sindical como defesa da propriedade privada. Aos poucos, isso passou a ser vinculado também à necessidade de proteção contra o radicalismo e a violência revolucionária. Logo vieram os entendimentos entre os grupos privados (corporações e entidades de classe, que contratavam seus detetives) e as autoridades policiais, até que o padrão de tal colaboração passasse a dominar a trajetória da repressão, inclusive com a consagração das listas negras.¹⁸⁴

Um dos motivos para esse controle da imigração e perseguição aos estrangeiros pode ser consequência da entrada dos imigrantes europeus nos Estados Unidos, o que influenciou a organização dos sindicatos, e conseqüentemente, das lutas por melhores condições de trabalho, já que na Europa havia uma organização madura dos trabalhadores. Posteriormente à revolução de 1917 na Rússia, a tentativa de controle e a perseguição dos subversivos se intensificaram:

Em matéria de repressão, um papel conspícuo coubera, nos anos que se seguiram à revolução soviética de 1917, ao então procurador-geral

¹⁸² FERREIRA, Argemiro. *Caça às bruxas. Macarthismo: uma tragédia americana*. op. cit. p. 138.

¹⁸³ *Idem, ibidem*.

¹⁸⁴ *Idem*, p. 139.

A. Michell Palmer. Tirando proveito do Pânico geral das elites norte-americanas ante a possibilidade de repercussão do triunfo bolchevista na área trabalhista os Estados Unidos, Palmer desistiu de esperar uma legislação nova do Congresso para repressão à sedição em tempo de paz e desencadeou a mais violenta onda repressiva da história contra os operários e suas entidades. O procurador-geral chegou a elaborar listas totalizando 200 mil nomes suspeitos, ao mesmo tempo em que seus agentes do Departamento de Justiça prendiam - entre novembro de 1919 e janeiro de 1920 - mais de cinco mil pessoas, promovendo deportações em massa de estrangeiros.¹⁸⁵

No período pós-revolução Russa, o governo dos EUA manteve algumas comissões de investigação de atividades antiamericanas¹⁸⁶. Em 1938 foi criada a Comissão Dies: “A Comissão Dies nasceu sob o clima de preocupação com a propaganda estrangeira e subversiva e a ameaça crescente de envolvimento dos Estados Unidos nessas correntes políticas que pareciam rumo a uma nova guerra.”¹⁸⁷ Essa comissão “herdou das ações arbitrárias de Palmer o retrato dos comunistas assassinos estrangeiros determinados a recorrer à violência para tomar o poder”¹⁸⁸.

Mesmo que Ferreira indique que a Comissão Dies não era levada a sério e que o próprio Dies desistiu de disputar a reeleição pela impopularidade do Comitê, o autor complementa que o Projeto federal de Teatro e o Projeto de Escritores (*Works Progress Administration - WPA*), criados e patrocinados pelo *New Deal* foram as primeiras entidades perseguidas por Dies e tiveram suas verbas cortadas pelo congresso devido a investida desse comitê.¹⁸⁹

Ainda que Marin Dies não tenha permanecido no congresso, o Comitê de Atividades Antiamericanas (*House Committee on Un-American Activities - HUAC*) se tornou uma comissão permanente devido à intervenção do deputado democrata John E. Rakin.¹⁹⁰

¹⁸⁵ *Idem*, p. 62C

¹⁸⁶ “Entre 1919 e 1935, o congresso iniciara quatro investigações de atividades comunistas ou subversivas - três desenvolvidas por comissões parlamentares e uma pelo Departamento de Justiça”. FERREIRA, FERREIRA, Argemiro. **Caça às bruxas. Macarthismo: uma tragédia americana.** op. cit. p. 61. O Comitê Overman foi uma subcomissão do Judiciário presidida pelo senador Democrata da Carolina do Norte, Lee Slater Overman que operou de setembro de 1918 a junho de 1919. A subcomissão investigava alemães, assim como elementos bolcheviques nos EUA. Comitê Fish de 1930, presidida pelo congressista Hamilton Fish III. Comitê McCormack-Dickstein de 1934 a 1937, Comitê Dies de 1938 a 1944. Até a instalação permanente do Comitê de Atividades Antiamericanas em 1947.

¹⁸⁷ *Idem, ibidem.*

¹⁸⁸ *Idem.*

¹⁸⁹ *Idem*, p. 63.

¹⁹⁰ *Idem*, p. 64.

O teste da bomba nuclear realizado em 1949 pela URSS foi, para uma parcela dos congressistas estadunidenses, um fator primoroso para espalhar histeria de que existiam espiões comunistas infiltrados no país:

O efeito desse teste nuclear soviético, ocorrido quase ao mesmo tempo em que os norte-americanos tomavam conhecimento do triunfo final de Mao Tsé-Tung na China foi açular a caça as bruxas, como se tivesse sido encontrada a prova definitiva de que os comunistas internos - já transformados em tema diário de reportagens jornalísticas pouco responsáveis - estivessem por trás de tudo, como espiões e traidores.¹⁹¹

A paranoia tomou proporções colossais. O Comitê de atividades Antiamericanas incluiu em suas investigações integrantes de vários escalões do governo, "estavam sendo checados os antecedentes de mais de dois milhões de funcionários federais dos contínuos aos ministros, sem falar dos 500 mil que anualmente candidatavam-se a empregos."¹⁹² Contudo, essas investigações não eram realizadas com base em evidências claras e sustentáveis, na maioria das vezes os inquéritos e perseguições baseavam-se em simples suposições e os depoimentos duvidosos e mentirosos, como os julgamentos de Alger Hiss¹⁹³ e do casal Rosenberg¹⁹⁴.

Além desses dois casos, vários cientistas, incluindo membros do Projeto Manhattan, foram perseguidos e declarados como espiões soviéticos, como, por exemplo, Albert Einstein, Edward U. Condon, J Robert Oppenheimer e Richard Alan Schwartz.¹⁹⁵

Já mencionamos no primeiro capítulo que no final da década de 1930 e início da década de 1940, em pleno desenvolvimento industrial cinematográfico nos Estados

¹⁹¹ *Idem*, p. 77.

¹⁹² *Idem*, p. 80.

¹⁹³ Alger Hiss foi diplomata estadunidense "integrante da delegação de estadunidense na conferência de Yalta e de São Francisco (para a criação da ONU). [...] O processo do seu caso durou de 1947 a 1950. Foi condenado a 21 de janeiro de 1950, [...] após um julgamento duvidoso, por perjúrio, com conotação de espionagem e traição. FERREIRA, Argemiro. **Caça às bruxas. Macarthismo: uma tragédia americana**. op. cit. pp. 78-79.

¹⁹⁴ O cientista atômico Klaus Emil Fuchs que integrou a equipe inglesa no Projeto Manhattan, confessou na Inglaterra que havia passado segredos atômicos aos soviéticos. Mesmo sem identificar o seu contato soviético nos Estados Unidos, limitou-se a descrevê-lo e a revelar o nome que ele usava ("Raymond"), o FBI prendeu meses depois o químico - suíço de nascimento - Harry Gold, cuja confissão comprometeu três pessoas, duas delas, o casal Julius e Ethel Rosenberg. Que foram executados na cadeira elétrica em 19 de junho de 1953. Gold escapou da pena máxima e cumpriu 15 anos de prisão. O casal de filhos dos Rosenbergs conseguiu em 1959 uma declaração de Fuchs em uma prisão britânica dizendo que jamais havia identificado Gold como seu contato para o FBI. FERREIRA, Argemiro. **Caça às bruxas. Macarthismo: uma tragédia americana**. op. cit. pp. 84-85.

¹⁹⁵ *Idem, ibidem*, p. 87.

Unidos, o cinema foi utilizado como propaganda na Segunda Guerra Mundial. A indústria cinematográfica se desenvolveu paralelamente com a indústria de guerra¹⁹⁶. Já durante a Primeira Guerra Mundial foram filmados alguns longas metragens sobre o conflito.¹⁹⁷

Os efeitos causados no público pelas produções cinematográficas durante a guerra fizeram com que os dirigentes percebessem que essa nova tecnologia possibilita um maior alcance propagandístico:

Os Estados contavam na época com poucos meios de persuasão. Os jornais são um desses meios, mas só podem atingir um número limitado de leitores (os maiores, com o Daily Mail, atingiam, no máximo, um milhão). Tornam-se frequentes as concentrações públicas, mas, da mesma forma, têm um impacto muito limitado, pois os líderes políticos só dispõem de megafones de baixa potência para se dirigir às multidões. A conjuração que então envolve a técnica cinematográfica - o pragmatismo industrial oriundo da produção intensiva da imagem de guerra, através das produções de filmes que não são mais produtos do autor, mas de grupos detentores de meios técnicos e financeiros consideráveis. Faz do antigo cinema uma atividade que logo seria nacionalizado.¹⁹⁸

Esta percepção também gerou a iniciativa de controlar essas produções. Podemos perceber que a perseguição denominada de “Caças às Bruxas”, no período pós-Segunda Guerra Mundial, foi influenciada pelo “medo do invasor externo” de antes do final da Primeira Guerra Mundial. Isso porque os mesmos sujeitos que perceberam que os filmes poderiam agir de forma a ajudá-los na formação de um consenso político-ideológico perceberam também, que poderia servir para transmitir uma ideologia contrária à vigente:

Desde 1914, quando o cinema passa a ter seu papel cívico evidenciado, ele é posto em regime de liberdade vigiada e instala-se um sistema de regulamentação e produção cinematográfica, segundo os métodos de desinformação empregados na propaganda de guerra. [...] Falsos rumores, revelações tardias, tráfico de personalidade, embargos, processos, delação, inquisição, caça às bruxa... nos quais o

¹⁹⁶ No livro **Guerra e Cinema**: logística da percepção. Paul Virilio. (Tradução) de Paulo Roberto Pires. Boitempo, 2005, São Paulo. O autor faz um paralelo entre os avanços tecnológicos da indústria cinematográfica e a indústria de guerra.

¹⁹⁷ No final da Primeira Guerra Mundial, David Llewelyn Wark Griffith filmou *Hearts of the world* [Coração dos Mundos] é rodado na planície de Salisbury [...]. “Apesar do roteiro banal, o filme alcança grande sucesso nos Estados Unidos e causa forte impacto na opinião pública”. VIRILIO, Paul. **Guerra e cinema**. op. cit. p. 41.

¹⁹⁸ *Idem, ibidem*, p. 63.

terror do inimigo comunista ou nazista se mistura ao terror da droga, à proibição do álcool e do sexo.¹⁹⁹

Em virtude do saldo positivo na balança comercial dos EUA no pós-Segunda Guerra, houve um fervor dos sindicatos, que “livres do compromisso antigreve que prevalecera durante o esforço de guerra passaram a exigir aumentos salariais para corrigir as perdas anteriores e compensar a elevação do custo de vida”²⁰⁰:

As campanhas por melhores salários, mais benefícios suplementares e maior poder de barganha nas negociações resultaram em triunfos para os sindicatos, mas a um enorme custo em tensão industrial e apoio público aos movimentos trabalhistas. O ano de 1946 registrou não apenas a maior onda de greves da história dos Estados Unidos, com a perda total de 116 milhões de dias/homens de trabalho, como prejudicou gravemente amplos setores da indústria, durante semanas e meses. A violência e derramamento de sangue, em incidentes que chegavam à beira da anarquia total, foram extensamente explorados pelos meios de comunicação, gerando a indignação do público e uma dura resposta política.²⁰¹

As lutas por melhores salários e melhores condições de trabalho se estenderam aos produtores, escritores e atores do cinema. Os sindicatos sob influência comunista *Conference of Studio Union* (CSU) e o *Screen Writers Guild* (SWG, dos roteiristas) participaram desses embates²⁰². Nesse sentido a perseguição política aos escritores, atores, diretores, roteiristas, músicos, apresentadores, etc. se intensificou até a criação das listas negras, que também atingiram toda a indústria cultural.

Com a ascensão do Senador McCarthy como presidente da HUAC, se intensificaram as denúncias e as perseguições. Essa foi, no entanto, apenas uma das fases de caça a professores, alunos, atores, escritores, diretores, músicos, poetas do Comitê de Atividades Antiamericanas, como nos mostram os já citados Argemiro Ferreira, e o autor do livro *Hollywood Episódio da Histeria Anticomunista*, Fernando Peixoto. O Comitê teve início em 1937 e permanece ativo até 1978.

Ao forjar a imagem de um inimigo externo infiltrado nos EUA, uma parcela da classe dirigente estadunidense possibilitou a criação de leis para inibir a ação dos trabalhadores de reivindicarem melhores condições de trabalho. Dessa forma,

¹⁹⁹ *Idem*, p. 89.

²⁰⁰ FERREIRA, Argemiro. **Caça às bruxas. Macarthismo: uma tragédia americana**. op. cit. p. 69.

²⁰¹ *Idem*, *ibidem*.

²⁰² *Idem*, p. 140.

esconderam a luta entre as classes e a desigualdade social, pois por essa visão, o que gera o conflito não é a desigualdade social, mas sim um fator externo.

2.3 Uma breve referência aos filmes anticomunistas

Nos Estados Unidos da América a Guerra Fria gerou, além dos financiamentos de operações militares em países satélites, uma gama de produções cinematográficas a respeito do “perigo vermelho”. Assim, ao mesmo tempo em que a indústria cinematográfica “caçou seus comunistas”, Hollywood forjou a imagem do novo/velho inimigo.

As teses de doutorado de Alexandre Busko S. Valim (*Imagens Vigiadas: Uma história Social do Cinema no alvorecer da Guerra Fria, 1945-1954*) e de Antônio Cícero Cassiano Sousa (*Cinema e Política - O anticomunismo nos filmes sobre a Guerra Fria*), apontam um panorama das produções cinematográficas com conteúdo anticomunista e da perseguição políticas sofridas por cineastas, escritores, atores, intelectuais durante o Macarthismo.

Alexandre Busko S. Valim analisa nove filmes que segundo ele possuem a temática anticomunista. *Cortina de Ferro (The Iron Curtain)* 1948, *Traidor (Conspirator)* 1949, *Eu Fui Um Comunista Para o FBI (I Was a Communist for FBI)* 1951, *Aventura Perigosa (Big Jim McLain)* 1952, *O Planeta Vermelho (Red Planet Mars)* 1952, *Anjo do Mal (Pickup On South Street)* 1953, *A Guerra dos Mundos (The War of the Word)* 1953, *Invasores de Marte (Invaders from Mars)* 1953 e *O Mundo em Perigo (Them!)* 1954. Além desses filmes, durante todo seu texto aparecem outros filmes na linha dessas produções nos quais ele tece comentários analíticos a respeito deles.

Valim explica que esses filmes retrataram de várias maneiras os “inimigos” comunistas nos Estados Unidos. Sua análise inicia com a identificação dos gêneros desses filmes, com essa identificação é possível uma melhor compreensão dos mesmos:

Gêneros cinematográficos, como o *thriller*, o *film noir*, a ficção científica, o romance ou o drama, estão intimamente ligados a mensagem que o filme pretende passar. Pensar o gênero num universo cultural significa considerá-los como mediação fundamental entre

produtores, produtos e receptores da cultura, portanto entendê-los é um passo essencial da relação cinema-história.²⁰³

Depois de identificar os gêneros dos filmes, o autor explica que em cada gênero específico, os personagens comunistas são retratados de maneiras diferentes, contudo esses personagens sempre são vilões que atentam contra o *American way of life*:

Uma das estratégias frequentemente utilizadas pelos [personagens] comunistas de Hollywood eram as *femme fatale* subversivas, belas sedutoras à espreita de homens descuidados e prontas para aliciá-los com lições do Marxismo-Leninismo. Em filmes como *The Iron Curtain* (1948) *Red Menace* (1949), *I married was Communist* (1949), *I Was a Communist for FBI* (1951), a relação entre sedução sexual e subversão ideológica é bastante clara. Todavia, há que se notar que em alguns filmes belas mulheres comunistas eram estadunidenses, ao passo que as russas geralmente eram sem modos e muito feias como em *Iron Curtain* de 1948.²⁰⁴

Muitas dessas características são ligadas ao gênero *noir*, gênero esse que conta com baixo orçamento em sua produção e que foi muito popular durante esse período:

Embora o gênero *noir* bastante popular nas décadas de 1940 e 1950 não tivesse associado diretamente ao anticomunismo, representou a variedade de medos cultivados no Pós-Segunda Guerra, incluindo corrupção, subversão, e sexualidade feminina [...] baseava-se em filmes de gangsteres da década de 1930, fazendo com que os criminosos fossem simplesmente substituídos pelos comunistas.²⁰⁵

Pode ser observado que as histórias em quadrinhos do Capitão América de 1946 a 1950, sobre as quais comentaremos adiante, tem características muito parecidas com os gêneros de filmes que Valim analisou em seu trabalho.

No segundo grupo de filmes anticomunistas que Valim analisou, os filmes do gênero de Ficção Científica, a ótica anticomunista persiste.

Na retórica anticomunista, o comunismo era frequentemente descrito como uma doença, um germe, ou uma forma de lavagem cerebral. Muitos filmes de ficção científica do período incorporaram esses elementos. As invasões alienígenas, a transformação de pessoas em

²⁰³ VALIM, Alexandre Busko S. *Imagens Vigeadas: Uma história Social do Cinema no alvorecer da Guerra Fria, 1945-1954*. Tese apresentada para a Universidade Federal Fluminense, para a obtenção de título de Doutor, 2006 p. 47.

²⁰⁴ *Idem, ibidem*, p. 57.

²⁰⁵ *Idem*, p. 58.

zumbis sem vontade própria e o controle mental foram artifícios repetidamente utilizados pelo gênero²⁰⁶

Ainda que os gêneros das duas indústrias culturais sejam parecidos, como vamos ver a seguir, os inimigos nazistas do período da Segunda Guerra Mundial, foram substituídos por gangsters e monstros, todavia esses personagens não vão ser caracterizados como comunistas.

Além das indicações de Valim sobre o gênero dos filmes terem ligações com o modo no qual os personagens agiriam, Souza aponta em suas análises três tipos de forma de atuação dos personagens comunistas:

Constatamos três formas de atuação dos comunistas: a conspiração política, a conspiração criminosa e a conspiração contraditória. A primeira, representada por *Cortina de ferro* é logo descartada, não chegando a ser influente no conjunto dos filmes anticomunistas. A conspiração política implica dar aos comunistas o status de sujeitos políticos. Nesta abordagem, os comunistas não são tratados necessariamente como criminosos. A conspiração criminosa desqualifica essencialmente os comunistas como um partido político. O caso típico dessa abordagem é *Anjo do mal*, com o seu nivelamento absoluto, a ponto da dublagem francesa trocar comunistas por gângsteres. O terceiro caso abrange aqueles filmes que abordam o problema da conspiração de forma ambígua ou contraditória, como *Sob o domínio do mal*, onde a aliança insólita de comunistas e anticomunistas produz um segundo tipo de nivelamento – trata-se do fim das ideologias.²⁰⁷

Através das análises de Alexandre Busko S. Valim e de Antônio Cícero Cassiano Souza, pode-se perceber que a imagem construída do inimigo comunista é muito semelhante a dos inimigos Nazistas nas produções culturais do período da Segunda Guerra Mundial: minimizam a ideologia e a política elaborada pelos comunistas no mundo real e os transformam em agentes do mal, com pouca ou nenhuma característica humana.

Os inimigos comunistas, assim como os nazistas, são descritos como sujeitos sem caráter, capazes das mais baixas atitudes para conseguir seus objetivos, além disso, suas fisionomias são vinculadas a monstros e alienígenas, caracterizando assim uma

²⁰⁶ *Idem*, p. 59.

²⁰⁷ SOUZA, Antônio Cícero Cassiano. *Cinema e Política - O anticomunismo nos filmes sobre a Guerra Fria*. Tese apresentada para a Universidade Federal Fluminense para obtenção de título de Doutor em História, 2002. p. 258.

dicotomia, uma batalha entre os personagens que representam o bem (estadunidenses) e os personagens que representam o mal (nazistas ou comunistas).

2.4 Capitão América: contos estranhos.

Como havíamos anunciado no tópico anterior, de forma contrária às investigações do Comitê de Atividades Antiamericanas, a Caça às Bruxas e as produções dos filmes anticomunistas de Hollywood, os temas apresentados nas revistas em quadrinhos lançadas pela *Timely Comics* no pós-Segunda Guerra pareciam distantes de tudo isso.

Nas edições de 1945, as revistas começaram a ser mescladas entre histórias de guerra e terror. A edição número 51, de dezembro de 1945, apresentava quatro histórias: três do Capitão América e uma do Human Torch. Duas das histórias do Capitão América tem como cenário o Japão: *Mystery of Atomic Boomerang*²⁰⁸ e *The Case of Blonde Bombshell*²⁰⁹ E uma os EUA *Fraternity of Fat Fellows*²¹⁰. As histórias que tem o Japão como cenário fazem referências à Segunda Guerra Mundial.

As temáticas das revistas se modificaram com o passar das edições. Na edição 53, de fevereiro de 1946, as revistas continuam com o mesmo padrão, três histórias do Capitão América: *Robe of evil* (que possui duas partes) e *Murder etched in Stone*²¹¹; e uma do Human Torch: *The Killer who died twice*²¹². As temáticas dessas histórias são semelhantes às do gênero policial investigativo.

O vilão da história *Robe of evil* tem como uma das suas características uma capa vermelha, contudo, não se pode fazer uma alusão e dizer que esse personagem tem relações com o comunismo só por conta desse detalhe, mesmo porque em nenhum momento da história os autores fazem essa relação.

²⁰⁸ *O mistério do bumerangue atômico*, em tradução livre.

²⁰⁹ *O caso da loira glamourosa* (*Blonde Bombshell*: pode-se traduzir como mulher glamourosa, *sex-symbol* ou *loira glamourosa*).

²¹⁰ *Fraternidade dos companheiros gordos*, em tradução livre.

²¹¹ *Assassinato esculpido em pedra*, tradução livre. A história trata de um assassino que faz esculturas em pedras de suas vítimas, parecido com bonecos de vodu.

²¹² *O assassino que morre duas vezes*, em tradução livre.



Figura 133²¹³

A história tem como principal tema uma força maligna ligada a um “robe”²¹⁴ que surgiu há muitos anos atrás. “O Robe do Mal veio à tona há séculos, quando o mundo emergia do caos”²¹⁵. Mesmo que o autor dessa história em quadrinhos faça observações em relações ao uso desse robe na História por imperadores e reis tiranos: “A lenda prossegue dizendo que a segunda aparição do “Robe do Mal”, foi no Egito! Cerca de 5000 a.C... quando o brutal conquistador “Haskon” após um reinado de terror e derramamento de sangue, foi finalmente condenado à morte.”²¹⁶, no momento em que a história passa para o presente (1946) o autor não relaciona o uso desse robe a nenhum personagem que o veste com países ou governos contemporâneos a revista.

As modificações foram tantas que algumas das revistas do Capitão América continham histórias totalmente diferentes das outras. Por exemplo, na edição 69 de

²¹³ “O nome do Demônio? Ninguém sabia quem ele era... Ninguém sabia de onde vinha. De dentro da nevasca ele apareceu, não conhece nenhuma lei que não a sua própria - MATAR, MATAR, MATAR! Com um horripilante grito de guerra os habitantes do mundo inferior se reuniam em torno dele, aderindo à sua abominável causa. Eles, Capitão América e Bucky, completamente perplexos diante desse diabo do século XX, aceitaram o desafio e enfrentaram seu oponente mais poderoso. “The Robe” Mestre do mal!!!”

²¹⁴ A tradução literal para “robe” pode ser roupão, mas no desenho se parece mais com uma capa que contém um capuz.

²¹⁵ *Captain America Comics*, número 53. Fevereiro de 1946, segunda história, pág. 1.

²¹⁶ Além do Egito a revista faz referência a aparição do “Robe of the Evil” em Roma e na França. *Captain America Comics* número 53 Fevereiro de 1946, segunda história, pág. 1.

Dezembro de 1948, a estrutura da revista se modificou. Nesse momento a revista passou a contar com, duas histórias do Capitão América e uma do Human Torch.

Em uma das histórias do Capitão América dessa edição, “*Captain America the weird tales of wee males*”²¹⁷, o Capitão América ensina inglês em uma universidade e, em um determinado momento²¹⁸, é questionado se ele acredita nas histórias sobre a viagens de Gulliver²¹⁹. A sequência da história se dá com o professor Rogers contando uma história em que o Capitão América sofre um acidente aéreo no Polo Norte e é socorrido por gnomos.

Na edição de fevereiro de 1950, a revista *Captain America Weird Tales*²²⁰, não há mais histórias do Human Torch²²¹. A revista possui três histórias. *Hoofprints of doom!*²²², *The thing in the chest*²²³ e uma história com um personagem chamado *The Bat* [o morcego] que já havia aparecido em outras edições. A capa tem uma expressão mais nebulosa, com fundo preto e com um “monstro” peludo saindo de um cofre. As histórias misturam suspense com terror²²⁴.

²¹⁷ *Capitão América: Contos estranhos sobre homens pequenos*, em tradução livre.

²¹⁸ "At the Lee School, Professor Steve Rogers teacher of English faces a problem in ethics as..." *Captain America Comics*. Número 69. Novembro de 1948. Pág. 1.

²¹⁹ "But, professor Rogers, you don't mean to tell us you actually believe the story of Gulliver's travels?" *Captain America*, número 69 de Novembro de 1948, primeira história, pág. 1.

²²⁰ *Capitão América, Contos estranhos*, em tradução livre.

²²¹ As revistas do Human Torch foram canceladas em 1949.

²²² *Pegadas do destino*, em tradução livre.

²²³ *A coisa no baú*, em tradução livre.

²²⁴ Na capa da revista *Captain America Weird Tales* é possível ver o selo da Marvel Comics, essa revista, contudo, era lançada pela Atlas Comics.

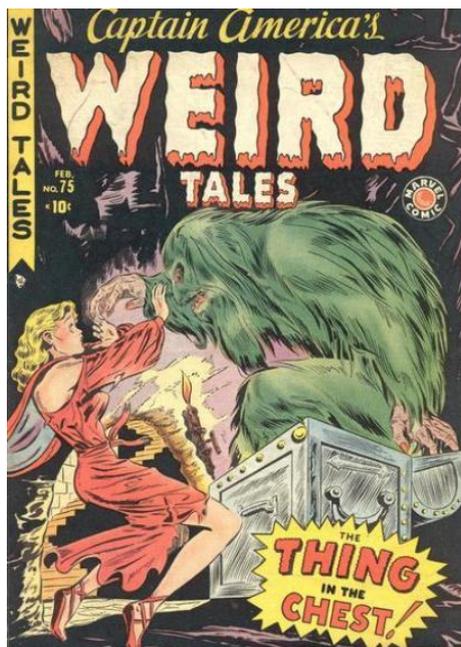


Figura 14

Captain America Weird Tales de fevereiro de 1950 foi o último número lançado pela editora com o título de *Captain America*. Após essa edição houve uma nova reformulação do personagem, seus inimigos continuariam sendo monstros horripilantes, mas dessa vez, eles eram “Vermelhos”.

É preciso esclarecer que mesmo que os personagens dessa fase das histórias do Capitão América sejam caracterizados como monstros, fantasmas e gnomos, esses personagens não têm relação direta ou indireta com os personagens nazistas ou comunistas, assim, podemos dizer, que não foi em todos os momentos de sua história que a editora *Timely Comics* permaneceu alinhada com o projeto capitalista estadunidense. Contudo, podemos observar no próximo tópico, que isso mudou nos anos de 1950.

2.5 Capitão América e Bucky esmagadores de comunistas

Em 1954 a Editora Atlas iniciou um processo de relançamento das revistas de histórias em quadrinhos do Capitão América²²⁵. A editora manteve a sequência de numeração da última revista lançada em 1950.

²²⁵ No site da Marvel Comics é possível visualizar além das capas das revistas do Capitão América, várias outras capas das revistas de Super-heróis lançadas durante o ano de 1954, entre elas *Human Torch* e *Submariner*.

Cada revista contém quatro histórias, três do Capitão América e uma do *Human Torch*, todas elas nos mesmos modelos das revistas publicadas nos anos de guerra, contendo histórias rápidas com oito páginas cada uma.

O único nome que aparece na capa é do desenhista John Romita, presume-se que seja ele o responsável pela arte final. Os roteiros das histórias em quadrinhos também seguem a mesma linha de combater intrusos e inimigos internos dentro dos EUA.²²⁶

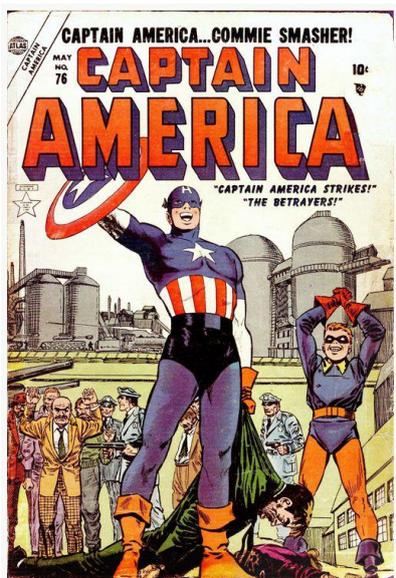


Figura 15

A Atlas Comics, logo no título da revistas indica quais seriam as intenções com a volta do Capitão América, todas as três revistas dessa fase, vão possuir o “título” de *Captain America... Commie Smasher*, ou seja, Capitão América, esmagador de comuna.

A primeira revista de maio de 1954 traz o Capitão América junto com Bucky comemorando a captura de alguns homens, que como vamos ver logo na primeira página da história, pela fala do narrador, que esses homens eram espiões comunistas.

Sim o grande defensor da democracia está de volta com seu parceiro, Bucky... De volta para combater a pior ameaça à liberdade de amar dos povos que o mundo já enfrentou. Juntos eles lutaram contra fascistas e nazistas, mas agora eles são necessários novamente para lutar... “OS TRAIADORES” [título da história].²²⁷

²²⁶ A queda nas vendas das revistas durante os anos de 1940 reduziu o número de pessoas que trabalhavam na Timely Comics. Apesar de não possuir o nome de Stan Lee nos créditos das revistas do Capitão América (e de muitos autores desvincularem o nome de Stan Lee dessas produções dos anos de 1954), ele continuou a trabalhar na editora depois que a Timely Comics se tornou a Atlas Comics no final dos anos 1940, sendo um dos únicos empregados da Timely a continuar trabalhando com Martin Goodman. Essa informação pode ser encontrada no documentário sobre a vida do autor, *Stan Lee: o especial*, veiculado pelo canal History Channel. Disponível em <http://www.seuhistory.com/programas/stan-lee.html> Acesso em 20 dez. 2012.

²²⁷ *Captain America Comics* número 76 de Março de 1954, primeira história, pág. 1.

Essas revistas do Capitão América foram publicadas em um momento pouco oportuno para as histórias em quadrinhos, pois, como havíamos mencionado, as histórias em quadrinhos de superaventuras perderam público no pós-guerra. Entretanto ao investigar as histórias produzidas durante o ano de 1950, observamos que elas assumem o mesmo discurso das histórias em quadrinhos do período da Segunda Guerra Mundial.

Já mencionamos que uma parte da classe política dos EUA financiada por empresas organizou um aparato constitucional para caçar os comunistas por conta do “medo comunista”. Esse medo na realidade é uma construção dessa parcela dirigente estadunidense e a indústria cultural auxiliou na tentativa de estabelecer um consenso da ameaça de um inimigo comunista externo, como também interno.

É fato que as tensões do pós-guerra entre EUA e URSS aumentaram. Uma das intenções das remessas de dinheiro para ajudar os países devastados pela guerra, como havia sido na Primeira Guerra Mundial serviram para “salvar” os países da revolução.

Internamente o governo do democrata Truman sofreu com a oposição de extrema direita por “deixar os comunistas avançarem”. Acusavam-no de “perder a China”.²²⁸ Além de toda a campanha do presidente republicano eleito Dwight Eisenhower nas eleições de 1952, serem pautadas nas ações do Comitê de Atividades Antiamericanas e do Senador McCarthy.

Essas revistas são elaboradas justamente no contexto histórico em que se consolidam a Revolução Chinesa, em 1949, e o fim da guerra entre as duas Coreias, em 1953. O que podemos perceber nessas revistas lançadas em 1954 é que a formula de bestializar o inimigo continua, o discurso antinazista é substituído pelo discurso anticomunista:

Eles lutaram e batalharam durante toda a Segunda Guerra Mundial. Estes valentes e corajosos patriotas. Mesmo com a vinda da paz, ainda não havia descanso para eles. Os comunistas foram espalhando seus tentáculos gananciosos por todo mundo.²²⁹

Os temas das revistas de histórias em quadrinhos do Capitão América no período de 1946 até 1950 pareciam distantes do contexto de “Caças às Bruxas”, contudo as

²²⁸ Em 1949

²²⁹ Captain America Comics número 76 de Março de 1954, primeira história, pág. 1.

revistas lançadas no ano de 1954 auxiliaram a propagandear o anticomunismo dentro dos EUA.

Na terceira edição da revista do Capitão América, número 76, de maio de 1954, “*Come to the Commies*”, a história se inicia na Indochina, um personagem que aparenta ser um soldado, por causa das suas vestimentas, obriga um prisioneiro estadunidense a ler um texto: “Americanos, parem de lutar contra os comunistas... Eles são nossos amigos... Nós estamos muito bem e felizes aqui... Então... Desistam de lutar.”²³⁰ Na mesma página uma conversa entre Bucky e Capitão América:

Bucky: Cap. Você ouviu isso?”

Capitão América: Certamente, Bucky! Americanos dizendo-nos para parar de lutar contra os vermelhos! Algo não está me cheirando bem aqui. E nós vamos descobrir o que é!²³¹

A história se desenvolve com o recruta²³² Steve Rogers ouvindo uma conversa entre dois militares estadunidense de alta patente²³³, nessa conversa o Coronel diz para o outro militar que eles precisam entrar em contato com o Capitão América. Ao ouvir essa a conversa Steve Rogers e Bucky vestem seus uniformes e vão ao encontro dos dois militares. O Comandante explica para o Capitão América que turistas e “*legation workers*”²³⁴ desapareceram atrás da cortina de ferro²³⁵. Capitão América diz ao Comandante que tem um plano.

Na sequência da história, Capitão América e Bucky pulam de paraquedas na Indochina e entram nas instalações do governo. Ao serem vistos, Capitão América diz que está do lado dos comunistas. Durante a noite organiza uma fuga com os prisioneiros.

No final dessa história o editor da revista através do narrador indica a intenção dessas publicações. “Precaver-se comunistas, espões, traidores e agentes estrangeiros! O Capitão América, com todos os homens livres e leais atrás de si, está vos procurando, pronto para lutar até que o último de vocês seja exposto como a rale amarela que vocês

²³⁰ Captain America Comics número 76. Maio de 1954, terceira história, página 1.

²³¹ Captain America Comics número 76. Maio de 1954, terceira história, página 1.

²³² Nas histórias do ano de 1954, Steve Rogers volta a ser um soldado estadunidense.

²³³ Um deles é identificado posteriormente como sendo coronel.

²³⁴ Missão mantida por um governo em país onde ele não tem embaixada. Disponível em <<http://www.dicio.com.br/legacao/>> Acesso em 28 nov. 2012.

²³⁵ “Tourists, legation workers, have vanished behind Iron Curtain”. America Comics número 76. Maio de 1954, terceira história, página 2.

são!”²³⁶. Deve-se levar em conta que a gíria pejorativa “yellow”, ou seja, amarelo é utilizada para caracterizar de forma pejorativa todos os asiáticos, não só os japoneses²³⁷.

A segunda revista é publicada em Julho do mesmo ano, na capa já podemos encontrar uma referência aos “inimigos” comunistas:

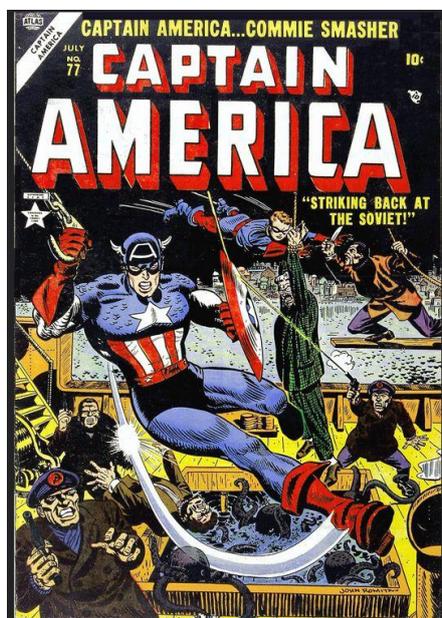


Figura 16

É interessante que a primeira tarjeta abaixo do logo do capitão América já nos mostra o caráter do conteúdo da revista “atacando de volta os soviéticos”. A capa é construída em um navio de carga que está em um porto. Ao fundo da imagem podemos perceber uma cidade. Há um senhor pendurado em uma corda, encima de um poço com polvos marinhos, insinuando que ele seria assassinado.

Há cinco sujeitos que representam os inimigos do Capitão América, três deles armados com revólveres, um deles atirando em direção ao Capitão, um deles com uma faca, o qual Bucky ataca e dois deles com quepe de capitão de navio com a foice e o martelo, um abatido pelo Capitão América que surge do alto pendurado por um gancho.

A última revista lançada do Capitão América em 1954 é a numero 78, de setembro. Na capa pode-se perceber o Capitão América lutando contra dois inimigos comunistas.

²³⁶ Captain America Comics número 76. Maio de 1954, terceira história, página 6.

²³⁷ Em filmes como *Gran Torino*, a gíria “amarelo” é utilizada para se referir aos Sul-Coreanos nos EUA e em *Forrest Gump*, a agíria “amarelo” se refere aos vietnamitas.

Assim como nas revistas da época da Segunda Grande Guerra, há sempre vários inimigos que aparecem na capa das revistas, isso nos mostra a ideia de que o Capitão América e Bucky lutam sozinhos contra vários inimigos. Desta forma qualifica-se seus inimigos como covardes, já que sempre atacam em maior número, alimentando a imagem de um inimigo nefasto.

Mesmo que na maioria das vezes os cenários nos quais ocorreram as histórias são nos EUA, o discurso é sempre em favor de todas as democracias, o que criaria a imagem de que os EUA representam um determinado sistema político e um ataque aos EUA é um ataque a todas às repúblicas democráticas.

Ao observarmos a capa da revista do Capitão América de setembro de 1954, é possível perceber a construção da imagem de um inimigo comunista similar aos dos filmes analisados por Valim e Souza em suas teses citadas acima.

O diferencial dessa última capa é que além da já mencionada chamada da revista “Capitão América... Esmagador de Comunistas”, essa capa traz o Capitão América enfrentando inimigos comunistas. Na primeira tarjeta da capa: “Quanto de suspense e ação você pode suportar?”, e na segunda tarja: “Veja Capitão América resistir às hordas comunistas”.

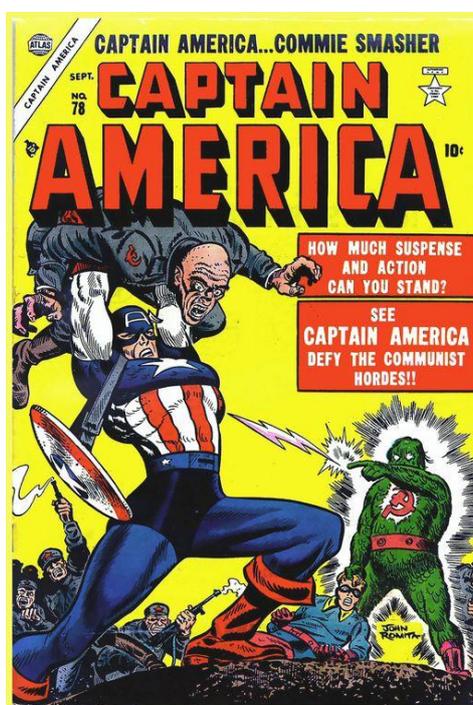


Figura 17

Além de caracterizarem os comunistas como traiçoeiros, espiões e bandidos, os personagens são desenhados com a fisionomia de criaturas horripilantes e monstruosas.

A história se inicia com a apresentação de um novo inimigo do Capitão América, Electro. Esse novo inimigo tem a aparência de um mostro de cor verde e é peludo:

Narrador: Aqui está ele. O mais temido e horrível mercador da morte que os Vermelhos inimigos da liberdade já conceberam para destruir o Capitão América! É Electro. Carregado com eletricidade e poder para destruir qualquer um que quiser. Seu propósito é matar o Capitão América... E... Seu toque é mortal.²³⁸

Na cena seguinte à apresentação de Electro, dois militares comunistas conversam. Não é possível identificar sua nacionalidade ou as suas patentes. Na história Electro é uma criatura concebida por cientistas comunistas, não identificam o seu país de origem, entretanto o país a ser atacado é os EUA:

Militar 1: O Capitão América foi criado por um cientista americano durante a Segunda Guerra. Um fraco, insignificante, 4-F [sigla que significa que não foi apto para o serviço militar], o professor injetou um soro secreto e poderes dinâmicos para torná-lo mais forte do que qualquer outro ser humano. Desde então, ele tem sido o inimigo mais forte das democracias contra o Fascismo... E agora, para nossa causa... Comunista internacional.²³⁹

Electro, contudo, tem uma fraqueza: a energia acumulada em seu corpo tem duração de 24 horas e ele deve se recarregar para continuar a batalha:

Militar 1: Electro tem o poder da eletricidade para combater a força do Capitão América! Ele é perfeito, exceto por uma ligeira falha.

Militar 2: E o que é?

Militar 1: A energia elétrica em seu corpo dura apenas 24 horas de cada vez... Ele tem que ser recarregado em contato com um dínamo. [gerador elétrico].

Militar 2: O que deve ser simples, se ele se certificar que deve estar próximo de um dínamo até o final de todas as 24 horas.

Electro: Eu vou me lembrar.²⁴⁰

²³⁸ Captain America Comics número 78 de Setembro de 1954, primeira história. Pág. 1.

²³⁹ Captain America Comics número 78 de Setembro de 1954, primeira história. Pág. 1.

²⁴⁰ Captain America Comics número 78 de Setembro de 1954, primeira história. Pág. 2.

Há nessa história várias passagens que os editores da revista utilizam para reforçar a ideia de que os comunistas são desleais e traiçoeiros, uma delas é o modo em que o narrador descreve a entrada de Electro nos EUA:

Narrador: Com seu corpo coberto de amianto para escondê-lo, Electro é contrabandeado para dentro dos EUA. Na calada da noite desembarca na remota praia de Long Island, enquanto a pacífica América dorme inconsciente do perigo.²⁴¹

Outra dessas passagens pode ser verificada no diálogo entre os dois militares e Electro, no qual um dos militares adverte Electro que, caso o Capitão América estiver ganhando a batalha, ele deve apelar e atacar o parceiro do Capitão, Bucky:

Militar 1: Um único aviso Electro... Este Capitão América é o um inimigo formidável. Contudo, ele tem uma fraqueza... Sua afeição pelo seu jovem parceiro Bucky por quem ele daria a sua vida. Se nada mais funcionar, lembre-se disso.²⁴²

Na sequência da história, Electro chega à Nova York e em meio a um desfile em homenagem ao Capitão América e ali ele dá início ao seu plano de atacar o Capitão América. Electro utiliza de seu poder para escrever em um letreiro no meio do desfile os dizeres: “Capitão América morrerá hoje”²⁴³. Capitão América e Bucky vão investigar o que estava acontecendo e pensam que é apenas um curto circuito, em meio a isso Electro se apresenta e ataca os dois.

Capitão América percebe que seu inimigo é forte e pensa em uma estratégia para derrotá-lo. Ao “correr” da luta, seu oponente e seu próprio parceiro duvidam de seu plano, no entanto o Sentinela da Liberdade derruba o vilão.

Apesar da aparente vitória dos heróis, ainda resta a Electro um ataque, pois como ficou claro no início da história, se Electro não conseguisse vencer o Capitão América, ele utilizaria de seu plano “B” e atacaria o Bucky. Ao atacar Bucky, Electro utiliza a maior parte de sua energia, Capitão América percebe a vulnerabilidade de Electro e liga uma válvula que libera uma corrente de água, fazendo com que Electro entre em curto circuito e provoque a morte de seu oponente.

²⁴¹ Captain America Comics número 78 de Setembro de 1954, primeira história. Pág. 2.

²⁴² Captain America Comics número 78 de Setembro de 1954, primeira história. Pág. 2.

²⁴³ Captain America Comics número 78 de Setembro de 1954, primeira história. Pág 3.

Ao contar para Bucky como ele percebeu a fraqueza de Electro e como ele havia pensado em um plano para derrotá-lo, Capitão América insinua que Electro não os pouparia se tivesse a chance de matá-los. É nesse momento que Bucky percebe que no mesmo letreiro que estava escrito que o Capitão América morreria, está escrito: “Capitão América vive”²⁴⁴.

No rodapé da última página da última história da revista contém a frase: “para mais emoções não percam as aventuras do Capitão América e de seu grande aliado, *Human Torch*... Em sua própria revista já à venda”²⁴⁵, provavelmente referenciando ao lançamento de uma nova revista do *Human Torch* ou do Capitão América, que nunca chegaram a ser publicadas²⁴⁶, pois esse projeto foi cancelado pela segunda vez.

2.6. Para onde foi o Capitão América?

Na tabela número 1 das revistas do Capitão América (que se encontra no primeiro capítulo) há a informação dos lançamentos das revistas do Capitão América até 1950. É possível observar que até esse ano, as revistas do Capitão América foram lançadas regularmente, mesmo que a cada lançamento seus editores tentassem desvincular os temas das revistas do assunto da Segunda Guerra Mundial, até ter o tema da revista completamente modificado. Mesmo assim, isso não foi o suficiente para impedir o seu primeiro cancelamento.

Um dos fatores para pensar o cancelamento das revistas do Capitão América, é o fato de que essas revistas foram produzidas para a guerra, como havíamos visto no primeiro capítulo, deste modo, o personagem do Capitão América perdeu o sentido durante os anos de paz. Mesmo que *Human Torch* e *Submariner* tenham sido criados antes dos conflitos, o engajamento deles não foi menor do que o do Capitão América.

Os editores ao se utilizarem da atmosfera de guerra total e comprometeram seus super-heróis ao passo que no pós-guerra “[...] ficaram restritos ao combate de meliantes

²⁴⁴ Captain America Comics número 78 de Setembro de 1954, primeira história. Pág. 6.

²⁴⁵ Captain America Comics número 78 de Setembro de 1954, primeira história. Pág. 6.

²⁴⁶ A Atlas Comics lançou três revistas do Human Torch em 1954. Uma em abril, em junho e última em agosto. Disponível em <<http://www.comicvine.com/the-human-torch/49-832/>> Acesso em 29 nov. 2012. Cinco revistas do Submariner, que continuou a ser editada até outubro de 1955. Disponível em <<http://www.comicvine.com/sub-mariner/49-1642/>> Acesso em 29 nov. 2012.

normais (batedores de carteira, pequenos gatunos e trapaceiros de todos os tipos), com poucas perspectivas para feitos maiores.”²⁴⁷

É possível considerar que após o término da Segunda Grande Guerra houve uma modificação na sociedade estadunidense. Como vimos anteriormente no tópico 2.2 (O perigo vermelho), houve várias greves e movimentos de contestação nos EUA. Uma das causas dessa modificação da sociedade estadunidense pode ser relacionada com os lançamentos das bombas atômicas no Japão, as descobertas dos campos de concentração na Alemanha Nazista e países ocupados e o perigo eminente de uma guerra nuclear.

Desse modo, as revistas em quadrinhos que exaltavam os conflitos da Segunda Guerra Mundial perderam espaço para as revistas com conteúdo mais humorístico e para as revistas do gênero de terror. Isso fez com que os editores da *Timely Comics* modificassem seus roteiros e personagem para tentar conquistar esse “novo público” como vimos no tópico 2.4 (Monstros e Fantasmas), o que efetivamente não deu certo.

É possível dizer que em 1954 havia a possibilidade de um enfrentamento entre a URSS e os EUA, essa possibilidade influenciou os editores da Atlas Comics a trazerem de volta seus super-heróis da Segunda Guerra. Todavia, a volta desses Super-heróis não emplacou, levando ao cancelamento dessas revistas. É possível que justamente a modificação da sociedade estadunidense durante década do pós-guerra tenha influenciado a não aceitação dessas novas revistas de Super-Heróis.

Durante a segunda metade dos anos 1940 e nos anos 1950 houve vários movimentos contestadores nos EUA ajudaram a fomentar as lutas sociais durante os anos de 1960. No campo da literatura, duas obras podem nos ajudar a entender o que foi esse movimento de contestação período no campo das produções culturais, movimentos esse que influenciaram a criação da geração *beat* e *hippie*.

A primeira obra é o livro de Hunter Thompson (um dos representantes do Gonzo jornalismo²⁴⁸) sobre os Hell’s Angels, lançado em 1966. Sua obra não é influência para esses movimentos, mas ele talvez seja influenciado por essa geração do pós-guerra.

²⁴⁷ VERGUEIRO, Waldomiro. *Super-heróis e a cultura americana*. In: VIANA, Nildo; REBLIN, Iuri Andréas (orgs.). **Super-heróis, cultura e sociedade**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2011. op. cit. Pág. 150.

²⁴⁸ Misturando ficção com não ficção e colocando o jornalista como personagem e até mesmo protagonista dos acontecimentos relatados, o jornalismo gonzo por muito tempo foi olhado com desconfiança por grande parte da imprensa. Avesso às convenções, descompromissado com o lead e outros padrões jornalísticos, o gênero é contemporâneo da contracultura e como tal carrega consigo um forte acento dos ideais que acometiam a época de seu surgimento. O jornalista gonzo preza a liberdade de expressão, a experimentação de estados de consciência alterados e, sobretudo, a verdade. Uma verdade livre de caretes e burocracias. ANDRADE, Everson. O que é Jornalismo Gonzo? – Em

O que nos interessa com relação a esse livro é que ao estudar o comportamento do mais antigo moto clube estadunidense, os Hell's Angels, Thompson historiciza a criação dele e como essa se deu no período pós-guerra, a maioria dos seus integrantes foram soldados de guerra que ao retornarem do combate não se sentiam como heróis e assim foram renegados pela sociedade. As motocicletas foram compradas ou roubadas do exército, já que a empresa Harley Davidson que fornecia motos para o exército estadunidense.

Já a obra de Jack Kerouac *On the road*, considerada a bíblia da geração *beat*, foi escrita no ano de 1957 em apenas três semanas. Em sua narrativa é possível perceber como são vistos os negros e os imigrantes latinos nesse período. E também as experiências que Jack Kerouac viveu nos anos 1940. O personagem do livro é um ex-soldado da Segunda Guerra Mundial que viaja pelos EUA conhecendo poetas, bêbados, músicos, mulheres etc.

Através dessas narrativas pode-se perceber uma crítica ao *American way of life*, pois elas mostram que apesar do crescimento econômico dos Estados Unidos no período pós-guerra, a sociedade estadunidense vivia uma contradição cultural, política e econômica.

Para alguns pesquisadores de histórias em quadrinhos, outro fator para a queda das vendas das histórias em quadrinhos foi a obra do psicólogo Fredric Wertham, *Seduction of the Innocent*²⁴⁹, livro que ligava a crescente onda de violência juvenil dos anos de 1940/50 as histórias em quadrinhos:

Representando a tentativa de controle do conteúdo das revistas de histórias em quadrinhos pela sociedade, o Comics Code surgiu como consequência da campanha moralista desenvolvida pelo Dr. Frederic Wertham (1895-1981), durante a segunda metade da década de 1840 e primeira metade da seguinte, e que culminou com a publicação de seu livro *Seduction of the Innocent*, Nessa obra, fruto de sua atuação como psiquiatra, Wertham relatava os potenciais maléficis que a leitura de histórias em quadrinhos podia trazer para os adolescentes, predispondo-os á marginalidade, ao crime e à realização de atos nocivos a sociedade.²⁵⁰

<http://semanacomunicacao2012.wordpress.com/2012/09/21/jornalismo-gonzo-e-contemporaneidade-desse-estilo/> acessado em 20 de Fevereiro de 2013, as 09h40min.

²⁴⁹ A Sedução dos Inocentes.

²⁵⁰ VERGUEIRO, Waldomiro. *Super-heróis e a cultura americana*. In: VIANA, Nildo; REBLIN, Iuri Andréas (orgs.). **Super-heróis, cultura e sociedade**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2011 Op Citi. Pág. 152.

Esse livro foi publicado em 1953 no Canadá e em 1954 nos EUA, resultado de um estudo desse psicólogo com adolescentes que durou 7 anos.²⁵¹ Muitas histórias como a de Batman, Mulher Maravilha e Superman, foram citadas em seu livro, críticas de incentivo à criminalidade e ao homossexualismo foram feitas por esse autor:

Seus comentários são reveladores. Uma criança disse sobre o Superman “Ele ensina que o crime não compensa, mas ensina o crime.” Outra disse “Superman é ruim porque eles fazem dele uma espécie de Deus”. Ainda outro. “Superman é ruim porque se as crianças acreditam no Superman, vão acreditar em qualquer coisa”. Uma criança de 10 anos disse: “Eu acho que eles são ruins, mas bom de ler”. O que eles querem dizer com mau é interessante. Um menino disse que “alguns estão sujos, alguns lhe dão maus pensamentos”. Um grande número de crianças incluindo as que gostam de histórias em quadrinhos expressam um melhor juízo ético entre os “maus” do que os mais velhos.²⁵²

Ao dizer: “Um grande número de crianças incluindo as que gostam de histórias em quadrinhos expressam um melhor juízo ético entre os 'maus' do que os mais velhos”. Aqui podemos interpretar que as histórias em quadrinhos ajudam as crianças a diferenciar quem é “bom” de quem é “mal”, em um sentido educacional, ou seja, a partir desse trecho citado, é possível pensar que as revistas em quadrinhos, ao contrário da influência os adolescentes a praticar a violência auxiliam na identificação do juízo burguês de bem e mal.

Outra citação na qual podemos ilustrar o ataque banal desse autor para as revistas de superaventuras é o trecho do livro que foi citado no livro *Shazam*, de Álvaro de Moyo:

Constantemente eles se salvam um ao outro de ataques violentos de um número sem-fim de inimigos. Transmite-se a sensação de nós homens, devemos nos manter juntos porque há muitas criaturas malvadas que tem que ser exterminadas... Às vezes, Batman acaba numa cama, ferido, e mostra-se o jovem Robin sentado ao seu lado. Em casa, levam uma vida idílica. São Bruce Wayne e Dick Grayson. Bruce é descrito com um grã-fino e o relacionamento oficial é que Dick é pupilo de Bruce. Vivem em aposentos suntuosos com lindas flores em grandes vasos... Batman é, as vezes, mostrado num hobby de chambre... É como um sonho de dois homossexuais vivendo juntos.²⁵³

²⁵¹ WERTHAM, Fredric. **Seduction of the Innocent**. Second Printing, 1954.

²⁵² Idem.

²⁵³ MOYO, Álvaro. *Era uma vez um menino amarelo*. In: MOYO, Álvaro. **Shazam**. 3ª ed. São Paulo:, 1977. p. 101.

Os trechos citados acima são apenas para ilustrar que a acusação que Frederic Wertham dirigiu às histórias de superaventuras não ataca diretamente essas revistas. Apesar de mencionar as histórias de Superman, Batman e Mulher Maravilha, o ataque frontal é para as revistas tipo “b-sides”, as revistas que tem como tema romance policial, sexo e terror.

Mesmo que o livro tenha influenciado uma investigação federal, foram as próprias editoras de revistas em histórias em quadrinhos que se reuniram e, em 26 outubro de 1954, publicaram o “código de conduta” para as publicações dessas revistas.²⁵⁴ Após o lançamento desse código, todas as revistas de histórias em quadrinhos que eram aprovadas recebiam um selo “Approved by the Comics code authority”²⁵⁵:



Figura 18

Um mês depois da publicação da última revista do Capitão América, sua editora ajudou a elaborar um código de conduta para as publicações dessas revistas. Isso nos mostra que o fato da Atlas Comics encerrar a produção das histórias do Capitão América e do Human Torch, pode ter se dado por conta da rejeição do público.

Podemos concluir que apesar da militância desse psicólogo, não podemos responsabilizar a publicação desse livro pela decadência das histórias em quadrinhos de Superaventura. O mesmo pode ser dito com relação ao código de conduta, já que entendemos que ele não pode ser responsabilizado pela decadência das histórias em quadrinhos. Pelo contrário, acreditamos que esses dois acontecimentos foram cruciais para a reorganização dessas histórias.

Outra conclusão que tivemos ao confeccionar esse capítulo é que a indústria cultural em determinados momentos, estabeleceu ligações com a sociedade política dos

²⁵⁴ Code of the Comics Magazine Association of America. Inc.: Adopted on October 26th, 1954, the enforcement of this Code is the basis for the comic magazine industry's program of self-regulation. Disponível em <<http://www.comicartville.com/comicscode.htm>> Acesso em 1º de jul. 2012.

²⁵⁵ Aprovado pela Comics Code Authority.

EUA, uma vez que durante a Segunda Guerra Mundial e o período pós-guerra essas produções sofreram fortes influências da política externa dos EUA, elegendo como inimigos de seus personagens os elementos que o governo considerava indesejáveis.

Isso ocorre, pois essas revistas e filmes, como aponta Nilo Piana de Castro, “(...) são, em grande parte, produto das condições sociais de sua época e da sociedade que o produziu, permitindo uma leitura ideológica através de suas imagens e diálogos, assim como parte do imaginário no qual foram produzidos”²⁵⁶. Soma-se a isso, ainda, o fato de que em todas as revistas do Capitão América existiam propagandas de empresas privadas anunciando seus produtos, da mesma forma, que os filmes de Hollywood precisavam de patrocínio para ser rodados. Logo, entendemos que a criação dos super-heróis e seus inimigos são pautados a partir do sistema econômico do país e a partir de sistemas divergentes dos do EUA (Comunismo e Nazismo) que ameaça o seu *status quo*, dessa forma, tornando-se indesejável.

Apesar disso, em outros momentos, essas mesmas produções culturais, sofrem metamorfoses e se distanciam das políticas econômicas estabelecidas por Washington e muitas vezes, até questionando o *status quo* vigente, mostrando-nos que essas produções culturais não são pré-determinadas, havendo em muitas delas, como podemos observar nas produções cinematográficas, uma espécie de luta ideológica interna.

²⁵⁶ CASTRO, Nilo André Pianna de. **Segunda Guerra Mundial e cinema**. op. cit. p. 279.

CAPÍTULO 3 - AVENGERS, ASSEMBLE²⁵⁷

“Irmãos e Irmãs. Estou aqui para lhe dizer que acuso o homem branco. Acuso-o de ser o maior assassino da Terra. Acuso-o de ser o maior raptor da Terra. Não há lugar na Terra em que o homem possa ir e dizer que ele criou a paz e a harmonia. Onde quer que ele tenha ido, ele criou a desordem. Onde quer que ele tenha ido, ele criou a destruição. Por isso o acuso de ser o maior raptor da Terra. Acuso-o de ser o maior assassino da Terra. Acuso-o de ser o maior ladrão e escravizador da Terra. Acuso o homem branco de ser o maior apreciador de porco e bêbado da Terra! Ele não pode negar as acusações. Não pode negar a acusação. Somos delas a prova viva! Você e eu somos a prova. Não somos americanos, vocês são vítimas da América. Vocês não escolheram vim para cá. Eles não lhe disseram, “homens e mulheres negros venham me ajudar a construir a América”. Eles disseram, “negros entrem no barco vou te levar para lá, para me ajudar a construir a América”. Terem nascido aqui não os tornam americanos. Vocês e eu não somos americanos. Você é um dos 22 milhões de negros vítimas da América. Vocês e eu nunca vimos a democracia. Não vimos democracia nos campos de algodão da Geórgia. Lá não há democracia. Não vimos democracia nas ruas do Harlem, Brookilyn, Detroit, Chicago. Lá não há democracia. Não, nunca vimos democracia. Não vimos mais do que hipocrisia. Não vimos qualquer sonho americano. Só experimentamos o pesadelo americano”. (Malcon X – 1992.)

O terceiro capítulo desse trabalho consiste na análise das revistas em quadrinhos do grupo de super-heróis *Avengers*, que teve sua primeira revista lançada nos EUA em setembro de 1963. A proposta dessa revista foi unir vários super-heróis em um grupo de combate. Os heróis que iniciaram as publicações da revista foram: *Hulk*, *Wasp*, *Ant-man*, *Thor* e *Iron Man*, sendo que a partir da 4ª edição, de março de 1964, o Capitão América é integrado ao grupo.

O grupo de super-heróis *Avengers* foi formado com personagens que já haviam aparecido em outras histórias em quadrinhos da editora *Marvel Comics*: *Ant-man* e *Wasp* em *Tales to astonish* número 27, de janeiro de 1962; *Hulk* em sua própria revista, *The incredible Hulk*, de maio de 1962; *Iron man* em *Tales of suspense* número 39, de março de 1963; *Thor* em *Journey into mystery* número 83, de agosto de 1962 e Capitão América em *Captain America* número 1, de março de 1941.

Como podemos perceber, todos esses super-heróis, com exceção do Capitão América, foram criados após a implementação do código dos Comics de outubro de 1954.

²⁵⁷ "Reúnam-se Vingadores", em tradução livre. Esse é o grito de batalha dos *Avengers*.

O período que pesquisei compreende de setembro de 1963 até dezembro de 1967. Esse é o período da formação desse grupo de super-heróis e na segunda tentativa de relançar uma revista com o super-herói Capitão América, que foi integrado ao grupo pelos editores em março de 1964, até sua última aparição nessa revista, em dezembro de 1967. Os editores responsáveis pela publicação das revistas dos *Avengers* foram Jack Kirby e Stan Lee²⁵⁸. A dupla seguiu editando essas revistas até a edição de 16 de maio de 1965, após essa edição, Jack Kirby foi substituído por Don Heck nos desenhos²⁵⁹.

A partir desse recorte as histórias se dividem em três fases a primeira, de setembro de 1963 até março de 1964, período de reconhecimento em que são lançadas apenas três revistas que têm como personagens os super-heróis: *Thor*, *Iron Man*, *Ant-Man*, *Wasp* e *Hulk*. Este período seria de reconhecimento, pois me parece que os editores realizaram uma espécie de teste de popularidade, tendo em vista que as revistas só se tornaram mensais a partir de julho de 1964.

O segundo período vai de março de 1964 até junho de 1965, período esse que consiste na inclusão do Capitão América no grupo. É nessa época, também, que a revista se tornou mensal e também houve as modificações no *cast* dos personagens dos *Avengers*, pois *Thor*, *Iron Man*, *Ant-Man*, *Wasp* e *Hulk* deixam o grupo na revista número 16, de maio de 1965, para a entrada de *Scarlet Witch*, *Quicksilver* e *Hawkeye*. Assim, apenas o Capitão América permaneceu no grupo.

O último período abrange desde junho de 1965 até dezembro de 1967, período que corresponde à volta de *Giant-Man* e da *Wasp* ao grupo, e à saída do Capitão América.

Na tabela abaixo está a relação da entrada e a saída de cada super-herói. Essa tabela foi confeccionada a partir do período que foi selecionado para analisar, pois muitos dos super-heróis que aparecem nessas edições foram substituídos por outros, além de outros super-heróis terem integrado os *Avengers* após esse período.

Tabela 7 Super-Heróis que participaram dos Avengers (1963-1967)

Super-Herói	Nome do Alter-ego	Período	Origem
Hulk	Dr. Bruce Banner	Agosto de 1963 até Maio de 1964 (Participa da edição 17 de Junho de 1965)	Mutação genética causada por uma explosão de raios gama

²⁵⁸ Jack Kirby, ao lado de Joe Simon, foi criador do Capitão América, em 1941, e ficou responsável pelas sete primeiras edições da revista, sendo, após isso, substituído por Stan Lee.

²⁵⁹ Jack Kirby não saiu da Marvel. Ele e Stan Lee continuaram sendo responsáveis pelas edições do Capitão América na Revista *Tales of suspense*, que começou a publicar algumas aventuras do Capitão América na época da Segunda Guerra Mundial.

Iron Man [Homem de Ferro]	Tony Stark	Agosto de 1963 até Maio de 1965 (Participa da edição especial anual de Setembro de 1967)	Humano que usou sua fortuna para construir uma armadura com vários dispositivos e armas. A parte do peito da armadura também é o que mantém ele vivo.
Ant-man [Homem Formiga] /Giant-man [Gigante]/ Goliath [Golias]	Dr. Henry Pym	Agosto de 1963 até Maio de 1965. Volta na Edição 28 de Maio de 1966	Cientista que através de seus estudos desenvolveu a capacidade de aumentar e diminuir o tamanho de seu corpo
Wasp [Vespa]	Janet Van Dyne	Agosto de 1963 até Maio de 1965. Volta na edição 26 de Março de 1966.	Humana diminui o tamanho do seu corpo ao tamanho de uma Vespa, tendo desenvolvido asas, assim a capacidade de voar.
Thor	Thor	Agosto de 1963 até Maio de 1965. (Participa da edição anual de Setembro de 1967)	Deus do trovão na mitologia nórdica.
Capitão América	Steve Rogers	Março de 1964 até Dezembro de 1967	Humano modificado geneticamente por um soro que aumenta suas capacidades humanas.
Scarlet Witch [Feiticeira Escarlate]	Wanda Maximoff	Integra o grupo a partir da edição 16, de maio de 1965.	Mutante com poderes mágicos.
Quicksilver [Mercúrio]	Pietro Maximoff	Integra o grupo a partir da edição 16 de maio de 1965.	Mutante com poder da velocidade.
Hawkeye [Gavião Arqueiro]	Clint Barton	Integra o grupo a partir da edição 16 de maio de 1965.	Humano com habilidades de arqueiro.
Black Widow [Viúva Negra]	Natasha Romanoff	Aparece na edição 29 de Junho de 1966, mas não se efetiva como Avenger.	Humana com habilidades em artes marciais. Inicialmente foi vilã agente soviética, mas em sua aparição nos Avengers desenvolve um trabalho em conjunto com a agência do governo S.H.I.E.L.D. e Nick Fury.
Hercules	Hercules	Integra o grupo a partir da edição de número 38 de Março de 1967	Personagem mitológico grego

Fonte: Revistas em quadrinhos *Avengers* de 1963 até dezembro de 1967. Esses dados foram retirados das publicações das revistas estadunidenses.

Apesar desta separação, pautei a análise por um tema principal, pois observei que esse tema ultrapassa essas fases: a representação de um inimigo nazista e de um inimigo comunista. Ou seja, a presença da temática principal das revistas em quadrinhos do Capitão América de arquitetar um inimigo externo da democracia estadunidense permaneceu nas revistas dos *Avengers*.

Nesse sentido, faz-se necessária também uma tabela relacionando todos os supervilões que apareceram nessas revistas durante o período estudado, mesmo que não analisemos todos eles, a origem de alguns desses vilões é de fundamental importância para nossa análise. Tendo em vista que percebemos que alguns dos supervilões que aparecem nas revistas dos *Avengers* são representados como sendo comunistas ou nazistas, de modo que o supervilão é apresentado como inimigo dos EUA.

Tabela 8 – Vilões *Avengers* (1963-1967)

Nome	Edições	Natureza
Loki	#1	Ser mitológico (Asgard)
Phanton Of Space	#2	Espacial
Namor	#3#4 #40	Ser inspirado na mitologia grego, é um ser marinho, príncipe de Atlântida.
“Seu nome não poderia ser pronunciado em nenhuma língua da Terra”	#4	O Capitão América deduz pelos poderes desse personagem que ele é a lendária Medusa, ser mitológico grego.
Lava men	#5	Ser terrestre que habita o subterrâneo da Terra
Zemo	#6/#7/#9/10/#15#16	Nazista fugido para América Latina
Black Knight	#6/#15 #16	Humano com super-poderes
The Melter	#6/#15#16	Humano com super-poderes
Radioactive Man	#6/#15	Humano com super-poderes. Um físico nuclear e agente comunista na República Popular da China.
Enchantress	#7/#9/10/#15 #16 #21 #22 #38	Ser da mitologia nórdica.
Executioner	#7/#9/10/#15 #16 #21 #22 #38	Ser da mitologia nórdica.
Kang	#8/#11 #23#24 #38	Terráqueo vindo do Futuro
Wonderman	#9	Humano modificado através de uma máquina que refletia raios contendo as mesmas características do soro do super soldado do Capitão América.
Immortus	#10	Feiticeiro vindo do Futuro (mesma época que Kang)
Mole man	#12/#17	Terráqueo subterrâneo
Count Nefaria (Maggia)	#13	Conde europeu, chefe de uma organização criminosa.
Kallusianos	#14	Civilização do planeta Kallu que vive dentro das geleiras terrestres há eras.
Minotaur	#17	Ser mitológico Grego
Commissar	#18	Imperador de um país asiático
Swordsman	#19/#20 #29 #30	Mercenário.
Mandarin	#20 #24	Mago interestelar.
Power Man	#21 #22 #29 #30	Soldado nazista modificado geneticamente com o mesmo aparelho do Wonderman
Dr. Doom	#25	Humano modificado geneticamente por cometa.
Attuma	#26 #27	Guerreiro nômade de Atlantida
Beetle	#27 #28	Humano modificado geneticamente.
Collector	#28	Alienígena
Black Widow	#28 #29 #30	Humana espião.
Keeper of the Flame	#30 #31	Líder de um povo subterrâneo descendente dos Incas.
The sons of the serpent	#32 #33	Grupo racista estadunidense

The Living Laser	#34 #35	Humano cientista cria um laser e acopla em seu braço.
Ultroids	#36	Androides a serviço de Ixar!
Ixar	#37	Guerreiro interestelar que teve seu planeta destruído.
Hamerhead	#39	Humano membro do Triumvirate of Terror
Pilerdrive	#39	Humano membro do Triumvirate of Terror
Thunderbird	#39	Humano membro do Triumvirate of Terror
Mad Thinker	#39	Chefe do do Triumvirate of Terror
Diablo	#41 #42	Alquimista do Século IX
Dragon Man	#41 #42	Androide animado por Diablo
Red Guardian	#43 #44	Soldado Soviético modificado geneticamente
Super Adaptoid	#45	Androide
Whirlwind	#46	Mutante
Magneto	#47	Mutante

Fonte: Revistas em quadrinhos *Avengers* de 1963 até dezembro de 1967. Esses dados foram retirados das publicações das revistas estadunidenses.

O surgimento de uma nova geração de super-heróis também fez com que os roteiristas desenvolvessem uma nova geração de supervilões, pois os heróis só existem em coexistência com o vilão. A representação do vilão, por conta disso, diz muito sobre quem é o super-herói, pois suas ações representaram o oposto da personalidade do super-herói.

Conforme discutido no primeiro capítulo, os super-heróis são seres modificados geneticamente, que sofreram mutações e/ou que se utilizaram de algum tipo de tecnologia para fabricar armas. Assim como os heróis, os vilões não são apenas humanos, muitos deles são modificados geneticamente, se utilizam de alguns tipos de tecnologia como arma, são alienígenas ou mutantes.

Deste modo, concordamos com Nildo Viana quando esse diz que essas representações “(...) estão inteiramente ligados com o desenvolvimento tecnológico e científico”²⁶⁰, principalmente com a corrida espacial e nuclear no auge da Guerra Fria. Acreditamos que ao combater, por exemplo, um determinado supervilão que seja representado como um comunista, os super-heróis estão agindo ideologicamente, pois não combatem apenas um inimigo, mas sim, combatem as políticas econômicas e sociais de um determinado país.

3.1 O código de regulamentação das histórias em quadrinhos

²⁶⁰ VIANA, Nildo. *Breve história dos super-heróis*. In: VIANA, Nildo; REBLIN, Iuri Andréas (orgs.). *Super-heróis, cultura e sociedade*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2011.

Esse tópico constitui-se de uma discussão relacionando “*The Comics Code Authority*”²⁶¹ com as publicações das revistas dos *Avengers* durante os anos 1960. Esse código indica a intenção das editoras em estabelecer normas e padrões para as publicações das revistas em quadrinhos lançadas após 1954.

No último tópico do segundo capítulo apresentamos uma breve discussão acerca da questão da criação do código de conduta das histórias em quadrinhos. Como havíamos mencionado uma das questões centrais para nós é a de que o código ao invés de ajudar na derrocada das histórias em quadrinhos dos super-heróis, ele auxiliou no crescimento e no posterior domínio desse gênero nas revistas de histórias em quadrinhos na década de 1960.

Mencionamos nesse tópico, também, que o Código da Associação das Revistas em Quadrinhos da América, como o próprio nome já diz, foi elaborado pela associação das editoras de revistas em quadrinhos dos EUA e posto em prática oficialmente no dia 26 de outubro de 1954.

No prefácio do código podemos perceber uma tentativa da associação de manter uma conduta moral nas publicações das revistas. Os editores do código estabeleceram que “As revistas em quadrinhos atingiram uma popularidade histórica na cultura norte-americana. Portanto, chegou a hora de medir as suas responsabilidades.”²⁶² O texto acrescenta ainda que as revistas antigas devem se adequar às novas normas estabelecidas e também evitar que novas revistas de conteúdos impróprios sejam publicadas:

Prosseguindo com a tradição, os membros da indústria devem se atentar no fato de que o crescimento nos padrões de qualidade adquiridos nos últimos tempos não devem ser perdidos. Serão eliminados os quadrinhos que não seguirem os padrões de bom gosto, pois estes quadrinhos tendem a corromper todo o resto. As revistas em quadrinhos devem ser usadas como um meio de instrução, aprendizado, educação e também como uma forma de entretenimento.²⁶³

²⁶¹ O código de Regulamentação das Histórias em Quadrinhos.

²⁶² Code of the Comics Magazine Association of America. Inc.: Adopted on October 26, 1954, the enforcement of this Code is the basis for the comic magazine industry's program of self-regulation. Disponível em: <<http://www.comicartville.com/comicscode.htm>> Acesso em 1º jul. 2012.

²⁶³ *Idem, ibidem.*

Ao final da introdução do código, é salientado que “(...) eles [os editores] se comprometeram a aderir conscientemente aos seus princípios e em cumprir todas as decisões com base no Código”²⁶⁴, acrescentando, além disso, que

eles estão confiantes de que esta declaração positiva e franca irá fornecer um baluarte eficaz para a proteção e valorização do público leitor americano, e que se tornará um marco na história da autorregulamentação de todo o setor de comunicações.²⁶⁵

Após essa introdução, o código segue com mais quatro partes. Três partes que definem as normas gerais das publicações (Normas gerais A, B e C) além de uma norma específica para a publicação de peças publicitárias (Código para material publicitário).

A primeira parte, “Normas Gerais Parte A”, trata das representações dos criminosos, do ato do crime, de como devem ser representados os agentes da lei.

A segunda parte, “Normas Gerais Parte B”, trata do conteúdo das histórias em quadrinhos, mais especificamente com relação a eliminar as palavras Terror e Horror do título de qualquer revista em quadrinhos, recomendando, ainda, que os editores das revistas não devem tratar desses temas. Além disso, não deve haver ilustrações de qualquer tipo de monstros:

1) Nenhuma revista em quadrinhos deverá usar as palavras "horror" ou "terror" em seu título. (Título aqui se entende como nome da revista.) 2) Todas as cenas de horror, derramamento excessivo de sangue, crimes sangrentos, horríveis, depravação, luxúria, sadismo, masoquismo não serão permitidas. 3) Todas as ilustrações fúnebres, desagradáveis, horríveis deverão ser eliminadas. 4) A inclusão de histórias que lidam com o mal só devem ser usadas ou só serão publicadas quando a intenção for de ilustrar uma questão moral e em nenhum caso o mal deve ser apresentado de forma tão atraente que ofenda a sensibilidade do leitor. 5) As cenas que tratam, ou elementos [personagens] associados a Walking Dead [Mortos Vivos, Zombies], torturas, vampiros e vampirismo, fantasmas, Ghouls [Monstros folclóricos ligados ao canibalismo] e werewolfism [que tem ligação com Lobisomens, algo como lobisominismo] são proibidos (as).²⁶⁶

A terceira parte, “Normas Gerais Parte C” são referentes à moral e aos bons costumes. Enquadram-se nessa seção as vestimentas dos personagens e o tipo de linguagem que os editores não devem utilizar. Isso além de “(...) todos os elementos ou

²⁶⁴ *Idem.*

²⁶⁵ *Idem.*

²⁶⁶ *Idem.*

técnicas que não sejam especificamente mencionadas aqui, mas que são contrárias ao espírito e intenção do Código e que são consideradas violações do bom gosto ou da decência, devem ser proibidas.”²⁶⁷

Alguns exemplos de proibição que podemos encontrar nessa parte do código referem-se aos diálogos dos personagens das revistas em histórias em quadrinhos:

1) Palavrões, obscenidades, vulgaridades, e/ou palavras e/ou símbolos que adquiriram significados indesejáveis estão proibidos. 2) Devem-se tomar precauções especiais para evitar referências a enfermidades físicas ou deformidades. 3) Embora gírias e coloquialismos são aceitáveis, o uso excessivo deve ser desencorajado e, sempre que possível boa gramática deve ser empregada.²⁶⁸

Além disso, o código recomenda aos autores das revistas que “(...) jamais será aceitável ridicularizar ou atacar qualquer grupo religioso ou racial”²⁶⁹.

O código ainda traz indicações sobre as vestimentas que os personagens de histórias em quadrinhos devem usar e também sobre como os editores devem se posicionar em relação ao comportamento sexual e ao casamento dos personagens:

1) É proibida qualquer forma de nudez ou exposição indecente e ou indevida. 2) São inaceitáveis ilustrações ou posturas sugestivas e/ou obscenas. 3) Todos os personagens devem ser representados vestidos de modo razoavelmente aceitável para a sociedade. 4) Os vestidos das mulheres devem ser desenhados de forma realista, sem exagerar em quaisquer qualidades físicas. NOTA: Deve-se reconhecer que todas as proibições que lidam com figurino, diálogos, ou arte aplicam-se especificamente para a capa da revista em quadrinhos, bem como para o seu conteúdo.

Das disposições do código acerca das convenções sociais do casamento e da proibição de apresentar cenas de sexo, recomenda-se que:

Casamento e Sexo: 1) O divórcio não deve ser tratado de modo humorístico, nem deve ser representado como algo desejável. 2) Não devem ser retratadas ou insinuadas relações sexuais ilícitas. São inaceitáveis cenas violentas de amor, assim como anormalidades sexuais. 3) Devem ser fomentados o respeito aos pais e o honroso comportamento moral ao código. 4) As histórias de amor e romance devem tratar de enfatizar o valor da casa e da santidade do casamento. 5) A Paixão ou os interesses românticos nunca devem ser tratados de tal forma a estimular as emoções mais baixas e vis. 6) Nunca deverá

²⁶⁷ *Idem.*

²⁶⁸ *Idem.*

²⁶⁹ *Idem.*

mostrar ou sugerir cenas de sedução e estupro.7) Perversão sexual ou qualquer referência a mesma é estritamente proibida.

Podemos observar que o código de conduta das histórias em quadrinhos serve como uma autorregulação do setor proposta pela Associação Americana de Revistas em Quadrinhos (*The Comics Magazine Association of America. Inc.*)²⁷⁰. Como foi possível vislumbrar no segundo capítulo, essas revistas foram submetidas a uma autocensura, sendo liberadas para a publicação somente após receberem o selo da Associação.

Nossa intenção ao propor a discussão do código de conduta das histórias em quadrinhos dos EUA é a de realizar uma análise comparativa entre as revistas analisadas nos dois primeiros capítulos desse trabalho, com as revistas em quadrinhos dos Avengers. Pois acreditamos que não havia nas revistas em quadrinhos do Capitão América nos anos de 1940 e dos anos de 1950 nenhuma das atividades que foram proibidas de serem publicadas após a implementação do código. Deste modo, entendemos que essas revistas de superaventuras não sofreram alterações em seu conteúdo após a implementação do código.

O que mudou, então, de um período para o outro? O que mudou foi à forma com que esse conteúdo foi organizado. Após a implementação desse código houve uma modificação na forma dos editores apresentarem essas revistas. Segundo o pesquisador Waldomiro Vergueiro,

O renascimento dos quadrinhos de super-heróis ocorreu a partir de 1956, quando Julios Schwatz (1915 - 2004), editor da DC Comics, lançou a revista *Showcase Presents* nº 4, na qual uma nova versão do personagem *Flash* era apresentada ao público. O título foi bem recebido, o que levou Schwatz a se aventurar no lançamento de outras edições do mesmo tipo ou de novos títulos de revistas, em que antigos super-heróis da editora, familiares aos leitores de antes da guerra, eram retomados em uma nova identidade, embora mantendo a essência de suas características.²⁷¹

As modificações da forma das revistas em histórias em quadrinhos não se dão devido ao código de conduta das histórias em quadrinhos, mas sim pelo fato de que essas revistas perderam mercado para outros gêneros de revistas em quadrinhos. Logo,

²⁷⁰ *Idem.*

²⁷¹ VERGUEIRO, Waldomiro. *Heróis e super-heróis no mundo dos quadrinhos*. In: VIANA, Nildo; REBLIN, Iuri Andréas (orgs.). **Super-heróis, cultura e sociedade**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2011. p. 153.

com a implementação do código e com pequenas modificações na forma das histórias em quadrinhos, essas revistas de superaventuras ressurgiram no mercado.

Posteriormente influenciados pelo sucesso da *Justice League of America* (Liga da Justiça da América), publicada pela *DC Comics*, os editores da *Marvel Comics*, Stan Lee e Jack Kirby, a mando de Martin Goodman, iniciaram o projeto que daria início as publicações das revistas do grupo de super-heróis *Fantastic Four*²⁷².

A primeira publicação do *Fantastic Four* data de novembro de 1961, a qual iniciou uma nova fase nas publicações das revistas de super-heróis. Essa nova fase, como vamos ver adiante nas análises comparativas das revistas do Capitão América e dos *Avengers*, é um novo estágio para a transmissão ideológica nessas revistas, tendo em vista que, como já mencionamos, as transformações que ocorreram nessas revistas foram na forma, mantendo assim seu conteúdo ideológico.

3.2. As histórias em quadrinhos do Capitão América e dos Avengers VS. As revistas de Horror

Acreditamos que não foi o Código de conduta das histórias em quadrinhos que influenciou na queda das vendas das revistas de superaventura e que as modificações que ocorreram nas revistas após 1954, foram na forma das revistas serem publicadas e não no seu conteúdo.

Em muitas entrevistas cedidas por Stan Lee, ele afirma que o que fez o diferencial para que as revistas de superaventuras da Marvel se sobressaíssem foi trazer o realismo para dentro das histórias em quadrinhos. No editorial do relançamento da primeira edição da revista do *Fantastic Four* em 1987, por exemplo, Stan Lee descreve o que para ele seria esse realismo nas histórias em quadrinhos:

Desde sua primeira edição, o *Fantastic Four* parecia destinado a ser um divisor de águas na história em quadrinhos. Bem, se você conseguir guardar um segredo, posso contar o que, suspeito, seja a razão disso...

Realismo! Claro, eu sei que “realismo” soa meio bobo quando estamos falando de personagens fantasiados e super poderosos que

²⁷² *Fantastic Four* foi o primeiro grupo de super-heróis produzido por Stan Lee e Jack Kirby. Sua primeira aparição foi publicada em novembro de 1961 pela editora estadunidense *Marvel Comics*. Esse grupo é formado quatro super-heróis, são eles: Mister Fantastic (Reed Richards), Invisible Woman (Susan “Sue” Storm), Human Torch (Johnny Storm, não confundir com o Human Torch dos anos 1940) e Thing (Ben Grimm).

podem se esticar feito borracha, entrar em combustão, tornar-se invisível ou mesmo partir um Toyota ao meio com as mãos nuas. Mas eu vou explicar... Analisem comigo, antes mesmo do surgimento do FF, já existiam um monte de heróis fantasiados, só que nenhum deles tinha de se preocupar em ganhar a vida ou perder a compostura e brigar com outro herói. Não até o nosso cativante FF dar as caras. Ok eles tinham poderes invocados e lutavam contra os mais selvagens e esquisitos vilões do mundo da fantasia, também, mas... Nós tentamos fazer isso de forma realista!²⁷³

O que Stan Lee quer dizer com esse realismo? Podemos observar que nas histórias do Capitão América que se passam durante a Segunda Guerra Mundial, um dos seus principais inimigos era Adolf Hitler, ou seja, um personagem real. Todavia, as histórias em quadrinhos não tinham muito desenvolvimento, eram curtas e não tinham sequência.

Uma dessas mudanças, a qual considero a principal, foi o aumento de suas páginas. Nas revistas do Capitão América dos anos 1940, por exemplo, havia três histórias por revistas, cada uma delas com oito páginas, com início, meio e fim, sem ligações entre essas histórias ou sequência em outras revistas.

No início dos anos 1960 as revistas da Marvel ganharam mais corpo e dramatização, e aumentaram suas páginas para 23²⁷⁴. Apesar de as histórias possuírem um final, elas se tornavam sequências de outras histórias.

Esse aumento do número de páginas traz consigo tramas mais elaboradas, fazendo com que os personagens adquiram características diferentes das que outros super-heróis tinham anteriormente. Como Stan Lee afirma: “(...) já existiam um monte de heróis fantasiados, só que nenhum deles tinha de se preocupar em ganhar a vida ou perder a compostura e brigar com outro herói”²⁷⁵, dessa forma, foram criados personagens que começaram a desenvolver problemas de relacionamento com outros personagens, alguns deles vão possuir empregos, problemas com relação ao dinheiro etc. Desse modo, é possível conseguir uma maior afinidade com o público.

Assim, ocorreram nas histórias em quadrinhos mudanças na forma de se construir as histórias. Podemos perceber, contudo, que apesar dessas “novas”

²⁷³ Quarteto Fantástico #01 1987.

²⁷⁴ As histórias em quadrinhos da Marvel dos anos de 1960 às quais tivemos acesso, as divisões de páginas eram assim: Fantastic Four - 23 páginas; Iron Man (Tales of suspense) - em média três histórias com diferentes personagens (mas as histórias do Iron Man continham 13 páginas), X-men - 13 páginas (posteriormente 23), e o mesmo aconteceu com Spider Man. Quando Iron Man começou a ser publicado em sua própria revista, o número de páginas aumentou para 23.

²⁷⁵ Quarteto Fantástico #01 1987.

características dos super-heróis (na qual os personagens possuem relacionamentos mais realistas) os conteúdos que integram os enredos das histórias em quadrinhos não se modificaram em sua essência.

Além disso, o Código das Editoras de *Comics* auxiliou na coibição das revistas de *B-sides*²⁷⁶ como *Crimes by women*, *Famous crimes*, *True crime* e *Crime SuspensStories*²⁷⁷ que estavam em alta durante o final dos anos 1940 e início dos anos de 1950.

Um exemplo disso é como os autores representam a relação super-herói *versus* vilão. Nas histórias do Capitão América dos anos 1940, os vilões possuíam características comuns às dos vilões que apareceram nas histórias em quadrinhos do Avengers.

Na terceira história da primeira edição da revista do Capitão América, de março de 1941, aparecem várias mortes causadas pelo Caveira Vermelha, nenhuma delas possui “requisitos de crueldade”. Após o Capitão América descobrir como o Caveira Vermelha assassinava suas vítimas ele confronta o vilão:

²⁷⁶ Gíria que se significa literalmente “lado B”. São produções culturais marginalizadas, que não seguem padrões de estéticas como as produções culturais mais comerciais. Também se refere às músicas menos comerciais, as quais se localizavam no lado B dos discos de vinil.

²⁷⁷ Disponível em <http://www.crimeboss.com/gallery_intro.html> Acesso em 22 de Janeiro de 2013, às 15h30minh.



Figura 149

Primeiro Quadrante:

Capitão América: Isso faz muito sentido, Bucky – Este é o “Olhar da Morte” do Sr. Caveira Vermelha!

Bucky: Eu não entendi!

Segundo Quadrante:

Capitão América: Seu plano era assustar suas vítimas para que elas saíssem fora de si, e então injetar este veneno nelas, fazendo-as acreditar que você as matou com seus olhos!

Caveira Vermelha: E daí?

Capitão América: No fundo você é apenas um assassino... Eh? Caveira - ou - Maxon? Aquele avião destruído também foi culpa sua! Vai precisar mais do que isso para subjulgar esse país!

Quarto Quadrante:

Narrador: o assassino tenta obter de volta sua arma da morte!

Caveira Vermelha: Eu não acabei, apenas observe!

Bucky: Não, você não vai!

Quinto Quadrante:

Bucky: Descupe, mas você não pode ter isso! É uma prova dos EUA!

Sexto Quadrante:

Bucky: Tolo! Ele rolou sobre a seringa!

Caveira Vermelha: URG

Sétimo Quadrante:

Bucky: Mas você viu tudo! Por que você não impediu ele de se matar?

Capitão América: Eu não quero falar, Bucky!

Como podemos perceber, ao tentar recuperar sua “arma” das mãos do Capitão América, Maxon, verdadeiro nome do Caveira Vermelha, acaba se matando. Essa atitude deixa as mãos do Super-Herói limpas. Mesmo que o Capitão América se sinta culpado quando Bucky o questione por ter deixado o Caveira Vermelha morrer, a atitude do Capitão América é justificada pelos atos do vilão no passado, desse modo, o bem venceu o mal. Apesar da sua possível morte, o Caveira Vermelha reaparece em edições posteriores nesse mesmo período.

Na edição de número 78 da revista do Capitão América, publicada em setembro de 1954, Capitão América, ao lutar contra Electro, provoca a sua morte:



Figura 150

Primeiro Quadrante:

Narrador: No segundo em que Electro agarra o dínamo, Cap liga a queda d'água completa e o terror vermelho é pego no fluxo descendente.

Terceiro quadrante: Totalmente carregado ele seria seu próprio assassino, destruído pelo mais elementar de todos os poderes... A água! A inundação de água serve como base completa para a energia que flui do Dinamo eletrocutando o homem de eletricidade.

Quinto Quadrante:

Bucky: Cap, você está bem?

Capitão América: Pode apostar que estou! E você também está amigo! Mas nosso amigo está fora de cena para sempre!

Sexto Quadrante:

Capitão América: Seu blefe quase funcionou, mas quando o vi indo em direção ao dínamo, eu sabia que algo estava errado. Ele estava indo para lá apenas por uma razão... Para obter uma nova carga!

Bucky: Mas como você pode ter certeza, Cap?

Sétimo Quadrante:

Capitão América: Porque aquele rato estava enrolando. Ele não teria esperado, se ele pudesse ter acabado conosco.

Bucky: Hey, Cap! Olha o que eles consertaram para nós

Oitavo quadrante:

Tarja: Capitão América Vive!²⁷⁸

Assim como a suposta morte do Caveira Vermelha, a morte de Electro é justificada por sua ação contra os dois super-heróis. Podemos observar que mesmo que, eventualmente, ocorram mortes nas revistas do Capitão América das décadas de 1940 e 1950, elas são menos violentas que as mortes das revistas *B-sides*. Como podemos observar nas figuras 21 e 22, as capas das revistas *True Crime* e *Crime SuspensStories* respectivamente.

²⁷⁸ Capitão América número 78 de Setembro de 1954. História 1. Pág. 6.

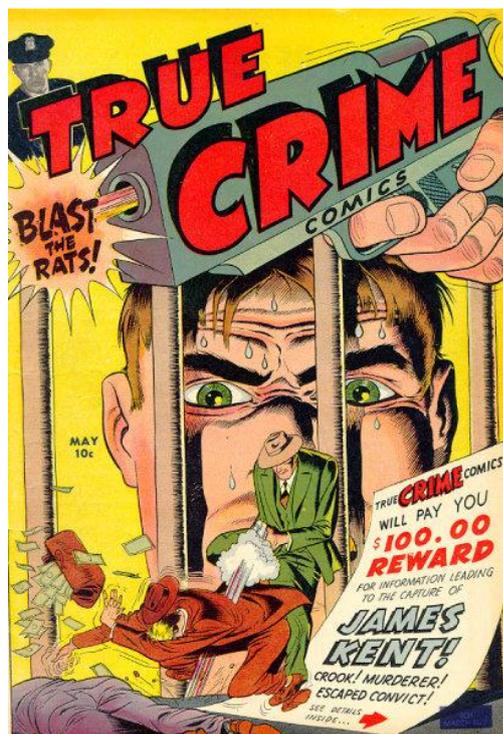


Figura 21

A capa da revista *True crime* é a da edição de maio de 1947. Essa revista foi citada inúmeras vezes no já mencionado livro do Dr. Frederic Wertham, *Seduction of the Innocent*:

O Dr. Fredric Wertham referenciou inúmeras vezes este livro (incluindo duas ilustrações) em seu clássico alarmista *Seduction of the Innocent*, ela também foi criticada na publicação *Parade of Pleasure*²⁷⁹. A infame história de uso de drogas deste livro, "*Murder, Morphine, and Me*" foi reproduzida na íntegra no relatório emitido pela Comissão Legislativa do Estado de Nova York sobre censura nos Comics.²⁸⁰

²⁷⁹ *Parade of pleasure; A study of popular iconography in the U.S.A* foi uma publicação do autor Geoffrey Wagner, também lançada em 1954.

²⁸⁰ Disponível em <http://www.crimeboss.com/gallery_faves.html> Acesso em 2 jan. 2005.

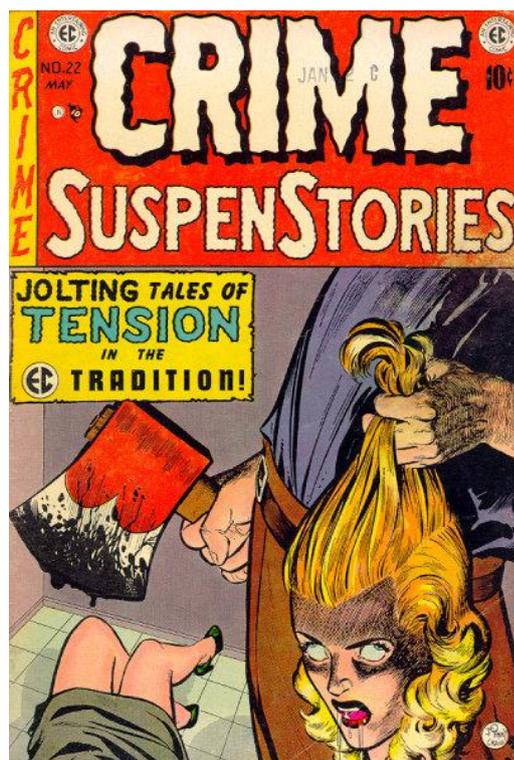


Figura 22

Nas duas revistas do Capitão América (na de março de 1941 e na de setembro de 1954), os seus inimigos tentavam dominar os EUA e subjugar a sua população. Esse embate de guerra é transferido para o campo da luta do bem contra o mal, assim a morte desses vilões são justificadas. Desse modo, entendemos que as mortes que ocorreram nas revistas do Capitão América têm o sentido educacional, não de pura violência, mas sim de justiça, ao contrário das mortes das outras duas revistas da figura 21 e 22.

Já nas histórias dos Avengers de setembro de 1963 até dezembro de 1967 (período que essa dissertação busca abarcar) acontecem apenas duas mortes, a de *Wonderman* (na edição de número 9, de novembro de 1964) e a de Zemo (na edição de número 15 de abril de 1965), mesmo que durante essas histórias ocorram frequentemente batalhas épicas entre os super-heróis e os vilões e inúmeras explosões.



Figura 23

Primeiro quadrante:

Zemo: Em seu nervosismo desesperado, você não me acertou!

Capitão América: Eu não estava apontando para você! Eu sabia que sua pistola desintegradora poderia destruir meu escudo! Eu estava apontando para um alvo mais vital! E eu acertei, eu acertei em uma determinada rocha!

Zemo: Eu sabia! Ele ficou louco!

Segundo quadrante:

Capitão América: Não, Assassino! Não louco! Apenas habilidoso o suficiente para atingir uma rocha que poderia fazer com que as outras caíssem de tal modo a separá-lo de seus guerreiros!

Zemo: um desperdício de tempo! Esse truque barato de *vaudeville*²⁸¹ não pode lhe salvar!

Rick Jones: Cap tome cuidado! Ele ainda está segurando o seu desintegrador!

Terceiro quadrante:

²⁸¹ Expressão que se refere a um gênero do entretenimento do teatro de variedades.

Zemo: Não apenas segurando-o! Estou prestes a usá-lo! Assim Capitão America morrerá!

Quarto quadrante:

Narrador: Mas então, antes que o dedo de Zemo pudesse apertar o gatilho, Cap inclina seu brilhante escudo de modo que os raios do sol atinjam um ângulo adequado, cegando seu inimigo!

Zemo: Meus olhos! Eu não posso ver!

Capitão América: Mas eu posso Zemo! E agora!

Quinto quadrante:

Narrador: Confuso, desorientado, cheio de medo, com o Capitão América se aproximando cada vez mais perto, a ameaça encapuzada dispara cegamente.

Zemo: para trás, para trás!

Sexto quadrante:

Narrador: Mas em seu pânico irracional, o tiro de Zemo bate em uma pedra de apoio acima dele, causando outro deslizamento fatal!!

Rick Jones: Cap! Cuidado!

Capitão América: Não se preocupe Rick! Meu escudo vai me proteger!

Sétimo quadrante:

Capitão América: Mas nada pode salvar o Mestre da vilania! Você pode descansar em paz agora, Bucky! Onde você estiver! Sua morte foi... vingada!

Oitavo quadrante:

Capitão América: Nenhum homem pode cometer o mal sem pagar o preço! Se o destino pudesse falar, ele diria... “Pelas minhas mãos, deve sempre morrer, um vilão”!

Narrador: Mas embora Zemo não ameace mais a humanidade, a batalha mais espetacular de todos os tempos aguarda o vingador em Nova York! E o resultado dessa batalha deve trazer uma mudança na composição dos Avengers! como você vai ver e maravilhar-se na próxima edição!²⁸²

Podemos perceber na figura número 23 que há um desenvolvimento maior na página através dos diálogos e dos desenhos do que nas outras duas figuras (21 e 22), nas últimas páginas das revistas do Capitão América número 2, de abril de 1941, e na revista Capitão América 78, de setembro de 1954, respectivamente. Contudo, em termos de conteúdo elas não se modificaram, pois a morte de Zemo é justificada pela sua maldade, assim, sua derrota e suposta morte são justificadas mesmo que acidentalmente, livrando mais uma vez o super-herói do encargo imoral de matar um vilão.

3.3 Um novo passado para o Capitão América

Considero este tópico fundamental para a compreensão da escolha das histórias dos *Avengers* como objeto da pesquisa. Nesse tópico, discutiremos a tentativa da

²⁸² The Avengers número 16 de Abril de 1965. Pág. 20.

Editora Marvel de reconstruir um novo passado para Capitão América durante a década de 1960. Esse novo passado renega os lançamentos das revistas do super-herói após o período da Segunda Grande Guerra Mundial, como se elas não pertencessem à biografia oficial de Steve Rogers.

Como havia citado acima, consideramos as três primeiras revistas dos Avengers, (as edições de agosto de 1963, novembro de 1963 e janeiro de 1964) uma fase de “reconhecimento”, pois entendemos que como cada um desses super-heróis já havia sido publicado em outras revistas, os editores da *Marvel* os juntaram para fazer concorrência com as publicações da editora DC Comics. Essas três revistas foram lançadas em um espaço de seis meses, e a publicação dos Avengers só se tornou mensal após a edição de julho de 1964.

Na primeira revista, de agosto de 1963, o inimigo dos super-heróis é o deus nórdico Loki, o irmão de Thor. Loki quer vingança, pois após mais uma tentativa de atacar Thor, Odin o aprisionou em uma ilha conhecida com “Ilha do silêncio”, situada no reino mitológico de Asgard. Essa ilha mantém Loki prisioneiro, mas ele pode utilizar seus poderes.

Como Thor havia sido enviado para viver entre os terráqueos, ele vive disfarçado de Dr. Don Blacke. Para que Thor deixe seu *alter ego*, Loki forja um acidente de trem e faz com que Hulk seja culpado. Mesmo tendo Hulk salvando o trem do acidente, isso faz com que os outros super-heróis saíssem atrás de Hulk. No final descobrem que tudo aquilo tinha sido um plano arquitetado por Loki e que Hulk era inocente. Após uma rápida conversa, formam os Avengers.

Na próxima edição, de novembro de 1963, o inimigo é um personagem que veio de outro planeta, *Space Phantom*. Seu poder é o de roubar o corpo de outra pessoa e mandar a sua alma para outra dimensão. O primeiro a ser dominado é Hulk, e os *Avengers* não conseguem lutar contra ele. Apesar de *Space Phantom* atacar outros heróis como Thor e *Iron Man*. Em uma manobra de astúcia, Thor consegue mandar *Space Phantom* para a dimensão da qual ele veio. Entretanto os super-heróis ficam preocupados com a força e a falta de racionalidade de Hulk, pois ele é extremamente forte e de difícil controle.

Nessas duas histórias podemos perceber mais uma das características que modificaram as histórias em quadrinhos dos anos de 1960. Há muitas discussões entre esses super-heróis, um sentimento de discórdia, apesar de tentarem lutar juntos, não se entendem.

A sequência dessa história é a revista de número 3 dos *Avengers*, de janeiro de 1964, em que os *Avengers* saem à procura de Hulk. Nessa historietta aparecem vários personagens que pertencem a outras histórias em quadrinhos, como, por exemplo, os *X-men*, *Fantastic Four* e *Spider-man*, mostrando assim a interligação desses super-heróis com outros da mesma editora.

Depois de muito buscarem Hulk, finalmente os *Avengers* o encontram e o enfrentaram em uma batalha. Hulk não concorda com a desconfiança de seus companheiros de equipe. Descontente com seus aliados se une a Namor para derrotá-los. Namor, que na época da Segunda Guerra se aliou ao *Human Torch* e ao Capitão América e juntos protagonizaram várias edições de revistas lutando contra o Eixo, agora, nos anos 1960, volta a ser inimigo da humanidade.

Namor encontra Hulk e após uma rápida luta entre os dois, ele percebe a força de Hulk e através de um diálogo entre os dois em que ele fala para o Hulk o quanto a humanidade é injusta e que por causa dos humanos, ele perdeu seu filho e seu povo, Hulk se alia a ele:

Namor: Nós dois compartilhamos um ardente ódio pela raça humana! Se agirmos juntos, podemos colocar a humanidade de joelhos.

Hulk: Quer dizer que você quer que eu me una a você?

Bem, talvez isso não seja uma má ideia! Você é muito durão para um homenzinho!

Namor: Os seres humanos são os meus inimigos mortais! Por causa deles, eu perdi o meu direito de primogênito²⁸³, meu povo, tudo o que eu mais prezava!

Hulk: Eu não irei me juntar a você por conta de toda essa conversa enfeitada, mas porque eu odeio os humanos também!²⁸⁴

Ocorre uma luta entre os *Avengers* e os dois personagens, Namor e Hulk. Thor derrota Hulk, que em seguida se transforma novamente em seu *alter ego*, Dr. Bruce Banner, e foge da cena de combate. Enquanto isso, Namor, após se ver sozinho contra quatro *Avengers*, sente que está perdendo seus poderes por passar muito tempo fora da água e foge, desistindo do confronto.

É possível perceber que essas três revistas formam uma sequência de eventos para a volta do Capitão América. Na figura 24, podemos observar a capa da revista em que o Capitão América volta. Nota-se que nela a figura do Capitão América aparece à

²⁸³ No original, *Birthright*. Primogenitura é um termo que se refere a algo que é adquirido ou herdado no nascimento.

²⁸⁴ The Avengers, número 3, de Janeiro de 1964. Pág 17/18.

frente dos outros heróis, indicando uma “liderança” do Capitão sobre os outros *Avengers*.

Na capa há a chamada “Vive novamente”²⁸⁵. Há também um desenho menor do Sub-mariner com os dizeres: “Também nessa sensacional edição, Sub-mariner”, o que indica a continuidade da história da última edição.²⁸⁶



Figura 24

Na primeira página da revista, o balão do narrador anuncia a nova aventura: “Um conto destinado a se tornar um magnífico marco na era dos quadrinhos da Marvel! trazendo-lhe o grande super-herói que a maravilhosa avalanche de cartas de seus fãs exigiu!”²⁸⁷ Podemos perceber que nas três primeiras revistas não há qualquer menção ou não há qualquer seção de “cartas”, ou endereço de correspondência para entrar em contato com a Marvel. Qual é, então, a explicação para as “avalanches de cartas” pedindo a volta do Capitão América?

A página mostra os *Avengers* ao lado uns dos outros. Todos, com exceção de *Iron Man* estão em posição de sentido. Thor pronuncia: “Poderoso Capitão América à frente! O seu lugar de direito é aqui... Entre os *Avengers*”²⁸⁸. Há uma grande excitação

²⁸⁵ The Avengers número 4, de Março de 1964. Capa

²⁸⁶ The Avengers número 4, de Março de 1964. Capa.

²⁸⁷ The Avengers número 4, de Março de 1964. Pág.1.

²⁸⁸ The Avengers número 4, de Março de 1964. Pág.1.

dos roteiristas ao anunciarem a volta do Capitão América, como expressa, ainda na primeira página, uma nota do redator:

A poderosa Marvel Comics Group está orgulhosa em anunciar que Jack Kirby, o desenhista original do Capitão América durante a era de ouro dos quadrinhos, agora o desenhará mais uma vez! Além de que, o primeiro roteiro escrito por Stan Lee durante esses fabulosos dias foi o do Capitão América - E agora ele é o seu escritor novamente! Assim, o círculo das crônicas das Histórias em Quadrinhos se completa, alcançando um novo pináculo²⁸⁹ de grandeza.²⁹⁰

Nessa edição dos *Avengers* os roteiristas anulam as histórias do Capitão América de 1954, fazendo com que se elas nunca tivessem existido. O enredo é construído na ideia de que antes do final da Segunda Grande Guerra o Capitão América desapareceu e nunca mais foi visto. Para reconstruir esse novo passado para o Capitão América, em primeiro lugar, se faz necessário explicar como isso ocorreu.

A edição número 4 da revista dos *Avengers* inicia-se após Namor ter abandonado a batalha contra os Avengers para renovar suas forças no mar, perturbado pela frustração de não ter conseguido vingar-se dos humanos, ele volta à superfície e encontra uma tribo de esquimós que idolatravam a figura de um sujeito que estava congelada.

Narrador: Mas finalmente, seus pensamentos sombrios são interrompidos, no momento em que ele vê...

Sub-mariner: Sobre o gelo a frente, uma vila humana! Eu vejo uma massa de malditos humanos!

Narrador: E os olhos afiados de Namor estão certos! Em algumas centenas de metros de distância, uma isolada tribo de esquimó curva-se em um estranho ritual.

Esquimó1: Oh incrível senhor congelado, ouça nossas orações.²⁹¹

Ao recontarem a história do Capitão América, os roteiristas também nos mostram qual é a imagem que eles querem passar das populações nativas de alguns lugares da América.

Os esquimós são povos indígenas que habitam a região do Círculo Polar Ártico, leste da Sibéria, norte do Alasca, Canadá e Groelândia, essas civilizações habitam essas regiões há séculos, e, assim como outros índios que residiam na América, eram

²⁸⁹ No original *pinnacle*: o ponto mais alto de um determinado lugar, um edifício ou uma torre, por exemplo.

²⁹⁰ The Avengers número 4, de Março de 1964. Pág.1.

²⁹¹ The Avengers número 4, de Março de 1964. Pág.2.

politeístas e cultuavam seus deuses há milênios. No entanto, os editores representam os esquimós idolatrando um “Deus congelado”, ou seja, a figura do Capitão América que segundo a reconstituição da própria revista, caiu ao mar apenas 20 anos atrás da época na qual passa essa história. Assim, esses esquimós são representados como criaturas ingênuas e que não possuem discernimento para diferenciar um ser humano congelado e idolatram qualquer coisa.

Na sequência da história, Sub-mariner ataca os nativos indignando-se com a adoração deles pela imagem congelada do Capitão América. Namor possui um ódio por toda a humanidade e ao proferir: “Corram, fracos e indefesos mortais, fujam aterrorizados diante da ira do verdadeiro Namor! Assim, um dia toda a humanidade deve gritar em pânico com a vinda do Sub-mariner!”²⁹², ele expressa esse seu sentimento. No quadrante seguinte ele diz: “Bah, estou cheio de vergonha! Estou em desgraça! O poderoso Namor terá sido reduzido a lutar contra primitivos indefesos e medrosos?”²⁹³ e também: “Toda esta minha força é boa para quê? Para atacar incompreensivos esquimós?”²⁹⁴ Apesar do desdém de Namor pelos humanos, ele considera os esquimós em um grau maior de inferioridade.

Como poderemos observar adiante, em outras edições dessas histórias, como na revista *Avengers* de número #6, de julho de 1964, há diferentes nativos da América Latina que são representados dessa mesma maneira.

Como vimos no Primeiro e no Segundo Capítulos, o governo dos EUA, na medida em que expandia seus territórios, estabeleceu uma relação de dominação com os países periféricos, principalmente na América Latina e Caribe. Essa teoria expansionista iniciou-se já na constituição dos EUA, sendo amplamente divulgada pelos intelectuais orgânicos George Washington e Thomas Jefferson, entre outros, como aponta Sidney Lens: “George Washington referiu-se aos Estados Unidos como um 'império em ascensão'. Thomas Jefferson escreveu em 1786 que 'nossa confederação tem de ser vista como o ninho a partir do qual toda a América, Norte e Sul, devem ser povoados.'”²⁹⁵

Desse modo eles auxiliaram na organização do grupo social que em um primeiro momento reivindicou uma maior participação das Treze Colônias no Parlamento inglês

²⁹² The Avengers número 4 de Março de 1964. Pág.3.

²⁹³ The Avengers número 4 de Março de 1964. Pág.3.

²⁹⁴ The Avengers número 4 de Março de 1964. Pág.3.

²⁹⁵ LENS, Sidney. 2006. **Da revolução ao Vietnã: uma história do imperialismo dos Estados Unidos** Op. Cit. pag. 22

e que, posteriormente, não alcançado o que almejavam, organizaram as Treze Colônias para sua independência pautando, ainda, a necessidade de conquista de outros territórios para o desenvolvimento econômico dos EUA.

No período pós-Segunda Guerra Mundial, os países da América Latina continuaram sendo um alvo necessário para a sobrevivência econômica dos EUA, não só por conta das matérias-primas e escoamento de mercadorias manufaturadas, mas também para o escoamento de capitais. Ao mesmo tempo, com o início da Guerra Fria nos anos posteriores aos conflitos da Segunda Guerra Mundial, as constantes revoluções, como a cubana na América Latina no final dos anos 1950 e os vários focos de resistência às políticas estadunidenses no continente, podem ter ligações com a representação desses nativos como pessoas “impotentes e primitivas”, linguagem da própria revista. Neste caso, as revistas auxiliam na propagação interna do mito de que os EUA devem intervir nesses países para evitar a dominação deles por agentes estrangeiros, como vamos ver mais adiante na representação dos inimigos nazistas na América Latina.

A sequência da história mostra os *Avengers* em um submarino voltando para Nova York após o confronto com Namor. Eles visualizam um corpo boiando no mar e ao pegá-lo observam que esse corpo é na verdade o corpo do Capitão América. Ele está congelado, mas não está morto.

Como se houvesse despertado de um pesadelo, Capitão América acorda “(...) de repente com um grito ensurdecido, a poderosa figura salta para cima, com um agonizante choque refletido em seus olhos”²⁹⁶, como se estivesse tentando salvar seu parceiro Bucky: “Bucky, Bucky! Cuidado!”²⁹⁷

Em seguida há um desentendimento com os *Avengers*, pois o Capitão América não sabe quem são esses personagens e confunde-os com vilões do passado: “(...) mas, tão repentinamente quanto começou a ira do lendário herói, ela desaparece, e então...”²⁹⁸ percebeu que não se tratava de sua época e nem de antigos conhecidos:

Capitão América: Onde eu estou? Como vim parar aqui? Quem são vocês?

Iron Man: Isto é o que estávamos prestes a perguntá-lo!

Capitão América: Quem sou eu? Por um instante eu tinha quase me esquecido!

²⁹⁶The Avengers número 4, de Março de 1964. Pág. 5.

²⁹⁷The Avengers número 4, de Março de 1964. Pág. 5.

²⁹⁸The Avengers número 4, de Março de 1964. Pág. 5.

Capitão América: Mas eu não sou sortudo o suficiente para esquecer para sempre!

Capitão América: Para esquecer que eu um dia fui o homem que o mundo chamou de Capitão América!²⁹⁹

Os Avengers desconfiam das palavras do Capitão América, tendo em vista que de acordo com essa revista ele havia sumido há vinte anos, ao final da Segunda Guerra Mundial. Ele deveria, por conseguinte, estar mais velho do que a figura que está diante deles.

Giant-Man: Tudo se encaixa, exceto por um detalhe! Não se tem ouvido falar de você desde a Segunda Guerra Mundial! Por que você não envelheceu?

Iron Man: Se isso é algum tipo de truque senhor -- Você vai se arrepender!

Thor: Eu também estou intrigado com o fato! Como pode o verdadeiro Capitão América ainda ser tão jovem quanto aquele que está diante de nós?

Capitão América: Eu não preciso de truques! Teste-me! Tente me dominar!³⁰⁰

A partir da fala dos super-heróis *Giant-Man*, *Iron Man* e *Thor*, os autores iniciam o processo de reconstrução da história do Capitão América. Ao mesmo tempo, trata-se do processo de esquecimento das publicações das suas revistas nos anos do pós-guerra.

Com essa desconfiança dos *Avengers*, o Capitão América os chama para um teste. Desse modo há outro enfretamento entre esses heróis, pois a dúvida ofende o Capitão América. Esse incidente é logo controlado pela *Wasp*, assim Capitão tem a oportunidade de contar o que aconteceu quando ele sumiu:

Iron Man: Nós estamos convencidos, amigo! Você é o verdadeiro "Mccoy"³⁰¹! Tudo certo!

Wasp: Mas o que aconteceu com você? E-- Por que você não envelheceu?

Thor: Eu sinto que temos o direito a essa explicação, Capitão América!³⁰²

²⁹⁹The Avengers número 4, de Março de 1964. Pág. 5.

³⁰⁰The Avengers número 4 de Março de 1964. Pág.6.

³⁰¹ É uma expressão ou metáfora utilizada em grande parte do mundo que fala o idioma inglês. Significa "a coisa real" ou "artigo genuíno". Acessado em http://en.wikipedia.org/wiki/The_real_McCoy acessado em 05 de Janeiro de 2013, as 13h10minh.

³⁰²The Avengers número 4 de Março de 1964. Pág.6.

Como havíamos mencionado acima, há um aumento de páginas nas revistas dos *Avengers* em relação às revistas do Capitão América lançadas nas décadas de 1940 e de 1950. Com esse aumento do número de páginas, o narrador ganha mais falas e auxilia na dramatização das histórias.

Antes de o Capitão América contar como ele e Bucky desapareceram durante a guerra, os roteiristas, ao iniciarem a nova página, utilizam do artifício do narrador para dramatizar a cena: “Lentamente, quase hesitante, o incrível conto surge diante dos lábios do poderoso homem o qual a tragédia assombra os olhos...”³⁰³. Esse tipo de artifício não existia nas histórias dos anos 1940 não havia esse apelo dramático, apesar de que o narrador também servia para estabelecer as mudanças de tempo e espaço, como pode ser visto na figura abaixo:

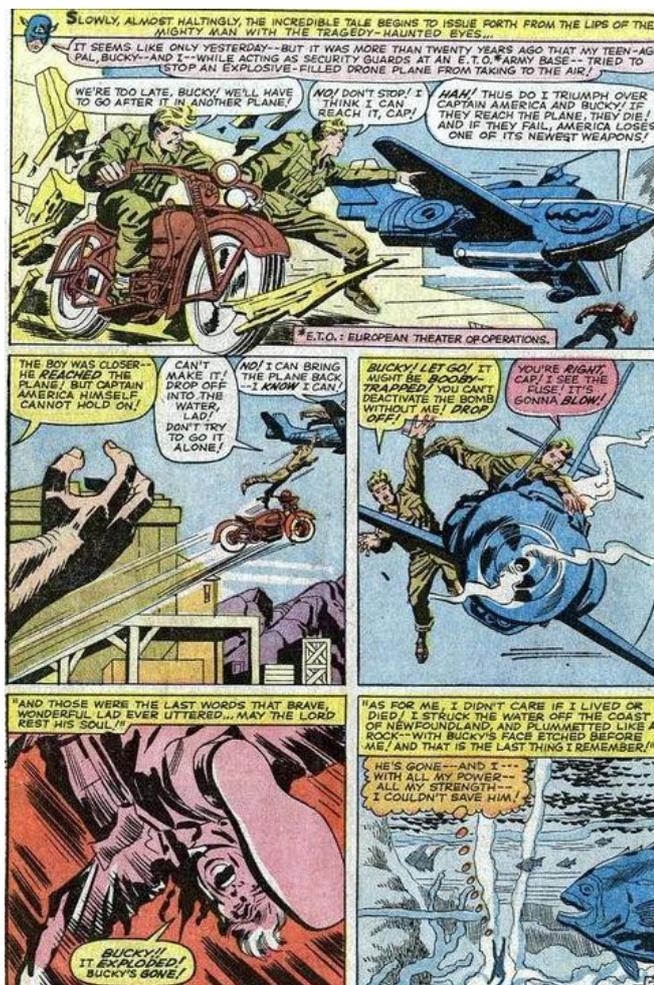


Figura 25
Primeiro Quadrante:

³⁰³The Avengers número 4 de Março de 1964. Pág.7.

Capitão América - Narrador: Parece que foi ontem... Mas faz mais de vinte anos que meu parceiro adolescente Bucky - E eu - atuávamos como seguranças em uma base do exército E.T.O (Europe theater operation) – Tentamos parar um avião robô cheio de explosivos que estava levantando voo!

Capitão América - Flashback: Nós estamos atrasados, Bucky! Nós vamos ter que ir atrás dele em outro avião!

Bucky: Não! Não pare! Eu acho que posso alcançá-lo, Cap!

Vilão: Hah! Assim eu triunfo sobre o Capitão América e Bucky! Se eles alcançarem o avião, eles morrem! Se eles falharem, a América perde uma de suas mais novas armas!

Segundo Quadrante:

Vilão: O garoto chegou mais próximo, ele alcançou o avião! Mas o Capitão América não pode segurar!

Capitão América - Flashback: Você não pode fazer isso! Pule na água rapaz! Não tente ir sozinho!

Bucky: Não! Eu posso trazer o avião de volta- Eu sei, eu posso!

Terceiro Quadrante:

Capitão América - Flashback: Bucky! Vamos! Pode ser uma armadilha! Você não pode desarmar a bomba sem mim! Pule!

Bucky: Você está certo, Cap! Eu vi o fusível! Vai explodir!

Quarto Quadrante:

Capitão América - Narrador: E essas foram às últimas palavras que o bravo, admirável rapaz proferiu... Que o senhor tenha sua alma!

Capitão América - Flashback: Bucky! Ele explodiu! Bucky se foi!

Quinto Quadrante

Capitão América: Quanto a mim, eu não me importava se eu vivesse ou morresse! Eu bati na água na costa da *Newfoundland*³⁰⁴ e mergulhei como uma rocha – Com o rosto de Bucky gravado diante de mim! E esta é a última coisa que eu me lembro!

Capitão América - Flashback: Ele se foi – E eu com todo o meu poder – Toda a minha força – Eu não pude salvá-lo!³⁰⁵

A mudança do tempo presente para o passado ajuda a solidificar a história e dar um tom de veracidade, pois essa estratégia de *flashback* auxilia na reconstrução da memória do Capitão América e encerra a discussão de como ele escapou ileso às mudanças do tempo em seu corpo.

Esse *flashback* enfatiza também as ações heróicas do personagem ao mesmo tempo em que mostra uma incapacidade de evitar a morte de seu parceiro: “Ele se foi – E eu com todo o meu poder – Toda a minha força – Eu não pude salvá-lo!” É justamente essa “incapacidade” que vai assombrá-lo na sequência das histórias dos *Avengers*, pois a falta do seu parceiro e a sua origem na década de 1940 que o deixam mais sensível e humano, aproximando-o, por conseguinte, dos leitores.

³⁰⁴ Ilha no Oceano Atlântico Norte. É uma província canadense

³⁰⁵ The Avengers número 4 de Março de 1964. Pág.7.

Há aqui, uma tentativa de criar uma nova história para o Capitão América. Após várias tentativas de reformulação de suas histórias no pós-guerra, suas publicações foram canceladas em 1950, sendo retomadas em 1954 logo após as guerras entre as Coreias e a Revolução Chinesa. Desse modo há uma terceira tentativa da editora de lançar esse personagem, fabricando, assim, um suposto desaparecimento para que não haja contradições em sua cronologia.

A explicação do congelamento e do aparecimento do corpo do super-herói nas geleiras da América do Norte é explicada de forma simples pelo próprio Capitão América:

Quanto ao resto, por algum curso fantástico do destino, eu devo ter sido congelado em um bloco de gelo e então encontrado por alguns esquimós que pensaram que eu era um elemento supernatural! Então, todos esses anos, estar em um estado de animação suspensa, congelado, deve ter impedido o meu envelhecimento!³⁰⁶

Ao mesmo tempo em que o Capitão América diz que estava em “estado de animação suspensa” (ou seja, inconsciente), ele reconhece que foi adorado pelos esquimós. Essas pequenas falhas de roteiro nos auxiliam a pensar como a revista foi construída para reforçar o pensamento sobre a inferioridade dos nativos, pois mesmo na contradição, há o reforço de inferiorização dos nativos.

Ao chegarem à Nova York, os *Avengers* são recebidos por vários repórteres que estão esperando por notícias sobre o confronto deles contra o incrível Hulk. Como os *Avengers* não conseguiram resgatar Hulk, não há nenhuma história para contar. Thor, contudo, menciona que o resgate do Capitão América pode ser uma boa história para os repórteres: “Ah, mas espere até que eles se informem quem é o nosso passageiro que está embaixo do convés!”³⁰⁷

Porém, antes que o Capitão América saísse do submarino, entre os repórteres que cercavam os *Avengers*, há um vilão, que com uma arma de raio congelador transforma os *Avengers* em estatuas. Os repórteres pensam que essa ação é um tipo de disfarce para que os *Avengers* não deem entrevistas, assim os repórteres saem à procura dos super-heróis.

A partir desse ponto os roteiristas desenvolveram uma história em que o Capitão América agiu sozinho. Ao sair do submarino, o Capitão América se deparou com os

³⁰⁶ The Avengers número 4 de Março de 1964. Pág.8.

³⁰⁷ The Avengers número 4 de Março de 1964. Pág.8.

heróis petrificados e, apesar de se questionar por eles terem o abandonado, “Todos se foram! O píer está deserto! Mas por que eles iriam sair correndo sem mim?”³⁰⁸, não dá importância para o caso, pois também os confunde com estátuas. “Estranho... Estas estátuas devem ser em homenagem aos *Avengers*! Mas elas não são esculpidas em poses típicas! Bem, Isto não é do meu interesse. Eu tenho um mundo novo inteiro para redescobrir. Um mundo que tem avançado vinte anos na minha frente.”³⁰⁹ Como não percebe que aqueles são os verdadeiros *Avengers* também não dá importância para a situação de saber onde os *Avengers* foram parar.

A princípio essa história mostra o Capitão América despreocupado com seus amigos, e que está mais angustiado em descobrir o que aconteceu no mundo nos últimos vinte anos que ele esteve congelado:

Capitão América: As Hmmmmm ... As garotas ainda estão tão lindas como sempre... Mas as roupas, os penteados... Como eles estão diferentes!

Homem 1: Oh meu Deus! Não pode ser, quem eu penso que é!

Mulher 1: Sally veja, Ele assemelha-se com uma figura sobre a qual eu ouvi o meu pai falar! Um poderoso herói de anos atrás!

Sally: Claro! Meu irmão mais velho falou sobre ele para mim muitas vezes! Era o Capitão América!

Capitão América: E o horizonte de Nova York - Sempre impressionante - Sempre em mudança! O que pode ser essas magníficas estruturas - Com todas as bandeiras do mundo ao seu redor?

Policia 1: Olhe o maluco que atravessam a rua, Mac!

Capitão América: Os carros mudaram mais do que tudo - como sempre fazem! Nós nunca tivemos tantas pequenas peças nos anos trinta e quarenta!

Mac Policia 2: Espere! Eu sei quem você é! Você é... Aww não! Não pode ser! Isto é impossível! Mas eu não posso estar errado! Eu o vi uma vez! Quando eu era um garoto! Nunca o esqueci!³¹⁰

Nesses diálogos podemos perceber que os roteiristas enaltecem a figura do Capitão América através dos personagens figurantes. Muitos não eram nascidos ou eram pequenos na época, mas mesmo assim ouviram e lembram-se dos feitos do Capitão América.

O Capitão América assume um papel de herói de guerra, de um personagem que foi além das revistas em quadrinhos e se tornou real. As revistas procuram reconstruir

³⁰⁸ The Avengers número 4 de Março de 1964. Pág.9.

³⁰⁹ The Avengers número 4 de Março de 1964. Pág. 9.

³¹⁰ The Avengers numero 4 de Março de 1964. Pág. 9.

não só a história do Capitão América, mas também a história dos acontecimentos da Segunda Grande Guerra.

Além do artifício de trazer personagens exaltando o Capitão América, a construção dos desenhos e do diálogo entre o Capitão América e alguns desses personagens, ajudam a dramatizar as cenas:



Figura 26

Primeiro Quadrante:

Capitão América: Não Policial - você não está enganado! Eu sou o Capitão América!

Mac Policial 2: E todos esses anos... Todos nós - Seus fãs - Todos os seus admiradores - pensávamos que você estivesse morto! Mas você voltou - Justamente quando o mundo precisa de um homem assim - É como se o destino tivesse planejado desse modo!

Segundo Quadrante:

Narrador: Mais tarde, após esse policial ter direcionado o Capitão América para um hotel nas proximidades!

Capitão América: Eu me pergunto se os jovens de hoje que cresceram com a televisão se dão conta do quanto ela é realmente maravilhosa - Para alguém que nunca a viu?

Terceiro Quadrante:

Narrador: Finalmente o cansado e solitário homem cai em um sono profundo...

Capitão América - Pensamento: O que acontece a seguir? Não posso voltar para a minha carreira como Capitão América - Não teria sentido sem Bucky! Eu não pertencço a esta época - A este ano - não há lugar para mim - Se ao menos Bucky estivesse aqui - Se ao menos...

Quarto Quadrante:

Narrador: Então, de repente, seus aguçados super sentidos, detectaram passos suaves no vão da porta. Seus assustados olhos azuis abrem e...

Capitão América: Bucky é você?

Quinto Quadrante:

Capitão América: Você voltou!!! Bucky, Você voltou!

Sexto Quadrante:

Rick Jones: Eu não sei nada sobre o que você está gritando³¹¹, senhor. Meu nome é Rick Jones... E eu tenho seguido seu rastro por toda a cidade.

Rick Jones: Disseram-me que você foi o ultimo a ver os Avengers - Eu tenho que encontrá-los! Então, que tal falar um pouco sobre isso... hum?

Capitão América: É inacreditável! Você parece seu irmão gêmeo! Sua voz - Seu rosto - tudo!! Você poderia ser o sócia de Bucky!

Sétimo Quadrante:

Rick James: Olha amigo, você não está me entendendo! Você vai me dizer o que você sabe sobre o desaparecimento dos Avengers, ou você quer que eu mencione seu nome para o meu amigo Hulk quando eu me deparar com ele novamente?

Capitão América: Eu não sei quem é Hulk, rapaz... Mas se os Avengers estão desaparecidos, ficarei feliz em ajudar a encontrá-los!³¹²

O policial mostra a admiração que o Capitão América conquistou com os seus feitos durante a guerra. Mas qual será a ameaça que o policial anuncia? Os roteiristas criaram uma atmosfera dramática para comover o leitor de que o herói não se sente bem nesse mundo, que o mundo não é mais como ele imagina. Seu passado o perturba: “O que acontece a seguir? Não posso voltar para a minha carreira como Capitão América - Não teria sentido sem Bucky! Eu não pertencço a esta época - A este ano - não há lugar para mim - Se ao menos Bucky estivesse aqui - Se ao menos...” Porém, basta alguém precisar de ajuda que ele está disposto a ajudar.

³¹¹ No original *yeppin*: gíria para um latido agudo, estridente, um grito.

³¹² The Avengers número 4 Março de 1964. Pág. 10.

Portanto, a ideia de que Stan Lee havia expressado em sua fala acima corresponde com o desenvolvimento da história, com a introdução de sentimentos realistas nas histórias em quadrinhos. A dramatização é ampliada para envolver o leitor na história: não basta ter lutas/ação, é preciso que ela se desenvolva em uma história e que os leitores identifique algo a mais que apenas o super-herói, é preciso que esses super-heróis façam sentido para o leitor.

Assim, o Capitão América e Rick James saem à procura de pistas para encontrar os *Avengers*. Mais tarde descobrem algumas fotos que os levam ao homem que petrificou os *Avengers*. Eles seguem o suspeito até o esconderijo dele e lá encontram mais três pessoas armadas. Após uma intensa luta entre o Capitão América e os quatro inimigos, ele os vence.

Tendo derrotado os inimigos, Capitão América descobre que um deles é um alienígena, enquanto os outros três personagens fogem. Então o Capitão América inicia um diálogo com o alienígena para descobrir como salvar os *Avengers*:

Capitão América: Agora eu vou lhe dizer o que eu penso! Aquelas não são estátuas dos *Avengers*! Eles são os próprios *Avengers*, transformados em pedra por você, você usou seu raio neles, enquanto eles estavam posando para uma fotografia de jornal! Admita isso!

Alienígena: Sim! Sim! Você está certo! Solte-me? Eu não posso suportar o contato físico com seres primitivos!

Alienígena Narrador: Eu venho de uma galáxia muito distante! Meu nome não teria sentido para você – Visto que ele não pode ser pronunciado em nenhuma das línguas da Terra!

Alienígena Narrador: Século atrás, devido a uma falha no motor, a minha nave espacial caiu na Terra, prendendo-se no fundo do mar!

Alienígena Narrador: Eu queria dizer aos terráqueos que eu não os causaria nenhum dano! Eu vaguei pelo seu planeta a procura de alguém para me ajudar a libertar a minha nave! Mas aqueles que eu via me temiam - me atacavam! Para eu me defender, eu usava a minha arma de raios neles, transformando-os em pedra!

Centurion 1 - Flashback: Observem! Ele é um mostro do Mundo Inferior³¹³! Ele deve ser morto!

Alienígena - Flashback: Não! Eu preciso de ajuda! Afaste-se - Por favor - não me faça fazer isso! Não!

Centurion 2 - Flashback: Ele deve estar enfeitiçado! Um olhar para ele e ele transforma homens em pedras!

Capitão América: Seu cabelo - no escuro - Para eles, você deveria parecer com uma mulher – E transformando homens em pedras - Essa deve ter sido a origem da lenda da Medusa! Mas porque você usou o seu poder sobre os *Avengers*??

³¹³ No Original, *Netherworld* ou Mundo Inferior, é um termo geral utilizado para descrever diversos reinos da mitologia grega que se localizam sob a superfície terrestre.

Alienígena : Devido a quem chama a si mesmo de *SubMariner*! Ele me encontrou há alguns dias atrás - disse-me que libertaria minha nave das profundezas do oceano, se eu transformasse os *Avengers* em pedra! Eu - Eu tive que fazer isso!³¹⁴

Na página seguinte Capitão América se lembra de Namor: “*Sub-mariner*! Eu me lembro desse nome de um passado longínquo! Mas haverá tempo suficiente para ele mais tarde! Primeiro você deve trazer os *Avengers* de volta à vida – e iremos libertar a sua nave para você!”³¹⁵

O Capitão América não menciona as batalhas em que ele e *Sub-Mariner* haviam lutado juntos durante a Segunda Guerra Mundial. Mesmo quando eles se encontram, um não reconhece o outro. Se o Capitão América foi congelado e sua memória afetada no processo, isso explica o seu não reconhecimento do agora vilão Namor. Por que Namor, entretanto, não o reconheceu no início da história quando o Capitão América ainda estava congelado? Mesmo após o descongelamento do herói, durante a batalha, Namor não o reconhece.

Como vimos no primeiro capítulo do trabalho, os editores da *Timely Comics*, retratavam os super-heróis Capitão América, *Human Torch* e Namor em duas revistas mensais publicadas durante a Segunda Guerra Mundial, *All Winners Comics* e *All Select Comic*, revistas nas quais esses três super-heróis lutavam junto contra os países do Eixo. Se levarmos em consideração a análise feita por Fernando Feitosa no primeiro capítulo de seu trabalho de conclusão de curso das histórias em quadrinhos do Homem-Aranha, *Representações humanas nas histórias em quadrinhos do Homem-Aranha*, podemos considerar que Namor seja uma referência à URSS:

Namor em especial, aparecia em suas histórias como inimigo dos Estados Unidos, sendo combatido pelo Tocha Humana. Mas, com a ameaça nazista, juntaram forças para combater um inimigo comum, mostrando que assim como os países europeus, eles também podiam pôr suas diferenças de lado, assim como a Inglaterra e a URSS, servindo, de certa forma, como exemplos para a humanidade.³¹⁶

Desse modo, nessa nova história do Capitão América, Namor não é lembrado como aliado, da mesma forma como a reconstrução da história do Capitão América

³¹⁴ The Avengers número 4 de Março de 1964. Pág. 14.

³¹⁵ The Avengers número 4 de Março de 1964. Pág. 15.

³¹⁶ OLIVEIRA, Fernando Feitosa de. Representações humanas nas histórias em quadrinhos do Homem-Aranha. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. 2005. Pág. 12.

serve para reconstruir uma nova memória a respeito da Segunda Guerra Mundial. Em plena Guerra Fria, reconhecer que a URSS foi um importante aliado contra os nazistas seria reconhecer que o inimigo comunista não é tão mau assim, pois ajudou a libertar as democracias do perigo nazista.

O alienígena diz: “Se você estiver me enganando! Se ao menos eu pudesse acreditar em você!”³¹⁷, então o Capitão América retruca: “Capitão América nunca mente. Vamos!”³¹⁸ Esse diálogo reafirma as qualidades de benevolência do super-herói Capitão América. Após a explicação do alienígena, o Capitão América percebe que ele é apenas uma vítima do verdadeiro inimigo, Namor, e decide ajudar o alienígena a voltar para casa.

Após serem despetrificados os *Avengers* vão ao oceano para resgatar a nave do alienígena. Enquanto isso, Namor e um exército de Marinóis³¹⁹ aparecem e os atacam. Quando parecia que Namor iria derrotar os *Avengers*, a ilha começa a se partir ao meio e a nave do Alienígena é lançada às estrelas. Com a explosão, Namor ordena ao seu exército que recue, pensando que devido à explosão, os *Avengers* não iriam conseguir sobreviver. Eles conseguem, entretanto, escapar.

Na última página da revista os *Avengers* fazem a oferta para o Capitão América se unir ao grupo de super-heróis:

Iron Man: Correto! Nós temos uma oferta para propor ao Capitão América!

Capitão América: Eu vi vocês na batalha! E não há nenhum valentão³²⁰! Se a sua oferta for o que eu espero que seja, minha resposta é sim.

Thor: Você fala com honra e dignidade, como um homem!

Narrador: Assim, temos o privilégio de testemunhar um momento importante nos anais das superaventuras!

The Avengers: Nós o acolhemos com satisfação, Capitão América ao posto de - Avenger!³²¹

A trama se encerra dessa maneira, com o Capitão América integrando o novo grupo de super-heróis. Embora essa construção de um novo passado para o Capitão América seja evidente se acompanharmos as publicações dele desde os anos de 1940, deve-se levar em consideração que há um intervalo de quase 10 anos entre a última

³¹⁷ The Avengers número 4 de Março de 1964. Pág. 15.

³¹⁸ The Avengers número 4 de Março de 1964. Pág. 15.

³¹⁹ São seres da mesma raça de Namor que ainda os seguem.

³²⁰ No original, *and there are none braver*.

³²¹ The Avengers número 4 de Março de 1964. Pág. 23.

publicação do Capitão América, em setembro de 1954, e o seu reaparecimento na edição que acabamos de analisar, de março de 1964. Isso faz com que fique mais fácil reconstruir uma nova história acerca do passado do Capitão América, pois esse intervalo fez com que as pessoas esquecessem as outras histórias que foram publicadas sobre ele.

A reconstrução de um novo passado para o Capitão América não se restringe apenas à explicação de como o herói conseguiu sobreviver a vinte anos de congelamento após o seu suposto desaparecimento antes do final da Guerra. Há também a criação de um novo personagem, Zemo, o qual é responsável pela queda e morte de Bucky e também pelo sumiço do Capitão América.

Além da revista dos *Avengers*, o Capitão América começa a ter suas aventuras publicadas na revista *Tales of suspense* a partir da edição de número 58, de outubro de 1964. Inicialmente foram duas aparições (na já mencionada edição 58 e na edição 59 de novembro do mesmo ano) sendo que essas aventuras foram protagonizadas em conjunto com o também *Avenger*, *Iron Man*. Após essa aparição, o Capitão América protagonizou mensalmente várias aventuras individuais nessa revista até a edição de número 99, de março de 1968.

As quatro aventuras protagonizadas pelo Capitão América nessa revista após a edição 59, de novembro de 1964, seguiam o tempo cronológico das revistas dos *Avengers*. Essas aventuras incluíam um combate contra um assassino contratado por Zemo na edição 60, de dezembro de 1964, e uma aventura no Vietnã na edição 61, de janeiro de 1965.

Posteriormente, a partir da edição 63, de março de 1965, seus editores Stan Lee e Jack Kirby, vão criar até a edição 71, de novembro de 1965, várias histórias em que o Capitão América revive aventuras da Segunda Guerra Mundial.

Essas revistas possuem dez páginas. A primeira história é a *Origem do Capitão América*, a qual, apesar de em sua essência possuir o mesmo roteiro da original de março de 1941, em que o soldado Steve Rogers tentou se alistar e ao ser dispensado pelas suas características físicas e então ele foi convidado pelo professor Reinsten para participar de uma experiência que culminaria em sua transformação em Capitão América, essa segunda história, é mais elaborada e possui uma quantidade maior de páginas do que a original.

Na história original de março de 1941, a história continha oito páginas e a versão de março de 1965 contém dez páginas. Apesar de apenas duas páginas a mais, o roteiro da segunda versão possui um maior desenvolvimento da história.

Entendemos que as aventuras que apareceram na revista *Tales of suspense* fazem parte da tentativa da editora de reconstruir uma memória a respeito da Segunda Guerra Mundial utilizando o personagem Capitão América para esse propósito. Tendo em vista que essas histórias que as edições da revista *Tales of suspense* são apenas inspiradas na Segunda Guerra Mundial, não são as mesmas aventuras das revistas publicadas nos anos 1940.

Vimos no Segundo Capítulo que a tentativa de relançar o Capitão América nos anos 1950 foi claramente ideológica pela representação dos vilões que havia em suas histórias, devido às condições históricas do período, no entanto, essas revistas estagnaram e logo foram canceladas.

Desde o ressurgimento do Capitão América na edição número 4 da revista dos *Avengers* em março de 1964, os editores da Marvel tentam explicar o que ocorreu com o herói no final da Segunda Guerra.³²²

Oficialmente, na cronologia da Marvel ficou estabelecido que antes do término da Segunda Guerra Mundial, o Capitão América havia desaparecido e Bucky teria sido morto por Lord Zemo.³²³ Essa versão “oficial” aparece no livro Enciclopédia Marvel, que contém o resumo das biografias dos principais personagens da editora e que no Brasil foi lançado pela editora Panini em 2005. Afirma-se que:

Durante os últimos dias da 2ª Guerra Mundial, um avião-foguete carregado de explosivos – lançado pelo barão Heinrich Zemo, um cientista nazista – explodiu com o Capitão e Bucky a bordo, matando o jovem e lançando seu mentor, ileso, nas gélidas águas do Oceano Ártico. O soro do Supersoldado, combinado com o frio extremo das águas, permitiu ao Capitão sobreviver por anos em estado de

³²² Em uma edição da revista mensal do Capitão América dos anos 70, *Captain America and Falcan* de novembro de 1972, uma história chamada *The Secret origin of Captain America*. Tenta-se afirmar, através de uma falsificação da revista editada pela *Atlas Comics, Young Men*, de dezembro de 1953, que o Capitão América dos anos de 1950 é outra pessoa e não Steve Rogers. Afirmamos que é uma falsificação da história, pois eles retratam apenas uma parte dela. Na versão original dessa revista que origina as histórias que analisamos no segundo capítulo, não há menção alguma de outro Steve Rogers ou Capitão América.

³²³ No Brasil a editora Abril lançou, em 1985, na revista Almanaque do Capitão América, uma edição especial chamada *A saga dos quatro Capitães América - Toda a carreira do grande herói*. A editora compilou a partir de um amontoado de revistas estadunidenses (*Young Men* de dezembro de 1953; *The Avengers* número 4, de março de 1964, *Captain America Lives Again*; *Tales of Suspense* de março de 1965, *The origin of Captain America*; *Captain America and Falcan*, de novembro de 1972, *The Secret origin of Captain America* e *Captain America* número 255, de março de 1981, *The Living Legend*), as recortou e através de uma montagem de todas essas revistas, originou-se uma história linear do super-herói desde a Segunda Guerra Mundial, sem levar em consideração as contradições que algumas dessas revistas citadas acima possuem a respeito da origem desse herói. Além disso, a revista dá a entender que houve um esforço conjunto de todos os roteiristas e desenhistas para realizar essa história, quando, na verdade, foi a editora Abril quem mesclou essas revistas.

animação suspensa. Resgatado décadas depois pelos Vingadores, ele rapidamente tornou-se o principal alicerce da nova equipe de heróis.³²⁴

Portanto entendemos que a reconstrução da história do Capitão América serve para esconder o fracasso de vendagens que essa revista teve no período pós-guerra, incluindo a sua ruptura com as histórias de superaventura e a tentativa de adaptar as novas tendências das histórias em quadrinhos de terror como vimos no segundo capítulo.

Essa reorganização das histórias do Capitão América também teve a função de auxiliar na reconstrução da memória da Segunda Grande Guerra, pois coloca o Capitão América e os EUA como principais opositores do Terceiro Reich, minimizando a participação da URSS no processo de luta e retomada dos territórios ocupados pelos nazistas.

3.4 Os inimigos da democracia nas revistas dos *Avengers*

A questão sobre quem são os inimigos da democracia nas revistas estadunidense dos *Avengers* permeia o nosso trabalho. Desde o primeiro capítulo temos discutindo como em diferentes momentos da história, os discursos a respeito da democracia dos dirigentes estadunidenses se modificaram na medida em que se modificaram também seus interesses econômicos.

Buscamos mostrar que nos diferentes momentos da história desse país, a sociedade política se entrelaçou com uma parcela da sociedade civil e desta forma unificaram um discurso a respeito da liberdade e da democracia, que em princípio parecia de interesse nacional mas que, na verdade, era de interesse de determinados empresários e/ou de empresas privadas.

Como vimos nos dois primeiros capítulos, determinados segmentos da indústria cultural, como o cinema e as histórias em quadrinhos incorporaram esse discurso e serviram/servem como auxiliares em sua transmissão. Vimos também que muito antes do início da Guerra Fria, ainda nos anos 1920, a indústria cultural sofreu várias restrições acerca do que poderia ou não ser vinculado por elas, pois ao mesmo tempo em que o cinema poderia servir como agente de transmissão ideológica dominante, também poderia ser subversivo, bem como o podiam ser as histórias em quadrinhos.

³²⁴ **Enciclopédia Marvel**. Barueri: Editora Panini, 2005. p. 13.

Ainda que nos anos 1960 a Guerra Fria entre EUA e a URSS estivesse em pleno desenvolvimento, os inimigos da liberdade e da democracia estadunidense não são apenas os comunistas. Ainda assim, esses inimigos são, em sua maioria, retratados nas revistas dos *Avengers* com o objetivo de conquistar os EUA ou o planeta Terra.

Para os editores dos *Avengers* o grupo de super-heróis não deve ter um líder. Nas primeiras revistas há uma rotatividade nas escalas de quem preside as reuniões dos *Avengers*. *Iron Man*, *Thor* e *Giant-Man* são os primeiros, geralmente eles se reúnem em torno a uma mesa e discutem quando uma “ameaça” se aproxima:



Figura 27

Hulk: Bem, agora que toda a Gangue está aqui, o que vamos fazer? Eu não estou com vontade de jogar o jogo da garrafa!³²⁵

Iron Man: Mesmo quando não houver tarefa diante de nós, nós ainda nos encontraremos regularmente, para conhecermos melhor, uns aos outros!

Pensamento de Wasp: Eu gostaria de conhecer melhor o adorável Thor -- suspiro!³²⁶

Apesar dessa conversa descontraída, não há em nenhuma das revistas dos *Avengers* uma reunião entre eles que não seja para avaliar uma “tarefa” que esteja “diante deles”.

Na revista *The Avengers* número 8, de setembro de 1964, os *Avengers* estão dialogando para saber quem será o líder da próxima reunião:

³²⁵ *Spin the bottle*: é um jogo de festa em que vários jogadores se sentam ou se ajoelham em um círculo. Um frasco é colocado no chão, no centro do círculo. Um jogador gira a garrafa, e deve beijar a pessoa a quem a ponta da garrafa apontar quando ela parar de girar. Popular nos EUA. No Brasil a variável desse jogo mais conhecido é o jogo verdade ou desafio. http://en.wikipedia.org/wiki/Spin_the_bottle Acessado em 09 de Janeiro de 2013, as 15h30minh.

³²⁶ *The Avengers* número 2 de Novembro de 1963. Pág. 2.

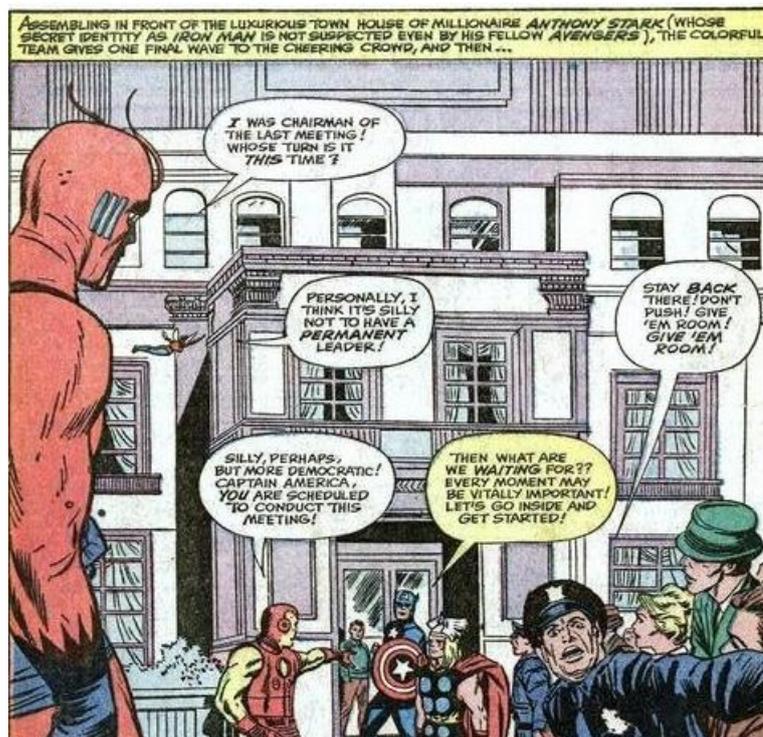


Figura 28

Narrador: Reunidos em frente da luxuosa Casa do Milionário Anthony Stark (cuja identidade secreta como Iron Man não existem quais quer suspeitas, nem mesmo dos seus colegas Avengers) a animada³²⁷ equipe dá um ultimo aceno para a multidão, e em seguida...

Giant-man: Eu fui o presidente da última reunião. De quem é a vez agora?

Wasp: Pessoalmente, eu acho que é uma tolice não ter um líder permanente!

Iron Man: Tolicie, talvez. Embora mais democrático. Capitão América você está designado para conduzir esta reunião!

Capitão América: Então o que estamos esperando? Cada momento pode ser de vital importância! Vamos entrar e começar!

Policia: Permaneçam aí atrás, não empurrem! Deem a eles espaço! Deem a eles espaço!³²⁸

A fala do *Iron Man* não é isolada, como vamos ver adiante. Nos diálogos entre super-heróis e vilões, os roteiristas, em determinados momentos, se utilizam de adjetivos pejorativos como “tolo” ou “inocente” para caracterizar os defensores das democracias. Além disso, eles deixam claro que a rotatividade de lideranças é a maneira mais democrática de se dirigir um determinado grupo, mesmo que isso pareça tolice.

A ideia é passar que este tipo de sistema política não serve para beneficiar apenas uma pessoa, mas sim a todos, e que nas democracias não se tem a personificação de uma única pessoa no poder político. Deste modo os vilões dos *Avengers* vão ser

³²⁷ No original, *colorful*.

³²⁸ The Avengers número 8 de Setembro de 1964. Pág. 2.

representados no sentido oposto. A maioria dos vilões têm o intuito de conquistar territórios e de se tornar o centro do poder político. Namor e Zemo, por exemplo, são retratados como antidemocratas, pois se instalaram em um poder político imperial, são reis e não praticam eleições, além de tratarem seus subordinados sem nenhum respeito.

A ideia é mostrar que nos EUA acontece diferente, pois a população delega o poder político para os seus representantes de maneira democrática através de eleições. Assim, não pode haver um líder nos *Avengers*: eles têm o mesmo *status*, portanto são vistos como iguais. Todavia com o passar do tempo, principalmente após as trocas dos *Avengers* na edição 16, de abril de 1965, os editores deixaram a rotatividade de liderança entre os *Avengers* e aos poucos o Capitão América vai assumindo a liderança da equipe.

Como havíamos mencionado acima, apesar da Guerra Fria com a URSS, não há apenas inimigos comunistas nas histórias dos *Avengers*. A seguir vamos analisar alguns casos de inimigos que aparecem nas revistas de histórias em quadrinhos dos *Avengers*, iniciando com o *lord Zemo*, o nazista.

3.4.1. *Lord Zemo – The Nazi!*

A primeira aparição de Zemo é na edição de número 6 dos *Avengers*, de julho de 1964. Os autores referem-se a ele como um fugitivo de guerra que reapareceu nas selvas da América do Sul, utilizando-se das riquezas naturais desse lugar e escravizando seu povo “inferior”. *Lord Zemo* é o responsável pelo ataque a base da E.T.O. que causou a morte de Bucky e o desaparecimento do Capitão América, já analisados no tópico sobre a reconstrução da história do Capitão América.

Nessa edição de julho de 1964, observamos mais uma representação dos povos indígenas como sendo incapazes de se proteger e que são dominados por um ser exterior sem o mínimo de resistência.

Como havíamos mencionado no início do capítulo, as histórias são sequências umas das outras, de modo que a revista de número 6 inicia-se com os *Avengers* retornando de uma missão na qual eles haviam enfrentado o vilão *Larva-Man*:

Rick James: Uma mensagem acabou de chegar através do rádio do helicóptero! Eu a copie para vocês!

Thor: Isto veio da *Teen Brigade*³²⁹! É um “código vermelho”, uma emergência!

Capitão América: Bem, então o que estamos esperando?

Iron Man: Vamos³³⁰

Uma das tarjetas na primeira página dessa revista traz os dizeres: “Conheça o Mestre do Mal”, reforçados por outro enunciado, que se encontra dentro de um balão, com os escritos: “Atenção!! Não rasgue essa revista ou dobre as suas páginas, nem as manche-as de comida! Nós temos um palpite que você irá querer guardá-la por um longo, longo, tempo!”³³¹

Apesar de os *Avengers* terem recebido uma mensagem sobre um ataque na cidade de Nova York, a revista inicia-se com o Capitão América testando as modificações que o *Iron Man* realizou em seu escudo.

Os primeiros acontecimentos dessa história ocorreram antes do confronto dos *Avengers* com o *Larva Man* da edição de número 5. Aqui podemos perceber mais um artifício das mudanças das revistas em relação às histórias dos anos de 1940 e 1950. Os enredos das histórias não são lineares e há constantes mudanças do tempo presente para o passado.

A intenção da edição de número 6 da revista dos *Avengers* é mostrar um confronto que está sendo esperado há anos, envolvendo os personagens que no passado foram responsáveis pelo desaparecimento um do outro. Capitão América é responsável por Zemo estar na América Latina e Zemo é responsável pela morte de Bucky e o seu congelamento.

Dessa forma as revistas dos *Avengers* vão fixando a reconstrução da história do Capitão América e da memória acerca da Segunda Guerra Mundial, pois a cada história que Zemo aparece, há um novo fato do passado desses dois personagens durante a guerra.

Ainda no início dessa história podemos identificar mais uma vez o uso que os redatores fazem para dramatizar a relação do Capitão América com o seu passado e deixá-lo mais humano. O Capitão América está triste e sente a falta do seu parceiro Bucky. A personagem *Wasp* pede para Thor mostrar ao Capitão América as cartas que os *Avengers* receberam dos seus fãs do mundo inteiro:

³²⁹ Trata-se de um grupo de adolescentes aficionados por rádios amadores que foram convocados por Rick James para divulgar riscos de segurança, principalmente quando esses riscos envolviam o Hulk.

³³⁰ The *Avengers* número 5 Abril de 1964. Pág. 23.

³³¹ The *Avengers* número 6 Março de 1964. Pág. 1.

Capitão América: Se ao menos Bucky pudesse estar aqui agora, para maravilhar-se com essas maravilhas científicas!

Thor: Não é bom debruçar-se sobre o passado, meu valente amigo! Você não deve permitir-se continuar lamentando a perda do seu jovem parceiro!

Wasp: Mostre as cartas que recebemos de todo o mundo, Thor! Talvez isso o anime!

Thor: São cartas alegres, Capitão America... De seus amigos que estão entusiasmados em saber que você ainda está vivo e que se juntou aos *Avengers*!

Capitão América: Obrigado Thor, é bom saber que as pessoas não me esqueceram! Mas eu tenho medo, eu não posso nunca esquecer! Bucky sempre estará vivo em minha memória!³³²

O Capitão América é tratado como herói de guerra e prestigiado pelos seus feitos no passado. Esse diálogo serve para reforçar a índole do herói e dar credibilidade para as suas ações no presente, justificando assim sua vingança contra aquele que causou a morte de seu parceiro: “Mas há outra coisa também! Uma fome de vingança! No meu juramento como *Avenger*, vou dedicar a minha vida, se necessário, para encontrar aquele que causou a morte de Bucky! Só então eu serei capaz de encontrar a paz!”³³³ Ao jurar encontrar e vingar-se de Zemo, Capitão America está fazendo justiça, pois nessa história Zemo matou Bucky. Todavia Como vimos no tópico anterior o Capitão América não mata diretamente o seu inimigo Zemo.

Aqui há uma lógica individualista: o Capitão América “moverá montanhas” por causa de sua dor, para vingar o seu amigo. Nesse caso não é o coletivo que conta, mas sim a motivação individual. Após esse diálogo, a história corta para uma cena que está em desenvolvimento na América do Sul, essa cena, acontece ao mesmo tempo em que as batalhas dos *Avengers* contra o *Larva Man* na edição de número 5.

Não iremos analisar toda a revista, o que queremos demonstrar a partir dessa história é como o vilão foi retratado pelos editores e como ele tratava os seus subordinados, os nativos da América Latina.

³³² The Avengers número 6 de Julho de 1964. Pág. 2.

³³³ The Avengers número 6 de Julho de 1964. Pág. 2.



Figura 29

Primeiro Quadrante:

Narrador: Mas quem é aquele que causou a morte de Bucky há muitos anos atrás? Ele ainda vive? O que aconteceu com ele? Para as respostas a essas dramáticas perguntas, vamos fixar nossa atenção para o avião voando sozinho sobre uma desconhecida área da floresta da América Sul.

Peter: Eu devo estar louco por voar nessa perigosa rota todo ano! Contudo, eu não posso resistir ao ouro que Zeno me paga pelos meus serviços!

Segundo Quadrante:

Narrador: Ao desembarcar em um desfiladeiro quase inacessível, o piloto emerge de um avião de um homem só e se aproxima de um monarca mascarado, sentado em um trono bruto da selva.

Zemo: Você está na hora. O que é bom! Você sabe a penalidade por falhar com Zemo! Você tem meus suprimentos?!

Peter: Sim, Zemo eu trouxe tudo o que você desejava!

Terceiro Quadrante:

Zemo: Permaneça imóvel. Devo me aproximar de você... A minha própria maneira!

Peter: Sim Zemo, você é o chefe! O que você disser!

Quarto Quadrante:

Zemo: Mesmo nos últimos periódicos científicos que você me trouxe, ainda não há uma fórmula conhecida que possa remover o *Adhesivo X*! Eu estou condenado a usar este maldito capuz para sempre?!

Peter: Você nunca me contou como esse capuz ficou colado à sua cabeça Zeno... Ou porque você tem estado escondido nessa floresta todos esses anos!

Quinto Quadrante:

Zemo: E eu nunca irei! Eu o advirto que é perigoso se intrometer nos segredos de Zemo!

Zemo: Espere! O que é isso? Isso é verdade?! Capitão América ainda está vivo? Você é um tolo! Porque você não trouxe isso para mim antes?

Sexto Quadrante:

Peter: Como eu iria saber? O que há entre o Capitão América e você?

Zemo: Silêncio! Eu pensei que tinha - me livrado de ambos... Para sempre! Mas o mais perigoso deles ainda está vivo? Você ouviu... Ele ainda vive!!³³⁴

Os roteiristas se preocuparam em retratar a América do Sul como sendo um local selvagem, para isso enfatizam a todo o momento que os personagens estão em áreas desconhecidas e perigosas em uma floresta da América do Sul onde há ouro. Reforçando o nosso argumento de que a revista apresenta um olhar sobre a América Latina como sendo um lugar subdesenvolvido, o conjunto da narrativa da revista mostra, através das representações dos desenhos, uma selva tropical, um bicho preguiça e a submissão dos indígenas perante Lorde Zemo. Nota-se que Zemo faz questão de caminhar sobre as costas dos indígenas para chegar até Peter.

Esse pensamento de que o nazismo pudesse dominar a América do Sul, estava muito além da desconfiança que se tinha nos anos 1950 e 1960 de que os principais líderes nazistas haviam fugido para a América Latina, ela está ligada no perigo que representa essa parte da América que estaria “desprotegida”, a mercê de qualquer invasor. Na próxima página Zemo conta o que ocorreu nos anos de guerra para que ele fosse parar na América do Sul:

³³⁴ The Avengers número 6 de Julho de 1964. Pág. 3.



Figura 160

Primeiro quadrante:

Narrador: De repente, um olhar distante vem de dentro dos olhos encapuzados do mascarado monarca! Então ele começa a falar, com um toque de ódio em suas palavras... Esquecendo a presença do homem que está perto!

Zemo: Ele é responsável por eu estar aqui hoje... Por eu vestir esse capuz na cabeça... Como um emblema de vergonha! Eu me lembro de tudo como se fosse ontem... Eu estava em meu laboratório... Na Alemanha Nazista!

Segundo Quadrante:

Zemo - Narrador: Eu fui o maior cientista de Hitler! Mas eu era tão odiado, até mesmo pelo nosso próprio povo, que eu achei necessário usar um capuz para esconder a minha identidade! Se minhas vítimas soubessem quem eu era, nada poderia ter me salvado de sua vingança!

Zemo - flashback: Eu sou o homem mais odiado na Europa! Mas valeu a pena, para receber as recompensas do Führer!

Terceiro Quadrante:

Zemo - Narrador: Mas eu não pude permanecer escondido para sempre! Não do mais poderoso, o mais temido inimigo da tirania, que o mundo já conheceu! Um dia, quando eu menos esperava, ele me encontrou... !!!

Zemo - flashback: Capitão América

Quarto Quadrante:

Capitão América - Flashback: Eu sei do seu mais recente projeto, Zemo! Um adesivo tão forte que nada pode acabar com ele! Mas eu nunca vou deixar você fazer dele uma arma para Hitler... Nunca!!

Zemo: Não jogue o escudo! Não!

Quinto Quadrante:

Zemo: Mas era tarde de mais! Mas eu errei o alvo!³³⁵ Seu escudo girando atingiu o tonel contendo o meu *Adhesive X*... Espatifando-o em pedaços!!

Sexto Quadrante:

Zemo: Eu ainda posso sentir isso! Ainda sinto a maldita cola golpear meu capuz... Colando-o em meu rosto... Onde permaneceu durante todos esses anos até os dias de hoje... Pois nada parece poder soltá-lo!

Peter: Então, essa é a história! É por isso que você tem se escondido aqui desde então?

Sétimo Quadrante:

Zemo: Mas, antes de vir para cá, eu tive minha vingança... Ou assim eu pensava... Eu encontrei uma maneira de escapar, e então eu ataquei o Capitão América... E seu jovem parceiro, Bucky! Eu pensei que tivesse destruído ambos!

Oitavo Quadrante:

Zemo: Mas agora, eu vou encontrá-lo novamente... E terminar com o serviço! E, porque você sabe do meu segredo, apenas a sua obediência cega vai me impedir de assassinar você! Você deve se tornar meu mensageiro... Você deve encontrar três pessoas para mim, se você dá valor a sua vida!

Peter: Eu... Eu vou fazer isso! Pode contar comigo!³³⁶

Deste modo na próxima página, aparecem três personagens atacando Nova York, são eles, *Black Knight*, *The Melter* e *Radioactive Man*. Do mesmo modo que os *Avengers*, esses supervilões já haviam aparecido em outras histórias.

Black Knight havia combatido *Giant Man* na revista *Tales to Astonish* 52, de fevereiro de 1964. *Black Knight* é um biólogo (professor Nathan Garrett) que é descendente direto de *Sir Percy of Scandia*³³⁷. *The Melter* é um industrial que fornecia armas para os Estados Unidos, mas que se tornou um vilão. Sua primeira aparição é como inimigo do *Iron Man* em *Tales of suspense* 47, de novembro de 1963. Já *Radioactive Man* é um físico nuclear chinês que foi designado para encontrar uma maneira de derrotar Thor, que havia frustrado uma invasão chinesa na Índia. Sua primeira aparição é em *Journey into Mystery* 93, de junho de 1963.

Esses supervilões utilizam-se do suposto composto que Zemo havia descoberto na guerra para atacar Nova York. Esse ataque é para chamar a atenção dos *Avengers* que

³³⁵ No original, *My shot went wild*.

³³⁶ The *Avenges* número 6 de Julho de 1964. Pág. 4.

³³⁷ É o primeiro personagem denominado *Black Knight*, suas histórias foram publicadas nos anos de 1950 pela Atlas Comics, tendo Stan Lee como seu roteirista.

chegam rapidamente ao encontro dos vilões após o já mencionado contato do *Teen Brigade*:



Figura 31

Primeiro Quadrante:

Narrador: Sim, O misterioso *The Melter*... O furioso arqui-vilão que tem o poder para derreter todas as formas de metal... E que quase derrotou o próprio *Iron Man*, não faz muito tempo!

The Melter: Volte todos vocês! Suas armas rículas não podem parar *The Melter*! E agora eu estou mais poderoso do que nunca, desde que Zemo me deu a capacidade para derreter todos os tipos de metal, em vez apenas do ferro!

Segundo Quadrante:

The Melter: Agora que a armas de vocês foram derretidas... Eu estou livre para continuar a pulverização do *Adhesive X* de Zemo à vontade! Quando os *Avengers* aparecerem, estaremos prontos para eles.

Pessoa 1: O chão ficou igual um papel pega-mosca! Não posso sair dele com os meus sapatos!

Terceiro Quadrante:

Narrador: E quem é a terceira ameaça convocada por Zemo? Ninguém menos que *Radioactive Man*, o único humano vivo com o poder de ceifar o martelo encantado do poderoso Thor!

Radioactive Man: isso com certeza trará os *Avengers* para nossa armadilha!

Quarto Quadrante:

Radioactive Man: Zemo desejava vingar-se do Capitão América... Mas ele sabia que os *Avengers* iriam agir para proteger o seu mais novo membro! É por isso que ele nos chamou... The Melter, Black Knight e eu... Cada um de nós terminará a luta que começou no passado, deixando-o sozinho para destruir o seu odiado inimigo!!!

Quinto Quadrante:

Narrador: Mas antes que pensamento desaparecesse do cérebro do *Radioactive Man*, aqueles que ele tinha a esperança de prender na armadilha, apareceram... Como cinco furiosos combatentes prontos para a ação!

Giant-Man: Aqui estamos! Bem a tempo! É o *Radioactive man*!

Capitão América: Ele sozinho não pode ser responsável pelo que aconteceu com a cidade! Mas vamos encontrar uma maneira de obter a verdade dele!³³⁸

Podemos perceber que os vilões permanecem com as mesmas características maléficas das edições que analisamos no primeiro e no segundo capítulos, aqui os três vilões atacam apenas para chamar a atenção dos heróis. Eles não se importam em ferir um inocente para subjugar seu oponente e atingir seus objetivos.

Os *Avengers* aparecem, contudo *Giant-man*, Thor e Capitão América ficam presos na supercola, salvando-se apenas *Iron Man* e *Wasp*, os quais, posteriormente, vão atrás de um supersolvente para libertar seus companheiros.

Como mencionado anteriormente esses vilões já haviam lutado contra os *Avengers* em suas outras revistas. Desse modo, cada *Avengers* enfrentou seu inimigo correspondente, mas após eles terem ficado presos na supercola, Capitão América pensou em um plano para derrotá-los.

O plano do Capitão América era para que os *Avengers* trocassem de oponentes: “Eu entendi! Cada um deles sabe suas fraquezas... Como o *The Melter* pode mesmo derreter a armadura do *Iron Man*! Mas vamos enganá-los! Vamos mudar de inimigos! Bem, pegá-los desprevenidos!”³³⁹ Após isso, Thor, *Iron Man* e *Giant Man* vão atrás de *Black Knight*, *The Melter* e de *Radioactive Man*, e o Capitão América vai ao encontro de Zemo.

³³⁸ The Avenges número 6 de Julho de 1964. Pág. 6.

³³⁹ *Idem, ibidem*, p. 12.



Figura 32

Primeiro Quadrante:

Zemo: Veja o que um golpe de karatê, pode fazer, nas mãos de um mestre!

Segundo Quadrante:

Zemo: É por isso que eu receio que você já não é mais o Capitão América! É por isso que Zemo, jamais poderá perder!!

Terceiro Quadrante:

Capitão América: Suas habilidades são muito ruins, não correspondem com as suas palavras! Seu assassino arrogante! Este aqui que você está insultando agora, não é uma vítima inocente da tirania! Este é o Capitão América!

Quarto Quadrante:

Capitão América: Eu era perito em todas as formas de combate mano-a mano conhecidas pelo homem, enquanto você ainda estava seguro em seu laboratório servindo o seu mestre nazista! Onde está a sua bravata agora, mestre do mal?

Quinto Quadrante:

Capitão América: Eu ainda me lembro de como você zombou da democracia... Como você chamou de molengas os americanos... Tímidos... Muito mimados para lutar pela liberdade!

Sexto Quadrante:

Capitão América: Você zombou do homem livre! Você se vangloriava do seu desprezo pela liberdade! Sinta o meu aperto Zemo! É um aperto de um homem livre! Olhe para os meus olhos, Tirano! Eles são os olhos de um homem que morreria pela liberdade!

Sétimo Quadrante:**Capitão América:**

O mundo jamais deve voltar a cometer o erro fatal de confundir compaixão com fraqueza! E enquanto eu viver, não vai!

A cena é montada para que o Capitão América e Zemo se enfrentem mano a mano. Nas diversas falas do Capitão América durante a cena, o herói menciona que Zemo (e por consequência os Nazistas) ridicularizava as democracias.

Cada personagem representa um sistema: Capitão América as democracias, e Zemo a ditadura nazista. Dessa forma os roteiristas expressam que mesmo com a arrogância de Zemo, Capitão América o derrota, assim como os Estados Unidos fizeram com a Alemanha Nazista.

Isto coloca o Estado dos EUA como principal articulador da ofensiva contra os nazistas na guerra, silenciando a importância da União Soviética no desfecho da guerra e a ambiguidade que os EUA tiveram durante parte do período de guerra (como já vimos no segundo capítulo) em relação aos avanços imperialistas do governo alemão. Assim contribuindo para uma reconstrução dos fatos que ocorreram durante a guerra.

Também mostra o Capitão América falando em compaixão, em zelo pelos iguais, uma imagem altruísta, valores associados aos heróis. Isso, portanto, teria sido fundamental para eles terem vencido, e que jamais devesse se permitir que houvesse um regime igual àquele que foi o nazismo. Sendo assim, oposto do que supostamente os nazistas acreditam, já que a figura dos inimigos dos *Avengers* mostrada pela revista é de sujeitos que não se preocupam com o bem estar do próximo e que são capazes de qualquer coisa para vencer em uma batalha. Dessa maneira, podemos perceber que as revistas em histórias em quadrinhos dos *Avengers* auxiliaram na construção de uma nova memória a respeito da Segunda Guerra Mundial.

A princípio, esse diálogo com Zemo representa o sentimento altruísta do Capitão América, mas na verdade é a justificativa para a ação imperialista: “O mundo jamais deve voltar a cometer o erro fatal de confundir compaixão com fraqueza! E enquanto eu viver, não vai!” Nesse sentido o Capitão América fará qualquer coisa para impedir que Zemo ou qualquer outro ditador governe em qualquer parte do mundo.

O desfecho dessa história é Peter atacando Capitão América pelas costas e assim criando uma oportunidade para que Zemo escapasse. *Black Knight, The Melter* e *Radioactive Man* são capturados.

Mas quem são os sujeitos “inocentes” que Zemo dominou? E onde eles se encontram? A escolha de um inimigo nazista que fugiu da Alemanha para a América do Sul após a Segunda Grande Guerra não faz parte do imaginário da construção do 4º *Reich* na América do Sul.

A Alemanha Nazista possuía vários cientistas, físicos, químicos etc. que não foram julgados no tribunal de Nuremberg, entre eles Adolf Eichmann e Josef Mengele:

Isso muito se deve ao fato de que várias pessoas envolvidas com o nazismo, pelo menos as que ficaram mais conhecidas após o término da guerra devido às suas atividades relacionadas, principalmente, ao holocausto, como Adolf Eichmann e Josef Mengele, terem escapado do tribunal de Nuremberg e se refugiado em terras latino-americanas, dando o mote para a aparição das mais fantásticas e fantasiosas histórias sobre o nazismo.³⁴⁰

Os trabalhos de Marcos Nestor Stein, *A construção do discurso da germanidade em Marechal Cândido Rondon (1946-1996)*, e de Marcos Eduardo Meinerz, *O imaginário conspiratório da formação do IV Reich na América Latina após a Segunda Guerra Mundial*³⁴¹, mapeiam algumas obras literárias, filmes, reportagens de jornais, revistas e pesquisas historiográficas sobre a passagem de muitos desses nazistas pela América Latina.

Segundo Meinerz essas histórias tiveram uma crescente após a descoberta de que Adolf Eichmann estava residindo na Argentina, no ano de 1960. Após as pesquisas da *Comisión para el Esclarecimiento de las Actividades del Nazismo en Argentina* – CEANA – criada em 1997³⁴², algumas das teorias tiveram confirmação.

Ainda que no período em que as revistas dos *Avengers* foram publicadas esse temor da fundação do IV Reich na América Latina era eminente, mesmo sendo fantasioso, Zemo mesmo sendo um cientista, não é a representação nem de Josef Mengele e nem de Adolf Eichmann. Mesmo porque, para nós, não há nessas revistas a intenção de fomentar o imaginário da construção do IV Reich na América Latina, mas

³⁴⁰ MEINRZ, Marcos. *O imaginário conspiratório da formação do IV Reich na América Latina após a Segunda Guerra Mundial*. Apresentado para Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2013.

³⁴¹ Essa dissertação de mestrado ainda não foi publicada, o texto que tivemos acesso é o que o autor apresentou em sua qualificação.

³⁴² *Idem*.

sim a de criar um imaginário de um inimigo disposto a invadir os EUA, pois todas as suas ações estavam ligadas à invasão aos Estados Unidos.

A América Latina seria o lugar em que os nazistas encontrariam suas fontes de renda material, ou seja, os editores das revistas dos *Avengers* insinuam que os recursos naturais utilizados por Lorde Zemo são acumulados para utilizar contra os Estados Unidos. Ao retratar os habitantes dessa região como seres influenciáveis, era fortalecida a ideia de intervenção nos países da América Latina:



Figura 33

Primeiro Quadrante:

Narrador: E assim enquanto o vingativo Capitão América fala, o homem no qual ele está se referindo, se assenta em um trono rústico, nas profundezas da selvagem floresta sul-americana, onde ele reina indiscutivelmente como soberano...

Zemo: Deste dia em diante, eu estou aumentando os impostos que vocês devem coletar para mim!

Segundo Quadrante:

Zemo: Não fiquem aí parados, idiotas inúteis! Vão para as tribos - comecem a recolher os meus tributos! Essa é a ordem de Zemo!

A representação de Zemo, portanto, é uma tentativa de passar para os leitores estadunidenses que a América Latina estava em perigo e, conseqüentemente, os Estados Unidos.



Figura 34

Zemo: Mais rápido! Eu devo ter tesouros! Mais e mais tesouros! Devo comprar armas - tropas - equipamentos! Antes de eu terminar, o mundo inteiro vai prestar homenagem a Zemo - O Rei!

Nas composições dos diálogos e principalmente nas falas de Lorde Zemo, esse personagem se tornou muito perverso. Para cumprir o seu compromisso com Hitler, ele não liga de ser odiado por seus próprios conterrâneos e muito menos por seus inimigos. Nesse sentido as revistas dos *Avengers* escondem o verdadeiro motivo econômico e político que levou a Alemanha, Itália e o Japão a entrar em guerra com a Inglaterra e com a França, como também esconde a relação dúbia que os Estados Unidos tiveram no início da guerra.

As revistas transformam um embate político e ideológico em uma luta entre o bem e o mal, o bem, os Estados Unidos e o Capitão América, e o mal, o Nazismo e o Lorde Zemo. Ao mesmo tempo, através da revista, os editores tentam influenciar seus leitores a respeito do que pode estar acontecendo na América Latina, um perigo eminente contra os EUA. Permite-se assim uma possível intervenção nessa região.

3.4.2. América Latina para os EUA

No primeiro capítulo podemos observar que os dirigentes estadunidenses tinham as Américas do Sul, Central e Caribe como fundamentais para seu crescimento econômico. O período pós-guerra, no entanto, foi um período de constantes instabilidades na Europa e na Ásia, o que fez com que os dirigentes estadunidenses dessem maior atenção a essas regiões, sem se descuidarem da América:

Com a pacificação da península coreana e a divisão da Europa em duas áreas claras de influência, essas duas regiões entraram em um momento de relativa estabilidade, apesar de a tensão entre os dois lados se manter. Realmente, ambos os blocos acumularam quantidades enormes de armamentos nas fronteiras entre as duas Alemanhas e as duas Coreias, a possibilidade de conflito estava sempre presente, mas a estabilidade acabou por se consolidar, entre idas e vindas até o colapso do bloco do leste, já nos anos 1990.³⁴³

Mesmo que no período pós-guerra das Coréias houvesse, de certa forma, uma estabilidade nessas regiões, isso não quis dizer que os ânimos entre essas duas principais potências do pós-guerra haviam diminuído, “(...) assim, no decorrer dos anos de 1960 e 1970, a tensão entre Washington e Moscou acabou por se transferir ao terceiro Mundo”³⁴⁴

As instabilidades do pós-Segunda Guerra chegaram também à América Latina. Além de uma revolução socialista³⁴⁵, vários focos de resistências às políticas estadunidenses se deram no continente:

A preocupação dos Estados Unidos em relação à América Latina no início da guerra fria se concentra especialmente nas posturas nacionalistas de alguns governos e movimentos que visualizam uma perspectiva equidistante da influencia do país como base para qualquer política de afirmação nacional. A maior preocupação é com a disponibilidade dos recursos naturais da região em caso de uma guerra com a União Soviética e a eventualidade que a infiltração de ideias antiamericanas possa ser decisiva.³⁴⁶

Esse medo fez com que o presidente Harry S. Truman assinasse vários tratados com os países da América Latina e Caribe, além de ter tido papel fundamental na criação da OEA.³⁴⁷ Os diferentes governos dos EUA, no entanto, tomaram diferentes posturas com relação às políticas com relação à América Latina: “Durante o período em que Kennedy é presidente, a expectativa maior recai na política reformista, com a ascensão de Johnson; há um retorno do *big stick* como principal resposta para as crises latino-americanas.”³⁴⁸

³⁴³ BERTONHA, João Fábio; MUNHOZ, Sidnei. *Impérios da Guerra Fria*. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; CABRAL, Ricardo Pereira; MUNHOZ, Sidnei J. (orgs.). **Impérios na História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. p. 322.

³⁴⁴ *Idem, ibidem*.

³⁴⁵ Cuba só se declararia oficialmente socialista em 1965.

³⁴⁶ AYERBE, Luiz Fernando. **Estados Unidos e América Latina: A construção da hegemonia**. São Paulo. Editora UNESP, 2002. p. 81.

³⁴⁷ *Idem, ibidem*, p. 82.

³⁴⁸ *Idem*, p. 117.

Uma das diferenças principais entre Kennedy e Johnson é que o segundo preferia que os recursos nos programas de ajuda a América Latina fossem privados:

Diferente do governo Kennedy que atribuía maior peso aos recursos públicos nos programas de ajuda, a nova orientação priorizava os investimentos privados. Em 1965 é criado o Conselho para a América Latina (CLA), por iniciativa de David Rockefeller, do *Chase Manhattan Bank*, que congrega mais de 200 empresas dos Estados Unidos, responsáveis por 90% dos investimentos na América Latina. A vinculação entre os mais altos executivos dessas empresas com setores-chaves do governo norte-americano, transmitindo um conhecimento pormenorizado da situação na região, torna esse organismo cada vez mais importante como instrumento de articulação entre interesses do setor privado, a política externa dos Estados Unidos e os aliados nesses países.³⁴⁹

Mais uma vez podemos identificar uma ligação entre uma parcela da sociedade industrial dos EUA agindo em comum acordo com a sociedade política estadunidense. O interesse na América Latina não era apenas político, mas econômico: “perder” a influência nessa área seria uma grande perda de lucratividade dessas empresas.

Os investimentos militares e não militares escoados para a América Latina de 1961 (ano de aprovação do Plano Aplo) até 1968 (período que abrange nossa pesquisa) somam o montante de 24.087.287³⁵⁰. Com esse investimento, as empresas e o governo estadunidense pretendiam manter longe da costa das Américas a revolução de Outubro.

Com vastos investimentos privados na América Latina, qualquer instabilidade política nos países dessa região era motivo para insegurança dos investidores, faziam-se necessários governos alinhados com as políticas estadunidenses e para isso foram necessárias diversas intervenções em países da América Latina, mesmo que esses em momentos diversos tivessem declarado “lealdade” aos Estados Unidos:

Na América Latina, a opção pela segurança política fortalece as saídas não institucionais, e a visão do Pentágono e da CIA passa ter um peso maior na caracterização dos amigos e inimigos dos Estados Unidos. Governos e setores políticos, considerados aliados do presidente Kennedy na promoção das reformas propostas pela Alpro, começaram a ser vistos como indecisos e perigosos. Entre 1962 e 1968, o panorama político da região reflete a opção clara pelo militarismo: na Argentina, Artur Frondizi é derrocado por golpe militar em 1962; o

³⁴⁹ *Idem*, p. 125.

³⁵⁰ Total de ajuda Militar: 3210.908. Total de ajuda não militar 20.876.519. Retirados da Tabela número 6 da página 120 do livro: AYERBE, Luiz Fernando. **Estados Unidos e América Latina: A construção da hegemonia**. São Paulo. Editora UNESP, 2002.

mesmo acontece com Juan Bosch na República Dominicana, Idígoras Fuentes na Guatemala e Villeda Morales em Honduras em 1963, mesmo ano em que Duvalier se autoproclama presidente vitalício do Haiti; João Goulart no Brasil e Paz Estenssoro na Bolívia em 1964; Illia na Argentina em 1966.³⁵¹

A representação de Lord Zemo na América Latina não representa nenhum governo, mas sim, o perigo a ser combatido na América Latina, seja qual for ele, pois, como vimos, ele se alia a vários sujeitos de “ideologias” diferentes para destruir o Capitão América e atacar os Estados Unidos.

Portanto, o que estamos tentando demonstrar é que a revista dos *Avengers* é imperialista. O papel do Capitão América e de seus amigos é o de conciliar a opinião interna nos Estados Unidos em torno das intervenções externas, já que elas seriam necessárias para salvaguardar a segurança dos habitantes desses países subdesenvolvidos e levá-los a liberdade.

Na revista *Avengers* número 16, de maio de 1965, após enterrar Zemo em uma cova, os indígenas que viviam sobre sua custódia saúdam o Capitão América por derrotá-lo:



Figura 35

Índios: Poderoso é o Avenger vermelho, branco e azul! Todos saúdam o nosso novo chefe, todos saúdam Capitão América!

Capitão América: Em pé! Todos vocês são homens livres agora! Vocês já não precisam mais se ajoelhar em homenagem a um Tirano!

³⁵¹ *Idem*, p.126.

Rick Jones: Talvez eles possam nos ajudar a retornar para casa, Cap!³⁵²

Do mesmo modo, vamos observar adiante que o Avenger vermelho, branco e azul irá libertar alguns asiáticos da tirania comunista.

3.4.3 Os comunistas asiáticos

No segundo capítulo podemos observar que todos os inimigos que apareceram nas histórias em quadrinhos do Capitão América nos anos de 1950 eram personagens comunistas. Já nas histórias em quadrinhos dos *Avengers*, há menos personagens ligados ao comunismo, mas as caracterizações desses personagens não são menos ideológicas.

Para nós, um dos fatores para essa mudança na caracterização do inimigo comunista pode ter sido o fracasso editorial das revistas em quadrinhos do Capitão América. Logo, as mudanças já mencionadas acima também contribuíram como uma nova formatação dos inimigos dos super-heróis.

A política internacional do governo dos EUA durante os anos de 1960 não foi menos intervencionista do que a dos anos de 1950. Como vimos acima, houve várias intervenções na América Latina, e, além disso, os EUA tiveram grande participação na Guerra do Vietnã.

Com relação à situação interna, houve o acirramento dos conflitos sociais e raciais que tiveram início nos anos de 1950. Deste modo surgiu no interior dos EUA, diversas entidades que lutavam a favor da ampliação dos direitos civis para os negros, integrando-se com as manifestações contra a guerra do Vietnã gerando vários movimentos que começaram a questionar o *establishment* estadunidense.

Como já mencionamos, as modificações das revistas dos anos de 1960 em relação às dos anos de 1940 e 1950 foram levadas a cabo para atrair os novos leitores. Desse modo, a ação ideológica das revistas ficou mais sutil, embora em algumas revistas dos *Avengers* o ataque aos comunistas seja declarado, principalmente na região da Ásia.

Na revista dos *Avengers* número 18, de julho de 1965, os *Avengers* são levados a acreditar que uma rádio amadora de um grupo de habitantes de um país fictício de nome

³⁵² The Avengers número 16 de Maio de 1965. Pág. 5.

Sin-Cong³⁵³ (que fica localizado na Ásia), faz um pedido de ajuda aos super-heróis. Mas, na verdade, trata-se de uma armadilha preparada pelo comandante desse país, Commissar³⁵⁴. Na imagem 36 podemos ver sua localização através de um mapa fictício encontrado em um site de arquivos de histórias em quadrinhos:



Figura 36³⁵⁵

Na ficção esse país fica localizado na divisa da China com o Vietnã e Laos. No período em que foi lançada essa revista (julho de 1965), os EUA haviam oficialmente entrado na Guerra do Vietnã³⁵⁶. Os editores da revista dos *Avengers* criaram uma situação parecida com a que aconteceu com Lord Zemo na América Latina. Os *Avengers* libertaram esse pequeno país da influência da China e dos comunistas.

³⁵³ O nome é uma amálgama de Sino (um prefixo para a China) e Cong conforme Viet-Cong, o exército guerrilheiro comunista do Vietnã. Disponível em <<http://www.comicvine.com/sin-cong/34-55936/>> Acesso em 18 jan. 2013.

³⁵⁴ Comissário, em português.

³⁵⁵ Fonte: <http://www.comicvine.com/sin-cong/34-55936/all-images/108-220157/sin_cong/105-603913/> Acesso em 15 jan. 2013.

³⁵⁶ É importante ressaltar que Guerra do Vietnã foi um nome utilizado pelo próprio governo dos EUA para justificar a sua entrada na guerra.



Figura 37

Logo: Os Poderosos Avengers.

Balão Azul: Quando o Comissário Comanda

Tarjeta Roxa: Sua Missão: Provar que os vermelhos são superiores aos campeões da liberdade!

Seu método: Derrotar um time de lutadores americanos de qualquer forma!

Sua loucura: Quando selecionou seus inimigos, ele se atreveu a escolher - The Avengers!³⁵⁷

Na história que vamos analisar agora, já ocorreram as mudanças no time dos super-heróis dos *Avengers*. Não são mais os mesmos que iniciaram as revistas dos *Avengers* em 1963, agora a equipe dos *Avengers* é composta por, *Scarlet Witch*, *Quicksilver*, *Hawkeye* e o Capitão América. A história se inicia com mais um dilema do Capitão América. O personagem se sente sozinho e se questiona sobre sua condição:

³⁵⁷ The Avengers número 18 de julho de 1965. Pág. 1.



Figura 38

Primeiro Quadrante:

Narrador: Sua fama é universal! Seus feitos são lendas! Seu nome é aclamado onde quer que a liberdade toque! E ainda assim, Capitão América se sente sozinho na sede dos Avengers, com o coração pesado dentro de si...

Capitão América - Pensamento: É assim que eu estou destinado a passar o resto dos meus dias --? O superintendente de uma equipe de combate, ainda sem uma vida particular para chamar de minha?

Segundo Quadrante:

Capitão América - Pensamento: Comendo a comidas de outro homem, aceitar abrigo de outro homem--³⁵⁸ Meditando por horas, solitário, na espera de uma nova chamada para a ação!

Terceiro Quadrante:

Capitão América Pensamento: Se ao menos Nicky Furi respondesse à carta que enviei a ele, pedindo uma nomeação em sua unidade de controle de espionagem --!

Quarto Quadrante:

Capitão América - Pensamento: Quanto tempo mais eu posso continuar desse jeito -- Sendo um símbolo vivo para milhões - e ainda, um frustrado anacrônico para mim!

Quinto Quadrante:

³⁵⁸ Mesmo fora dos Avengers, Tony Stark, o alter ego do Iron Man, permitiu que o Steve Rogers e os Avengers permanecessem utilizando sua casa como quartel general.

Capitão América – Pensamento: Do lado de fora da minha janela, o mundo passa - Um mundo em que eu ainda tenho que encontrar o meu lugar - Minha própria identidade!

Sexto Quadrante:

Capitão América - Pensamento: Mas não me atrevo a abandonar os *Avengers* - pois, eu sou necessário aqui! Para minhas mãos a tocha foi passada! Por meio do *Iron Man*, *Thor* e *Giant-man* que deixaram nossas fileiras, eu devo permanecer - -para guiar os três que os substituíram!³⁵⁹

Podemos observar na fala do Capitão América que ele deve permanecer nos *Avengers* para guiar os novos super-heróis. A condição de iguais dentro dos *Avengers* já não é mais a mesma, e Capitão América assume a liderança. O que legitima essa atitude é a sua lenda: mesmo que ele não se sinta bem no mundo contemporâneo, sua fama o qualifica para isso.

Nas próximas páginas os editores mostram os *Avengers* em várias atividades de recreação, e posteriormente a essas cenas, apresentam os seus inimigos desta edição:



Figura 39

³⁵⁹ The Avengers número 18 de Julho de 1965. Pág. 2.

Primeiro Quadrante:

Narrador: Mas vamos nos voltar para longe dos Avengers, e dirigir a nossa atenção para o outro lado do mundo, para o governo fantoche comunista no Estado de Sin-Cong.

Soldado Comunista: Vocês estão demorando muito para pagar seus impostos! Isto é uma coisa ruim!

Segundo Quadrante:

Soldado Comunista: O Estado protege vocês do Imperialismo! Então, vocês devem pagar o Estado!

Popular: Mas vocês levaram tudo! Nós não podemos pagar mais!

Terceiro Quadrante:

Commissar: Quem disse essas palavras traiçoeiras?! Quem ousa desafiar meu comando?!

Soldado Comunista: É assim que vocês retribuem a generosidade do nosso amado Commissar? Veja como vocês o ofenderam curvem-se de vergonha, indignos!³⁶⁰

Através do narrador, no mudar da cena, os editores deixam claro que o governo instalado em Sin-Cong é um governo fantoche, controlado por outras forças, que ainda permanecem ocultas. Do mesmo modo que Zemo tratava os índios da América Latina, os comunistas de Sin-Cong vão tratar a população civil. Seus supostos líderes utilizam da autoridade e até da força física para subjugar a população e exigem que paguem impostos abusivos. Assim os editores criam semelhanças entre os dois vilões, caracterizando-os como inimigos da democracia, impiedosos, gananciosos, antidemocráticos e que só pensam em seu bem estar.

Além disso, há uma crítica sutil ao monopólio do poder do Estado, como se o Estado fosse uma empresa e que, ao pagar os impostos, os habitantes de Sin-Cong comprassem um produto, no caso a proteção. Os habitantes, contudo, não querem essa proteção, pois um dos habitantes diz que antes de *Commissar* assumir o poder, eles tinham comida e roupas doadas pelas nações capitalistas, mas agora, com esse governo, além de não terem dinheiro, eles não têm mais nada.

³⁶⁰ The Avengers 18 de Julho de 1965. Pág. 5.



Figura 170

Primeiro Quadrante:

Commissar: Não foi ele que prometeu sua incrível força, o seu poder ilimitado, para usá-los em favor de vocês - Para proteger vocês dos malditos imperialistas??

Segundo Quadrante:

Commissar: Eis como ele demonstra seu poder - Para provar seu amor por vocês! E ainda assim vocês o traem!

Terceiro Quadrante:

Commissar: Veja como eu estou pronto para lutar por vocês contra a conspiração das nações capitalista!

Popular 2: Mas nós não tememos os capitalistas! Eles eram nossos amigos - Eles ajudaram a nos alimentar, ajudaram a nos vestir, até você chegar ao poder!

Quarto Quadrante:

Commissar: Então! Vocês ainda são vítimas de sua propaganda perversa! Mas, eu devo curá-los desta doença! Vou provar que só nós somos seus amigos! Eles são fracos e indefesos!

Quinto Quadrante:

Commissar: curvem suas cabeças! Curvem-se diante da bondade e da generosidade de seu amado *Commissar*! Logo vocês verão os americanos curvassem diante de mim, também!

Narrador: E então nós deixamos o "protetor dos fracos", como sua ameaçadora sombra caindo sobre seus súditos indefesos e se espalha como um vírus através da terra conquistada...³⁶¹

Sin-Cong pode ser uma referência ao Vietnã do Norte, todavia se comparado a um mapa verdadeiro, essa região fica no interior da China. Como havíamos dito no início do tópico, em julho de 1965 os Estados Unidos já estavam oficialmente na Guerra do Vietnã³⁶² e a referência à tomada do país por uma força revolucionária, tirando o país do "controle" dos capitalistas, pode fazer referência às revoluções socialistas que estavam acontecendo nessa parte da Ásia.³⁶³

Ao construir esse diálogo, os editores das revistas dos *Avengers* querem passar a ideia de que os comunistas não têm a aprovação da população. Além disso, as falas do *Commissar* se contradizem com suas ações, pois ele diz que ama a população de Sin-Cong, mas mantém o seu poder por meio da força.

Para provar que as nações capitalistas são fracas, o *Commissar* prepara uma armadilha para os *Avengers*, pois desse modo ele mostrará todo o seu poder. Derrotar os *Avengers* seria como derrotar as democracias capitalistas.

³⁶¹ The Avengers número 18 de Julho de 1965. Pág. 6.

³⁶² O autor Sidney Lens afirma que "Cada um dos presidentes americanos, desde 1945, contribuiu para semear a chamada Guerra do Vietnã. – Truman ao ajudar a França, Kenedy ao enviar "Assessores militares (os "assessores militares" eram usados para treinar e equipar as tropas sul-vietnamitas), mas foi Lyndon B. Johnson que cruzou o limiar e abriu as hostilidades. Quando os fuzileiros navais desembarcaram em março de 1965 no Vietnã, já havia 21 mil 'assessores' no país." LENS, Sidney. **Da revolução ao Vietnã: uma história do imperialismo dos Estados Unidos**. op. cit. p. 609.

³⁶³ Há de se considerar que toda essa área era considerada para os Estados Unidos como instável, sendo que após 1966, os Estados Unidos invadiram a Indochina e jogaram toneladas de bombas no Laos.



Figura 41

Primeiro Quadrante:

Narrador: Horas depois, no QG dos Avengers, Nós encontramos...

Soldado Comunista: Rádio Livre de Sin-Cong – Chamando os Avengers! Os vermelhos estão destruindo nossa terra!! Só vocês podem nos ajudar! Logo, antes que seja tarde demais!

Capitão América: Afinal! Uma chamada para ação! Eu pensei que Sin-Cong estava sobre o controle dos comunistas! Mas existe um movimento clandestino pela liberdade --!

Segundo Quadrante:

Capitão América: Nós lhe entendemos Rádio Livre de Sin-Cong! Os Avengers devem ser alertados! Sobre isso!

Soldado Comunista: O tempo é a essencial! A qualquer momento poderá ser o nosso fim! Fim da transmissão³⁶⁴!

Terceiro Quadrante:

Capitão América - Pensamento: Se nós pudéssemos concluir com sucesso esta missão, isto poderia ser meu trampolim para agência de Fury! Ele vai ter que me considerar! Era isso o que eu estava esperando!

Quarto Quadrante:

Soldado Comunista: Ele rompeu o contato, honorável *Commissar*!

Quinto Quadrante:

Commissar: Ele mordeu³⁶⁵ a isca! Agora, eles certamente virão!

Soldado Comunista: Se você derrotá-los, excelência, o seu nome será reverenciado por toda a Ásia!

Commissar: Você ousa dizer, se. Idiota?³⁶⁶

Sexto Quadrante:

Commissar: Vou esmagá-los como eu esmago esse bloco de granito! A armadilha já está pronta!³⁶⁷

O Capitão América está infeliz nos *Avengers*, e essa missão pode ser uma oportunidade para que o Capitão América se integre na Equipe de Nick Fury.³⁶⁸ Assim que o Capitão América rompe o contato com o soldado que havia se passado por civil para pedir ajuda aos *Avengers*, o Capitão América soa o alerta para os demais *Avengers* e então eles se reúnem em seu QG.

Pietro (*Quicksilver*) questiona o Capitão América acerca da razão da existência do grupo de super-heróis dos *Avengers* (“Eu pensei que nosso objetivo era lutar contra o crime! Por que precisamos nos preocupar com assuntos internacionais?!³⁶⁹”) tendo o apoio de sua irmã Wanda (*Scarlet Witch*). No mesmo instante, Hawkeye responde a eles: “Deixe-me soletrar para vocês! Nós deveríamos vingar a injustiça, certo? Bem, quando a liberdade está ameaçada e a justiça cai pelo ralo! É isso, em poucas palavras!” e completa desafiando até o Capitão América: “Mas, se vocês dois e o *ol' wing-head*³⁷⁰,

³⁶⁴ “*Over and Out*” significa “a transmissão acabou”, uma fusão de frases usadas em “*Voice procedure*”. Diversas técnicas utilizadas para clarificar, simplificar e padronizar as comunicações faladas entre rádios de comunicação, usado pelas forças armadas, aviação civil, a polícia. In www.wikipedia.org/wiki/Voice_procedure acessado em 19 de Janeiro de 2013, as 14h36minh.

³⁶⁵ No original *swallowed*, passado de *swallow*, engolir.

³⁶⁶ No original, JF, gíria que não tem um significado definido, pode significar idiota e/ou imbecil.

³⁶⁷ The *Avengers* número 18 de Julho de 1965. Pág. 7.

³⁶⁸ O Sargento Nick Fury é um personagem fictício da Marvel Comics criado por Stan Lee e Jack Kirby. Sua primeira aparição foi na revista *Sgt. Fury and his Howling Commandos*. O Capitão América quer se integrar a equipe de Nick Fury, pois nessa nova configuração das revistas da Marvel, o Capitão América reconhece o sargento dos tempos da Segunda Grande Guerra e se sentiria melhor atuando com “alguém de sua época”.

³⁶⁹ The *Avengers* número 18 de Julho de 1965. Pág. 8.

³⁷⁰ Pode ser traduzido como “velho de asas na cabeça”. Aqui Hawkeye se refere ao Capitão América, tendo em vista que o Capitão tem em sua máscara as asas do mensageiro dos deuses gregos, Hermes.

têm algo mais importante para fazer, eu posso lidar com isso sozinho!”³⁷¹ Apesar das discussões, os quatro *Avengers* embarcaram para Sin-Cong para ajudar os supostos rebeldes.

Os heróis aceitaram interferir em uma situação internacional, pois os *Avengers* lutam pela justiça e pela liberdade e quando se faz necessário lutar contra uma injustiça, não há fronteiras que não possam ser violadas. Mais uma vez a ação imperialista é justificada, pois os comunistas são maus e não se deve aceitar a injustiça e o ataque contra a liberdade, não importa onde seja.

Quando os *Avengers* chegam a Sin-Cong, uma comitiva de soldados armados está esperando por eles:

Soldado comunista 1: O *Comissar* envia seus cumprimentos! Estou aqui para conduzi-los até ele!

Capitão América Pensamento: Isso parece ruim! Eles estavam nos esperando! Eles podem ter interceptado a mensagem da rádio clandestina?!

Soldado comunista 2: Podem esses que olham desnorteados, serem os poderosos capitalistas fantasiados dos *Avengers*?

Soldado comunista 3: O *Comissar* fará um curto trabalho!³⁷²

Após essa recepção, os *Avengers* são escoltados pelos soldados até chegarem a um portal de dragão estilo oriental. Nesse ponto, os super-heróis suspeitam das intenções dos soldados de Sin-Cong e, sem alternativas, lutam contra eles.

Depois de derrotar os soldados que os escoltavam, Wanda cai em uma passagem secreta e se separa dos outros *Avengers*. Pietro sai à procura de sua irmã e a encontra presa em uma cela. Capitão América e Hawkeye chegam minutos depois. Hawkeye pega uma de suas flechas explosivas, “mas atrás dos *Avengers*, uma laje de pedra falsa desliza para trás, silenciosamente vapores de gás infiltram-se no corredor sombrio!”³⁷³ Antes que pudessem salvar Wanda, os três *Avengers* caem desmaiados. Certo tempo depois os *Avengers* aparecem em uma sala maior com o *Commissar* e outro soldado de Sin-Cong.

³⁷¹ The *Avengers* número 18 de Julho de 1965. Pág. 8.

³⁷² The *Avengers* número 18 de Julho de 1965. Pág. 8.

³⁷³ The *Avengers* número 18 de Julho de 1965. Pág. 13.



Figura 42

Commissar: Poderosos Avengers!!! AH! Vocês caíram em minha armadilha, como tolos desmiolados!

Soldado comunista: Cães imperialistas! Curvem-se na presença do - Commissar!

Quicksilver: Então, isto, era uma armadilha! E nós caímos cegamente nela!

Hawkeye: É melhor você ficar aí, gigante. Você vai precisar de muito espaço para cair quando acabarmos com você!

Capitão América: Ele não pensa que só com seu enorme tamanho vai nos vencer! Deve haver algo a mais nessa armadilha do que nós suspeitamos!³⁷⁴

Na cena seguinte o Capitão América diz para *Hawkeye* e *Quicksilver* ficarem em alerta para um possível truque do *Commissar*, enquanto ele o enfrenta. Rapidamente *Hawkeye* questiona o Capitão América: “É sempre você?! O que você quer - uma equipe dos *Avengers* ou uma galeria de torcedores?” Mas antes que o Capitão América pudesse responder, o *Commissar* os interrompe e explica que Wanda está presa em uma caixa de vidro e, ao seu comando, seu Major a matará se eles não cumprirem os termos que o *Commissar* propõe para lutar contra eles.

A proposta de *Commissar* é de que ele lutará “mano a mano” com cada um dos *Avengers*. Esses últimos, mesmo não querendo, concordam com os termos, pois o *Commissar* fez Wanda de refém.

³⁷⁴ The Avengers número 18 de Julho de 1965. Pág. 14.

No próximo quadrante, surgem vários cidadãos de Sin-Gong, o plano de *Commissar* é mostrar para esses cidadãos que ele é mais forte que os *Avengers* e assim provar que os capitalistas são inferiores, como havíamos visto nas páginas já citadas:

Commissar: Ah, sim! Tomei a liberdade de trazer uma delegação de moradores para testemunhar a nossa luta - para que eles possam ver como vocês capitalistas, são realmente fracos e inferiores!

Capitão América: Então esse é o seu motivo! Você espera ganhar para usar a vitória como propaganda! Eu deveria ter adivinhado!

Commissar: Permaneçam aqui, enquanto eu mudo o meu traje de combate!

Pessoa 1: Ai de mim³⁷⁵! Esses que se auto intitulam os *Avengers*, serão derrotado como todos os outros que vieram antes deles!³⁷⁶

Após *Commissar* ter estabelecido os “termos”, um a um, os *Avengers* se colocaram a enfrentá-lo: primeiro o Capitão América, depois *Hawkeye* e *Quicksilver*. Apesar de terem conseguido alguma vantagem, nenhum deles conseguiu derrotar *Commissar*. Nesse instante o Capitão América percebe que estavam lutando com o “homem errado”³⁷⁷, ao passo que propôs ao *Commissar* que lutasse com Wanda.

O Capitão América descobriu que havia algo de errado com o *Commissar* e então explicou para Wanda como derrotar o inimigo. Usando sua magia ela destruiu o equipamento que controlava o *Commissar*, que na verdade era um robô, guiado pelo Major de *Commissar*, um chinês infiltrado: “Devo fugir! Pequim tirará minha vida quando descobrirem que eu falhei!”³⁷⁸

Descobrimos que quem controlava o governo de Sin-Cong era a China. Essa referência insinua que se deve prestar a atenção em uma grande conspiração comunista que quer dominar o mundo e destruir as democracias, tendo em vista que essa não é a única referência a planos de conspiração relacionados a Pequim que aparece nas revistas dos *Avengers*. Nas revistas *Avengers* número 32 (setembro de 1966) e 33 (outubro de 1966), um general chamado Chen (comandante da China) foi retratado como o líder de um grupo neonazista no interior dos EUA.

Sétimo Quadrante:

Pessoa 1: Vejam! Os comunistas nos enganaram! O tirano era apenas um robô!

³⁷⁵ No original *Alas*.

³⁷⁶ The *Avengers* número 18 de Julho de 1965. Pág. 15.

³⁷⁷ We've been fighting the "wrong man". The *avengers* número 18 de Julho de 1965. Pág. 19.

³⁷⁸ The *Avengers* número 18 de Julho de 1965. Pág. 20.

Pessoa 2: Embora ele tenha sido feito para ser um humano superior, os Avengers o derrotaram!

Pessoa 3: Eles nos libertaram da tirania do Commissar!³⁷⁹

Oitavo Quadrante:

Capitão América: Ao expor a sua fraude, nós os fizemos perder o respeito próprio³⁸⁰! Esta é a pior coisa que pode acontecer com eles!

Nono Quadrante:

Capitão América: Mas, devemos estar sempre em alerta! Seus objetivos não são nada menos do que a conquista total do mundo e a sua escravização! Somente a vigilância constante e devoção para a liberdade pode detê-los! E lembre-se - Os Avengers sempre estarão ao seu lado!³⁸¹

Mais uma vez os *Avengers* eliminaram um potencial inimigo em um país subdesenvolvido, todavia, eles estão alerta a outras possíveis intervenções comunistas. Como havíamos dito, a representação dos comunistas e dos nazistas não apresentam um determinado inimigo, mas sim a ameaça de um possível ataque aos EUA.

3.4.4 O inimigo externo para neutralizar as contradições internas

Os protestos contra a Guerra do Vietnã foram apenas a ponta do Iceberg. A década de 1960 foi marcada na história dos EUA por uma crescente nos questionamentos do *status quo* estadunidense, principalmente pelos negros pobres.

Como vimos no primeiro capítulo, a segregação racial existe desde o final da abolição da escravidão dos Estados Unidos, tendo os negros gozado de poucos direitos civis em determinados momentos da história:

No início dos anos sessenta, os Estados Unidos caracterizaram-se por uma profunda orientação conservadora e racista de boa parte de suas elites. Até no Estado manifestava-se a simbiose que integrava, cada vez mais, as grandes corporações financeiras, os centros de produção científica – entre os quais as universidades –, e os círculos diplomáticos e militares estratégicos. Pior ainda, com as feridas expostas pela paranoia macarthista, recrudesciu o discurso anticomunista quando os cubanos fizeram tremer o quintal latino-americano. E enquanto a falta de direitos civis para todos ainda era um problema a ser resolvido, a permissividade de muitas autoridades estimulava a ação de extrema-direita racista da *Ku Klux Klan* e, depois dos *Minutemen*. O discurso oficial, que exportava a felicidade da sociedade de consumo, da democracia perfeita e do *american way of life* como estágio civilizatório superior da humanidade, escondia tal

³⁷⁹ The Avengers número 18 de Julho de 1965. Pág. 20.

³⁸⁰ No original, *lose face*.

³⁸¹ The Avengers número 18 de Julho de 1965. Pág. 20.

realidade. O processo de norte-americanização do mundo escondia suas mazelas raciais e uma profunda desigualdade interna.³⁸²

Como havia mencionado no segundo capítulo, ao mesmo tempo em que os EUA obtiveram um crescimento econômico devido aos seus “ganhos” de guerra após a Segunda Grande Guerra Mundial, a grande maioria da população não se beneficiou com essa “lucratividade”. Desse modo, vários jovens, influenciados por diversas leituras e se integrando aos movimentos de contestação ao sistema, deram início a uma tentativa de transformação na sociedade estadunidense:

Desde a contracultura da geração beatnik; Burroughs, Kerouac, Bukowski; as leituras de diversas origens que coincidiram nas críticas ao sistema: Reich, Althusser, Anderson, Mandel, e acima de todos eles Marcuse. A velha esquerda norte-americana – Baran, Sweezy – e a sua herdeira, a Nova esquerda. (*New Left*) (...) Com a fusão de tantas influências, surgiram, em meados dos anos cinquenta, pequenas organizações estudantis envolvidas, inicialmente, com o cotidiano universitário. Entretanto, a crescente divulgação dos textos da *New Left* combinada com a agudização das contradições da América branca deram densidade ao movimento. Suas preocupações ampliaram-se, e a contestação passou a ser direcionada contra todo o sistema. No final da década, nas universidades de Wisconsin e Berkeley, na Califórnia, o movimento estudantil passou às ações concretas. Em 1960, manifestou-se a favor de Cuba e apoiou as *sit-in* – “sentadas” dos negros no sul do país.³⁸³

As contradições internas dos EUA aumentaram, e as críticas sociais ao governo se transformaram em ações: “Berkeley foi o estopim. Ocupações de *campi* e greves estudantis se espalharam por todo o país, convocações do exército foram publicamente queimadas; a publicação das imagens da guerra e a volta dos primeiros veteranos do Vietnã radicalizaram o movimento.”³⁸⁴

O governo dos EUA agiu de modo a reprimir esses movimentos, como era de praxe do governo estadunidense de utilizar agentes secretos da CIA infiltrados para derrubar ou matar opositores políticos fora do país, “dentro de casa”, a mesma técnica foi aplicada. “A CIA infiltrou agentes, principalmente através da Associação Nacional de Estudantes”³⁸⁵, mesmo que essa ação não tenha obtido êxito em sufocar esses

³⁸² PADRÓS, Enrique Serra. *O 68 nas Américas*. In: PONGE, Roberto (org.). **1968: O ano das muitas primaveras**. Porto Alegre: Unidade Editorial Porto Alegre, 1998. p. 69.

³⁸³ *Idem, ibidem*, p. 70.

³⁸⁴ *Idem*, p. 71.

³⁸⁵ *Idem*.

movimentos, essa repressão do governo dos EUA nos mostra que a liberdade dos cidadãos estadunidenses é limitada, desde que a contestação não critique o *status quo* da sociedade capitalista está tudo bem.

Em 1966, com a chegada do estudante negro Stokley Carmichael à direção geral do SNCC³⁸⁶ e a fundação do *Black Power* e do *Black Panther Party*, “rapidamente induziu o SNCC a abandonar a não violências”³⁸⁷. A radicalização de uma parcela dos dirigentes dos grupos negros se deu por entender que a questão racial, era na verdade, uma questão social, de classe:

(...) Martin Luther King denunciara a discriminação racial dentro dos limites legais vigentes. A maioria da população negra e a classe média branca liberal congregaram-se no seu entorno. A não-violência e o pacifismo fizeram de King o representante do reformismo dentro do sistema. Outras correntes apostaram em saídas mais radicais. Foi o caso dos Mulçumanos Negros, de Elijah Muhammad, e do combativo Malcon X, fazendo um agressivo contraponto ao sonho de King, afirmava: “Não, não sou norte-americano (...) vejo os EUA com os olhos de vítima. Não vejo nenhum sonho norte-americano; vejo um pesadelo norte-americano”³⁸⁸. Assassinado em fevereiro de 1965, suas bandeiras foram levantadas pelo Black Power e os Black Pathers. Esta última organização, criada pelos estudantes Huey Newton e Bobby Seale, assumiu teses revolucionárias referenciadas no antilhano Frantz Fanon, o autor de *Os Condenados da Terra*, e em Mao Tsé-tung. Associavam o problema racial à luta de classe e à libertação nacional. Dentro desta lógica acabariam defendendo, mais tarde, a luta armada.³⁸⁹

Essa radicalização dos movimentos sociais foi, de certa forma, retratada pelas histórias em quadrinhos. Algumas pesquisas ligam a criação do grupo de super-heróis *X-men*³⁹⁰, de Stan Lee, como representação de um embate entre os dois movimentos

³⁸⁶ *Student Nonviolent Coordinating Committee*.

³⁸⁷ PADRÓS, Enrique Serra. *O 68 nas Américas*. In: PONGE, Roberto (org.). **1968: O ano das muitas primaveras**. *op. cit.* 1998. p 71

³⁸⁸ Referente ao discurso de Martin Luther King: “Eu tenho um sonho que um dia esta nação se levantará e viverá o verdadeiro significado de sua crença - nós celebraremos estas verdades e elas serão claras para todos, que os homens são criados iguais. Eu tenho um sonho que um dia nas colinas vermelhas da Geórgia os filhos dos descendentes de escravos e os filhos dos descendentes dos donos de escravos poderão se sentar junto à mesa da fraternidade. Eu tenho um sonho que um dia, até mesmo no estado de Mississippi, um estado que transpira com o calor da injustiça, que transpira com o calor de opressão, será transformado em um oásis de liberdade e justiça. Disponível em <<http://www.palmareg.gov.br/sites/000/2/download/discursodemartinlutherking.pdf>> Acesso em 26 jan. 2013.

³⁸⁹ PADRÓS, Enrique Serra. *O 68 nas Américas*. In: PONGE, Roberto (org.). **1968: O ano das muitas primaveras**. *op. cit.* 1998.p. 72.

³⁹⁰ Os X-Men são um grupo de super-heróis nascidos com diversos tipos de mutações e que ajudam a manter o mundo seguro, vivendo disfarçados de alunos superdotados na Mansão do professor Xavier. Seu principal inimigo é Magneto, que prega que mutantes não deveriam viver escondidos e, como seres superiores, deveriam governar o mundo. O professor Xavier, por sua vez, prega que um dia humanos e

negros, o pacifista de Martin Luther King e o radicalistas de Malcolm X e dos Black Panther.³⁹¹ Além de retratar esse “embate” nas revistas dos *X-men*, Stan Lee tratou a questão racial de modo diferenciado em duas revistas dos *Avengers*.

Nas edições, 32 (setembro de 1966) e 33 (novembro de 1966), os *Avengers* enfrentam um grupo de criminosos racistas chamados *The sons of serpent*. Na primeira revista, uma parte desse grupo é apresentada atacando um sujeito que atende pelo nome de Gonzales:

Sons of serpent 1: Nós lhe avisamos para você não se mudar para esse bairro!

Gonzales: Mas este é um país livre! Sou um cidadão cumpridor das leis! Vocês não tem o direito!

Sons of serpent 1: Você se atreve a falar que nós não temos o direito? Você -- Quem mesmo não nasceu aqui!

Sons of serpent 2: Chega de conversa! Ele deve aprender o que significa desafiar os “Sons of serpent”!³⁹²

Os integrantes do grupo *Sons of serpent* agridem o Sr. Gonzales. Na sequência da cena, dois moradores observam o que está acontecendo, mas não se envolvem no caso, com medo de represálias. Após isso, o grupo é apresentado por Stan Lee em uma reunião, onde o líder dos *Sons of serpent* apresenta seus objetivos:

Líder dos Sons of serpent: Nós nos chamamos de serpentes porque a serpentes são temidas por todos - Assim como deve ser! Os nossos inimigos devem saber que vamos agir sem ter piedade! Como a serpente original dirigiu Adão e Eva do Éden - Então, iremos conduzir todos os estrangeiros para fora dessa terra! Aqueles que usam as vestes da serpente devem um dia ser os mestres de todos!³⁹³

Na sequência da história, os editores da revista mostram os integrantes dos *Sons of serpent* atacando mais um cidadão. Dessa vez é o cientista negro Bill, que está ajudando Goliath³⁹⁴ em um projeto:

mutantes podem viver juntos, mas por ora devem esperar para que os humanos consigam conviver com os mutantes. “Not all of them want to help!... Some hate the human race, and wish to the destroy it! Some feel that the mutants should be the real rules of Earth! It Is our job to protect mankind from those... From the evil mutants...”. Professor Charles Xavier. Revista The X-men número 1 de Setembro de 1963. Pág. 11.

³⁹¹ Um desses trabalhos é a dissertação de mestrado do Marcus Vinicius Borges Siani, “Alegorias da diferença: Valores, estigmas e segregação social nos quadrinhos X-men”.

³⁹² The Avengers número 32 de Setembro de 1966. Pág. 4.

³⁹³ The Avengers número 32 de Setembro de 1966. Pág. 5

³⁹⁴ Goliath é o antigo Ant-man e Giant-man (ver tabela no início do capítulo). Nessa edição os dois super-heróis, Giant-Man e Wasp, que haviam saído do grupo na edição 16, de 1965, retornaram ao grupo.

Sons of serpent 1: Você, um minuto! Isso é o mais longe que você irá!

Bill: Os *Sons of serpent*! Vocês não podem me parar agora! Eu preciso entrar! Nós estamos no meio de uma experiência vital!

Sons of serpents 2: Então, nós também! E você é o alvo! Peguem-no!³⁹⁵

Narrador: Sessenta vergonhosos segundos depois...

Sons of serpents 1: Ele teve o que merecia! Ele se recusou a jurar que nunca mais iria por os pés no bairro novamente!!

Sons of serpents 2: Ele foi um idiota! Ele continuou lutando conosco, batemos nele até ele desmaiar!³⁹⁶

Após *Goliath* encontrar Bill desmaiado e ver que os responsáveis pelo ataque ao seu amigo foram os *Sons of serpent*, ele convoca com urgência uma reunião com os *Avengers*.

Ao mesmo tempo em que aconteceram esses ataques dos *Sons of serpent*, o general chinês Tai Chen está visitando os Estados Unidos para uma reunião na ONU. Ao chegar aos EUA, ele enfrenta protestos feitos por cidadãos estadunidenses. É possível observar nos desenhos placas com os dizeres: “*Keep Gen. Chen out of U.N.*” e “*Communists go home*”, além de um diálogo entre os policiais e os manifestantes:

Pessoa 1: General Chen, volte para casa!

Pessoa 2: Por que devemos permitir que um inimigo venha para a América?!

Segundo Quadrante:

Policial: Movam-se! Movam-se! O general Chen não está vindo para a América - ele está indo para o endereço da ONU! Ele tem o direito de estar aqui!

Pessoa 3: mas suas tropas têm lutado contra as nossa no campo de batalha na Ásia!

Policial: Aquilo não tem nada a ver com isso! Não podemos impedir-lo de falar na ONU!³⁹⁷

Desse modo os roteiristas tentam mostrar que os protestos que aconteceram contra a Guerra na Ásia não foram em virtude das ações do governo dos EUA no Vietnã, mas sim por conta das ações contra os EUA.

Ao mesmo tempo, os editores da revista retratam a ideia de que o governo estadunidense atuou como “bom moço”, pois apesar de estarem em conflito com as forças chinesas na Ásia, aceitou que um representante de seus inimigos pousasse em

³⁹⁵ The Avengers número 32 de Setembro de 1966. Pág. 10.

³⁹⁶ The Avengers número 32 de Setembro de 1966. Pág. 10.

³⁹⁷ The Avengers número 32 de Setembro de 1966. Pág. 15.

território estadunidense para chegar até a ONU, tendo em vista que a ONU, para os roteiristas, é um órgão neutro nos conflitos.

Após essa cena, há uma explosão que foi provocada por uma bomba lançada contra o general chinês Chen. O General acusa os integrantes dos *Sons of serpent* de serem os autores do atentado:

General Chen: Portanto, esta é a forma com que a sua decadente democracia protege seus visitantes!

Policial: Você ainda está bem vivo³⁹⁸ general! Eu tenho ordens para protegê-lo -- mas eu não tenho que ouvi-lo!

General Chen: Esses piquetes! Eles provavelmente estão sendo provocados por membros dos *Sons of serpent*! Por que você os prende?

Policial: Porque aqui não é o seu país! Nós não prendemos ninguém sem evidências!³⁹⁹

A imagem que a revista tenta passar é a de que não importa o tipo de protesto ou ataque, qualquer cidadão é livre para proferir seus pensamentos, exceto quando desobedecem as leis, ou seja, quando cometem crimes, diferente do que ocorreu na “vida real”, quando o governo dos Estados Unidos reprimiu os estudantes que protestavam contra o governo:

Em 1964, na universidade de Berkeley, motor do processo que levou ao 68 norte-americano, ocorreu o Movimento pela Liberdade de Expressão, iniciando a desobediência civil estudantil. Antes da crise dos mísseis, os marxista-leninistas do *Progressive Labor* já haviam desafiado o governo intensificando viagens e relações com Cuba. Agora, na Califórnia, o governador Ronald Reagan proibia manifestações em Berkeley. Resultado: oitocentos estudantes presos. Divertindo a raivosa extrema-direita californiana, Reagan debochava dos estudantes comparando-os a alguém que “usava cabelos como Tarzan, caminhava como Jane e fede como a Chita”.⁴⁰⁰

Goliath convoca uma reunião dos *Avengers*. Nessa reunião, os *Avengers* declaram que vão investigar esse grupo de sujeitos “super patriotas”:

Goliath: Nós apelamos para que as pessoas não entrem em pânico! Nós todos devemos manter a calma!

³⁹⁸ No original, *you're alive and kicking*.

³⁹⁹ The *Avengers* número 32 de Setembro de 1966. Pág. 15.

⁴⁰⁰ PADRÓS, Enrique de Serra. PADRÓS, Enrique Serra. *O 68 nas Américas*. In: PONGE, Roberto (org.). **1968: O ano das muitas primaveras**. *op. citi*. 1998.p. 71

Howkeye: Mesmo que os Sons of serpente tenham provocado a explosão perto da ONU!

Capitão América: Nós somos uma nação de leis – Não de uma população violenta! E os *Sons of serpent* serão punidos - pelas próprias leis que eles estão tentando tirar com as suas mãos! Nenhum homem - nenhum grupo de homens, podem ser super patriota! A Liberdade pertence a todos - ou então não é digna de tal nome!

Apesar de se tratar de um grupo neonazista, a fala do Capitão América é de apaziguamento. Não há porque se comportar de maneira violenta, os EUA é um país de leis que protege todos os cidadãos. A liberdade, nesse sentido, é se comportar conforme a lei.

Nesse momento, o líder dos *Sons of serpent* planeja sequestrar um dos membros dos *Avengers* para atrair os outros e assim derrotar a todos. A revista termina com o Capitão América sendo sequestrado pelos membros desse grupo. O líder dos *Sons of serpent*, tendo o Capitão América em seu poder, força os outros membros a não lutarem contra o grupo, pois se eles não obedecerem, o Capitão América morrerá.

Os *Avengers* são obrigados a manifestar publicamente que não interviriam nas ações dos *Sons of serpent*, o que deixa o governo dos Estados Unidos preocupado com a consequência dessa ação. Contudo, os roteiristas arquitetam uma alternativa para a situação, secretamente os *Avengers* elaboram um plano para achar o Capitão América e deter os membros dos *Sons of serpent*, assim os roteiristas mostram como que um super-herói que combate as injustiças deve agir.

Presidente dos EUA: Eles se recusaram a nos ajudar! Retornaram o meu pedido de maneira fria! Eu - Eu não posso acreditar!

Assessor: Se os *Avengers* oferecerem suporte para os Sons of serpent, não há como dizer quantas outras pessoas desorientadas vão segui-los!

Presidente dos EUA: Esta poderia ser uma das mais graves ameaças à liberdade a qual esta nação já conheceu!⁴⁰¹

Dessa maneira a revista número 32 dos *Avengers* é encerrada com o anúncio da sequência dessa aventura na próxima edição. A revista de número 33, de outubro de 1966, inicia com o líder dos *Sons of serpent* comemorando o anúncio dos *Avengers* tendo ao fundo o Capitão América preso.

⁴⁰¹ The Avengers número 32 de Setembro de 1966. Pág. 20.



Figura 44

Logo: Os poderosos Avengers – Esmagar uma serpente!

Sons of serpent 1: Aqueles que são nossos inimigos sintam a picada da serpente!

Sons of serpent 2: O sangue dos americanos devem ser mantido puro!

Sons of serpent 3: Os estrangeiros devem ser banidos!

Sons of serpent 4: Somente as serpente podem realmente proteger nossa liberdade!

Líder dos Sons of serpent: Uma vez que esta nação se livrar daquelas pessoas de diferentes credos - daqueles que têm heranças diferentes - Então vamos governar - de costa a costa! As serpentes serão supremas! E os Avengers são incapazes de nos parar!

Capitão América: Senhor. Você nunca verá o dia em que os poderosos Avengers serão impotentes a ponto de não conseguir parar ninguém!

Líder dos Sons of serpent: Você não está em posição de me contrariar, Capitão América! Você é o mais indefeso de todos!⁴⁰²

⁴⁰² The Avengers número 33 de Outubro de 1966. Pág. 1.

O restante dos *Avengers* dialoga para achar uma saída para essa situação. Enquanto isso, o líder dos *Sons of serpent* sai de cena para dar sequência a seu plano de conquistar os EUA.

Os editores das revistas dos *Avengers* montam uma cena na qual o General chinês Chen, que está nos EUA para uma reunião da ONU, dialoga com alguns chanceleres estadunidenses:



Figura418

Primeiro quadrante:

Narrador: Enquanto isso, em uma reunião de alto nível na ONU, um dos líderes beligerantes das hostis nações orientais, dirige-se a um comitê especial...

Pessoa 1: Como é que ele tem a coragem de vir até aqui, depois da maneira de como as suas tropas lutaram contra as nossas na Ásia!

Pessoa 2: Tecnicamente, ele não está nos EUA, em vez disso, ele está no território neutro das Nações Unidas! shih ... Vamos ouvi-lo!

General Chen: Os Americanos reivindicam ser uma terra da liberdade... e ainda permitem que os Sons of serpent preguem sua doutrina do ódio e da tirania em todas as esquinas!

Pessoa 3: Isso é parte da nossa liberdade general Chen! Qualquer pessoa pode fazer qualquer coisa, enquanto ela se manter dentro da lei!

Senador Byrd: Você vem de uma terra onde incontáveis milhares de pessoas vivem submetidas ao medo - Onde eles não podem falar, ou ler, ou mesmo desejar! E você fala de liberdade?

Segundo Quadrante:

General Chen: Eu não trocarei farpas com você, senador Byrd! Um dia, quando o mundo estiver sob as nossas regras, saberemos como lidar com gente como você!

Senador Byrd: O mundo nunca seguirá a sua liderança - não enquanto houver um homem livre vivo!

General Chen: Bah! Vamos enterrar vocês todos!

Terceiro Quadrante:

General Chen: E o que deu com seus poderosos *Avengers*? Onde eles estão, enquanto as serpentes parecem espalhar o seu veneno a vontade? Eu vou lhe dizer onde eles estão - Eles estão apoiando os piores elementos do seu país! Como todas as instituições democráticas, são inúteis! Eles são apenas tigres de papel⁴⁰³!

Quarto Quadrante:

General Chen: Mais tarde, quando eu me dirigir aos membros completos das Nações Unidas, Eu devo mostrar os americanos como uma fraude! Como vocês podem policiar o resto do mundo, quando vocês não conseguem nem mesmo controlar aqueles que incitam o ódio⁴⁰⁴ em sua própria terra?!

Senador Byrd: Foi o que eu pensei! O propósito da visita de Chen aqui é de conseguir um triunfo para usar de propaganda - E as serpentes estão dando um a ele, em uma bandeja de prata!⁴⁰⁵

No diálogo acima, podemos perceber que os editores da revista dos *Avengers* defendem mais uma vez o sistema da democracia estadunidense, mesmo que esse sistema dê oportunidade para que surjam grupos racistas. Desde que respeitem as leis, os diversos grupos sociais podem defender seus pontos de vista, fazer manifestações etc., mesmo que muitas manifestações contra a segregação racial tenham sido violentamente reprimidas.

Há de se lembrar que quando essa revista foi lançada, em 1966, o governo dos Estados Unidos já haviam introduzido as leis do *Civil Rights Act*, em 1964 (que declarou a segregação racial um crime) e as leis do *Voting Rights Act*, de 1965. “Os negros conquistaram, do ponto de vista da lei, a sua cidadania plena, e novamente puderam votar e ser votados em todo o território dos Estados Unidos”.⁴⁰⁶ Os embates

⁴⁰³ No original *paper tigers*. Esse termo faz referência às instituições que parecem tão ameaçadoras quanto um tigre, mas que são, realmente, inofensivas. Essa expressão foi utilizada pela primeira vez, por Mao Tsé-Tung.

⁴⁰⁴ No original, *hate-mongers*: aquele que incita os outros ao ódio ou preconceito.

⁴⁰⁵ The *Avengers* número 33 de Outubro de 1966. Pág. 6.

⁴⁰⁶ MUNHOZ, Sidnei J. *A construção do império estadunidense*. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da Silva; CABRAL, Ricardo Pereira; MUNHOZ, Sidnei J (orgs.). **Impérios na história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. p. 253.

sociais, porém, não diminuíram, pois uma parte da população branca não aceitava a integração racial. Os grupos de contestação foram muito além de lutarem apenas pelos direitos civis, começaram a lutar por igualdade social e por um novo sistema econômico.

Nas páginas seguintes, o líder dos *Sons of serpent* substitui o verdadeiro Capitão América por um impostor, esse impostor reúne uma multidão em um auditório onde ele está discursando em favor dos *Sons of serpent* e de um país livre de estrangeiros. O Capitão América diz: “Lembre-se, este ainda é um país livre! Qualquer desajustado, macaco ou o doente mental⁴⁰⁷, pode alugar uma casa, desde que eles não quebrem nenhuma lei ao fazê-lo!”⁴⁰⁸

Os restantes dos *Avengers* chegam ao local onde está acontecendo essa reunião, mas os *Sons of serpent* interceptam-nos. Após uma rápida discussão, *Goliath* consegue interromper o discurso do falso Capitão América, mas o falso Capitão alega que *Goliath* não responde pelos *Avengers* e que ele está sendo influenciado pelo inimigo.

Na sequência da história, os *Avengers* iniciam uma batalha contra os *Sons of serpent*. *Hawkeye* e a agora *Avenger Black Widow* soltam o verdadeiro Capitão América. Os *Avengers* conseguem derrotar os *Sons of serpent* e desmascaram o líder do grupo, que na verdade era o General chinês Chen:

Pessoa 1: A Serpente Supremo foi desmascarada!

Pessoa 2: Mas – olhe! Ele – Ele é o General Chen!

Capitão América: Ainda espera denunciar a América por não ter reprimido as serpentes, General?

General Chen: Bah! Tudo teria funcionado perfeitamente, se não fossem por vocês malditos *Avengers*! Tudo o que eu tinha a fazer era que os americanos desconfiassem uns dos outros - e depois que se odiassem! Pois, uma nação com medo, torna-se uma nação dividida – E uma nação dividida é uma nação fraca – uma nação pronta para ser conquistada!

Senador Byrd: E ele quase conseguiu acabar com ela! Por que nós somos tão cegos - tão ingênuos?!

Capitão América: Essa é a coragem de um país livre, qualquer homem tem a chance de nos influenciar - Qualquer um pode ser ouvido! E, é também a nossa força - é criado pelo que nós vivemos!

Goliath: A ameaça das serpentes acabou - mas nós nunca podemos esquecer a lição que nós aprendemos aqui hoje! Cuidado com o homem que se opõe contra o seu bairro!

Capitão América: Pois sempre que o veneno mortal do fanatismo nos tocar, a chama da liberdade vai queimar um pouco mais escura!⁴⁰⁹

⁴⁰⁷ No original, *any misfit, monkey or mental case*.

⁴⁰⁸ The Avengers número 33 de Outubro de 1966. Pág. 8.

⁴⁰⁹ The Avengers número 33 de Outubro de 1966. Pág. 20.

Em uma tentativa de minimizar as contradições internas, os editores das histórias em quadrinhos dos *Avengers* aderem ao discurso de que não existem contradições políticas e ideológicas nos EUA e que qualquer sujeito ou grupo social que esteja causando alguma perturbação à ordem vigente é, na verdade, um ser externo. Na fala de *Goliath* e do Capitão América podemos perceber que os editores deixam outro “recado”. Não se pode confiar em alguém que atente contra o seu próprio bairro, sua própria cidade, ou país, que atente contra as leis que garantam a democracia e a liberdade.

Com essa representação de Chen, os editores também insinuam que os movimentos sociais que criticavam o governo, as leis e a Guerra do Vietnã devem ser olhados com desconfiança, pois poderiam estar sendo influenciados por agentes externos que queriam dominar o país. Esses agentes externos podem ser, por exemplo, os inimigos chineses, que nas histórias em quadrinhos analisadas são representados como antidemocráticos e como sujeitos capazes de qualquer coisa para conquistar os EUA.

Dessa forma acreditamos que as modificações ocorridas na construção dos enredos das histórias em quadrinhos (o aumento de páginas, a inclusão de conflitos emocionais nos personagens, as brigas e discussões entre os personagens em conjunto com a implementação do código das editoras das histórias em quadrinhos) auxiliaram na aproximação do público e possibilitaram novamente a popularidade das histórias em quadrinhos das superaventuras.

Por mais que a forma tenha mudado, podemos observar que, mesmo que tenha havido diferenças históricas entre as histórias em quadrinhos publicadas nas diversas décadas que analisamos, o conteúdo abordado nessas revistas não se modificou. Ou seja: as revistas do Capitão América e dos super-heróis *Avengers* serviram para a produção de um consenso interno acerca da existência de inimigos antidemocráticos que queriam dominar os EUA.

CONCLUSÃO

Ao propor a pesquisa a respeito das histórias em quadrinhos do Capitão América e dos *Avengers*, não tínhamos a pretensão de esgotar o assunto, mas sim o de contribuir minimamente com os estudos críticos acerca das histórias em quadrinhos dos super-heróis. Nossa pretensão foi a de pensar historicamente a organização dessas histórias em quadrinhos de superaventuras dentro do capitalismo estadunidense.

Deste modo, nos propomos desde o início a não pensar as histórias em quadrinhos apenas como mercadorias, mas também como um dos pilares de organização desse sistema, visto que as transformações das histórias em quadrinhos da década de 1960 em relação as das décadas de 1940 e 1950 que apontamos no terceiro capítulo realizadas por Stan Lee, Jack Kirby e Don Heck, caracterizam para nós uma tentativa de deixá-las mais atraente para o público, não apenas para a lucratividade da empresa, mas também para seguir com as ações políticas da Editora.

Como vimos no Primeiro Capítulo, desde a criação e a organização das histórias em quadrinhos através dos *Syndicates*, esses meios de comunicação são relacionados com alguma ideia política, econômica ou cultural, desde as charges que ilustram notícias nos jornais até as aventuras coloniais publicadas como folhetim do *Flash Gordon* e do *Tarzan*, elas não são objetos desligadas do seu tempo.

Com o aumento do interesse do público por esse gênero narrativo, a indústria intensificou a sua produção e lançou na metade dos anos 1930 os “Comics Books”, mesmo assim, vimos que ainda levaria um tempo até essas publicações se tornarem populares. A primeira revista publicada foi viabilizada por uma indústria de refrigerantes e apenas no final dos anos de 1930 surgiram as editoras que dominariam o mercado das publicações dessas revistas, a *DC Comics* (1937) e a *Timbely Comics* (1939), que se tornaria *Marvel Comcs* no início dos anos de 1960.

A nossa intenção ao propor as discussões sobre as capas das histórias em quadrinhos da *Timely Comics* no período da Segunda Guerra Mundial, foi para mostrar que não só essas revistas, bem como o conjunto dos gêneros narrativos da indústria cultural, tal como também o Cinema tiveram um papel fundamental ao auxiliarem o governo dos EUA no esforço de guerra contra os nazistas. Ideia essa, que já havia observado na confecção do TCC a respeito das histórias em quadrinhos do Capitão América e que aprofundei no primeiro capítulo desse trabalho, ao incluir nas análises

outras revistas do período da Segunda Guerra Mundial, como as revistas do *Human Torch*, *All Winners* e *Submariner*, entre outros personagens.

O intuito de rediscuti-las na dissertação foi para mostrar ao leitor, como os editores, roteiristas e desenhistas das editoras *Timely Comics* e *DC Comics*⁴¹⁰, atuaram durante a Segunda Guerra Mundial, ao desenvolverem inúmeros títulos com personagens diferentes que lutavam contra o mesmo inimigo, além de eventualmente juntá-los em um grupo de super-heróis.

Podemos perceber que houve uma articulação entre os roteiristas, atores, diretores do Cinema e das histórias em quadrinhos com empresas privadas e até com o governo, para que lançassem filmes e histórias em quadrinhos antes mesmo da entrada dos EUA na Segunda Guerra Mundial, assim esses gêneros narrativos serviram para criar um sentimento de medo de uma invasão aos EUA pelo exército dos nazistas. A reprodução maciça da representação da imagem de Hitler em vários números das revistas demonstra que as principais críticas das histórias da *Timely Comics* se concentraram na figura do líder nazista e não no sistema econômico do nazismo, mesmo porque após a derrocada do III *Reich*, o governo dos EUA auxiliou muitos empresários que apoiaram os nazistas, por conta do fantasma comunista que ameaça a inconsistente Europa.

Podemos observar que os filmes e revistas em quadrinhos serviam também para incentivar, o alistamento militar, o pagamento de impostos e a venda de bônus de guerra, recursos esses que eram investidos na produção bélica do país. Portanto durante os anos da Segunda Guerra Mundial essas revistas tornaram-se um pilar auxiliador do projeto capitalismo estadunidense.

Na segunda metade da década de 1940, com o fim da Segunda Guerra Mundial, as revistas em quadrinhos ao contrário do cinema estadunidense, ficaram aquém da influência do pensamento crítico da esquerda liberal estadunidense e por sua vez, das perseguições do macarthismo. As histórias em quadrinhos da *Timely* afastaram-se da política da guerra ideológica da qual ela fora de fundamental importância durante a Segunda Guerra Mundial.

Nesse período prevaleceram em seus roteiros as histórias de monstros, fantasmas e as de crime violentos. Como vimos no segundo capítulo, as histórias da *Timely*

⁴¹⁰Vale lembrar que houve outras editoras estadunidenses que também publicaram revistas com personagens de histórias em quadrinhos que lutaram contra os Nazistas.

Comics não possuíam quaisquer inimigos que pudesse ser considerados inimigos da democracia, como havíamos observado nas análises das suas revistas no período da Segunda Guerra Mundial.

Isso ocorreu pelo fato de que os personagens da *Timely Comics* tiveram um forte apelo nacionalista durante o período da Segunda Grande Guerra. Como vimos o editor chefe da *Timely Comics* explicitou como deveria ser criado o personagem Capitão América, encomendado para a guerra. De tal modo, esses super-heróis perdem a utilidade em uma época em que a população queria esquecer os horrores da guerra. Mesmo que seus editores tenham tentado adaptar as histórias em quadrinhos do Capitão América e o *Human Torch* às novas tendências das revistas de horror, não obtendo o sucesso esperado, foram canceladas pelo fracasso em suas vendas.

Podemos perceber com essa atitude editorial de optar por um produto que seria mais vendável, que essas revistas não mantiveram, todo tempo, uma linha editorial de alinhamento com o projeto do governo e das empresas estadunidenses. Pois no momento em que Hollywood produzia dezenas de filmes anticomunistas e caçavam os autores, diretores, atores que minimamente tecessem comentários críticos ao governo ou positivos aos comunistas, eram marginalizados e muitas vezes impedidos de trabalhar.

Para nós, isso muda com as crescentes revoltas e revoluções que acontecem durante a segunda metade da década de 1940 e a primeira metade década de 1950, principalmente na Ásia, após a revolução chinesa em 1949 e ao final da Guerra das Coreias em 1953, pois entendemos que essa região da Ásia e a América como um todo, eram de fundamental importância para o desenvolvimento do imperialismo estadunidense.

Em Dezembro de 1953 já com o nome de *Atlas Comics*, os super-heróis da *Timbely* voltaram a combater os inimigos da democracia e da liberdade, só que dessa vez, esses inimigos eram os antigos aliados de outrora, os comunistas.

Podemos observar ainda no Segundo Capítulo que a *Atlas Comics* lançou no ano de 1954 três edições da revista do Capitão América que seguiam o mesmo modelo de discurso ideológico das revistas de histórias em quadrinhos da primeira metade da década de 1940, mas em lugar do inimigo ser Hitler e os Nazistas, os roteiristas caracterizavam os inimigos do Capitão América como monstros comunistas que queriam invadir e dominar os EUA. Todavia essas revistas não tiveram a mesma inserção comercial das revistas do período da Segunda Grande Guerra e foram retiradas do mercado.

Isso nos indica que os leitores não assimilam todas as tentativa de um determinado gênero da indústria cultural de transmitir um determinado discurso. Ao contrário de pesquisadores, como o Waldomiro Vargueiro, que acreditam que a sequencia de eventos que tem início com a publicação da pesquisa do psicólogo Fredric Wertham, depois a investigação do Senado dos EUA e por consequência a reunião das editoras de histórias em quadrinhos e a organização do *Code of the Comics Magazine Association of America*, tenha sido responsáveis diretamente pela queda de vendas das revistas em quadrinhos dos super-heróis⁴¹¹, para nós, essa sequencia possibilita a ação contrária, ou seja, é essa sequencia de eventos que permite a reestruturação das revistas em quadrinhos de superaventuras e a sua dominação nos anos seguintes a década de 1960.

Para nós, a rejeição das revistas do Capitão América nos anos de 1950 ocorreu pelo determinado momento histórico da história dos EUA, que passou por várias transformações sociais e muitos movimentos que questionaram o *status quo* estadunidense nos anos de 1960 tiveram início nos anos de 1950, além da alta nas publicações desde o final da Segunda Guerra Mundial das revistas de tipo *B-sides*, que continham em seus roteiros histórias de caráter menos político-conservador, como as histórias de horror, monstros, suspense, crimes, violência e sexo.

Deste modo, a cadeia de eventos que citamos acima, nos faz pensar que houve um ataque conjunto do governo dos EUA e de empresas às revistas de história em quadrinhos do tipo *B-sides*.

O primeiro desses ataques foi o lançamento do livro *Seduction of the innocent* do psicólogo alemão Fredric Wertham, na introdução do livro afirma que o livro é resultado de uma pesquisa que durou 7 anos com adolescentes que liam história em quadrinhos e sua conclusão, liga o aumento da delinquência juvenil com a leitura das história em quadrinhos. Esse livro gerou vários artigos e discussões a respeito desse assunto, como o livro do *Parade of pleasure; A study of popular iconography in the U.S.A* de Geoffrey Atheling Wagner lançado em 1955 e o artigo “Escola de crime e violência” de T. E. Murphy de fevereiro de 1955. O segundo ataque, foi a investigação do Senado dos EUA na primavera de 1954, a respeito das denúncias contidas no livro de Fredric Wertham. O que nos intriga é o fato de que o senado de um país inicie uma investigação federal por conta da denúncia de apenas um livro. Além disso, essa

⁴¹¹ VERGUEIRO, Waldomiro. 2011. Op Citi. Pág. 152.

investigação durou apenas três dias. E por fim, toda essa agitação, culminou na organização e lançamento do já mencionado *Code of the Comics Magazine Association of America* em outubro de 1954.

Não temos informações precisas se houve participação do governo dos EUA na criação do código dos *Comics*, que como vimos no terceiro capítulo, criou uma censura para determinadas publicações de histórias em quadrinhos.

O código dos *Comics* caracteriza-se por censura, pois todas as revistas em quadrinhos publicadas nos EUA deveriam ser lidas e após essa verificação elas iam para as bancas com um selo de aprovação da Associação das Revistas de Histórias em Quadrinhos da América, com os dizeres “*Approved by comics code authority*”. Após a consolidação desse código a *DC Comics* deu “uma volta ao passado” e publicou algumas aventuras do *Flash* e de outros super-heróis da década de 1930 e 1940, com modificações na forma de seus roteiros.

A *Marvel Comics* deu início a essas modificações de uma forma diferente, ao invés de trazer para as revistas em quadrinhos os velhos personagens, ela começou do zero, mesmo que informações não comprováveis relatam que as revistas do *Fantastic Four* foram influenciadas pela publicação da *Justice League of América* da DC publicada em fevereiro de 1960, os editores da *Marvel* resolveram apostar em uma forma diferente de publicação do que a DC.

A partir de 1961 com o lançamento da *Fantastic Four*, Stan Lee e Jack Kirby introduziram conflitos emocionais nos personagens de história em quadrinhos, o que Stan Lee chamou de implementar o realismo nas histórias em quadrinhos. Várias foram as modificações na forma de desenhar e roteirizar as histórias em quadrinhos da *Marvel*. Houve aumento de páginas o que possibilitou uma maior complexidade nos roteiros das revistas em quadrinhos, além da introdução dos conflitos pessoais dos personagens, conflitos entre os super-heróis, aproximando-os assim dos leitores dessas histórias em quadrinhos.

Essa reestruturação das revistas em quadrinhos foi necessária para que elas tivessem uma nova inserção no mercado. Isso porque não bastaria apenas a retirada completa das revistas *b-sides*, era preciso criar uma nova roupagem para essas histórias em quadrinho, aproximá-las mais do público, fazer com que os leitores se identificassem com os novos personagens.

Com o sucesso da revista *Fantastic Four*, Stan Lee e Jack Kirby reorganizaram o universo de super-heróis e transformaram a forma de publicar as histórias em

quadrinhos da Marvel e criaram inúmeros personagens com características psíquicas mais humanas, abandonado de certa forma, a benevolência do herói grego e ajustado suas personalidades ao individualismo da sociedade estadunidense. Todavia como vimos nas análises das revistas dos *Avengers*, entendemos que os editores dessas histórias em quadrinhos modificaram a forma das publicações, mas não o seu conteúdo.

A escolha de analisar as revistas dos *Avengers* foi por ela agrupar em uma revista só, muito dos personagens lançados por Stan Lee e Jack Kirby, além de contar com a volta do Capitão América. Assim, poderíamos perceber essas modificações em um número maior de super-heróis.

Sendo assim, o que percebemos ao término das nossas análises das revistas do *Avengers*, concentradas no terceiro capítulo, foi que, em primeiro lugar não há como afirmar que a *Marvel Comics* seja um Partido nos termos gramscianos, pois apesar de possuir várias publicações para diferentes segmentos e com elas disseminar uma determinada visão de mundo, não é a editora que possui um projeto de sociedade. Podemos perceber que ela atua em conjunto com determinados projetos capitalistas. Por exemplo, como vimos nas revistas dos *Avengers* em que ela organiza várias revistas para demonstrar que o nazista Zemo domina a América do Sul, de modo perspicaz, ela sustenta que deve haver uma intervenção nessa área, pois há um inimigo utilizando das riquezas dessa região para investir contra os EUA. Deste modo ela auxilia na disseminação da ideia de intervir politicamente em outros países.

É perceptível o apoio à política intervencionista de uma parcela das empresas e do governo dos EUA, tendo em vista que essas histórias em quadrinhos são produzidas da forma que os super-heróis que formam o grupo dos *Avengers* lutam contra personagens comunistas e nazistas que tentam dominar os EUA. Além disso, em algumas aventuras os super-heróis vão para outros países libertar os povos nativos de sujeitos comunistas e nazistas.

Isso fica mais evidente, quando os roteiristas escrevem as falas do Capitão América. Um exemplo é na revista *The Avengers* número 6 de Julho de 1964 na página 20: “Capitão América: O mundo jamais deve voltar a cometer o erro fatal de confundir compaixão com fraqueza! E enquanto eu viver, não vai!”.

Podemos perceber que desta forma os roteiristas assumem um papel imperialista, pois eles defendem a intervenção dos EUA em outros países, caso seja governado por uma “ditadura”. Neste discurso ainda está presente parte da política do Destino

Manifesto que coloca o governo dos EUA como iluminado, de modo que eles decidem quem é democrático e quem não é.

Para nós, por trás desse discurso, encontra-se a ligação entre Estado e uma parcela da Sociedade Civil, mais especificamente, a parte dos empresários e industriais que enxergam os países do terceiro mundo como potenciais mercados consumidores, fontes de matéria-prima, além de reorganizarem a manufatura e a produção para esses locais. Assim, nos anos de 1960, na medida em que alguns países da América Latina e da Ásia aproximaram-se e se alinharam a um sistema diferente, não compatível com o capitalismo estadunidense, se tornaram uma ameaça a sua lucratividade.

Outro ponto das nossas análises das revistas dos *Avengers* da década de 1960 que deve ser ressaltado é que essas revistas tinham o sentido de minimizar as contradições sociais internas muito contestadas pelos movimentos sociais nesse período. Como havíamos dito anteriormente, os movimentos sociais estadunidenses tiveram uma intensa participação política da metade da década de 1950 até o início dos anos de 1980, com o ápice na década de 1960. Várias foram as greves, manifestações que contestavam o *status quo* estadunidense, chegando até às posições mais radicais da esquerda estadunidense que defendiam a luta armada, opção essa encabeçada pelo *Black Panthers Party* e pelos *Black Power*.

Como vimos no último tópico do terceiro capítulo, os editores das revistas dos *Avengers* relacionaram essas manifestações de contestações sociais, políticas e econômicas aos *status quo* estadunidense, como efeito de sabotadores e agentes externos, principalmente comunistas, influenciavam pessoas de bem a se revoltarem contra o governo dos EUA.

Deste modo, podemos concluir que de fato nossa premissa de que a sequência de eventos que citamos acima acerca do ataque do código dos Comics contra as revistas *B-sides* foi fundamental para o resurgimento das histórias em quadrinhos dos super-heróis.

Além disso, concluímos também que as revistas em quadrinhos dos *Avengers* têm a intenção de transmitir o projeto político capitalista, todavia, não podemos provar se há de fato financiamento do governo dos EUA nas revistas. Igualmente, não podemos afirmar que essas revistas sejam recebidas da mesma forma por cada leitor, mesmo porque, as assimilações das transmissões ideológicas das revistas em quadrinhos podem ser rejeitadas, como ocorreu com as revistas do Capitão América dos anos de 1950.

Assim concluímos esse trabalho afirmando que para nós, os roteiros das revistas dos *Avengers* da década de 1960, auxiliavam ao projeto de intervenção capitalista

estadunidense nos países socialistas e também naqueles que o governo dos EUA em conjunto com as multinacionais entendesse de fundamental importância para a sua organização política-econômica. Além disso, essas revistas também tinham o sentido de desqualificar os movimentos sociais que estavam em voga nos EUA durante os anos 1960, como se esses movimentos fossem fruto de intervenções externas e não das próprias contradições, políticas, econômicas, culturais e sociais dos EUA.

BIBLIOGRAFIA

AYERBE, Luiz Fernando. **Estados Unidos e América Latina: A construção da hegemonia**. São Paulo. Editora UNESP, 2002.

BERTONHA, João Fábio; MUNHOZ, Sidnei. *Impérios da Guerra Fria*. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; CABRAL, Ricardo Pereira; MUNHOZ, Sidnei J. (orgs.). **Impérios na História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. p.319-330.

BIANCHI, Álvaro. *Estado/Sociedade Civil*. In__: **O laboratório de Gramsci: Filosofia, História e política**. São Paulo. Alameda, 2008. P. 173-198.

CASTRO, Nilo André Pianna de. *Segunda Guerra Mundial e Cinema*. In_: **Segunda Guerra Mundial. Da Crise dos anos 30 ao Armagedón**. Org. Enrique Serra Padrós, Luiz Dario Teixeira Ribeiro, René E. Gertz. Porto Alegre: Folha da História/CD-AIB/PRP/Livraria Palmarinca Editora. 2000. p. 273 - 286

CHAGAS, Luciana Z. Capitão América: **Interpretações sócio-antropológicas de um super-herói de histórias em quadrinhos**. In: SIN AIS - Revista Eletrônica. Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, v.1, n3.

COELHO, Eurelino. *A cultura e os três movimentos da dialética – Aspectos de cultura e política em Adorno, Horkheimer, Marcuse e Benjamin*. In__ **Sitientibus**, Feira de Santana, n. 41, p.47-76, jul./dez. 2009.

DIAS, Edmundo Fernandes. Hegemonia: **Racionalidade que se faz história**. Versão modificada do artigo “Hegemonia: nova civilizaçã ou domínio ideológico”, publicado pela revista História & Perspectivas, nº 5, julho-dezembro de 1991, Universidade Federal de Uberlândia.

DORFMAN, Ariel. MATTELART, Armand. **Para ler o pato Donald: Comunicação de massa e colonialismo**. Tradução por Álvaro de Moya. RJ, Paz e Terra, 1980.

DORFMAN, Ariel; JOFRÈ, Manuel. **Super-Homem e seus amigos do peito**. Paz e terra, Rio de Janeiro, 1978.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**. Tradução Silvana Viera, Luíz Carlos Borges. São Paulo. SP. Boitempo, 1997.

ECO, Umberto. **Apocalípticos E Integrados**. São Paulo, Perspectiva S.A., 2001.

FEIJÓ, Mario. **Quadrinhos em ação: um século de história**. São Paulo: Moderna, 1997.

FEREIRA, Argemiro. **Caça às bruxas: Macarthismo: Uma tragédia Americana**. Porto Alegre: L&PM, 1989.

FICHOU, Jean-Pierre. **A civilização americana**. Tradução de Maria Carolina F. de Castilho Pires. Campinas: Papirus, 1990.

FONTES, Virgínia. **Brasil e o capital-imperialismo**. UFRJ. RJ. 2010.

FURLAN, Cleide. *HQ e os “Syndicates” Norte-Americanos*. In: LUYTEN, Sônia M. Bibe (org.). **Histórias em quadrinhos (Leitura crítica)**. São Paulo. Edições Paulinas, 1989. p. 27-33.

GRAMSCI, Antônio. Cadernos do Cárcere. **Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo**. (Org.) Carlos Nelson Coutinho, Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sergio Henrique. Vol.2. 4ª Edição Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GRAMSCI, Antônio. Cadernos do Cárcere. **Maquiavel, notas sobre o Estado**. (Org.) Carlos Nelson Coutinho, Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sergio Henrique. Vol.3. 4ª Edição Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza dos EUA (Nós o Povo)**. São Paulo. Brasiliense, 1987.

JUNQUEIRA, Maria A. **4 de Julho de 1776. Independência dos Estados Unidos da América**. São Paulo. Companhia das Letras: Lazuli. 2007.

LENIN, Vladimir Ilitch. **O imperialismo: Fase superior do capitalismo**. Centauro, 3ª Edição, São Paulo. 2005.

LENS, Sidney. **Da revolução ao Vietnã: Uma história do imperialismo dos Estados Unidos**. Civilização Brasileira. RJ, 2006.

MEINRZ, Marcos. *O imaginário conspiratório da formação do IV Reich na América Latina após a Segunda Guerra Mundial*. Dissertação apresenta para a Universidade Federal do Paraná, para a obtenção de título de mestre, Curitiba, 2013.

MOYO, Álvaro de. **Shazam**. Perspectiva, São Paulo. 1977.

MUNHOZ, Sidnei J. *A construção do império estadunidense*. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da Silva; CABRAL, Ricardo Pereira; MUNHOZ, Sidnei J (orgs.). **Impérios na história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. p. 245-258.

OLIVEIRA, Fernando Feitosa de. *Representações humanas nas histórias em quadrinhos do Homem-Aranha*. Unioeste, Marechal Cândido Rondon, 2005.

PACHECO, Josephine F. **O Problema do racismo nos estados unidos**. Universidade feral do Paraná. Curitiba, 1983.

PEIXOTO, Fernando. **Hollywood: Episódios da Histeria Anticomunista**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1991.

PADRÓS, Enrique Serra. *O 68 nas Américas*. In: PONGE, Roberto (org.). **1968: O ano das muitas primaveras**. Porto Alegre: Unidade Editorial Porto Alegre, 1998. P. 69-80.

PADRÓS, Enrique Serra. *Capitalismo, prosperidade e Estado de bem-estar social*. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (orgs.). **O século XX Vol. 2 - O tempo das crises: revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 227-266.

PADRÓS, Enrique Serra *O pós-Segunda Guerra: reconstrução e reordenamento no mundo capitalista*. In: **Segunda Guerra Mundial. Da Crise dos anos 30 ao Armagedón**. Org. Enrique Serra Padrós, Luiz Dario Teixeira Ribeiro, René E. Gertz. Porto Alegre: Folha da História/CD-AIB/PRP/Livraria Palmarinca Editora. 2000. p.247-272.

PEREIRA, Carlos Eduardo B. *O nascimento do Sentinela da Liberdade: As histórias em quadrinhos do Capitão América como propaganda estadunidense na Segunda Guerra Mundial*. Unioeste, Marechal Cândido Rondon, 2010.

RODRIGUES, Gabriela. *O Conflito na Ásia*. In: PADRÓS, Henrique Sierra; RIBEIRO Luis Dário T.; GERTZ, René (orgs.). In: **Segunda Guerra Mundial. Da Crise dos anos 30 ao Armagedón**. Org. Enrique Serra Padrós, Luiz Dario Teixeira Ribeiro, René E. Gertz. Porto Alegre: Folha da História/CD-AIB/PRP/Livraria Palmarinca Editora. 2000. p.177-190.

SOUZA, Antônio Cícero Cassiano. *Cinema e Política - O anticomunismo nos filmes sobre a Guerra Fria*. Tese apresenta para a Universidade Federal Fluminense para obtenção de título de Doutor em História, Niterói 2002.

SIANI, Marcus Vinicius Borges. *Alegorias da diferença: valores, estigma e segregação social nos quadrinhos X-Men*. Dissertação apresentada para a Universidade Federal do Rio de Janeiro para a obtenção de título de Mestre em História, Rio de Janeiro, 2003.

STEIN, Marcos Nestor. *A construção do discurso da germanidade em Marechal Cândido Rondon (1946-1996)*. Dissertação apresenta para a Universidade Federal de Santa Catarina. Para a obtenção do título de Mestre, Florianópolis 2000.

SIPRIANO, Paolo. *O Movimento Comunista entre a guerra e o pós-guerra: 1938 - 1947*. In: **História do marxismo na época da terceira internacional: de Gramsci à crise do stalinismo**. Nicola Badaloni. (Trad.) Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sergio Henrique – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p.129-212.

VALIM, Alexandre Busko S. *Imagens Vigiadas: Uma história Social do Cinema no alvorecer da Guerra Fria, 1945-1954*. Tese apresentada para a Universidade Federal Fluminense, para a obtenção de título de Doutor, Niterói 2006.

VELASCO, Bárbara Marcela Reis Marques de. **Das Disney's faces: representações do Pato Donald sobre a Segunda Guerra (1942-4)**. 2009. Dissertação. Programa de Pós-graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro. Super-Heróis e a cultura americana. In: **Super-Heróis Cultura e Sociedade**. (ORG.) Nildo Viana; Iuri Andréas Reblin. Ideias & Letras, SP.2011. p. 143-169.

VIANA, Nildo. **Heróis e super-heróis no mundo dos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Achimé, 2005.

VIANA, Nildo. Breve história dos Super-heróis. In___. **Super-Heróis Cultura e Sociedade**. (ORG.) Nildo Viana; Iuri Andréas Reblin. Ideias &Letras, SP.2011. p. 15-54

VIRILIO, Paul. **Guerra e cinema**. (Tradução) de Paulo Roberto Pires. Boitempo, 2005, São Paulo.

WBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. (Trad.) Pietro Nasseti. 4ª Edição. Martin Claret, 2001, São Paulo.

WEIMER, Rodrigo de Azevedo. O Grande Ditador. In: **Cinema e Segunda Guerra Mundial**. (Org.) Nilo André Piana de Castro. Porto Alegre, URGs, 1999.

WERTHAM, Fredric. **Seduction of the Innocent**. Secund Printing, EUA. 1954.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

Superman. Disponível em <http://www.bricabrac.com.br/main_hqs_superman_02.htm> Acesso em 1 Nov. 2012, as 22h:30min.

ANDRADE, Everson. O que é Jornalismo Gonzo? – Disponível <http://semanacomunicacao2012.wordpress.com/2012/09/21/jornalismo-gonzo-e-contemporaneidade-desse-estilo/> acessado em 20 de Fevereiro de 2013, as 09h40min.

Code of the Comics Magazine Association of America. Inc.: Adopted on October 26th, 1954, the enforcement of this Code is the basis for the comic magazine industry's program of self-regulation. Disponível em <<http://www.comicartville.com/comicscode.htm>> acesso em 1º de jul. 2012, as 15h32min..